

ABOLIÇÃO

marilusa moreira vasconcellos

Romance
Mediúnico

Tomás Antônio Gonzaga



ABOLIÇÃO

MARILUSA MOREIRA VASCONCELLOS

ABOLIÇÃO

ROMANCE MEDIÚNICO

DITADO POR

TOMÁZ ANTÔNIO GONZAGA.

EDITORIAL ESPÍRITA RADHU LTDA.

R. MARIA OLIANO GERASSI-288

MOINHO VELHO -SÃO PAULO

TEL-2274-3818-CEP-04284=-065

www.radhu.com.br

radhu@terra.com.br

DADOS P/ CATALOGAÇÃO

Moreira Vasconcellos, Marilusa/

Abolição : romance mediúnico/ Marilusa Moreira
Vasconcellos/ditado por Tomás Antônio Gonzaga- São Paulo

RADHU- 1987

1. Brasil. História- Escravatura.- 1888

2. Psicografia. I -Gonzaga, Tomás Antônio.-1744-1810

II Título

Índices para catálogo sistemático

1-Escritos psicografados. Espiritismo.

2. Romances históricos. Literatura Brasileira 869.93081

3-Romances mediúnicos. Espiritismo

Capa: Foto do chafariz de Marília-
Ouro Preto

EDITORIAL ESPIRITA RADHU LTDA
R. MARIA OLIANO GERASSI-288
MOINHO VELHO- SÃO PAULO
CEP-04284-065 TEL- 2274-3818
www.radhu.com.br
radhu@terra.com.br

pdf → **LAVRo** do original em epub

ÍNDICE

Do Autor

Palavras Iniciais

I PARTE

CAPITULO I - Tomás e Tiradentes

CAPITULO II - O Bill Aberdeen

CAPITULO III - Luis Gama

CAPITULO IV- Uma amizade sólida

CAPITULO V- Marília e Castro Alves

CAPITULO VI - André Rebouças

CAPITULO VII - 1866- Primeiro Amor

CAPITULO VIII - 1868

CAPITULO IX - Gonzaga ou a Revolução de Minas

CAPITULO X - Do Rio a Paris

CAPITULO XI - Joaquim Nabuco- 1869

CAPITULO XII - Rui Barbosa

CAPITULO XIII - Rumo ao Sertão-1871

CAPITULO XIV - Últimos instantes

CAPITULO XV - Lei do Ventre Livre-28/9/1871

CAPITULO XVI - Uma cena no tronco- 1882

CAPITULO XVII - Ceará

CAPITULO XVIII - Jangada da Liberdade

CAPITULO XIX - Amazonas

CAPITULO XX - 18/08/1885- Justina Maria

CAPITULO XXI - A negrinha e o laço
CAPITULO XXII - Carlos Gomes 1887
CAPITULOXXIII - o negro Serafim
CAPITULOXXIV - José do Patrocínio- 13/5/1888
CAPITULOXXV - Abolição
CAPITULO XXVI - Antonio Silva Jardim
CAPITULOXXVI - Uma Reunião no Plano Espiritual
CAPITULOXXVIII - Morte de Tereza Cristina
CAPITULO XXIX - A morte de Silva Jardim
CAPITULOXXX - Em Paris
CAPITULO XXXI - Na África
CAPITULO XXXII - A rosa de espinhos
CAPITULO XXXIII - Guiomar Novaes
CAPITULO XXXIV - Em Bersailles - 1910
CAPITULO XXXV - Rui e Rodolfo Dantas - 1923
CAPITULO XXXVI - A resposta é nascer

II PARTE

CAPTULOI - Em Minas - Jorge Nicolau Gwerck
CAPITULO II - Em Minas - Rolim e Alexandre
CAPITULOIII - Em Minas - Tomás e Marília

Filha, Jesus nos abençoe.

Rendamo-nos, como sempre, aos Desígnios do Senhor, que nos situou na sementeira e na seara da luz e trabalhemos com alegria.

A tarefa, em si, pertence aos nossos Maiores da Espiritualidade que nos mobilizam na construção do bem, na direção do Mundo Melhor, e deles surgirá o apoio de que nos sintamos necessitados, para o desempenho dos nobres deveres que nos cabem e que, todos juntos, em preces de louvor, devemos agradecer à Providência Divina.

Que o Senhor nos abençoe e nos inspire, hoje e sempre.

Bezerra

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública no Grupo da Prece, em Uberaba.)

Tilha, Jesus nos abençoe.
Reentrem-nos, como sempre,
aos Desígnios do Senhor, que
nos situou na sementinha e
na seara da luz e
trabalhamos com alegria. (E
fazê-la, em si, pertence aos
nossos Maiores da Espirituali-
dade que nos mobilizam
na construção do bem, na
direção do Mundo Melhor,
e deles surgirá o apoio
de que nos criamos neces-
sitados para o desempenho
dos nobres deveres que nos
cabeem e que, todos juntos,
em nome de honrar, devemos
afadear à Providência Divina.
Que o Senhor nos abençoe
e nos inspire, hoje e sempre.
Breno

DO AUTOR

Querido irmão:

Jesus nos abençoe.

Após dez anos da entrega do "Confidências de um Inconfidente", procuramos levar avante o propósito de buscar os rastros de luz de um passado de lutas.

Gostaríamos de ter podido entregar, no centenário da Abolição, este presente literário, com rasgos de grandeza, em singela apreciação dos momentos vividos, no século passado.

O horror dos séculos de escravização não pode ser completamente exposto num único livro.

Deste modo, seguimos apenas o roteiro dos companheiros inconfidentes, na certeza de que tornaremos a buscar, no assunto a que nos ativemos, mais páginas no futuro, com as quais possamos erradicar pelo menos parte do sofrimento ocorrido nas plagas brasileiras, e marcadas no Grande Livro das Vidas Sucessivas.

Foi muito gratificante poder entender com clareza a lógica divina, que nos tange desde as mais remotas existências, para as lutas de hoje, dentro do campo espírita, pela elevação de nossos espíritos, nos propósitos cristãos que nos direcionam.

Felicidade foi poder testemunhar até aqui o amor que nos impulsiona, com a serenidade indispensável, na complacência divina para com nossa peregrinação e dos desafetos rumo à perfeição.

E, se algo recebemos, além da alegria da realização, nos ficam os inumeráveis amigos que granjeamos, os companheiros que reencontramos e o inconfundível carinho dos negros, que nos impulsionaram a grafar estas páginas.

Ao Cristo endereçamos nossos agradecimentos, e esperamos que este desfilar de acontecimentos também seja pra ti um repositório de bênçãos, ensinamentos e elevação.

Jesus te abençoe e a nós.

Tomás.

PALAVRAS INICIAIS.

Querido leitor,

Jesus nos abençoe.

Após vinte e um anos de labor psicográfico, nos testemunhos que nos foram dadas a enrijecer a árvore do amor, no tempo e na ação, nos encontramos cada vez mais gratos ao Cristo e aos companheiros, por tantas bênçãos auferidas.

Os últimos dez anos, particularmente, foram de labuta ingente, parabolizada no livro Sonata de Amor a 4 mãos, com o amparo espiritual e a verve inconfundível de Ali Izzid e Tomás Antônio Gonzaga.

A Humanidade passa por um momento de transição, ainda algemada a Mammon, transgredindo o Direito e, por isto, nos informam quão oportuno é o lançamento de um livro que nos faça rever parte das lutas nossas, no período terrível da Escravidão, negra chaga de dor e arbítrio, impiedade e desmandos.

Possas tu, querido irmãos, tal como nós, aproveitar este desfilar de acontecimentos, no direito natural e inalienável do ser humano, sem revolta, cômico de que as lições de ontem só devem ser compulsadas para melhoria do hoje, na conquista do amanhã.

A simples visão dos instrumentos de tortura e aprisionamento ainda nos constrange a sensibilidade, mas jamais nos furtaríamos à denúncia que se nos impõe, quanto a isto, na dívida nacional.

Decididos e amparados pelos Irmãos Maiores que nos direcionam, continuamos fiéis aos propósitos que nos trouxeram ao reencarne em terras brasileiras, saudando o tempo de hoje, com a mesma firmeza de séculos passados, a dizer com

simplicidade e ternura:

Que a paz de Jesus esteja em nossos corações.

Marilusa

I PARTE

CAPITULO I - TOMÁS E TIRADENTES

A reunião fora convocada pelas Equipes Superiores que governam os movimentos de Iluminação Coletiva.

Eu me desdobrava com o grupo dos Inconfidentes, planejando novas batalhas, mas não apenas visando o Brasil. Irmanávamos-nos às coortes da França, da América e da Rússia, em busca dos novos roteiros de evangelização da Humanidade.

— Precisamos nos organizar— comentava comigo o antigo alferes. — Se antes propugnamos pela conquista militar na Roma antiga, se palmilhamos as estradas escuras da Inquisição, nas Guerras Santas, se participamos das lutas da conquista da América nascente e desafoamos as paixões em aprendizado, ora clarificado pela História, ora sob as névoas do anonimato, urge que tracemos um plano que nos conduza a movimentos libertários do espírito humano do jugo da própria ignorância.

— Concordo. Apenas sinto que o Brasil me aprisionou a alma. Além disto, Marília ainda se encontra na carne e não desejo faltar com a sustentação que lhe devo.

— Sempre e sempre este rabicho secular, que jamais te impediu de buscar outras conquistas. Sonhador és, porém também um conquistador diferente. Isto posso afirmar, mais do que qualquer outro, desde nossos contatos com a princesa inca, meu querido amigo.

Baixei a cabeça, em sinal de reconhecimento às minhas muitas falhas, e tentei desviar o assunto, retomando nossas escolhas:

— Penso que a encarnação de nosso grupo se deva fracionar pela divisão de tarefas, Sabes que sempre me considerei em falta para com os negros, pelo meu voto na conjura, pela espera de

melhor tempo para propugnar por sua liberdade. Sabes que depois eu revi o passado de uma vida antiga de cativo, e tive vergonha. Vergonha de não ter por eles ousado lutar mais. Pretendo retornar com aqueles que se sentem atraídos pelo mesmo ideal. Reconheço que, quanto mais rápido o consigamos, ainda se fará tarde. Mas ouvi-te, outro dia, o comentário da atração que te faz a Europa, mesmo que te consideres preso ao Brasil.

— Realmente. Conto trabalhar aqui, porém, enquanto na carne, somente durante o sono. Sabes que agora estamos interligados a equipes que se destacam de um canto a outro, porque os acontecimentos se entrelaçam, entre os hemisférios, e é preciso conduzirmo-nos com atenção. As vistas das Equipes Maiores estão voltadas para a França. Não desconheces que Ismael me tem conquistado para o Brasil e que meu espírito jamais se desligaria da pátria, que me custou a renúncia e me deu a redenção. Tenho para mim mesmo, que as coortes do escolhido pelo Espírito da Verdade, precisarão não apenas de sábios e cientistas que lhes sustentem a implantação do Consolador, mas também as pessoas que lhes sintam o apelo, formando os primeiros núcleos da Doutrina Libertadora.

Fazendo ligeira pausa, Tiradentes prosseguiu, com aquele ardor que lhe era característico:

— Sei que muitos partícipes da Revolução Francesa contam resgatar seus erros trabalhando no Brasil. Sei que já temos junto antigos discípulos até na família Imperial. Acompanhei D. Pedro I, Bonifácio e Gonçalves Ledo. Creio-me preparado para dar-lhes suporte, pelos grupos que dirijo, e no meu repouso, mas, se Ismael me permitir, desejo ardentemente contar-me como um dos amigos, ainda que anônimo, do missionário que baixou à terra e que catalisará o sopro dos espíritos comandados pelo Mestre.

— No entanto, gostaríamos de ter-te conosco.

— Tanto quanto gostarias que tua Marília te acompanhasse, mas, pelo que sei, ela só poderá estar contigo em espírito, de vez que as constantes e insistentes ligações de ambos, contra toda a programação, fez com que a análise concluísse por um tempo mais ou menos longo, de afastamento corporal entre ambos, até que este amor perca o envoltório de paixão tão assustadora, como se tem demonstrado.

— É a primeira vez que vejo amor por ser demais ser castigado — comentei de modo amargo.

— Não sei do que te queixas. No campo sentimental tuas dívidas são imensas. Além disto, outro dia, eu mesmo conversei com tua Marília, e ela ficou muito impressionada e até mesmo interessou-se pelos ideais a desabrochar na França. Sabes que perguntou por ti e que já sabia da resolução de que ficarão um tempo separados.

— Já enfrentamos antes provas semelhantes, sem que conseguissem nos apartar de vez, Mesmo tendo-a por filha, nosso amor não se transformou. Já te contei isto

— Já, como filha, como escrava, como selvagem, como dama da corte, Marília sempre te dobrou aos seus pés. Mas agora devo te dizer que ela parece aceitar melhor a admoestação, já que considera que não deve mais te aprisionar. Tão logo volte para cá, pretende por um tempo assistir-te, depois conta demandar a França, para trabalhar comigo.

Meus olhos ficaram cheios de lágrimas, mas eu podia entender que ela me liberava, para que eu pudesse sobreviver, sem tê-la ao meu lado. Não encontrei argumentos e detive-me a analisar se melhor fora demandar a França ou ficar no Brasil.

Tiradentes sorriu:

— Haverá tempo para tudo. Se te sentes forte, para esta luta de emancipação da raça negra, prepara-te. Mesmo porque, terás pouco tempo na terra. Somente o número de anos que te roubou o

sofrimento da Devassa de Minas. É época que muitos partirão do “mal do século”, a melancolia a minar o organismo. Creio que te porás bem neste cenário, romântico que sempre foste, entre Lauras e Marias. Nos veremos sempre que possível.

Estávamos conversando, quando chegaram a nós outros amigos da Conjura Mineira. Vinham ao nosso encontro para rumarmos unidos para os Planos mais Elevados. Observei a tristeza de Alvarenga.

— Que notícias me dás de D. Bárbara? - perguntei.

— Retoma a altivez antiga e os voos de sua teatralidade. Estarei apartado dela por um período. Conto renascer breve. Hoje decidirei meu futuro.

Incorporados a diversos amigos, singramos o espaço para novas programações.

CAPITULO II - O BILL ABERDEEN

No Plano Espiritual várias entidades se reuniam. O comércio escravagista preocupava-os particularmente.

O representante da Holanda, ponderado e firme, reconhecia que seu país participara, iniciara mesmo, em muitas ocasiões, o nefando comércio.

Anchieta e Nóbrega acompanhavam Ismael no conclave, enquanto os espíritos de Camões e Henrique de Sagres ladeavam o líder espiritual de Portugal.

Da Inglaterra, homens ilustres tinham o cenho carregado de preocupações, enquanto a África se fazia representar por um egípcio alto, envergando túnica simples e brilhante.

Cristo presidia a reunião, na qual se fazia um balanço da situação mundial.

— Sempre a ambição de lucros, a falta de fraternidade, e o desrespeito às leis morais. -ponderava um juiz de porte altivo e triste. -A Inglaterra, como sabes, Mestre, sempre esteve à testa de arbitrariedades terríveis, que se arrastaram pelos descaminhos do fanatismo religioso. O trono inglês, a pretexto de se livrar de homens, mulheres e crianças, que aderiram ao protestantismo, ou que fossem pesados aos cofres reais, enviaram centenas de irlandeses, como escravos brancos, para trabalhar do outro lado do Oceano. Cromwell e o Conde de Moire, da Casa dos Lordes, não se pejaram de considerar estes seres, desde vagabundos, meretrizes e crianças, como matéria para exportação para a Jamaica. Não sei como, no atual concerto dos povos, poderia a Inglaterra agir cristãmente, sem se pejar de sua conduta indigna, que venho denunciando desde Serra Leoa.

Quem assim falava era o antigo juiz do tribunal do

Vice-Almirantado de Serra Leoa, R. Thaorpe.

— Além disto, ponderava Lord Castlereagh, da Câmara dos Deputados, como contar com a Inglaterra, cujos súditos com tal passado de escravidão branca, tomam hoje grande parte no comércio do negro?

— Eles tomarão certamente posição frente ao temor da concorrência comercial de outros países. - ponderava o egípcio, cuja ascendência espiritual era evidente.

— É, deste modo que o próprio tráfico propiciou às Américas e ao Brasil meios de baratear sua produção de açúcar, de modo a se constituir em perigo ao grande leão britânico, arrematou um romano com placidez.

— Irmãos, — apartou com melancolia o representante africano. - Sei que para minha pátria tem sido tangidos levas de espíritos endividados, a sorver, sob o causticante sol, o remédio que os humanizaria. Reconheço nos filhos que albergamos, antigos e ferrenhos déspotas, coletividades endividadas de tiranos e conquistadores cruéis, enquistados em corpos negros, cobiçados pelos mercadores de homens. Aspiro ver o hausto do Evangelho perpassar as terras faraônicas, para que minha terra reconheça o hálito do Senhor, em inebriante felicidade. Não foi senão por isto que aceitamos a cruz das dores, para que parte de nosso povo, entre a chibata e o pelourinho, ouvisse os passos do Mestre chegando.

— Baltazar, meu querido, enxuga as lágrimas do sofrer. -ponderou o Cristo. A raça que albergaste tem dado demonstrações impressionantes de dedicação, de perdão e altruísmo, em terras brasileiras. Enquanto os detentores da cultura europeia e o povo que escolhi por desbravador dos mares se perdem num oceano de riquezas perecíveis, teu povo arrebatou os lauréis da redenção, em exemplos maravilhosos. É por isto que nos reunimos. Não foi senão por isto que muitos colaboradores

se reencarnaram e estão laborando em terreno tão sáfaro, com vistas a extinguir a escravatura.

Reconheço, contudo, que, apesar de todas as conquistas, desde a independência americana e latina, ao grito de D. Pedro I, e a guilhotina francesa, ainda não conseguimos expulsar esta nódoa da Humanidade. É tempo já que os homens se vejam como irmãos, que são, sem estes prejuízos terríveis, para sua evolução. Ilustres pensadores, na própria França, que não ouviu meus apelos de misericórdia, banhando-se em sangue, vêm a público honorificar os pobres e os miseráveis, pela chama inapagável dos méritos mais inauditos. O homem desperta, e, apesar do arrebatamento e do desregramento português, contamos erradicar a escravidão negra no Brasil, país de maior índice de miscigenação, onde grande parte de seu povo, pelo coração e pelos seus dirigentes já a sancionaram.

Deste modo, aguardamos que os países, aqui representados, usem todos os seus recursos para influir na jovem nação brasileira, no sentido de se instituírem leis que a levem a caminhar no rumo certo.

Ismael permanecia atento aos comentários do Mestre, e, sob o influxo de sua voz, os representantes baixavam as cabeças trânsitos de reconhecimento e vergonha, para logo depois erguê-las a fim de contemplar o rosto harmonioso que irradiava tanta paz. Ao vê-lo ali, parecia-lhes que toda a dificuldade fora sanada. Era como se nada mais fosse importante ou impossível. Não era crível fitá-lo e sentir-lhe o amor sem um constrangimento natural, na lembrança do Gólgota.

— Irmãos, — falava agora Ismael — o Brasil bebe os exemplos do mundo velho. Temos jovens engajados em muitas lutas. Eles não recuarão diante de nada, levantando o clamor público através de agremiações, jornais e teatros. Convido-os a laborar, no sentido de dar-nos o apoio a cada passo, rumo à liberdade.

Das ilhas do mar da Guiné, Fernando Pó, S. Thomé, Ano Bom, de Angola, Ilha do Príncipe, Benguele, Moçambique, nas cercanias de Caconda, Ambaca, Conjango, cujos presídios albergaram inconfidentes de Minas, até a costa oriental, na captura dos cacimbos, os xexys (gêges) xingas ou gingas, a África chora o rapto de seus filhos.

Verdade que os sobas iniciaram a venda dos próprios irmãos, mas rogo que tenham piedade da África, mãe espoliada, vilipendiada e oprimida. Navios portugueses com bandeira brasileira, russa, dinamarquesa, americana, hamburguesa, espanhola, italiana e até inglesa, apoiam Portugal neste tráfico nefando. É preciso algo fazer para demover a escravidão.

— O homem só conhece a força e a impunidade. O cônsul português João Batista Moreira age com cumplicidade, bem como o almirante Noronha. Apesar de nossos esforços as importações de negros aumentam. -comentou Lord Cronwel.

— Senhor, que me ordenas? — perguntou Ismael, implorando-lhe as bênçãos, rumo as tarefas que abraçara para a liberdade da raça negra.

— As agitações se avolumam. - observou o Mestre, como se firmasse o pensamento longe. -Apesar de tanta luta e de tanta conquista, aspiro reencontrar-me com o homem neste século, para a implantação da Boa Nova. Elil, tu sabes que muitos são os mensageiros engajados neste instante na França, na Inglaterra e até no Brasil, no sentido de viabilizar nossas esperanças. Até a América será chamada a dar sua contribuição e é por isto que aguardamos que o homem caminhe rumo a Fraternidade, pois ela lhe indicará o roteiro da Liberdade e Igualdade. No entanto, não posso ficar indiferente à tanta dor e tanta vergonha. Que os povos aqui representados, que nossos emissários utilizem todos os recursos para distribuir a paz e a concórdia, edificando a liberdade da raça negra.

— Tentaremos influir através de leis - ponderou o representante inglês.

— Contamos com Longinus e Izabel, e parlamentares de escol que estão decididos a cumprir o programa ideado. De Norte a Sul contamos com trabalhadores esforçados e humildes, e com mentes lúcidas e corajosas, acompanhando as transições do século XIX.

Nossos esforços propugnaram por arar a terra, para o traslado do Evangelho bem compreendido e é por isto que esperamos o auxílio de todos, para derrubarmos os obstáculos das forças opressoras da escravidão. A luta vai ser grande. Que cada um contribua de algum modo.

Perfumes radiosos invadiam o ambiente e, sob o amparo do Cristo, os emissários se despediram ao som de vozes ternas que cantavam hosanas rumo aos seus países, procurando impulsionar ainda mais a deflagração da Abolição em terras brasileiras.

E foi deste modo que, utilizando a ambição da corte inglesa, sempre pronta a intervir de forma despótica, escandalosa e prepotente, que se instituiu a lei Bill Aberdeen, através da qual a Inglaterra se arrogava o direito de apressar, afundar até, os navios brasileiros em qualquer local, até mesmo nas costas e portos brasileiros, que fossem acusados de haver transportado ou estar transportando escravos.

Tal lei foi sancionada aos oito dias de agosto de hum mil oitocentos e quarenta e cinco, ano de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A prepotência inglesa, no entanto, faria uma lei que deveria libertá-la da iniciativa do tráfico, através de seus próprios filhos vendidos como escravos brancos, para a Jamaica, móvel de muito arbítrio e interferência, motivo de humilhação para a jovem nação brasileira. O modo como se lançou a executá-la pressionada pelos motivos puramente econômicos, só foram permitidos pelo Mestre, para demonstrar a firmeza e humildade

de um discípulo, provisoriamente instalado no trono brasileiro, e dar testemunho da prepotência do leão inglês, através de sua rainha. Conheçamos rapidamente os fatos relevantes que se deram após o advento do Bill Aberdeen.

A Inglaterra se arvorava de humanitária, por trás de inconfessáveis interesses econômicos.

O Cristo lhe permitira esta extravagância, em nome do humanitarismo, para incrementar a Abolição. Fora em solo inglês que o inconfidente oculto José Hipólito da Costa, deixando filhos no Brasil, tangido para a prisão da Inquisição, conseguira albergar-se e fundar um bastião das liberdades sonhadas. E foi de lá, através do seu “Correio Brasiliense”, que já em 1809, ele escreveria artigos contra a escravidão. Aquele companheiro corajoso que nos viera do Tejuco, onde comungara com os ideais de Vieira Couto, e que fora escolhido para a fuga espetacular da Barra de São Julião, em seu lugar, uma das piores e mais terríveis cadeias inquisitoriais de todos os tempos, jamais esqueceria nosso programa de ação, e escreveu, tratando da escravidão: “Se o governo do Brasil remediar este mal, os filantropos lhe perdoarão todos os mais”.

Esse amigo preconizava substituição do trabalho escravo pelo livre, e observava que, junto de D João VI, tangido pela espada napoleônica para o Brasil, vieram as primeiras colônias de imigrantes, alemães, suíços, chineses, enquanto a siderurgia se instalava em São Paulo e Minas.

Hipólito da Costa o fez por amor, por arraigado conhecimento das leis morais que implantara em si mesmo, e que sempre lhe haveriam de cobrar a fuga espetacular da prisão, em detrimento do amigo Vieira Couto, que ficara ali até a morte. Ele o fazia por total desprendimento e idealismo, ao contrário do leão inglês que apenas “Fazia amigos com as obras da injustiça.”, ainda que com o amparo do Mestre, principalmente interessado em apressar a abolição.

Os navios de guerra ingleses começaram a agir com rigor desmedido, e dezenas de casos de sua arbitrariedade eram diariamente relatados ao monarca brasileiro. Mesmo antes do Bill Aberdeen , em 1839, João Soares de Bulhões e sua família já haviam sido alvejados a tiros pelo brigue de guerra inglês Ganges.

Atentados contra nossos direitos e nossas riquezas começaram a se tornar coisa corriqueira. A opinião pública balançava ao batel das atitudes de arbitrariedade e ganância inglesa, que matava a tripulação dos navios, confiscava as mercadorias, incendiava e afundava navios nos portos, sob os olhares da população assustada e na frente mesmo das fortificações.

Em 28 de fevereiro de 1848, o Ministro do Exterior, o maçom Pimenta Bueno, envia uma nota ao ministro inglês, reclamando dos atentados à soberania e independência do Império. Já em 1845 outro maçom, no mesmo cargo, Limpo de Abreu enviara uma nota de protesto. Esta repercutiria em todo mundo.

O litoral brasileiro se transformava em palco de ações indignas. Com o atentado ao navio Piratinim, D. Pedro II, resolveu enviar, por seu ministro Paulino Soares de Souza, uma carta à rainha dos ingleses, reclamando dos abusos. O Brasil era uma nação criança, com apenas 19 anos, independente, considerava uma vergonha ser tratada daquela forma pela Inglaterra, uma nação velha. Argumentava que aquela atitude poderia gerar uma série de calamidades, pois o Brasil sempre acolhera bem os súditos ingleses, mantendo relações comerciais com eles. Considerava, além disto, os fatos que vinham ocorrendo como atos de guerra ao Império, aos quais não poderia opor resistência, por não ter poderio bélico ou marítimo, confiando na Justiça de Deus e dos homens.

Em resposta à sua carta, o ministro inglês declarou:

“O governo de Sua Majestade recusa-se a tomar conhecimento do protesto do Brasil, pelo simples fato de que não costuma dar satisfações de seus atos a nações como o Brasil, sem história e sem forças para pedi-las a um Império como a Grã-Bretanha.” Ameaçava, inclusive, de usar medidas navais próprias, para por termo a todo comércio de cabotagem no Brasil, qualquer que fosse a nacionalidade dos navios se o Brasil declarasse Estado de Guerra.

Quando Longinus, reencarnado como D. Pedro II, tomou conhecimento da resposta inglesa, profundo abatimento tocou-lhe a alma. Sabia que não tinha meios para impedir o tráfico dos escravos. Reconhecia que no Rio de Janeiro traficantes agiam impunemente, auxiliados pelos fazendeiros. Sabia que havia interesses diversos, mas não imaginava, nem de longe, que a Inglaterra pudesse tratar o Brasil com aquele desprezo e altivez, como se pudesse resolver tudo o que se passasse aqui.

Ao ataque do jornal “Times” de Londres, seguira-se artigos do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, falando das duas nações. D. Pedro II sentia-se oprimido e derrotado. Neste estado de ânimo orou e adormeceu. Via-se em sonho num local que lhe tocava a alma. Sabia, sem que ninguém lhe dissesse, que estava no Lago de Genesaré. Pensou no Cristo e na reunião que assistira no Plano Espiritual, quando o Mestre dera ordens, no sentido que as nações pressionassem o Brasil no rumo do Abolicionismo.

Viu um velho pescador, no qual reconheceu a figura de um velho amigo, o qual o preparara, durante longos anos, para o encontro com o Messias. Sim, sem dúvida. Era ele, Zacarias, o pescador, em cuja casa tantas vezes o Cristo se albergara.

Aproximou-se com sentimento de alegria e saudade. O velho, com os cabelos brancos a voejarem pela face queimada e serena, abraçou-o com carinho:

— Eu te esperava, Longinus.

— O que devo fazer? O Mestre me confiou a pátria onde seu Evangelho deve ser transplantada e o leão inglês nos golpeia, enchendo-me de vergonha, diante de minha impotência, como governante. Tivesse eu forças, teria expulsado de vez com os traficantes das costas brasileiras. -continuou ele, certo que o companheiro estava a par dos últimos insucessos que o vinham martirizando.

— Tens razão, meu amigo. Mas, recorda que, frente aos leões do circo romano, os cristãos agiram com cânticos de benção e rumaram para o martírio. Longinus, por muito tempo ainda, as águias e ursos, leões e tigres haverão de importunar o homem com seu poder nefasto e arbitrário, mas nós somos servos do Cordeiro de Deus. Os mansos é que herdarão a Terra. Agradece a intercessão arbitrária da Inglaterra, apesar da farsa que representa, pois os ingleses estão por trás de muitas transações negreiras, porque durante muito tempo ainda o mundo sofrerá a influência de seu poder. Para que o Brasil possa ser grande, incentiva a cultura e a emigração, alberga em palácio e conviva com mulatos e negros, ampara a todos e aguarda, laborando firme, rumo aos ideais. A opinião pública do Brasil está revoltada com a intervenção inglesa nos seus mares e portos, mas mais tarde a própria Inglaterra entenderá que o despotismo lhe é ruinoso. Não te magoe o aviltante conceito que a Inglaterra faz da pátria que o Senhor te confiou. É o orgulho quem lhe dita as leis, mas um dia todos nós só teremos uma lei inscrita em nossos governantes: a da Fraternidade entre todos os povos.

— Mas eles instituíram uma pirataria legal!

— E que te espanta isto? Não foi assim, desde tempos remotos? O ouro do Brasil não passou aos ingleses pelo Tratado de Methuen, não foram os piratas incentivados e premiados pela Inglaterra na perseguição aos navios que demandavam da América, com os porões cheios de ouro e prata? Lembra-te “onde

se juntarem os tesouros, aí se juntarão as águias.”

Pedro ficou pensativo. Era verdade. As riquezas do Brasil atraíam para ela toda a sorte de ambiciosos e aventureiros. Pensou no Visconde de Abaeté, seu amigo e conselheiro Antonio Paulino Limpo de Abreu, pensou na família, nos negros e ponderou:

— Dos males o menor. Antes ter a Inglaterra contra o tráfico, que a seu favor.

Dando largo suspiro, acordou mais disposto. De todo o lado o povo exigia atitudes temerárias, contra o poderio inglês, mas, nem mesmo acusado de covarde e omissor, D. Pedro II aguardou que os conceitos abolicionistas amadurecessem, incentivando a imigração e a cultura.

Até na atualidade, concluímos que sua prudente atitude evitou ao Brasil uma guerra dolorosa. (A recente Guerra das Malvinas o prova de sobejo.)

Nota de rodapé: Vieira Couto seria no futuro, o diplomata brasileiro morto no ataque ao Iraque, Dr. Vieira de Mello.

CAPITULO III - LUIS GAMA

— Luís, vem cá.

O menino correu junto a senhora, que requisitava seus serviços. O fazendeiro paulista o comprara num mercado do Rio, junto com outros escravos rijos, que foram encaminhados para os trabalhos no cafezal.

O pequeno e atarracado menino, contudo, ficou na casa da Fazenda, ocupado nos trabalhos domésticos.

— Vamos nos preparar hoje, para arrumar o quarto de Junior. Carrega-me esta cesta, e leva-me lá para o quarto azul.

Luís prestativo tomou o balaio cheio de cortinas, lençóis e foi levando atrás da sinhá.

Outra negra rija, a Francisca, ia carregando as almofadas e travesseiros, recém preparados, com a paina colhida e escolhida da grande árvore que guarnecia e enfeitava a frente da propriedade, logo ao pé da porteira.

Havia também outras de penas de ganso, escolhidas a dedo.

— Que você acha, Chica? Não vai ficar um primor?

A negra mostrou a dentadura alva:

— Vai, sim senhora. Os “colchão” ta cheirando a sol, tudo sequinho e cheiroso, e botei macela no acolchoado, pra deixá mais gostoso.

— Não me olhe com este olhar comprido, não, Chica. Pensa que o Junior se esqueceu de você? Pois se engana. Ele me pergunta sobre tudo, da fazenda até as baías, quando escreve. E não se esqueceu.

A negra sorriu mais prazenteira. Fora ama de leite do menino, que vinha morar na fazenda da ilustre família paulista.

— Pode deixar, Chica, que eu mais o Luís cuidamos de tudo. Procura dirigir o pessoal na cozinha, para o jantar da noite.

Chica saiu meio sem jeito. Queria ela mesma estender a cama, com seu amor dedicado.

O pequeno Luís estava curioso. Ouvira o negro Ganzá falar do menino:

...“Um repolhinho de carne quando nasceu, mas que inteligência e bondade...”

O velho Bastião, de índole meio pessimista, arrematara:

— Ôcês tão esperando o sinhozinho pequeno. Vê qui vem um rapaz almofadinha da cidade e faz pouco caso de todo mundo.

Chica não se contivera:

— Para de azeda a cabeça dos outros, Bastião. O sinhozinho sempre foi menino bom, não é porque tá estudado qui viro bicho.

— Vai, qui num si muda di gênio da noite pro dia. Cobra pequena desde cedo se enrosca pro bote, e bezerro bom é manso. Cavalo coicero si conhece desde pequeno, bem como mula teimosa. - falou o velho Ganzá na sua sabedoria dadivosa e simples.

O pequeno Luís bebia as notícias, mas não arriscava perguntar pra sinhá.

Subiu na escada e prendeu as cortinas, ajudou a amarrar as faixas, estendeu os lençóis, lavou o chão e arejou o armário.

— Muito bem, Luís. Vou te dizer uma coisa que vai te deixar feliz. De hoje em diante, serás o companheiro do Junior, nesta casa. Irás onde ele for. Ele precisa de um companheiro homem, que o escute, e que o acompanhe e me pareces um bom e ajuizado menino. Se ele quiser que durmas no quarto o farás. Estás livre dos serviços da cozinha e dos outros.

Luís sorriu satisfeito e a senhora arrematou:

— Só que, menino, vê que não fiques montando pose para os

outros, ouviu? Sempre que requisitarmos teus serviços, para qualquer emergência, estejas pronto:

— Sim, senhora.

A mulher caminhou com sua saia longa até a porta, mirou o quarto e sorriu:

— Está uma beleza. Antonio vai adorar!

E, fazendo um gesto, entregou ao pequeno Luís a trouxa de roupa empoeirada, que tirara ao quarto, e os panos sujos da limpeza e saiu luzindo pelo corredor.

Luís tratou de buscar o oratório. A imagem era uma confidente segura, que não iria rir de suas palavras, nem contar a ninguém seus temores.

— Nossa Senhora! — falou o mulatinho, sentindo-se seguro. — Virá o menino. Será aquele que sonhei? Será meu amigo que vai ajudar a mudar minha vida? Poderei um dia achar minha mãe?

Ao influxo da própria voz, lágrimas lhe vieram aos olhos.

— Por que não posso ser livre? Eu era livre e feliz e meu pai me tirou tudo.

Ouviu passos no corredor e enxugou na manga da camisa os olhos. Levantou-se respeitoso e saiu, enquanto a boa Chica vinha trocar as flores dos vasos do altar doméstico.

A casa inteira estava se modificando em alegria, bulício, festa, para o recebimento de Antonio Rodrigues Prado Junior, o menino que iria ser doutor e passaria uns tempos a preparar-se nos estudos na calmaria da fazenda, antes de procurar os bancos da Faculdade.

Aquela tarde, quando a carruagem chegou, trazendo as malas e um rapazote forte e corado, com maneiras elegantes e finas, Luís não teve mais dúvidas. Ele parecia maior, porém tinha os mesmos traços do amigo com o qual ultimamente vinha sonhando.

Sinhá apresentou os servos mais chegados, os escravos na ampla sala onde um piano descansava, em meio a mobília, imitando o estilo inglês e jarrões de barro que rescendiam as flores coloridas, roubadas ao jardim pelo carinho de Chica.

Diante de todos, o rapaz abraçou com amor o velho Ganzá e a negra Chica.

O pobre homem, sorrindo com os poucos dentes, olhou malicioso para o Bastião, como se dissesse:

— Eu não disse?

O moço acompanhou o olhar e depois para o negro resabiado:

— Não vai me dizer que é o nosso Bastião?

— Ele mesmo em carne e osso e resabiado.

O moço cumprimentou o escravo ranzinza e parou diante de Luís.

— E este, quem é?

Sinhá adiantou-se.

— Este é um companheiro que ficará com você vinte e quatro horas por dia, se você quiser, ajudando nos estudos e nos passeios.

— Como você se chama? - perguntou o rapaz com simpatia para o garoto.

— Luis Gama, senhor.

— Luís Gama? - o rapaz estranhou que o menino tivesse um sobrenome, quando a maioria dos escravos não contava com um.

— Onde o compraram?

— Veio do Rio de Janeiro com a última leva, que chegou para trabalhar nos cafezais. É um bom menino. Vais gostar dele.

— Sem dúvida. - falou o moço curioso com os modos do garoto.

Luís ajudou os outros sevos a descarregar as malas pesadas.

A noite chegou com a sopa e as iguarias à mesa.

Já era tarde, quando foram se recolher. Antonio Prado Junior voltou-se para o menino:

— Arranja algo para dormi no meu quarto.

— Mas, Junior, — ia dizendo a sinhá. — é tarde!

— Deixa estar, titia. Quero que ele me ajude a desfazer alguns pacotes ainda.

Luís tratou de buscar uma esteira, e, com o candelabro, dirigiu-se ao quarto constrangido.

O rapaz foi ao vestíbulo e trocou a roupa.

Entrou no quarto com ampla camisola de dormir.

Luís mal pode conter o riso.

O moço olhou-o ali parado, com a esteira.

— Vai dormir nisto?

— Nhô, sim.

— Nhô, não.

E o rapazote tomou de uma das cobertas e deu-lhe.

— Não posso usar, não senhor.

— Quem vai saber? - falou o moço, passando o ferrolho na porta.

Luís estendeu a esteira ao lado da cama, e depois o acolchoado amplo que tornaria o chão quente e macio, dando espaço para cobrir-se com ele.

— Assim está melhor. Vem aqui. Ajuda-me a desfazer este baú.

O menino ajudou a abrir o ferrolho e viu assombrado uma enorme quantidade de livros.

— Onde ficariam melhor? — perguntou Junior.

— Acho que na parte do meio do guarda roupa. - falou o mulato, abrindo as portas do armário e dando a ver o compartimento.

— Bem pensado. Aqui posso ajuntá-los e encontrá-los pelos títulos. Mas é bom deixar os mais importantes sobre a mesa. Cuide que não derramem nada neles, ouviu? Ah! Providencia outro móvel, para a água. Aqui desejo apenas meus papéis, livros e tinta e pena, com uma caixa de areia.

Luís concordou.

Iniciava-se ali um convívio amigo e fraternal.

Junior tinha o sono pesado. Acostumado a madrugar, o pequeno Luís levantava-se e recolhia o acolchoado, punha-o aos pés da cama e demandava a cozinha, onde buscava água quente para a higiene do senhor.

— Foste bem acostumado. Nem preciso pedir nada.

Aos poucos fizeram-se amigos inseparáveis.

Com ele Junior confabulava, contava coisas sobre São Paulo, confidenciava sobre seus namoricos, ia a galope pelas estradas poeirentas, lia em voz alta suas lições.

Quando ia repetir o arrazoado, não raras vezes, a memória do escravo o corrigia.

Uma tarde, em meio aos estudos e canseiras, Antonio Prado lia sobre a cama. Na cadeira, Luís o ouvia.

Aos poucos a voz do amigo se fez pastosa, cansada e sonolenta. O livro foi tombando das mãos. Já ia cair ao chão, quando o pequeno o tomou delicadamente. Mas, ao invés de fechá-lo, curioso de ver a continuação do texto, sentou-se e ficou a tentar decifrar aquele código de letras.

O sono durou poucos instantes. O suficiente para o moço se desprender do corpo e ver no quarto a figura de uma mulher negra a sorrir-lhe:

— Cuida bem do meu menino. — pediu.

Assustado, Junior acordou de um pulo. Fitou o escravo a tentar ler e teve uma ideia.

— Luís?

O pequeno fechou o livro com receio. Lembrou-se de uma surra que certa vez lhe dera o pai, porque estava “com fumaças de entendido, querendo aprender ler.”

— Queres ler?

— O que?

— Queres aprender a ler? Se aprenderes poderás me ajudar, lendo-me as lições. Que achas?

O escravo mal podia crer.

— Achas que eu aprenderia?

— Por que não? Não és burro! Olha, que ninguém saiba. Quando formos à venda arrumo papel. Guardaremos tuas lições sob o colchão e ninguém saberá.

Luís mal podia acreditar.

Quando ia para as bandas do rio pescar, tomava de um pau e ficava “treinando a letra”. Junior ria feliz, de ver como ele aprendia depressa.

CAPITULO IV - UMA AMIZADE SÓLIDA

O tempo correu feliz entre os dois rapazinhos. O escravo já estava alfabetizado. Sua inteligência demonstrava que as lições eram coisas já entranhadas em sua alma. Adorava os clássicos. Junior um dia descobriu-o a fazer poemas.

— Hás de me sair um doutor de primeira água! — falava o moço satisfeito.

— Eu doutor? Eu doutor?

— E porque não? Deixa-te de bobagens e de desperdício. É só queres.

A alma bem formada do moço já era amiga do escravo, antes de reencarnar. O amigo e protetor que Luís não encontrara no pai, estava ali, diante dele, na figura de um jovem de família aristocrata, quase de sua idade. Os laços espirituais indissolúveis, pela afinidade ligavam aqueles dois jovens. Um no seu sofrimento lúcido, sem revolta, franco e corajoso, o outro despojado de vaidade e orgulho, buscando-o no amparo da amizade e auxílio, fugindo a todo orgulho inerente à sua condição de senhor.

Nunca haviam conversado sobre o passado. Antonio Prado sentia que seu companheiro tinha uma história, que era uma tragédia, que o martirizava e respeitava o silêncio que o outro fazia do assunto.

Uma noite, chovia torrencialmente. As mulheres acendiam no fogão de lenha as achas, punham as palmas bentas da procissão a arder, os negros cantavam loas a Santa Bárbara, que se perdiam em meio aos trovões que se sucediam ao vento e aos látegos de água sobre a mata adjacente. Os dois rapazes demoraram a adormecer. O temporal lembrava a Luís a travessia

feita da Bahia, quando o pai o vendera ao mercador de escravos. Em seu sonho revia as cenas perdidas no tempo, porém gravadas a fogo em sua memória sofrida.

Começou a debater-se no chão, indo chocar-se com a cama do jovem branco.

Este acordou e o observou um tanto estremunhado.

— Mãe! Mãe! — começou a gritar o rapazinho a debater-se.

Junior levantou-se e se ajoelhou no chão, tocando-lhe o ombro, tentando acordá-lo.

— Luís! Luís!

Aos poucos conseguiu que ele abrisse os olhos. Um suor frio cobriu seu rosto, que espelhava sofrimento terrível.

— Luís, sou eu! Antonio.

— Antonio... Antonio... — falou o rapaz e as lágrimas desceram-lhe dos olhos.

— O que foi?

— Sonhei. Tive um pesadelo.

— Devias estar cansado. Foi isto.

— Não. O pesadelo se repete sempre. É a minha vida.

Uma curiosidade feita de companheirismo e amizade se fez no coração do moço. Foi até a mesa e acendeu a vela.

— Me conta.

Há quanto tempo ele guardava aquela mágoa funda? Valeria a pena contá-la a alguém? E a alguém branco? Não era seu segredo, sua vergonha, sua tragédia?

Mas o olhar do rapaz não era expressão de pena, senão de carinho.

Luís se ergueu e começou:

— Eu devia ter uns dez anos. Minha mãe vendia doces nas ruas de Salvador. Eu a adorava, adoro ainda. Ela sempre me foi

boa. Ensinava-me o que sabia, contava histórias de meus avós, era carinhosa, amiga...

O rapaz não o interrompeu. Sentiu que ali havia uma tragédia.

— Já meu pai... Nunca poderei acreditar que tivesse sentimento. Ele jamais me deu atenção maior. Só nos procurava quando precisava de nós...

Havia muita dor naquela queixa amargurada, que devia estar guardada há tanto tempo na sua alma.

Junior o sentiu e bebeu a sinceridade daquele sofrimento.

O mulato continuou:

— Ele era um fidalgo português. Podes imaginá-lo? Um fidalgo que vivia na ociosidade, blasonando a sua ancestralidade ilustre.

Junior percebeu que o convívio com os livros despertara no pequeno Luís a cultura e a vocação literária. Sua linguagem tornara-se impecável e lhe parecia que um homem novo emergia daquele menino.

— Meu pai era um fraco. Não raras vezes vinha assaltar-nos em busca dos míseros e poucos recursos que minha mãe juntava com seus quitutes, que ela vendia a famílias ricas, servindo-os periodicamente ou nas ruas que margeavam o Porto.

Ele era viciado em jogo, e isto o arruinou aos poucos. Deves saber que as dívidas assim contraídas, se não forem saldadas, podem gerar a morte.

Um dia ele nos procurou. Estava tão carinhoso comigo. Convidou-me a um passeio. Aquele dia fiquei tão feliz! Minha mãe recomendou-me que o acompanhasse. Achei que, finalmente, ele se interessava por mim, como por um filho, que me tinha afeto.

Neste ponto da narrativa, a voz do menino se embargou. Foi com muita dificuldade que retomou sua história.

— Puro engano! Ele me vendera! Podes crer? Eu era livre, era seu filho, e ele me vendera, como pagamento de sua dívida de jogo!

Antonio Prado Junior mal podia crer no que ouvia. Não ousou interromper. Sentia uma amizade fraternal pelo amigo. Não pode cortar o desabafo.

— Rumamos para o cais e ele me levou a um navio. Pensei que íamos passear, mas ele me entregou a um desconhecido, e, sem olhar para trás, desceu e sumiu na multidão. Ele me vendera como escravo. O navio logo zarpou e eu fui posto a ferros, com outros negros, que estavam sendo remanejados do Nordeste. A noite choveu torrencialmente. Pensei em minha mãe, à minha espera. Sei que ele não lhe contaria a verdade. Desejei morrer e não morri. Fui levado para o Rio de Janeiro... O resto você já sabe...

Junior ajoelhou-se ao seu lado. Abraçou-o.

— De hoje em diante és meu irmão. Vais estudar. Irás para São Paulo, ficarás famoso, ganharás dinheiro e assim irás procurar tua mãe.

O moço sentia que seria impossível que tal sonho se realizasse. Sua intuição lhe dizia que a mãe do pequeno Luís provavelmente sucumbira de desgosto, mas queria que seu amigo pudesse realizar seu desejo tão simples e puro.

— Eu te ajudarei. Agora, descansa. Temos muito que estudar amanhã.

O menino beijou-lhe as mãos com gratidão.

A partir daquele instante mais ainda se sedimentou a amizade entre os dois. E juntos passaram a tramar a fuga de Luís da fazenda, rumo a civilização.

CAPITULO V - MARILIA E CASTRO ALVES

“Era 10 de fevereiro de 1853! Dois imperadores já haviam se sentado no trono brasileiro! A rainha D. Maria I partira.. D. Pedro fora rei em Portugal e desencarnara ralado pela tuberculose! D. Pedro II reinava! Guerras se sucediam. Divisões, rebeliões. Naquela manhã, Marília, velhinha e alquebrada, ergueu-se presa por fortes dores no braço esquerdo.

— Acho que dormi sobre o braço. Parece dormente. Vou a Igreja S. Francisco de Assis para rezar. Vem, Francisca.

A querida amiga olhou-a..

— E uma ladeira má, Marília. As pernas me doem.

Marília tomou o terço, o livro de missa, o xale e o véu.

— Gosto de passar por aquela igreja, de ver a casa que foi dele.

— Leva, ao menos alguém contigo. — pediu Francisca.

— Que tolice! O que me pode acontecer? — perguntou Marília...

Saiu e tomou rumo à ponte onde namorávamos.

Em pensamento, como se falasse comigo, murmurou:

— Aqui me viste a vez primeira! Não posso crer que não me tivesses amor!

Passou pela igreja Antonio Dias e continuou subindo. A ladeira era íngreme. A calçada estreita. O céu estava esplendido. Lá no alto virou, divisou a casa do Dr. Cláudio e a casa do Mourão, onde eu fora preso.

Passou por elas e continuou a subir, sendo saudada por algumas pessoas que passavam. Estava com um leve vestido azul.. Francisca tinha razão. A ladeira era muito forte. Sentia-se

cansada.

*— Só mais um pouco. — pensou, andando com dificuldade...
Uma falta de ar, uma pontada no peito.*

*Encostou-se à parede de minha casa, procurando descansar.
Um torniquete parecia apertar mais e mais seu peito.*

— Estás sentindo alguma coisa? — perguntou uma mulher que passava. Marília tentou responder, sorrir, mas não pode. Olhou para a igreja, para o prédio da cadeia, para a casa que fora minha e caiu no chão, pálida e ofegante.

Vieram jovens e a tomaram nos braços fortes. Alguém disse:

— É D. Marília! Levemo-la para casa.

Puseram-na numa carruagem e foram chamar um médico.

Estirada em sua cama ela não fala, a dor fora tão forte que desmaiara. Instala-se o enfarte. Em poucos minutos morre, sem poder articular palavra. Ao seu lado, Francisca chora.

— Por que não fui com ela?

Marília ouve. Quer consolá-la. Não pode. Ao pé de seu leito, vê um homem que lhe segura as mãos e as beija.

— Dr. Tomás. — diz em espírito, enquanto a vestem com o vestido de noiva que guardara para seu sepultamento. — Dr. Tomás, até que enfim!

Entidades amigas ajudam-me a transportá-la. Aos poucos recupera sua lucidez. Está novamente jovem, bela como fora. Vestem-lhe a roupa que eu lhe tecera.

— Estou sonhando, Dr. Tomás? Sonhando? — pergunta-me ao se ver tão linda!

— Não. Não é sonho. Vamos nos casar, como te prometi!. Vem!

Seu pai e mãe vêm ao nosso encontro, Abraçam-se comovidamente. Marília é levada num coche para a Igreja Antonio Dias. Na porta a aguarda o Aleijadinho. Todos os amigos e irmãos

nos esperam, bem como escravos, crianças e uma multidão de espíritos. Ao lado, Tiradentes conversa com uma jovem. Traz ainda a alva branca dos condenados.

Marília parece pisar nas nuvens. Mestre Lisboa a leva pelas mãos até a nave, onde o bom cônego Toledo faz a preleção aos noivos.

Eu a tomo nos meus braços e beijo-lhe os lábios queridos! Depois saímos sob uma cobertura de arcos, de mãos e espadas estendidas, dos amigos conjurados e suas companheiras.

— Como esperei por este dia! — diz Marília. Que saudade! Morri cada dia longe de ti!

— Não a deixo continuar! Nunca nos separaremos. — digo —.

E nossas almas afins, voam felizes em direção ao céu azul.”(CONFIDENCIAS DE UM INCONFIDENTE— págs. 378/380— 12. Edição.)

Eu era um menino peralta e feliz. Minha família era conceituada. Minha mãe e meu irmão mais velho me cobriam com sua atenção e, se isto não bastasse, a boa ama e seu pequeno filho ocultavam todas as minhas traquinagens na Quinta.

Não entendia bem as conversas, pois contava apenas seis anos, mas percebia o orgulho com o qual meus pais comentavam as vitórias do avô militar, comandante da luta pela Independência.

Quando corria pela chácara e rolava com o pequeno Gregório, quando buscava o colo de Leopoldina, para esconder meus temores, sentia-me feliz, livre.

Minha mãe me olhava com ternura entristecida. Sentia-se frágil, para dar conta da agilidade dos dois meninos, meu pai estava sempre às voltas com sua profissão de médico.

O pequeno Antônio, que eu era, tinha, no entanto, momentos

de cismares, fora de sua idade. Nestes arroubos de saudade e mistério, em que a criança por um instante se debruça sobre si mesma, vinham-me saudades não sabia de quem e acabava fazendo promessas de glória e grandeza.

Naquele dia eu e Gregório, o negrinho meu companheiro de traquinagens, tínhamos resolvido montar a égua nova sem ordens de meu pai. Meu mano José, mais velho que eu, temeroso, prometera-me castigos e denúncia. Eu e Gregório o arremedamos:

— Maricas, vá contar à sinhá! — falou o negrinho a instigá-lo.

Meu mano saiu correndo e eu e meu companheiro de artes nos fomos para os lados das baias da fazenda. Driblamos a atenção de uns servos e nos pusemos em posição sobre a cela.

O animal solto e espicaçado, saiu em disparada pelo campo. Gregório segurava a rédea e eu atrás, no trote, me enganchava como podia.

Mas não corremos muito e o bicho deu com a pata num buraco, perdendo o equilíbrio. Eu fui lançado fora, caindo com impacto no solo.

Logo acudiram os negros da fazenda e a boa Leopoldina, alertada por meu irmão.

Carregaram-me para dentro. Eu não dava acordo de mim. Meu pai foi chamado às pressas.

No entanto, a criança que eu era, libertada por instantes, se fizera homem. Via-me cercado de amigos. Um me dizia:

— Chegou o momento esperado. Sua noiva volta à verdadeira pátria, Tomás. Tal como prometi, vim buscá-lo para que todos nós a recebamos com alegria.

Via ao meu lado um mulato solícito, Mestre Lisboa. Tiradentes e outros amigos davam um jeito par que fôssemos unidos receber aquela que fora a maior musa da Inconfidência Mineira.

No Plano Maior readquiri a consciência e a aparência antiga aos poucos. Despreocupe-me com a vida que vinha levando, com meu tombo, com tudo.

Enquanto minha mãe, minha boa ama, meu mano e meu companheiro negro dos folguedos e meu pai se desvelavam, tudo fazendo por acordar-me, cheios de cuidados, eu me sentia de posse de minha antiga personalidade e ansiava por ver Marília.

Foi desse modo que por três dias, o pequeno Antônio ficou desacordado na Quinta, enquanto eu cumpria todo um roteiro para receber minha querida noiva nos braços, par o retorno a Pátria. Foi com profunda amargura que tornei a mim, ante o sorriso e as lágrimas misturadas de minha mãe, que não entendia porque eu acordei murmurando:

— Minha noiva... minha noiva...

E a família do “periquitão” suspirou aliviada, brincando com a precocidade do infante que eu era:

— Há de se sair um conquistadorzinho. — comentou um parente rindo de mim.

CAPÍTULO VI - ANDRÉ REBOUÇAS

De Florianópolis para o Norte, incentivado pelo pai, que muito adorava, André Rebouças parte para o Maranhão, onde vai trabalhar nas reformas necessárias do porto.

Rever os sítios de Bahia, a caminho, desperta-lhe uma nostalgia deliciosa, mas também o desejo de algo fazer persiste nele, homem íntegro e culto, empreendedor e nobre.

A carência ali é absoluta. Os interesses políticos pululam e os meios financeiros são quase inexistentes.

Sente a diferença entre os contatos no sul. A iniciativa privada é praticamente nula.

Sonha com uma companhia de navegação que, em linha direta ligue o Nordeste e Norte à Europa, num aproveitamento maravilhoso. Enquanto sonha com o projeto, sem perceber que os homens em seu posicionamento o tornariam inviável, procura reequipar e reformar os Portos.

Seus projetos não encontram eco. Todo o país está voltado para as lutas no sul. Apesar do Brasil dispor de homens valorosos, que haviam se reencarnado com o amparo de Ismael, lançando luzes novas nas letras e nas artes, abrilhantando o século que veria o dealbar de nossos roteiros, como um Rio Branco e Mauá, Pedro Américo e Castro Alves, Nabuco e João Clapp, Bonifácio, o moço, e Rui Barbosa, o bondoso monarca que a todos prodigalizava com sua generosidade e auxílio, incorrera em precipitação hostil, devido aos antagonismos trazidos de sua personalidade antiga, na velha Galileia. O Brasil exorbitara suas funções, interferindo nos negócios dos estados vizinhos. O Brasil, ao querer impor sua vontade em Montevidéu, acirrou os ânimos dos paraguaios, que declararam guerra a nós. Seriam

cinco anos de martírios, lutas derramamento de sangue, que deflagrariam a derrota moral do Brasil, na destruição da nação vizinha, nos seus voos nacionalistas. Sairia a Argentina fortalecida destes embates, mas o Brasil jamais esqueceria a provação coletiva de todo um povo, o desastre terrível praticado por sua intervenção indevida, que o faria amargar a influência das nações europeias e do Norte, às quais indiretamente servira.

O apoio de Ismael, a D. Pedro II e aos seus abnegados missionários, prosseguiu apesar de tudo. Estávamos em plena Guerra do Paraguai. Definitivamente, nos empenhávamos numa tragédia de proporções tristes e terríveis.

O otimismo, o desejo indestrutível de realizar, de superar os óbices, sem catalogar ou relacionar a maldade e a inépcia humanas, estão profundamente entranhadas em André Rebouças. Parece não sentir a má vontade para com seus projetos, a perseguição que sofre, pelo fato de ser mulato, a preterição em sociedade.

Rebouças se nega a enxergar a impiedade, a ignorância que muitas vezes o cerca e o tenta subjugar.

— E é no entusiasmo que o caracteriza, que sente que não pode continuar a projetar, a idear novidades, quando no sul o generoso sangue brasileiro é derramado.

Interessante observar que nesta mesma época, Rui e Castro Alves se dedicavam ao voluntariado para a mesma luta inglória, sem, contudo, chegarem aos campos de batalha. É que outros eram os caminhos que deveríamos percorrer, nas lutas do Direito, pela Abolição, enquanto o engenheiro mulato caminhava rumo ao reencontro de almas afins à sua tão sofrida.

Em 1865, cheio de ideias, passara pelo Rio de Janeiro. Almeja conseguir a vitória para as forças imperiais, oferecendo ao Ministro de Obras seus projetos, ligando o Brasil, através do Rio Iguaçu, direto à zona de combate.

Também aí não encontra apoio entre os nobres, é preterido, não por zelo ou competência, mas por sua origem humilde e negra. Apesar de seu pai ter chegado a deputado do Império da Bahia, não consegue ser atendido em suas ideias emancipadoras e arrojadas, enriquecidas por longos anos de dedicação aos estudos, no Brasil e na Europa, onde fora conhecer tudo o que viesse a enriquecer seu já vasto arsenal de informações sobre a engenharia de seu tempo.

Está com 26 anos e somente frente a batalha é que acorda em si a gravidade do passo encetado.

No acampamento de Osório, em S. Francisco, a pobreza é imensa e André deseja impulsionar a vitória. Seus conselhos, contudo, encontram no superior ouvidos moucos.

O desenrolar dos acontecimentos enseja a observância de ponderação de suas opiniões, confirmando seus vaticínios, fazendo-o ganhar conceito entre os companheiros da tropa.

Vendo que seu superior não o atende, sem mágoa, procura encontrar meios outros de ajudar, de influir decisões. Estão para bombardear Uruguaiana, tomada pelos paraguaios e André Rebouças, inspirado pelo Plano Maior, escreve ao Ministro da Guerra, apresentando suas objeções. Bendita carta, quantas vidas teria poupado, àquela hora! Quão importante é a palavra de um homem honrado e idealista, posta a serviço da Humanidade! De que mão arrojada pode ter partido muita vez a salvação e a felicidade de tantos! No entanto, neste século, às portas do Terceiro Milênio, quanta gente utiliza o verbo escrito ou falado em prejuízo alheio, totalmente cego às consequências funestas que advirão aos outros e a si mesmo.

No Plano Espiritual, companheiros observam-lhe as ponderações justas, de tal sorte que a carta vem ter às mãos do Imperador D. Pedro II.

Não se passa muito tempo e chega ao campo de operações o

Duque de Saxe e o Imperador. Logo depois chega o Conde D`Eu.

André adianta-se, movido por uma força interior, e aproxima-se deles. Apesar das disposições em contrário de seu superior, a simpatia entre eles é imediata. Trata-se de espíritos voltados para a mesma causa de Ismael, recrutados no Plano Maior, antes do reencarne.

O engenheiro mulato encontra imensa receptividade no mandatário da nação e em seu genro. O Duque de Saxe não participa daquela afinidade instantânea. Abomina mesmo estar ali, detesta o campo de luta e teme até por si mesmo.

A bondade de D. Pedro interrompe as assertivas do comandante às falas tímidas do tenente André Rebouças.

— Já analisei sãs opiniões quanto a campanha. — ia dizendo o superior.

— Já conheço suas colocações. — pondera o Imperador. — contudo, desejaria eu mesmo conversar com o tenente.

— No curso de toda a História, observamos que um ataque frontal às cidadelas se constitui num banho de sangue desnecessário. Se mantivermos o cerco, sem bombardeio, conseguiremos a rendição dos paraguaios, sem chacinas inúteis.

As ponderações vêm numa voz calma e triste. Ao Conde D`Eu não passa despercebida a inibição, a timidez do tenente, conquanto transpire o grande valor moral e a firmeza de suas convicções.

Antes mesmo que o Imperador responda, o conde vê o brilho no olhar do pai de sua esposa. Sabia o quanto ele sentia o desenrolar do morticínio nas fronteiras. A princesa sempre comentara os pesadelos paternos, desde que aquela guerra se instalara, nos quais afigura do Cristo era uma constante, marcada no subconsciente espiritual.

— Acreditamos que o cerco nos trará a vitória, sem outros desgastes inúteis. Estou pelo cerco...

Seu sorriso cúmplice aborrece o comandante, que deseja reargumentar, mas Pedro, batendo paternalmente no ombro de André, solicita:

— Meu filho, gostaria de ouvir todas as tuas opiniões, e analisar os aspectos mais locais de tuas observações.

E o convidara a sair, pelo acampamento, em conversa informal.

O coração de André exulta. Parece-lhe que o velhinho é alguém de há muito conhecido. Associa imediatamente sua atitude ao gesto paterno.

A amizade iniciada, então, haveria de perdurar durante toda a vida. As conversas com o Imperador e o Conde lhe refrigeram a alma, macerada pela preterição a todos os seus mais altos ideais e ao seu valor.

Numa das visitas ao alojamento, o engenheiro observa a atenção que o Conde punha aos voluntários negros.

Isto o levou a ponderar sobre o efeito gradativo das conquistas abolicionistas.

— O Brasil é o último reduto desta abominação, mas terá que ceder. Nem é ponderável o temor da economia, pois as nações mais adiantadas sobrevivem sem a escravização de seguimentos de sua população.

A princesa tem um momento de profunda ternura, quando pensa nos escravos e, temos certeza que as classes mais elevadas podem já sentir o brado clamoroso da vergonha que é o Brasil aceitar esta conjuntura.

— É o preconceito e a perfídia, aliadas a algumas oligarquias, que seguram ainda e, temo, segurarão por longos anos, este infortúnio. Bem fez meu sogro em prometer liberdade ao contingente negro, que se alistasse. Isto nos põe frente a um dilema: o de utilizar mais uma vez o generoso sangue destes valentes, com uma promessa aviltante, mas é um meio de servir

ao Brasil e ao interesse de homens fortes. Contudo, isto me machuca a alma. A discriminação é terrível até no campo de luta. Eu, embora em escala menor, sofro a discriminação, pelo fato de ser francês, considerado um estrangeiro, com isso, prejudico os interesses da companheira, que também sofre ao me ver no campo das operações.

A pressão do momento vivido, com riscos para a soberania do Brasil, não deixa de impressionar, senhor Conde, desde que possamos sentir as garras do leão inglês no fundo de toda esta avalanche de acontecimentos.

O Conde observou o homem tímido e fraco ao seu lado. No rosto havia as marcas das noites indormidas, da dedicação excessiva.

— A Inglaterra, meu amigo, mesmo sem interesses humanitários, ao apressar os navios negreiros, faz um papel muito importante na transição brasileira.

Nem sempre os poderosos, tangidos pelos interesses puramente econômicos, deixam de ser impulsionados e utilizados por um poder maior que a todos nos governa.

As conversas foram trocas amigas entre o pobre rapaz, preocupado com a educação dos irmãos menores e os membros da Família Imperial.

Sedimentou-se ali a amizade e respeito, o carinho e dedicação que durariam toda a vida carnal, de vez que fora apenas um reencontro de almas afins, tocadas por ideais semelhantes.

André jamais esqueceria o impacto causado pela figura do Imperador e só desejava poder chamá-lo de pai amoroso, o que faria um dia, no reencontro total daqueles seres valorosos e bons.

CAPITULO VII - PRIMEIRO AMOR

Lembrava-me bem. Fora a dezesseis de abril de 1863 quando ergui por primeira vez a voz, para saudar Eugênia Câmara. Tinha dezesseis anos e no meu rosto se refletia a impressão sentida, paixão e fogo, e os colegas me empurraram a decisão. Ela me encantara como a Dalila de Feuiellet. Tuberculose, Abolição e Eugênia seriam as três forças em minha vida. Foi dali que se iniciaram minhas constantes brigas e disputas com Tobias Barreto, e minhas implicâncias futuras com estes dois críticos a tudo o que eu fazia: o RRR Rabelo e o BBBBarreto.

No sótão, à noite, a dor no peito e a morte a me espreitar, faziam-me lembrar de minha mãe, da tuberculose, da fraqueza do peito, de meus pais, e apesar das delícias sentidas nas noites de Santa Izabel, resolvi retornar ao lar paterno, procurando amenizar o cerco que a doença me fazia em Salvador. O lar é o amparo maternal e fraterno de minhas iaiás, o carinho do Guilherme e do Gregório, as atenções à mesa. Corri o risco de perder o ano, mas não perdi o caminho de casa. Não me arrependi. Aos poucos senti que a dor, enciumada dos carinhos desvelados que recebi em casa, me deixava, dando lugar a um bem estar que há muito tempo não sentia.

Após um ano de refazimento, reconheci que o tempo estava me escorrendo pelos desvãos das horas, e que eu perdera os exames, deixados ao largo. Resolvi tomar o navio, rumo ao Recife.

A bordo tive uma surpresa agradabilíssima. Travei conhecimento com Fagundes Varela. Sua inteligência aguda, a tristeza de seus versos, a melancolia no olhar, a rebeldia dos cabelos ao vento, sua experiência de vida tão ricamente trágica, tudo me atraía. Estava envolto na melancolia, na impressão de perda total com a morte do filhinho que lhe deixara, bebia muito num suicídio indireto. As belezas de seus versos me fizeram companhia durante todo o percurso. Trocávamos impressões:

— A vida é um sonho ou pesadelo, que a morte surpreende a meio do caminho.

— A morte é a única certeza do ser humano. É certa, porque iguala as pessoas e combate o orgulho.

— Deus seria chamado a explicar-se? Ou, por não achar solução para a miséria humana, colocou o portal da morte, como mudança. Imagina. Um lugar onde não se precise de corpo, não se envelheça ou adoça, não se precise de dinheiro, onde não haja mais dor ou hipocrisia.

— Estás a imaginar o próprio paraíso.

— Se não houver um é mister que se o invente, para o meu anjo que partiu.

— Pois é assim que a vejo. Quero cantar a morte como a libertação.

— Para se libertar é mister ser-se antes escravo. Eu o sou da dor.

— E eu quero ser do amor.

Passei a admirar-lhe o estro, tanto quanto admirava Casimiro de Abreu, recém desencarnado, e de quem fôramos buscar inspiração para o jornal As Primaveras.

Retomei os estudos e fui morar no Bairro de Santo Amaro com Idalina, uma jovem amante, mas estava com a imagem de Eugênia gravada em meu inconsciente espiritual. Estava já com dezoito anos. Em meio aos estudantes, comecei uma produção maior de poemas abolicionistas, cedendo-lhes tanto espaço que comecei a pensar em preparar um livro.

— Como o irás chamar? — perguntou o amigo Luis Ferreira Maciel Pinheiro.

— Que outro nome dar-lhe senão “Os escravos”? Não é disto que trata?

Estrofe após estrofe, meu arrebatamento não tinha limites:

“— Quebre-se o cetro do Papa,
Faça-se dele uma cruz!
A púrpura sirva ao povo,
Pra cobrir os ombros nus!
Banhe-se de luz os prostíbulos,
E das lascas dos patíbulos,
Erga-se a estátua aos heróis!”

Não mais os langores da vida bucólica, com Marília. Agora eu me entusiasmava, na imagem mnemônica dos patíbulos e dos heróis.

As disparidades sociais, as injustiças, em meio ao progresso que se conquista, a indústria que se enquista no solo pátrio, me impulsionam, me arrebatam.

Vaidoso, a gravata colorida, os cabelos abundantes, levo os amigos ao delírio, a apoteose, ao êxtase.

E escrevo quase febrilmente, em meio a bonanças e tormentas.

Mas a morte de meu pai, (23 de janeiro de 1866) marca novo roteiro, e demando Salvador, onde encontraria e louvaria as graças das filhas de Amzalack (Simy, Ester e Mary). Os antigos costumes donjuanescos ainda me atraem. Louvo-lhes as graças. Namoro Ester, a “hebreia”.

Pobre de minha madrastra! Precisa de um jovem com disposição para auxiliá-la a cuidar dos outros cinco irmãos menores de catorze anos, que meu pai lhe deixara por herança. Mas não se ilude, quanto a mim. Vendo-me sem inclinação para atender estas necessidades, manda-me de volta a Faculdade.

Retorno para cair nos braços do Augusto, do João Batista e dos amigos membros da Sociedade Abolicionista, finalmente organizada.

Um novo amor nasce em meio às tertúlias. Mal o sentira chegar, tão sorrateiro se instalara em mim. Como podia um rapazinho amar a uma mulher mais velha que ele dez anos? Eu me sentia atraído pela atriz que eu saudara sem intenção há três anos; Eugênia Câmara.

Sua imagem altiva e desdenhosa no palco me atraía inexoravelmente. Sentia por ela tão grande atração física, que não mais me contive de festejá-la diante de todos.

Os balcões do teatro testemunham as minhas palavras ardentes, as defesas apaixonadas que eu lhe faço.

Foi nesta época que fundei o jornal “Luz”. Acusou-me logo de início de plágio e outros deslizes o Tobias. E eu saí na defensiva, com todas as armas da argumentação, que me era característica, não sem um tanto de mordacidade e arroubo, cavando uma guerra entre nós. É que Tobias defendia a atriz Adelaide do Amaral e eu tomava partido de Eugênia. Vaias, aplausos, batidas de pés e poesias nos balcões do teatro passam a ser o pão de cada dia das conversas, da sociedade local, atenta, curiosa e escandalizada com os duelos que ambos promovíamos.

Começo a assediá-la sem cansaço. Eu era belo, cheio de ardor, sabia usar a palavra de forma grandiloquente, e ela, como me resistiria?

CAPITULO VIII - 1868

Lembrava-me bem! Uma noite, após as disputas verbais no teatro entre mim e Tobias Barreto, convidei-a para um jantar num dos locais mais caros do Recife. Eu declarara meu amor diante de todos, mais uma vez, no teatro. Com os olhos brilhantes de carinho dissera:

“Por que tardas, meu amor? Oh, vem comigo.

serei teu, serás minha...é um doce abrigo
a tenda de amores.

Vem! Serei teu poeta, teu amante...

Vamos sonhar no leito delirante
no templo da paixão!”

As jovens suspiravam nos camarotes, os estudantes deliravam nos balcões. O empresário de Eugênia, Duarte Coimbra, saía espantado do recinto, revoltado com minha audácia, que a cercava com declarações ardorosas onde ela fosse.

Eugênia me cumprimentara com uma mesura e, tomando a flor que lhe ornava a fronte, jogou-me em regalo.

— É hoje!— me disse o Augusto. — Convida-a para sair.

Luis, Maciel, João Batista, os amigos correram o chapéu e daí a instante uma corbeille de flores adentrava o camarim, com o convite para jantar.

Eugênia aquiesceu divertida, encantada mesmo com a minha ousadia. Seu empresário estava furioso:

— Arriskas tua carreira, tua reputação, saindo com este rapazinho estouvado.

— Que mal há num jantar? — respondera ela, entregando sua filha Emília aos cuidados da ama.

Um tilburi nos levou ao jantar encomendado pelos amigos, à luz das velas e sons de serenatas.

Eugênia estava bela. Percebi-lhe a excitação no olhar. Admirei a fibra com a qual, eu o sabia, arrostava por aquele momento as iras de seu empresário.

Tomei-lhe as mãos e as beijei com efusão. Não podeis imaginar como um rapaz de dezoito anos, tão sofrido, sentia-se encher de orgulho e satisfação por aquele momento. Eugênia era famosa, sua presença requisitada por toda a parte, saudada pela imprensa. Sua figura se impunha no palco, os louvores a antecediam e iam-lhe no rastro. Pra mim era uma estrela e eu a desejava. Pelos céus! Sim! Eu a desejava!

Falamos pouco. Eu a insinuar-me em olhares e declarações, lembrando a fugacidade dos dias, a rapidez dos anos, a realidade da vida, tocando em sua preocupação com a idade.

— O amor é infinito! — sussurrava-lhe — Não tomar-lhe o néctar até o fundo nos faz tristes e arredios. Mister ter coragem de assumir os sentimentos. Vê. Desde que te vi, diante de todos, te deitei louvores.

— São tertúlias verbais que divertem os moços.

— São batalhas de amor que os versos acalentam, mas o incêndio vem de teus olhos.

Eugênia baixara a cabeça, olhando-me de soslaio, como quisesse devassar minha alma.

— Por que duvidas de mim? O que esperas? Logo estarei velho demais. Termino o curso. Vou embora. E tua vida é também errante. Te desejo, mulher. Seja minha amante.

Eugênia corou com minha impulsividade. Apertei-lhe as mãos e debruçando sobre a mesa beijei-lhe os lábios com efusão.

Qual não foi minha surpresa, quando uma figura de mulher surgiu bem ao lado, imprecando com violência:

— Então é assim? Os teus estudos te impedem já de vir me ver, não é?

Era Idalina, com o olhar incendiado posto em nós dois.

Olhei o rapaz que nos servia. Ele, estático, não sabia o que fazer.

Os músicos deitaram melodias, cercando-nos a mesa, com o que poder impedir escândalos.

— Idalina, que me queres? Comporta-te.

Eugênia empalidecera.

Eu sentia que tudo iria ruir por terra, quando a um passo estava de minha conquista.

— Vai, mulher! Tu já sabias. Eu te dissera que um amor já me atara. D. Eugênia, esta jovem mulher teve-me um dia, ate que meu olhar no teu pousara. És meu juiz. Idalina é testemunha! De ninguém mais serei amante ou amor! Se quiseres, gritarei a Recife esta noite: Sou prisioneiro teu! Não é favor.

Eugênia se erguera. Creio que a artista que havia nela se mostrou ali. Voltando-se para Idalina, arquejante e perplexa, falou:

— Moça, qualquer que tinha sido a ligação entre ambos, já lhe digo. Acabou. Tenha orgulho, mulher, tenha amor próprio. Não se cobra de um homem um obséquio, que a ambos agradou!

E dando-me o braço, com a cabeça erguida, deixamos Idalina e saímos.

Ela estava agastada, eu admirado com a sua exaltação e, a cada admoestação que ela dizia, cobria-a de beijos e poesias sem profusão.

— Um amor. Pois não. Tal como o outro.

— O outro só existiu, quando não te sabia.

— Até que a outra dê o que a mim prometes.

— Como podes saber se não me experimentas? Eu jogo meus estudos na sarjeta. Nem sei mais o que dizer, pois todos contam que Castro Alves nada vê, só a ti.

— Pois seja, então. Penso estar louca.

— Que palavra! Que alegria! Tua boca me absolve e condena, és divina!

E eu corri a albergá-la em meu carinho, a beber a sua experiência da vida, a deitar-lhe a seiva de amor que me impulsionava, a trocar com ela a exaltação do meu desejo pela libertação dos escravos. Eugênia era minha musa, então, e passou a ser no teatro a inspiração e a voz, a interpretação de minha poesia.

Tal como outrora Marília declamava nos saraus os poemas que eu lhe dedicava, maliciosamente ocultando quem era minha musa, inspiradora, Eugênia, que fora anteriormente Dijanira, me atraía sexualmente, me envolvia, e me inspirava da exaltação dos sentidos, para os voos abolicionistas. Esta fase de amor entre nós compensava seus dissabores de vidas passadas. Seus temores à minha fidelidade, quanto a sinceridade de meu carinho para com ela, vinham da prevenção do que tinha passado, mas ruíra, porque a atração entre nós eclodiu, ao me ver fisicamente apartado de Marília. Duarte Coimbra fora no passado o velho pai Joaquim que a tentara livrar da morte, e sua prevenção para comigo tinha razão nas vidas passadas. Ele sentia que eu a poderia magoar, ou que poderia atrapalhar sua carreira teatral, como aliás acabei fazendo sem o desejar, contudo.

Em fins de setembro, toda Recife comentava nossa união num bairro pobre de Recife, o bairro do Barro.

Mas comecei a ter sonhos, num assalto crescente, como se a proximidade dela revolvesse o fundo do lago. Por uma

transmentação mnemônica, a somatória do contato com Rui, e Augusto, Luis Cornélio e Eugênia, e os contatos noturnos com Marília, em desdobramento, tudo me levava a pensar na Conjuração Mineira, em Marília, em Gonzaga.

Meus desprendimentos a Paris se intensificaram, embora ao acordar não tivesse lembranças deles, ficando a boiar na consciência uma nebulosa, que me dava instantes de abstração.

Às margens do Sena, a jovem bailarina viera ao meu encontro.

— Eu te esperava. É tão difícil viver sem ti.

— Foste tu que escolheste, Marília. Eu te quisera perto de mim.

— Não podemos. Que diferença do teu Tripuí, Da simplicidade dos meus dias na fazenda. Aqui tudo é luz e festa, mas tu me esqueceste no Brasil!

— Não o repitas. Estou interdito, não tenho possibilidade de escolher.

— Bem vê, que eu sei. Tua mãe me conta o que te ocorre. Sempre que precisares de mim, onde eu estiver, te atenderei. Mas...não pensava que tu e... ela...de novo...

— Não digas nada. Perdoa-me. Que posso fazer se não te tenho?

— Nós sabíamos que isto podia acontecer, Não devo me queixar. Além disto, eu também tenho sede de afeto. A vida é tão difícil sem alguém ao lado. O homem procura por substitutos.

— Mas não te esqueço Me acusas, no entanto, agora mesmo trabalho com afã na minha peça sobre a Inconfidência Mineira, onde és a principal personagem. Marília, perdoa-me.

— E Dijanira irá representar-me Que ironia cruel, meu querido.

Passeamos margeando o rio, e depois fomos ao encontro de

amigos em tarefas outras. Aquela noite tive a alegria imensa para mim de rever minha mãe Clélia e meu pai. Acordei com certeza de haver sonhado com ambos, mas sem noção do que ocorrera, no contato espiritual com Marília.

CAPITULO IX - GONZAGA OU A REVOLUÇÃO DE MINAS

Dois meses me ative à luta para escrevê-la, utilizando a verve de Eugênia e sua experiência. Me entusiasmei com a possibilidade de tomando um atalho, atacar o escravagismo, através do ouvidor Gonzaga.

Porém, às minhas tentativas de montar o texto, Duarte Coimbra, empresário de minha amante, não se sensibilizava. Ao contrário, isto o irritava, sem que eu desse com os motivos. É que Eugênia fora minha ex-escrava e amásia Dijanira. Duarte fora o velho pai Joaquim. Era óbvio que, conquanto o “Gonzaga” atraísse a ela e a mim, não encontrasse nele simpatias. Chegara eu ao terceiro ano da faculdade e resolvi partir para a Bahia, pois a peça para mim era, então, quase uma obsessão. Cheguei a abandonar a faculdade pela febre de levá-la a cena. Disputava com os colegas as impressões da História.

— Gonzaga foi um fraco! Jamais participara de um movimento de tal porte. Enredado se fez pelos seus inimigos. Um poltrão, um covarde com fumaças de lorde! — dissera o Tobias.

Aquilo me deixava indignado, indispondo-me ainda mais com ele.

Rui lera minha peça:

— Muito bom! — comentara no seu jeito manso. — Pareces já conhecer os personagens como teus amigos. Mas, — acrescentava a cofiar os bigodes, quando o incomodava alguma injustiça. — o que é do Tiradentes?

— Mas não vêes? Não pode ter muitos atores, ou se perde o roteiro. Eugênia acha que assim está bem. Arde de vontade de se ver qual Marília em cena. Mas o Duarte Coelho não me deixa a vez. Melhor rumar para Salvador, onde, estou certo, conseguirei o que

desejo, mesmo sem ele. Eugênia me adora. Passará por cima de suas determinações. Já tenho até visado os amigos de lá. A chegada dela será uma apoteose!

— Não devias abandonar teus estudos!

Mas, se o ouvi com prazer nos elogios à peça, fiz ouvidos moucos às advertências quanto ao futuro. Creio que eu sentia, então, que daquela vez as minhas lutas no campo do Direito iriam ser amplas e vibrantes, mas eu não teria nem tempo nem necessidade, para isto de amealhar um diploma.

Assim, chegaria a Salvador em primeiro de junho de 1867. Eugênia com sua filha Emília que eu adorava (cujo pai era o ator Furtado Coelho) fomos recebidas com festas em largo noticiário local. Diziam que chegavam a Salvador “a estrela e seu satélite”. Para meu opróbrio o satélite era eu. Ela era quem brilhava, na maneira de ver dos jornalistas de meu tempo. Isto era um golpe duro para meu orgulho e tivemos uma cena agastada por causada revolta que me tomou ao dar com a notícia.

Mas logo eu conhecia a satisfação dos aplausos, em meio às festas e declamações, que se sucediam em contínuo, na tentativa de levar à cena a minha peça teatral. (O Gonzaga ou a Revolução de Minas)

Finalmente chegou o dia tão esperado. Boa terra que jamais me negou o calor de seu afeto, que sempre me guardou no seu regaço e na qual eu pretendia conseguir a fuga para o além mar, quando fora um dos idealizadores do movimento inconfidente. Engraçado tornar ao ponto de partida, truncado pelo exílio, a saudar Marília diante de todos, mas fisicamente distante dela.

No teatro as maiores autoridades se faziam presentes, inclusive o presidente da província.

Ao terminar a peça o Teatro da Bahia, portentoso, quase veio abaixo de tanto aplauso. Eugênia feliz com o sucesso e o que ele representava em dinheiro para nós ambos, sob a ovação de todos,

me trouxe a boca do palco. Jovens me colocaram na cabeça uma coroa de louros com uma inscrição: Ao gênio. Era o triunfo, acompanhado pela multidão. Da sacada do hotel, ouvia as loas dos admiradores, mas mais que a mim eles assediavam à Eugênia.

Novas rugas surgiram entre nós dois, e, como meio de fugir às lábias dos homens, resolvi rumar para o Rio, para onde me transladei, com uma carta de apresentação para José de Alencar.

Eu o admirava. Quem não o faria então e mesmo hoje? Ele era o representante do romantismo que nos minava a todos, um mestre da palavra, um gigante do nativismo, eu pensava.

Foi com o coração cheio de entusiasmo e receio que compareci munido da apresentação à sua casa, na Tijuca.

Como me receberia ele? A simpatia entre nós foi tão instantânea que perdi de vez o controle sobre as boas maneiras e a contenção que deveria manter. Entusiasmado não me contive apenas em deixar-lhe a peça a ler, fazendo eu mesmo a leitura do texto, recitando poemas que falavam os escravos. A paciência com a qual me ouviu, regando meu palavreado com notas de incentivo, bolos e café coado na hora.

Nenhuma afetação, nenhuma atitude descortês, frente ao meu entusiasmo. As horas se passaram sem que eu as sentisse e, somente quando a noite se anunciou é que, pedindo desculpas, procurei me retirar. Ele polidamente traçou a Machado de Assis uma carta de apresentação à minha pessoa.

Ia eu ao encontro do mais mordaz dos críticos de então. Mas eu o sabia honesto e sincero e tive esperanças.

Houve um desencontro entre nós e deixei em sua casa com D. Carolina a apresentação de Alencar. Machado me procurou no hotel e não me encontrou. No Rio, o entrudo, ou as festas de Carnaval corriam e eu saí a vê-las. Eu e Eugênia havíamos tido uma discussão, pois eu estava tendo dificuldades em levar a peça ao Rio, e abandonei a “tourné” em Salvador, quando ela ia dando

tão bons frutos.

Com muito tato, Eugênia fez com que o famoso literato me esperasse e, ao retornar, o encontrei paciente e atencioso. Metódico, Machado me ouviu e foi, por certo, organizando em sua mente, toda a pujança do ideal que me acalentava a alma, mais do que as noites com Eugênia. Ouvindo-me falar do negro, seu olhar se fez suave e feliz, por sob os óculos. Ele, um mulato discriminado pelos negros, por haver se casado com uma mulher branca, e discriminado pelos brancos, por ser mulato, percebeu que, enquanto ele fazia sua crítica leve e sutil eu atacaria com o sentimento o muro tenaz da escravidão. Nabuco o fazia pela lógica, Luis Gama e Bento pelo verbo e pela ação clandestina, mas cada qual usando sua retórica e seus meios.

A breves dias, saía um artigo em que me tecia louvores, no “Correio Mercantil”

“Parece ao poeta que o tablado é pequeno: rompe o céu de lona e arroja-se ao espaço livre e azul... Deve fazê-lo sem temor. Contra a conspiração da indiferença, tem V. Exma. um aliado invencível: é a conspiração da posteridade.”

Não foi difícil conquistar o público do Rio de Janeiro com Alencar e Machado por padrinhos. Como se não bastasse os versos me jorravam em catadupa. Eu estava com Eugênia, cumpria meu desiderato de procurar ampará-la e à filha, pagando meus débitos do passado, alcançava a projeção ideada e tudo me servia de estímulo à criação. Na sacada do Diário do Rio de Janeiro declamei para uma multidão entusiasmada o Pesadelo de Humaitá, saudando a vitória brasileira na Guerra do Paraguai. Ideava o público aplaudindo o meu Gonzaga. Mas em vão gastava sola, tempo e conversa, indo de um lado para o outro, a falar com as pessoas mais influentes. No Rio imperava a politicagem de influência e, naquele momento, o teatro só atendia a um apelo de seu dono absoluto: Furtado Coelho, o pai de Emília, o ex-amante de Eugênia. E ele jamais me perdoaria conquistar-lhe o coração

arredio, envolver a mulher que ele jamais deixara de amar e desejar.

Os antigos amores de Dijanira cobravam a fidelidade em Eugênia, mas novamente ela se sentia arrebatada por mim. Contra toda minha argumentação, frente aos pedidos dela, ao sucesso em Salvador, Furtado Coelho respondeu simplesmente com um “não”.

O dinheiro ganho até então ia se acabando. Os gastos do hotel eram altos e já que o Rio de Janeiro me fechava as portas, eu rumaria para S. Paulo, onde poderia terminar minha faculdade e encenar o “Gonzaga”.

Ali vim de encontrar um homem que era por si só uma meta, um esteio, uma coluna, Jose Bonifácio, o moço, sobrinho e neto do Patriarca da Independência que nos lideraria.

Dominado pelos estudantes Nabuco e Rui, com as lembranças vívidas de Álvares de Azevedo, morto aos 21 anos, e Fagundes Varela, a cidade da garoa fervilhava de intelectuais.

Amparado por amigos inestimáveis, que entenderam a premência em que me via, faço-me companheiro do professor. O sucesso foi retumbante.

Eu precisava montar, contudo, a peça Gonzaga e tinha dificuldades de encontrar o ator principal. Sem dinheiro, como poderia manter aquele mor rebelde de Eugênia? Minhas crises de ciúme a irritam, minha irresponsabilidade a deprime, crises se avolumam entre nós.

— Foi para isto que te segui? Emília ardeu em febre a noite inteira. Nunca estive assim só e desamparada! Com Duarte Coimbra nada me faltava. Minha vida é o palco. Estou cansada de correr de um lado para o outro, igual uma cigana.

— Calma, Eugênia. Conto montar a peça com ajuda de algum ricoço.

— Também o contavas no Rio. Mas aqueles miseráveis

fluminenses só pensam em dinheiro. Além disto, é uma sociedade de escravocratas. Em que S. Paulo seria melhor? Você fica a dar com as pernas, ora com o Rui e o Nabuco, ora como um cachorrinho atrás do professor Bonifácio, enquanto o dinheiro acaba e eu me acabo com Emília.

Eu desejava ardentemente levá-la ao sucesso, encher-me de glória, fama e dinheiro, cuidar de Emília, porém estava quase arruinado. Eugênia é que nos sustentava, com outras encenações de sua companhia de teatro.

Percebei o grotesco do momento vivido. Eu a endeusar Gonzaga e Marília, usando os recursos teatrais de Dijanira, agora encarnada como Eugênia, num carinho pra com a pequena Emília, que nos fora filha em outra existência, e agora era filha de Furtado Coelho, um ex-escravo meu que ela enredara em seus encantos.

— Calma, Eugênia!

Espíritos de antigos escravos que eu não lograra conquistar pela amizade no passado, que me haviam odiado mesmo, pela sua condição, não me perdoam estar ali novamente enredado com ela. Eles a assediam, aproveitando o nervosismo e abatimento que nos envolvem. Insuflam-lhe o ânimo.

— Ponha-o para fora como a um cão sarnento! Tal como ele fez com você, no passado.

Envolta por eles, Eugênia não o percebe. Dando asas à teatralidade de seu gênio arrebatado, começa a pegar os meus pertences.

— Vai embora daqui! Vai dar com as pernas na rua e no Círculo Literário a colher aplausos. Palmas não enchem o estômago de ninguém! Palmas não compram remédio! Vai! Não posso viver de poesia! Não se paga o aluguel com poesia!

E, qual possessa, jogou à rua meus objetos pessoais, minha roupa, meus livros e anotações. Jamais supusera que ela pudesse

agir de tal forma. Reconheço hoje que o desespero aliado a entidades cruéis a impulsionaram naquele instante, do qual muitas vezes a lembrança cobrou-lhe tristeza, arrependimento e lágrimas.

Das janelas algumas pessoas olhavam a cena e eu não tinha mais como contê-la. Pedi a um menino que me chamasse um tilburi, tomei meus pertences e procurei a ajuda de Rui, enquanto o escândalo de sua atitude ia à minha frente a deitar boatos. O amigo me acolheu em sua república, providenciando mais uma cama, até que eu conseguisse outro lugar.

Mas eu desejava Eugênia. Sentia-me atraído por ela. E ela estava coberta de razão. Eu a usara de certa forma. Onde chegávamos ela era a estrela, eu seu satélite menor. Tirara-a de uma condição estável na sua Cia. De Teatro, junto a Duarte Coimbra, que dominava bem seu ofício, para uma ventura que não conseguia levar a termo. Eu queria esquecer.

Vendo os negros no passeio, entrei em casa. Os amigos estavam na aula. Eu não tinha cabeça para ouvir os mestres. Sentei-me. Abatido, cansado, desiludido, orei, pedindo a Deus ajuda.

Um amigo espiritual aproximou-se, dando-me alento. Era o ex companheiro Claudio Manoel. Aos poucos adquiri esperanças. Os sonhos de glória sobrevieram. Visualizei, como se estivesse em delírios, as dantescas cenas do escravagismo, dos navios negreiros, do tronco, das senzalas. Aproveitei o instante e escrevi, de um só fôlego, 114 versos do poema Vozes D`África.

“Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?

em que mundo, em que estrela tu te escondes,

embuçado nos céus?

Há dois mil anos te mandei meu grito,

que embalde, desde então, corre o infinito,

onde estás, senhor Deus?”

O poema devolveu-me a alegria e a disposição para a luta. Foi um sucesso! Um mês depois, sem esquecer Eugênia, mas também sem procurá-la, senti-me envolvido por uma atmosfera densa de horror e tragédia. O Plano Espiritual montava em meu quarto de estudante as cenas horríveis dos tumbeiros em travessia pelo Atlântico. Tentavam passar-me as imagens dantescas do infortúnio dos negros levados da África em magotes, nos porões pequenos para albergar tanta gente, a maioria morrendo por má nutrição, de fome mesmo, ou de febres. O esforço deles foi recompensado. Sentando-me escrevi como em transe “O Navio Negreiro”.

“Estamos em pleno mar... D’oudo no espaço
brinca o luar doirada borboleta —
e as vagas após ele correm... cansam
como turba de infantes inquieta...”

As laudas de papel pareciam-me insuficientes para gravar minha indignação.

“Senhor Deus, dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se eu deliro... ou se é verdade
tanto horror perante os céus.”

E o golpe da misericórdia no apelo vinha, quase em perplexidade:

“Existe um povo que a bandeira empresta
pra cobrir tanta infâmia e covardia!

E deixa-a transformar-se nessa festa
em manto impuro de Bacante Fria!
Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira é esta
Que impudente na gávea tripudia?!
Silêncio!...Musa! Chora, chora tanto,
que o pavilhão se lave no teu pranto...
Auriverde pendão da minha terra,
que a brisa do Brasil beija e balança,
estandarte que a luz do sol encerra,
as promessas divinas da esperança...
Tu, que da Liberdade após a guerra
foste hasteada dos heróis na lança,
antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!
Terminei apoteótico:
...Mas é infâmia demais... da etérea plaga,
levantai-vos heróis do Novo Mundo.
Andrada! Arranca este pendão dos ares!
Colombo! Fecha a porta de teus mares!"

Raiava o dia 18 de abril de 1868 quando o terminei e um suor me inundava inteiro. Esquecia-me quase que estava em São Paulo, a Sibéria, como a chamava, era como se eu estivesse vagando num tumbeiro, ao sabor dos cânticos africanos. Jamais se perdeu em mim aquela sensação tão vívida de presença, que me causou tanto horror, indignação, auxiliando-me no clamor. Abril sempre teve pra mim este dom particular de tornar-me receptivo às influências espirituais. Abril, 18, há quase um século eu caminhava a uma destinação diferente, conseguindo, pelas

manobras do alferes Xavier, escapar da morte por asfixia. Dentro do meu peito, contudo, a tuberculose minava o organismo, programando uma execução a tempo e hora marcados, na cobrança inexorável dos séculos passados.

Li e reli o manuscrito encantado com a grande carga emocional, o “frison” dramático criado pelas imagens que se sucediam, aqueles pontos de interrogação e exclamação, aquelas reticências, como lanças, adagas, cercas dum campo novo de batalha: as letras.

Tratei de decorá-lo. Urgia apresentá-lo com todas as tintas dramáticas que trazia.

E os versos ardorosos me valeram o apoio do barão de Iguape.

Finalmente conseguiria levar o Gonzaga em cena! O Ginásio Literário ainda estremecia com o meu Navio Negreiro, copiavam-no, era passado avante.

Mas onde encontrar um ator que aceitasse o papel?

A duras penas consegui que Joaquim Augusto Ribeiro de Souza aceitasse ser o desembargador. Mas nos ensaios a má vontade de Eugênia é evidente. Não parece gostar de representar Marília. Parece enciumada com a protagonista do drama, indis põe-se comigo. Resolvo ir conversar com ela. Chego humilhado a casa onde fora escorraçado. Ao me ver da janela, ela corre a abrir-me a porta. Espera um gesto meu de reconciliação. Não tenho coragem de beijá-la.

Emília é que nos tira do constrangimento, correndo para mim, na sua inocência infantil.

— Vim pedir que aceites representar Marília. Faça-o como antes. Estou empenhado com o barão, que me obsequia com o financiamento.

Ela me fita com carinho ainda:

— Perdoa-me aquele dia. Eu estava louca com os cuidados com Emília.

Eu me adianto pensando em beijá-la, mas me contenho ao ouvir.

— O Duarte pagou o aluguel. E o Furtado o médico.

Sim. Ela precisara recorrer ao pai de Emília e ao seu empresário.

Levo a mão aos bolsos e tomo dinheiro, colocando sobre a mesa. Ela tenta evitar, mas insisto:

— Vem ser minha Marília.

Eu não conseguia entender como o Furtado conseguira auxiliá-la. A Cia. de Teatro fora vaiada em cena, com a peça *Ismênia*. Ele mesmo ao dar no palco no 4º ato fora impiedosamente apupado pela plateia.

Em abril ele tratara de apressar a apresentação de *Os Miseráveis* de Victor Hugo. Era bilheteria na certa, e deste modo, conseguira arrecadar hum mil e oitocentos mil réis numa noite. Naquele dia eu ainda estava com Eugênia. Ela era a estrela do espetáculo, e, com isto, nos sustentava, agora que o dinheiro trazido de Salvador chegava ao fim. O dinheiro é que a indispusera comigo. Ela se irritava por ver que eu nada conseguia e ficava fazendo ainda planos para o lançamento de meu livro. Tratava de despachar para o Rio cartas a Luís Cornélio, para tratar da edição, colocando as palavras de Machado e Alencar no introito.

Somente em agosto finalmente o meu Gonzaga estava pronto para ir à cena. Fora uma luta, pois inimigos do passado e pessoas contrárias à abolição tentavam obstar-me. Aceita a incumbência de ser ator pelo Costa, eu via Eugênia quase todos os dias, nos ensaios do grupo teatral. Sentia-me, contudo, muito humilhado de procurá-la como mulher, pois o modo como me jogara da rua fora alvo de comentários em toda a província. Como boa

profissional Eugênia não demonstrava a emoção ao ver-me, até mesmo eu lhe ficara a dever, pois fora ela que influenciara o Joaquim Augusto para que aceitasse o papel principal do drama. Isto punha força à peça, quer pelo seu talento, quer pela sua fama.

Minha preocupação com o teatro me fez relegar os estudos. Os exames não querem saber de ideal, e Rui fala com o amigo Rodrigues Alves. No seu modo dedicado, o companheiro vem em meu socorro, providenciando aulas, que me dá no seu jeito capacitado. Poucas pessoas teriam um professor tão dedicado, quanto eu tive, então, e nenhuma pode se jactar de ter sido aluno de um futuro presidente da república. Que momentos que vivemos, que espíritos generosos nos socorreram, como a equipe de Ismael é pródiga em socorro!

Com a ajuda dele melhoro nos estudos e vejo finalmente no Teatro S. José a representação da peça O Gonzaga. Minha emoção não tem limites. Mentalmente repito as frases, vibro a cada ação. O sucesso é maior que em Salvador. Acirram-se os ânimos entre mim e Eugênia, pois entusiasmado tento uma reaproximação.

— Não é apenas a arte. A peça em si mesma. Pareces louco pelo tema! Não o suporte. Só o vejo a falar dos escravos e de Gonzaga. De Marília e Dirceu.

— Eugênia, mas não vês? É o sucesso tão almejado!

— Estou cansada disto! Cansada!

Saio desembestado e triste rumo ao Braz. Ali sempre eu e meus amigos íamos em caçadas loucas.

Um tiro ecoa e sinto o calcanhar esquerdo doer. O sangue me ensopa as meias.

Arrasto-me com alguma dificuldade. Amigos prestimosos me acolhem. Recolhido a república dos baianos, como a casa de Rui era chamada, sofro dores lancinantes.

O atentado me custara a glória do Gonzaga e meses de cama,

com febres, hemorragias, delírios e supuração, com abscessos, que eu mesmo vaso a frio.

Rui está inconsolável. Recados seguem para Luís Cornélio no Rio de Janeiro, enquanto o frio e a garoa me magoavam. Eugênia tenta me visitar, mas amigos a impedem. Vinte dias de dores tenebrosas. Consultas e mais consultas com os médicos, remédios e a dor a me macerar, com febres e delírios, enquanto o dinheiro se ia embora.

Rui resolveu que o frio de S. Paulo não me fazia bem. A tosse voltara e a hemoptise. Uma carta de Luis Cornélio, colocando-se à disposição o ajudou a decidir. A ocasião não podia ser pior. Justo naquele momento eu pensava em reconquistar Eugênia, com o sucesso do meu Gonzaga. Precisei de um portador para enviar notícias à família, para acalmá-la. Ainda demoraria um mês para receber os proventos, os frutos do meu sucesso teatral.

Como me custou o abraço último em Rui, (eu não o sabia então) e seguir a bordo com as vagas a me trazerem uma tristeza, uma mágoa funda. Parecia-me seguir uma penitência. As partidas no mar sempre me lembrariam à alma, vagamente, o exílio do Brasil, longe de Marília.

As mãos que me haviam preparado no Círculo Literário e da Loja América, apertaram as minhas. Lembrava-me do dia 30 de março e primeiro de abril. E a viagem sofrível com o vapor que jogava e as pessoas enjoando nos beliches.

Eu estava em tal estado de fraqueza que muitas vezes pensei que não chegaria ao Rio. Que dores lancinantes e, sem poder sustenter-me, deixei que o Dr. Rubino me arranjasse uma carreta para ir à rua. Por duas horas rodei até ir parar na Rua do Silva Manoel, onde no nº 3 morava o Luís Cornélio.

Não fora o carinho de D. Mariquinhas, sua esposa, de D. Maria, do Gabriel, do Vivo, de D. Joana, Dona Leonídia e Florzinha, não fora o amparo do Dr. Dutra e não sei como me

haveria.

Pensava em Eugênia e Emília, pensava no Augusto e Adelaide, em Elisa, pensava em Gregório e Guilherme e misturava ao tempo meu Gonzaga e Marília, Rui e a Loja América, os negros e aquele 21 de abril de Tiradentes, na carreta do carrasco a ser picado em quartos.

Tudo me parecia estranho, irrisório, improvável. O pé dava no pus, em abscesso e dor. Eu mesmo por duas vezes o vazei, pra livrar-me disto. Eu não o sabia, então, mas um escravo que ficara manietado e perdera a perna exigia de mim uma dor igual. Tantos séculos depois e o infeliz não se livrara da perda, nem acordara para a minha luta pela emancipação do negro. Ah! Numídia! Ah, Roma antiga que nos custou tantos débitos, e custa hoje tantos desencontros. Estive mal. Tive esperanças, contudo de sarar. Com a atenção de Luís, com sua casa, obtive melhoras duvidosas. Os médicos se animaram e a mim, mas não por longo tempo.

Em primeiro de junho o médico me informou:

— Meu filho, coragem. Não há mais o que fazer. Instalou-se a gangrena. Para salvar-te a vida, o pé precisa ser retirado. Mas uma coisa ainda deve te custar a perda. Teu peito não está bom. O uso do clorofórmio poderia te custar a vida.

D. Mariquinhas com o lenço à boca, segura o pranto. Luís Cornélio aperta-me as mãos.

— Sem anestesia, doutor? És um herói e tanto!

O médico me olhou com um sorriso de bondade:

— Não temos mais escolha.

— Pois seja, então. Procurarei não dar-te cuidados, nem gritar, não pretendo assustar teus clientes.

Ele sorriu temeroso e magoado.

A operação se fez rápida nas mãos operosas, embora para mim parecesse um século. Mas a dor como que me libertara de um

grande peso. Minha vaidade fora tocada fundo. Eu era um poeta requisitado. Moças viviam a me esticar os olhos. E agora a ausência de Eugênia... a família distante... e sem o pé esquerdo.

A recuperação foi lenta, dolorosa. Enchia minha bota de algodão e a punha presa à perna, mas não conseguia andar sem muletas.

Enquanto isto, em São Paulo, minha ex amante tentou apresentar-se ao Teatro.

A opinião pública estava exacerbada, com relação ao meu “acidente” e a desfeita que ela me fizera ganhava contornos absurdos na mente popular.

Exaltados os estudantes compareceram em massa ao espetáculo. Vaías, apupos, gritarias. Impossível fora a ela prosseguir. Eles a impediam impiedosamente.

Não podendo permanecer em São Paulo, Eugênia toma o rumo do Rio de Janeiro. Lá Furtado Coelho ainda manda. Precisa trabalhar. Ele a garante.

Vai trabalhar no Teatro Fenix Dramática.

E lá fui ao seu encontro.

Nossos olhos se cruzaram. Eu, amparado por muletas, queria por força manter-me em pé, altivo. Trocamos palavras gentis. Tive esperança que tudo pudesse voltar a ser como antes.

Mas bem depressa me convenci que meu tempo estava terminando.

A “preguiça”, a cansaça não mais me deixava. Luís Cornélio e a esposa me amparavam.

Em dezessete de novembro escrevi-lhe em desabafo:

— Adeus! Pra sempre adeus...

Sinto que vou morrer!

Posso, portanto,

A verdade dizer-te, santa e nua:
Não quero mais teu amor! Porém Minh 'alma
Aqui, além, mais longe, é sempre tua!
É madrugada. Eugênia se despede de mim entre lágrimas.
— Adeus! Se um dia o Destino
Nos fizer ainda encontrar,
Como irmã ou como amante,
Sempre, sempre me hás de achar!

Definitivamente o meu estado de saúde se agravava.
Disseram-me os médicos, repetia-me o espelho e eu resolvi seguir
para a Bahia.

Eugênia no Rio se casou com o maestro Antonio Assis
Ostemorff. Partiria depois de mim em hum mil oitocentos e
setenta e quatro, de encefalite, aos 37 anos. Mas, enquanto viveu,
aonde ia, declamava meus poemas arrebatados, pelos quais me
sentia ainda vivo ao seu lado, e com os quais, indiretamente,
servia à causa abolicionista.

CAPITULO X - DO RIO A PARIS – 1869

Castro Alves foi ferido! Atacado de emboscada? Por marido ciumento ou amante atraído?

A notícia de rastilho correu pelo correio, de boca em boca, pelo tombadilho dos navios, pelas pessoas que iam a São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia até o Norte.

Alphonsus Guimaraes, Sinhazinha, Luís Cornélio, meu caro Rui Barbosa, dos primeiros socorros, todos sofriam tremendamente.

Perderia o pé? E a tuberculose, a tosse a corroer entranhas?

Foi na Bahia, onde aspirei os ares bons da liberdade e amores, que alguém me colocou à mão um jornal estranho...Tinha sido composto com cuidado e o nome era para mim sonoro: “Ecos de Além Túmulo.”

Eu estava enjoado e não tinha em mim forças ou desejos de ler. Além do mais, embora fraco, ardia em desejos de beber Lamartine no original. Abri o jornal sem muita disposição, e deparei com frases que, aos poucos, me prenderam a atenção.

Eram falas de consolo e justiça, de dever, de liberdade, livre arbítrio e ação, reação e colheita.

Apesar do meu cansaço, lembro-me bem que devorei aquelas linhas, estranhando o conteúdo, que fugia do misticismo, e pieguismo arraigado de algumas religiões, e, com lógica e sentimento, abordavam o porquê do sofrimento. Ora, eu sofria. Sentia-me apartado das lutas, amputado, tolhido no voo qual condor, arrasado. Retornava à minha terra e não sabia se novos rumos me seriam concedidos.

Pensava na família, nos amigos, nos meus amores.

Tudo parecia fugir-me das mãos, como uma maldição.

Lembro-me que tomei algo e anotei o nome do artigo.

Depois, aos poucos, foi-me anuviando a vista, embaçada pelo sono que chegava, sempre a tardinha, junto à febre constante.

Dava graças pela tosse ter dado uma trégua, e também o enjoo. Como era bom dormir.

Penso que o jornal me caiu das mãos. Não me lembro de haver levantado. Às vezes ocorria-me fazer algo, como em delírios.

O que eu mais desejava guardar, uma carta, um mimo, uma lembrança, acabava por esconder tão bem que depois não me acudia, nem nas últimas dobras da mente, o lembrá-lo. Que dirá achá-lo.

Sei que do mole balançar da nau fui me sentindo etéreo, leve, solto. Apesar da imponderabilidade, sentia-me amparado qual convalescente, em braços seguros.

Não ouvi dizer como no corpo, porém alguém me sussurrava num linguajar diferente:

— Cecéu, querido, vem.

A doce voz me cativou, como um útero materno cativa o filho. Deixei-me envolver e fui seguindo, como se voasse, não sei a que distâncias.

Ocorria-me o desejo imenso de viajar, ir à Europa, conquistar Paris, buscar o bafejo da África e mergulhar no Oriente misterioso. Só o podia fazer à custa dos livros, compêndios que eu devorava teimosamente, quando a modorra me impunha a cama, que eu desculpava com a pecha de preguiça, e era apenas a morte a me chegar aos poucos, roubando-me a energia.

— Não saberei precisar o tempo. Teria durado alguns minutos, ou quiçá mesmo horas. O tempo é impreciso e a alma imortal, pois ainda agora em mim perdura a sensação deliciosa de entrega mútua.

— Vi Paris! Sabia que era a França! Reconheci Lion e Marselha. Como era possível ver ao mesmo tempo locais distantes, e reconhecê-los tão instantaneamente?

Da mesma forma a resposta me veio interior, inteira.

— Já estive aqui. Onde está ela?

Ela quem? Eu me inquiria estupefato com minha lucidez estranha. Eugênia? Elisa? Leontina? Ester? Quem seria a musa que assim me atraía ao outro lado do oceano?

Como se meu desejo fosse um gênio impossível de vencer, comecei a vê-la.

Em meio à ribalta, e as luzes, uma jovem me atraía. Era um balé folclórico que se via.

Observei Henriette, La poule, (como podia saber tão claramente os nomes? Parecia-me que conhecia todos aqueles bailarinos...) a representar a galinha d`angola, depois Marie, Charmaine, e tantas outras...

— Oh, meu Deus! Eu as conhecia! Como podia ser isto? E aquela moça que girava na ponta dos pés, amparada pelo bailarino?

Palmas e pancadas fizeram parar a música.

— Muito bem, meus filhos. Por hoje é só.

A professora dava por findo o ensaio e as moças e rapazes buscaram os camarins a trocar de roupa.

Desejei segui-la, mas meus acompanhantes me levaram dali.

Paramos diante de uma farmácia, num sobrado estreito, um local que me fazia sentir tão bem, tão amparado forte... Entrei a observar os vultos a trabalharem intensamente. O mesmo nome que eu anotara, do jornal, era citado na sala dos fundos, na leitura de um livro, por algumas pessoas sentadas, em atitude respeitosa...

Ouvi a leitura, em seguida comentada com muita beleza e

inspiração, por um médico de cãs brancas, e barbas laterais, muito à francesa, franzino, porém de sobranceiras com forte vinco, a testemunhar uma personalidade forte e resoluto. Estava nimbado de luz doirada. De onde eu o conhecia? Não saberia, então, definir, mas uma emoção intensa se apossou de mim.

De repente, vi chegar a jovem bailarina e postar-se ao fundo da sala mansamente. Trazia um jaleco branco, como se fosse enfermeira, os cabelos ainda presos num coque. O médico sorriu-lhe paternalmente.

A prece foi feita. Jovens se dispuseram na distribuição dos medicamentos que o médico receitava. Algumas pessoas mais humildes ainda ganhavam agasalhos e alimentos e iam saindo reconfortadas.

Eu não sabia, mas estava diante do meu grande amor do passado. Ela estava engajada nas lutas em prol daquela nova Doutrina de Amor e Luz, que era a revivescência evangélica. Marília! Marília, minha pequena, doce e terna querida! Não podiam de novo as vagas do oceano impedir-me de vê-la.

Num caudal de emoção intensa despertei de chofre. As ideias se me embaralhavam na cabeça. Que saudades de Rui e de Machado, de Varela e Casimiro. E aquela impressão forte de ter estado com Marília de Dirceu.

— Sempre isto se deva aos delírios de um doente, e aflição de ver meu trabalho teatral, o Gonzaga, finalmente com os louros que merecia. Por que Gonzaga me atraía tanto? Por que eu sabia que ele não fora covarde, que o tio de Marília, o João Carlos, estava na Conjura Mineira?

Olhei ao derredor estremunhado. Dormira no convés e que é do jornal que andara a ler? Busquei ao chão, em meio às cobertas. Nada. Alguém mo arrebatara.

Andei a perguntar. Não houve meio. Decidi que, tão logo pudesse, faria o Augusto me arranjar algum opúsculo daquele tal

de Allan Kardec, no Rio.

Ninguém me poria a peta. Iria a fundo a estudar a coisa e, se um dia me pilhasse na França, buscaria minha bailarina como um soldado.

Uma hemoptise me cortou o sonho. A tosse veio intensa e recolhi-me ao leito sob os olhares temerosos e curiosos de alguns passageiros.

— Ah, França dos meus amores! Ah, Minas do meu encanto! Por que não conseguia levar adiante o projeto de representar o Gonzaga, por todo o país, com Eugênia no papel principal? Precisava provar ao mundo de que amor e de que audácia o poeta fora capaz! Por amor àquela Marília, por amor à Verdade!

Meses depois, me chegava às mãos a resposta do Augusto. Vinha datada de 30 de junho de hum mil oitocentos e setenta.

O bom amigo tocava por mim a edição do “Espumas”. Dava-me o papel adquirido, o preço da impressão, o tipo miúdo. Contávamos com o Menezes, o Américo, o Carlos Ferreira em São Paulo, e o Melo de Moraes no Rio, algumas vezes gazetas em Recife, para distribuir e alardear...

O Camilo prometia a obra pronta para setembro. A mesma data que eu contava poder voltar ao sul em voos rasantes. Mas no meu íntimo sabia ser quase impossível. A “preguiça” não mais me deixava, sentia as forças exaurirem-se.

Quanto à obra de Allan Kardec, ele procurara em vão por uma “poética do Espiritismo”. Não sei de onde tirou que o homem era poeta! Também! Pelos deuses! Acho que me excedi no pedido e elogio. Se comparara o Thomaz pianista, o moço que lhe enviara a lançamento no Rio a Gothschalk, por certo, ele ligara o francês a Hugo ou a Lamartine!

— Raios! Por que não falei logo que a coisa estava mais para Filosofia e Religião? Creio que me lembro de ter escrito: são palavras tais que caem na alma, como um bálsamo, e afogam a

mente numa harmonia do Olimpo.

Por fim prometia-me pesquisar numa Biblioteca Espírita. Doce e terno Augusto! Mais firme que um irmão, ainda encontrava tempo para satisfazer meus caprichos, em meio às muitas atribuições que eu lhe dava.

Onde ficara o “maldito” jornal? Guilherme me prometera ver algo em Salvador. Falara que o jornal citado estava na ponta da espada do clero: “Échos de Além Túmulo”. Conquanto meio tétrico o título, quem sabe o editor me desse notícia das frases que me encantaram.

Fosse de um mundo ou de outro, não me escapariam, pois o Augusto saberia valer-me, isto eu tinha certeza.

CAPITULO XI - JOAQUIM NABUCO - 1869

— Pelo amor de Deus! Peça a Dona Ana que me compre, para que eu possa servir ao senhorzinho!

A frase cheia de dor, numa pungente súplica do negro forte e jovem, contrastava com a elegante e ingênua postura do menino claro, que vinha descendo a escada da casa grande.

O garoto estava acostumado com o carinho que lhe demonstravam os negros da vasta propriedade. Até aquele dia parecia-lhe natural que aceitasse tão inconscientemente sua superioridade, tanto quanto recebesse a subserviência generosa dos escravos.

Mas ver aquele homem negro, de joelhos, tremendo diante de si depois de haver fugido da propriedade vizinha, cujo senhor tinha fama de perverso, mexia com seus sentimentos, com sua noção de valores, com seu caráter, com tudo.

O pequeno Joaquim Nabuco era bem formado. Criança adorava os folguedos junto aos negros e com desenvoltura tratava com carinho sua ama de leite, uma escrava que o adorava também.

Agora percebia, ainda meio nebulosamente, toda a atrabiliária discrepância entre senhor e escravo.

Ele, um menino de sete anos, ter a seus pés a vida de um homem. Aquilo mexia com seus brios.

Aquela cena marcaria para sempre sua vida, seu caráter íntegro, justo e generoso, e o faria jurar, aos vinte anos, quando voltava a Pernambuco, a rever o antigo engenho de sua infância, Massangana:

— Juro dedicar minha vida ao serviço da generosa raça negra!

As recordações desfilavam em sua mente. Que saudades da

madrinha Ana Rosa. Ela, parálitica, sem nenhuma revolta, dominava com seu tino administrativo e seu carinho a todos! Distribuía as tarefas, ensinava, cortava as costuras, experimentava o ponto dos doces, organizava toda a casa, amava e era amada.

Tinha apenas oito anos quando ela partira, levando a felicidade de sua infância despreocupada com ela, fazendo-o aportar no Rio de Janeiro, na casa de três andares, junto aos pais.

Depois os comentários de Machado de Assis, à sua poesia “O gigante da colônia”. Apesar do estilo precário apontado por Machado o reconhecimento público no “Diário do Rio de Janeiro”, de seu valor, com votos para o futuro.

Sim... — lembrava — O velho Machado cismarento e desconfiado, cáustico em suas observações, se tornara um amigo querido, através das epístolas. Verdade que não se ligara às lutas abolicionistas com o ardor de Nabuco, mas quem impulsionara o cometa Castro Alves, na sua trajetória fulgurante? Quem se enchera de amizade por Rui?

Pensar no Recife, e depois a lembrança das Arcadas de São Paulo. Das conversas do pai com Quintino Bocaiúva, no Rio, a Rodrigues Alves e Afonso Pena, na Faculdade de Direito, e Luis Gama, e a chama do Abolicionismo crescendo dentro de si mesmo, Ferreira de Menezes e sua “Gazeta da Tarde”, Lucio Mendonça e a literatura por farol.

E agora, em pleno 1868, via a Câmara ser dissolvida por D. Pedro II!

Como podia o imperador, tão liberal, não entender as razões dos deputados e destituir Zacarias de Góis Vasconcellos, e colocar em seu lugar o Visconde de Itaboraí, para formar o novo Ministério? Naquele 13 de agosto de 1868, o jantar regado a discurso mostrou o grande tribuno que era Joaquim Nabuco, e o jornal Ipiranga deu destaque a sua verve e eloquência.

“O senhor Joaquim Nabuco, em nome da mocidade, porque não são moços os que não têm no peito a febre das ideias liberais, vem saudar um homem que é uma ideia, uma data que vale por uma história, um partido que é um povo: o conselheiro José Bonifácio, o dia 17 de julho, o Partido Liberal”...

Correra o tempo tão de pressa, e agora voltava ao Recife, onde as recordações desfilavam em contas preciosas, enquanto terminava seu curso jurídico.

Um escravo açoitado em praça pública reagira e matara seu senhor. Condenado à morte, escapara da prisão, mas na fuga matara um guarda.

Fora feito prisioneiro, mas quem o defenderia? Nabuco foi ter com ele.

Ao ver aquele homem, Nabuco lembrou-se daquele outro que se arrojava em desespero aos seus pés de menino.

Era a mesma cena que se repetia. Apenas o primeiro fugira para não perpetrar um crime, um ato tresloucado, frente à pressão, ao sofrimento e humilhação que lhe eram impostos. O segundo revidara, queria à força a liberdade e a dignidade humanas, que lhe eram negadas.

Que desgraça maior seria aquela de carregar dentro de si a autoria de duas mortes que perpetrara, impulsionado pelas circunstâncias?

As conversas pelas ruas e nas reuniões mostram a Nabuco que o negro Tomás está irremediavelmente perdido.

Ninguém se condoerá dele, nenhuma voz se erguerá em sua defesa.

Pede uma entrevista com o negro. Seu prestígio, que já é grande, na sequência do de seu pai, abre-lhe as portas, mesmo porque é do plano de Ismael que o verbo recifense brilhe, na defesa eloquente.

Nabuco tem diante de si um homem calado, cheio de revolta, ódio mesmo.

Aqueles olhos lembram-lhe as feras acuadas em arremetidas loucas. Sente que o escravo o esganaria ali mesmo, se não estivesse preso a correntes pesadas e algemas cruéis.

— Meu amigo, quero que me conte o que o levou ao gesto destrutivo.

O negro não lhe deu palavra.

— Sei que foi açoitado em praça pública. Bem posso ver o quanto está ainda marcado pelo chicote do feitor.

O homem continuava silente.

— Pode parecer a você que quem nunca antes sentiu uma bastonada que fosse, não possa entender o que está sentindo ou sentiu.

Nabuco se esforça para atingir o cerne daquela alma. Não por curiosidade, mas para que a sua compreensão o faça sair do ergástulo terrível em que se arrojara. Decidira-se por ajudá-lo, porém mais do que utilizar seus recursos de oratória ou seu conhecimento de Direito, tratava de resgatar aquela alma da própria queda a que se deixara levar. Para tanto é preciso que haja entre ambos confiança, compreensão. Sente que o homem está irredutível. Suas emanções, de rancor para o jovem elegante e claro à sua frente, são terríveis.

Porém algo ocorre. Ao contrário das ondas enegrecidas que o condenado emite, Nabuco está nimbado de luz doirada. Seu amor se exterioriza e dois espíritos assomam ao seu lado, trabalhando aquele ser embrutecido pela escravidão. Sem dúvida era um ser de longa história, que marcara seu trajeto com violência inaudita, e não recuara em utilizá-la novamente na tentativa de conseguir a liberdade perdida.

Ao lado de Nabuco D. Ana Rosa resplandece em bondade. Pudesse Nabuco vê-la naquele momento, enobrecida e jovem,

livre da paralisia que a prostrara, mas que jamais a impedira de ser o anjo bom e a administradora impar daquele Massangana.

Ele não a vê, de certo, porém sente que conseguirá chegar àquele ser tão diferente de si, com seu verbo tocado de amor, muito mais do que com argumentos, encontrará a brecha. Sua voz se modifica, sua tia querida está acompanhada de uma mulher negra que se aproxima do escravo Tomás e o abraça com imensa ternura. É sua avó.

O negro começa a lembrar-se de sua genitora, ralada de serviço que na sua condição de escrava ainda jovem, fora possuída pelos senhores. Sua mãe nunca se queixara. Deixava-se levar e amar pelas crianças, fossem brancas ou negras, (ele nunca conseguira entender como!) a conta suas histórias, a usar suas benzeduras a jovens e velhos, a rezar suas ladainhas estranhas, altas horas, a benefício de quem sofresse...E sua mulher? Tomada na sua frente, pelo antigo dono, na humilhação do momento, encontrara forças para falar na sua língua nagô que o amava e que ele devia esquecer o que via, porque o amor, tal como entendia, estava acima, muito acima daquela violência sexual.

Fora então que jurara matar o senhor.

A ameaça lhe custara o açoite público para lição. Tão logo se vira livre, e com forças suficientes, vingara-se.

Nabuco o toca com os dedos. Aproxima-se tanto que, se o escravo Tomás quisesse, poderia esganá-lo, mesmo acorrentado com poucos movimentos.

Era de ver-se o jovem de vinte anos dirigir-se ao outro mais velho em termos tais:

— Meu filho, bem posso imaginar a tragédia que te obrigou a te tornares um criminoso. Ninguém faria o que fizeste se não estivesse em desespero profundo. Não precisas me dizer, embora isto me ajudasse muito na tua defesa. Estou certo, Tomás, que conseguiremos livrar-te da força. Lutarei por isto, com todos os

meus recursos. Ainda que não percebas ou não entendas, meu filho, serás uma bandeira que se agitará por todo o país, tornando mais rápida e possível a Abolição.

E, tomando os ferros que afligiam o escravo, disse;

— Não te livraremos apenas da força, mas também dos ferros, e que Deus te ajude a te livrares das lembranças amargas que carregas.

Envolto pela autoridade moral, pelo carinho e pelo amor de Nabuco, e das duas entidades que se faziam presentes, o cativo narrou na sua linguagem simples toda sua tragédia.

O jovem entusiasta ouviu-o como a um irmão querido e torturado, abraçou-o e arrematou:

— Infelizmente, pagarás de algum modo por teus crimes, mas até nisto serás útil a teus irmãos em sofrimento.

O rumoroso processo seguiu. Nabuco parecia ser o único que entendia o drama do escravo. Não o comentou, contudo. Baseou sua defesa na lógica, na clareza, nos argumentos irretorquíveis, escandalizando toda a sociedade aristocrática e branca de Pernambuco, em cujo bojo nascera.

— Ele não cometeu um crime! Ele removeu um obstáculo!

Na assistência os abolicionistas se entusiasmavam. Inflamado, inspirado divinamente, Nabuco prosseguia relatando com palavras candentes a miséria, a opressão, a crueldade, a humilhação, toda a brutalidade da escravatura.

Parecia trazer em si um ardor imbatível.

Arrematou apoteótico:

— “Aquele que luta contra os agentes da punição, faz de algum modo a própria defesa individual, contra uma ordem jurídica que o não respeita nem o protege.”

Era uma tese nova e arrojada! Era um ataque frontal à escravidão!

O dinamismo daquela argumentação brilhante, que explodia como um facho de luz seria uma lição para todos os jurisconsultos dali para a frente.

Não houve como vencê-lo. Suas palavras traduziam a verdade, a ponderação, a justiça e o amor. Não era a apologia a um crime de defesa própria, era a exigência do respeito a dignidade humana.

O escravo acabou roubado à força, conquanto com prisão perpétua.

Olhava admirado e confuso aquele rapaz que, superando a pouca idade, demonstrava a grandeza espiritual de seu posicionamento e o esplendor de sua inteligência.

Jamais o esqueceria. Tentava entender porque o senhorzinho moço, o doutor das elites pernambucanas, se condoera de si, e o defendera, com tanto ardor, o abraçara como a um irmão e o chamara carinhosamente de filho.

A partir daquele momento, o negro Tomás iniciava uma transformação interior imensa. E não se saberia dizer qual vitória era maior para o jovem Nabuco; o de abrir um precedente jurídico, contra todos os julgamentos sumários de até então, com relação aos negros, ou ode resgatar uma alma do imenso sorvedouro do ódio, para novas realidades de direito e respeito ao próximo.

Enquanto isto, eu caminhava os meus voos de oratória e poesia, para o ninho antigo, combalido de amores e sonhos, querendo desesperadamente que o Brasil pudesse assistir a minha peça Gonzaga, e reunindo meus versos dispersos, para deixá-los como recordação de um amor imenso ao negro, no meu resgate para com Dijanira e meus antigos votos de uma abolição paulatina.

A vitória de Nabuco foi comemorada na colônia espiritual da qual partíramos com alegria inenarrável.

Ismael rejubilava-se com os rumos que seguíamos, todos irmanados pela concretização de uma das metas mais doloridas da Inconfidência Mineira, a abolição da escravatura!

CAPITULO XII - RUI BARBOSA

Pudessem as pedras do Ginásio Baiano falar! De que jovens! De que aprendizado! Como pode a mente humana desabrochar em viço, quando um sol a ilumina e aquece!

O lar é importante. Primeira escola! Formação, exemplo, carinho. E a escola é o incentivo, burilamento, impulso para voos!

Imaginaí um juvenzinho, cuja mãe faz doces, para auxiliar o orçamento doméstico e o pai médico encontra tempo para auxiliar os filhos a burilarem o caráter e a inteligência!

Foi no ninho afetivo de D. Maria Adélia e do Dr. João José no tronco mais pobre da família, que se escolheu o recanto onde um dos inconfidentes mais ilustres e cultos retornaria. Apesar de sua participação firme e decidida nos movimentos mineiros, ele, que fora uma das maiores culturas entre nós, um dos primeiros amigos que me haviam brindado com sua atenção e que tudo havia feito para me livrar dos autos, ele jamais esqueceria os débitos com os escravos e o obscurantismo do Clero.

Como foi reconfortante reencontrá-lo para beber novamente de sua sabedoria, para sentir-lhe a inteligência lúcida, a convicção, o posicionamento liberal e revolucionário. Foi gratificante que minha vida seguisse paralela à dele, desde os tenros anos, quando haveríamos de receber o incentivo e o carinho de um mestre inigualável, o querido Abílio Cesar Borges.

Nas festas do Ginásio Baiano, nos contatos com os mestres, na acolhida calorosa e no brilho do olhar do bondoso diretor, bebíamos o néctar mais puro do incentivo abençoado.

Eu ali chegara ébrio de liberdade e das traquinagens na Quinta e nas ruas de Salvador, com o mano José e o Gregório, a imaginação fervilhando com as histórias de Leopoldina e a

abnegação de minha mãe Clélia, e ele era uma flor de estufa preciosa, retemperada pela educação rigorosa e pela preferência paterna, que não o cumulava de mimos, antes de exigência.

Com cinco anos fora para a escola e após uma quinzena já sabia ler e conjugar os verbos. Ao voltar das aulas, o pai lhe ensinava piano e oratória.

Ah, meu querido companheiro Rui Barbosa de Oliveira, que benefício te fizeram as leituras dos clássicos portugueses, acordando-te as lembranças iluministas de nossos conchavos, ao tempo da Inconfidência Mineira. Não era a toa que, com dez anos, nos saraus familiares, já brindavas os ouvintes com Vieira e Camões.

Apesar da sobrecarga dos estudos, sei o quanto foram benéficas a todos nós e ao Brasil as luzes com as quais te douraram a cultura.

Abençoados pais! Abençoado diretor, que nos propiciou a primeira tribuna, onde eu subi em louvaminhas ainda um tanto tímidas, e que foram recebidas com um sorriso de bondade e compreensão.

Que felicidade é esta de poder-se educar um ser, fazê-lo enriquecer-se interiormente, criar força, determinação e coragem, e saber que auxiliou um broto tenro a virar árvore, que se auxiliou a ave implume a ganhar altura.

Benditos pais! Bendito diretor!

Pudessem todos os adultos ser um pouco assim. Pudessem todos beber estes exemplos dignificantes, que levaram a serdes escolhidos pelo Plano Maior, para receberdes tantos amigos de ontem, para as conquistas que lhe competiam.

Ainda sinto pulsar em mim a chama do ideal que acendestes em nosso peito tenro, cheio de ilusão e sonho.

A missão do educador, quando bem, encetada produz a combustão espontânea do ideal, e, nas ideias, o calor das

transformações.

Bendito amigo quase anônimo. Bendito educador Abílio Cesar Borges. De quantos Abílios, e Joões e Clélias utilizou-se o Plano Maior para dulcificar as tarefas, aplainar as veredas, apressar as conquistas. Mas nem todos seriam temperados ao sabor das festas e dos incentivos vossos. Que não diríamos de Luis Gama, duramente atingido em seu sentimento infantil, de Patrocínio, de João Clapp? Que não diríamos das lutas de tantos que se juntaram para a Abolição?

Será que um dia compreenderão quão importante foi esta época? Será que darão a dimensão real desta conquista, planejada por tantos e realizada paulatinamente, através do sofrimento de milhares de criaturas, algumas anônimas, sacrificadas como a trempe de negros e mulatos, que emprestaram seu esforço, para quebrar as algemas com exemplos de revolta e de altruísmo?

Ah, Brasil! Quanto sofrimento ainda te será cobrado por esta época de ingestão nos demais países, e no coração massacrado da raça negra, após o genocídio em massa do índio? Mas é preciso antes pensar quão absurdo é sequer imaginar que alguém possa ter sido um dia dono de outro ser humano! E, no entanto, o egoísmo ainda hoje tem estes absurdos. Pais, cônjuges, filhos a raciocinar como pequenos tiranos domésticos.

Mas voltemos aos voos da águia em cujas penas retemperei-me do voo ao ser ferido.

Parece-me agora que a rota foi previamente traçada no solo. Se na Bahia me iniciara, na poesia e amores, também na Bahia nós dois retomamos o bastão de nossas lutas. Parecia-me saber que ali Tiradentes por primeiro bebera as luzes da Maçonaria. Em mim tudo era exaltação, temeridade.

“A praça, a praça é do povo,
como o céu é do condor...”

Em Rui tudo era ponderação, autoridade, justiça.

Em nós dois o grito de liberdade, agora não mais contra a opressão lusa, mas voltada diretamente para a escravidão.

Honras, conquistas, golpes, e os passos naquela época nos conduzem para Pernambuco, e depois São Paulo.

Nesta terra cujo frio eu abominava, como se na Sibéria estivesse, (não fosse eu então baiano!) haveríamos de estreitar nossa amizade.

Em Recife o primeiro passo foi fortalecerno-nos para as lutas. Ele adorava minha retórica.

“Quebre-se o cetro do Papa,
faça-se dele uma cruz!”

Eu me sentia absorvido para sua análise de o quanto o obscurantismo da Igreja, o exemplo de seus prelados contribuía para que se conspurcasse mais a pátria com a escravidão, para que se mantivesse tal situação. Fora em Recife, que, em março de 1866, criamos a Sociedade Abolicionista. Que nos importava a imensa mole humana que ainda insistia no Escravagismo? Nós bebíamos sôfregos o exemplo de Frei Caneca e mais 69 membros do clero, com relação aos ideais da Rebelião Pernambucana. O desejo da Abolição fincara naquela terra dadivosa e, por isto, ali teríamos que iniciar nosso movimento. Assim, nos unimos.

Castro Alves, Rui Barbosa, Augusto Álvares Guimarães, João Batista Regueira Costa, Plínio de Lima, Luiz Guimarães Junior.

Se a prepotência fizera calar Frei Caneca e os padres seus amigos, eu e meu amigo baiano, um ex-padre inconfidente, estávamos retomando a bandeira de Liberdade, Igualdade, Fraternidade, a nossa bandeira!

Enquanto na América do Norte o episcopado em Auro de Clausura declarara que a Igreja Presbiteriana não acompanhava os que solicitassem a abolição dos escravos, pois tal atitude era contra a vontade de Deus (1845) enquanto centenas de ministros de vários credos na capital sulina resolviam que o Abolicionismo

era um ataque dos homens à Divina Providência, sendo contestados apenas pelos primitivos “quarquers”, nós, bafejados pela luz dos pais e amigos, e impulsionados pelo diretor Abílio, criávamos forças para avançar mais.

Mas a vida que já me macerava com a ausência física de Marília, a vida que fora planejada espiritualmente para ser curta e profícua, conquanto desse ensejo de estar amparado pelos contatos de espíritos amigos, companheiros inestimáveis a me acordarem para meu roteiro e me auxiliarem a seguir avante, a vida me haveria de marcar a ferro e fogo, profundamente, com a presença da dor e da morte.

Ah Boa Vista! Ah, Fazenda Cabaceiras! (Hoje Município de Muritiba - Bahia). Se a última gravara meus vagidos*, se me guardara no encanto do aconchego maternal até os cinco anos, a primeira me desvelara parte do segredo de vidas passadas, levando-me à revolta contra a opressão à raça negra e à perda irreparável de minha mãe, antes dos treze anos. Apesar dos espíritos familiares e minha mãe, naquela época serem diligentes e dedicados amigos a nos amparar, após sua partida, bem podeis imaginar o que fora para nós sua ausência física, em uma idade marcada sempre por sonhos e ideais.

Boa Vista, com suas senzalas e seus lamentos, e o chicote e o tronco a castigar escravos. Ali cada gota de suor e sangue era como que sorvida pela mente em fogo, irrequieta por aprender depressa, decifrando o latim e Horácio como se fôssemos velos conhecidos, sabendo intimamente o tempo curto, a observar a morte e fazer ronda aos meus dois amores maternos, Leopoldina, a boa ama de leite, cúmplice de minhas peraltices e D. Clélia, o gigante franzino, cujo olhar vestido de tristeza vinha repousar na minha fronte em carinhos velados, ou me seguia sedento, pela quinta, no galope do cavalo.

Foi na minha querida Boa Vista que eu senti outra discriminação que meu arroubamento não entendia:

— Por que só eu e o Zezinho vamos à escola? Por que não Gregório?

O olhar de meu pai buscou o de D. Clélia, como se a admoestasse pela excessiva liberdade dada ao negrinho, criando tanta intimidade entre eu e ele.

— Gregório tem outras ocupações. Eu cuido da educação de meus filhos. A escola do escravo é o trabalho!

Palavras duras e sábias. Como demorei a decifrá-las e como hoje as entendo por um prisma diferente. Se antes eu pensava no trabalho como castigo, a me afastar do companheiro dos folguedos, por dias a fio, hoje ambos sabemos que ele lhe foi escola abençoada de aprendizado e luta.

E lá nos íamos na conversa mole, no lombo do cavalo à caminho da escola, e das inovações do ensino, promovidas pelo diretor Abílio, naquilo que se nomeou, então, o ensino seriado. Lá nos íamos ao encontro de antigo amigo inconfidente, que havia escolhido Bahia também por berço, para novamente bebermos da França o vinho dadivoso da literatura romântica, voltada para os Miseráveis e tristes, com pitadas latinas de Horácio. Aquele nome Horácio me parecia tão familiar e sua obra tão próxima ao meu entender, que antes dos treze anos não pude furtar-me de um sonho:

— Zezinho, meu mano, vou fazer poemas disto!

— E a matemática? Amanhã tem prova! Vais te encrencar.

— Entre a matemática e Horácio sou pelo último. Conseguirei burlar os números e encantar o diretor!

— Devias era queimar a cabeça nas contas e problemas.

— Como estás maçante, Zezinho. Pensa bem: a matemática pode esperar. Horácio em versos vem primeiro!

E como desfiei Horácio na companhia de Victor Hugo, Lamartine, Camões e Bocage, Gonçalves Dias e Álvares de

Azevedo, Vigny e Byron!

Ah, Boa Vista, que me enxugou as lágrimas, quando o vento nas árvores repetia-me que Leopoldina estava morrendo.

A tristeza de Gregório era a minha. Fui encontrá-lo no dia seguinte ao pé da mangueira predileta em desalento. Não lhe disse palavras de consolo, que não as sabia por dentro de mim mesmo.

— Meu irmão!

Abraçamo-nos e choramos perdidamente.

As festas do Colégio, a alegria do encontro com Rui Barbosa e Zezinho, as peraltices de Guilherme, e as manas Amélia, Adelaide e Elisa calaram-se na Quinta.

Ela guardava na terra que eu amava os ossos de Leopoldina e a brisa parecia sussurrar o difícil resfolegar da respiração de “mainha” cada vez mais magra e macilenta.

O suor que lhe banhava o rosto à tardinha, a febre que não a deixava, a tosse a por cuidados do marido doutor, que nos tirava de perto, a ver se, com isso, afugentava a morte.

“Mainha “Clélia, querida! Quantas lágrimas ainda chora teu filho ao recordar aquele dia, em que jurei a mim mesmo que, se um dia tivesse que sair da Quinta, jamais lá colocaria os pés de novo.

Por guardar minhas duas “mainhas”, tua paragem para mim ficou santa. Era o que eu arrebatado dizia a Gregório, quando da mudança para o Largo do Pelourinho com as manas.

— Aqui eu e tu perdemos nossas mães. Para nós este lugar é tão venerável quanto o Sato Sepulcro. E, arrebatado, gravei no portão:

— Adeus, Boa Vista querida! Nunca mais te verei!

Quanta tristeza pode caber no coração de um menino de treze anos? Quanta dor pode um adulto suportar? Eu imprecava

contra os céus minha orfandade. Gregório cantava seus lamentos africanos, acompanhado pelo espírito de Leopoldina, para abafar a saudade, e Zezinho se ensimesmava a ler Byron e Lamartine, desejando a morte.

Meu pai, Dr. Antonio Alves, com a trempe de filhos, consolou-se com a viúva d. Maria Ramos Guimarães, que tentou em vão me cativar a alma. Temeroso de novas perdas, não me alberguei em seu coração, embora ela, aos poucos, tivesse se instalado no meu, com suas ternas tentativas de conquista.

Minha vida não seria fácil. Sentia-me roubado ainda, enquanto preparava a partida para o Recife, onde eu e Zezinho tentaríamos o ingresso na Faculdade de Direito.

E se lá reencontraria com Rui, também lá me esperava um irmão mais que um amigo, um amigo, mais que um irmão, Luis Cornélio dos Santos.

Foi no Convento de São Francisco que vim a conhecê-lo, mudando-me para uma pequena casa, que ele alugara às margens do rio Capibaribe.

Não mais ouvia as exprobrações de Zezinho quanto à Matemática e a Geometria.

Dava com as pernas a conhecer os lugares. Dei de fumar na rede, em prejuízo à saúde, corria para o Teatro de Santa Izabel, a ouvir os atores, a participar das disputas dos estudantes, aplaudidos ou a causar escândalo na elite local.

Não mais os cavalos da Quinta, a disciplina de Abílio, agora me enredava na coqueteria das mulheres, a altivez dos homens, sob os binóculos, os torneios verbais dos estudantes.

Se aquela vida nova me encantava, não arrancava ao mano José nenhum sorriso. Ele se deixava ficar a ler Byron e a beber conhaque.

Entidades de ex-escravos o cobravam, cercando-o, relembrando o antanho. Por me sentir indisposto ao seu lado, eu

não conseguia arrancá-lo de sua obstinada reclusão, por não conseguir ler seus poemas, que ele escondia, temeroso de críticas e observações, eu saía com Luis Cornélio, sedento de novidades.

Foi realmente aparvalhado que, ao tornar encontrei a casa em reboleiro. Era 9 de fevereiro de 1864. E, só então me dei conta da tragédia que nos rodeava. Ao tornar do Teatro, vendo minha popularidade entre os estudantes crescer, no torneios verbais, vibrando com a glória dos versos nas tertúlias, e nas letras do jornalzinho “A primavera”, que eu fui sacudido com a notícia inesperada:

— Nhô Zezinho se matou! Nhô Zezinho se matou!

Meu mano! Que me valia, então, os aplausos da plateia, e o riso matreiro da atriz Eugênia Câmara? O amor de seus braços experientes e seus beijos, a luta pelos escravos, agora que meu amigo de longa data tombava daquele modo? Recriminava-se por havê-lo deixado sozinho. Perdera Leopoldina e “mainha” Clélia, perdera a Quinta e Salvador. Esmurrei a parede com força, machucando a mão e chorei desesperadamente. Luis Cornélio me amparava nas providências a tomar. Foi então que resolvi me esforçar para entrar na Faculdade. Meu pai estava tão ralado de desgosto quanto eu mesmo. E eu prometi mentalmente a Zezinho, diante de seu esquife:

— Vou estudar Matemática!

E o fiz com método, com tristeza, com lágrimas, sempre a me lembrar dele. Nós dois estávamos procurando crescer e estudar. Por que ele fora envolvido de forma tão terrível pela melancolia? Começara a ausentar-se de nosso convívio, ficando sozinho no quarto a ler poemas cheios de angústia e exaltação a morte. Eu não previra o desfecho. Tudo fora rápido, doloroso, inexplicável para mim, naquele momento. Nunca a vida me parecera tão frágil. Aquele 1864 marcou para sempre em meu espírito a tragédia da partida abrupta e violenta de meu mano José, mas também me

impulsionou a entrada à Faculdade, o primeiro poema abolicionista, que iria demarcar uma posição, ratificando as decisões de meu espírito antes do reencarne.

Dois anos após a entrada à Faculdade no Recife, a companhia de Rui ainda me impulsionava. Estávamos em meio a muitas ideias a benefício do Brasil, os olhos voltados para as lutas do sul, a defesa dos escravos, quando novo golpe veio a tentar derrubar-me. Meu pai, ainda tão jovem, no meu entender, partira para a Pátria Espiritual. Eu não podia entender o porquê de tanto sofrimento, porque a Parca ímpia me estava sempre a rondar, ferindo-me nas pessoas dos amados. Todas as feridas e saudades antigas desabrocharam com vigor inaudito. Minha madrastra e meus irmãos menores precisavam de mim. Eugênia aguentava minhas explosões de revolta. Rui também fora atingido, na mesma época, com a partida de sua genitora.

Apesar de nossos protestos para que ficasse em casa, ele compareceu, naquele mesmo dia da morte de sua mãe, à aula. Premido embora pela perda da querida genitora, que com seus doces o levava rumo à Faculdade, ele, cujo sentido do dever jamais se onubiliou, não ouviu nossos apelos. Aquela decisão marcaria um rumo novo em sua vida.

O Plano Espiritual nos destinava aos grandes centros, onde faríamos evoluir as ideias. Rui foi admoestado pelo mestre, em coisa sem motivo. A arguição improcedia. Qualquer um engoliria a chamada, menos ele. Nunca vi alguém com tanta vocação para o Direito, com tanta garra pelo sentido de Justiça.

Pudesse cada homem ter um pouco deste sentir e outro seria o momento vivido.

Todos os estudantes o olhavam com espanto, compreendendo-lhe a fibra, frente a um momento de tanta angústia emocional. Tentamos intervir, porém com um gesto nos susteve, tomando as rédeas de seu destino com tamanha decisão,

que ainda ao me lembrar fico pensando em como deve ter-lhe custado aquele arroubo, tão discrepante em seus gestos de sábia moderação e sofrida análise.

Rui ergueu-se. Pequeno, franzino, com a cabeça desproporcional, grande, olhou para o mestre, sem rancor ou revide. Retrucou, respondeu. Foi sublime. Os colegas não podendo ficar inertes frente à argumentação, aplaudiram. O professor não recuou. Como todo medíocre julgou sua autoridade em cheque. Que autoridade é esta que se baseia num cargo, numa farda ou num posto? Toda a autoridade provém da justiça e do direito. Mas não o sabem os covardes.

Não podendo vencer com a força do argumento, criou com a direção da Faculdade tanta celeuma que o brilhante aluno foi constrangido a retirar-se. Para o grande Rui era um aborrecimento, um obstáculo a mais, para o professor a prova de sua inépcia, ignorância, como comprovou o futuro, dando fama ao aluno repreendido. Mas quem conhecera a justeza das admoestações paternas de Abílio, não podia engolir o escalracho do falso poder, no pedestal da bazofia. Saía da escola, mas não abandona o estudo. Se não fosse em Recife, seria na maior Faculdade de Direito de então: O Largo de S. Francisco, em São Paulo. E, assim, novamente Francisco de Assis ressurgia como abençoado patrono de nossas esperanças. Para ali, de formas diversas, todos convergíamos.

Foi em São Paulo que assistimos a queda do Gabinete Liberal de Zacarias Góis, pelo governador Itaboraí. Foi este um dos poucos atos despóticos de D. Pedro II, mas isto bastou para a agitação política.

E, nas vozes mais ardentes que se erguiam, a do professor mais querido da Faculdade paulista, o deputado José Bonifácio, o moço. Após a queda do Ministério, o professor retornou da Corte, para cair, literalmente, nos braços dos estudantes.

No jantar de 13 de agosto de 1868, Rui pronuncia o primeiro discurso político.

Quando ele se formasse, dois anos depois, em outubro de 1870, eu caminhava de retorno aos lares, me despedindo, cansado e abatido, da vida. Mas acontecera algo em mim. Ao rever na carne Rui Barbosa em Pernambuco, não saberei então dizer por que, apeguei-me aos movimento inconfidente de Minas.

Gonzaga passou a ser uma obsessão para mim. Sonhava com passagens de sua vida. Discutia, via-o injustiçado, pela História, reconhecia nele o gênio da poesia. Desejava ter um amor como aquele, dele por sua Marília. Sentia que a conhecia, que sabia a personalidade de Barbacena, como se com ele tivesse convivido, que tinha também minhas ojerizas ao Silvério e apeguei-me até ao carinho do ouvidor pelos escravos, sentindo intuitivamente, a participação do tio de Marília, o capitão João Carlos da Silva Ferrão, no movimento.

Foi no meio de nossas atividades na Sociedade Abolicionista, entre palestras, que nasceu em mim a vontade de escrever uma peça teatral que abalasse o Brasil. E esta peça não se chamaria Tiradentes. Meu ego ainda traía meu narcisismo de ontem. Eu fora Gonzaga. Eu queria resgatar Gonzaga na História, mesmo que fosse com outra a representar a musa. Desejava ser Gonzaga. Era Gonzaga e não sabia. E a doçura de Marília estava novamente comigo, renasceria de minhas mãos, agora que me sentia tão abatido, tão só, mas tão capaz de lutar.

Enquanto ele pronunciava seu discurso, eu chegava ao Rio, ébrio de vontade de vencer, de ver o Brasil aplaudindo minha amante Eugênia Câmara, mas aplaudindo-a travestida de Marília, numa peça que também seria ou era por mim idealizada como uma arma a mais pela Abolição.

Pretensões juvenis, não vos condeno. Vós me valestes o apoio de José de Alencar e a benevolência de Machado de Assis.

Quão poucos terão chance de ter recebido tanto. E quão poucos podem se felicitar de retornar, tanto tempo depois, propugnando como nós ainda por Liberdade, Amor e Justiça.

Meu tempo seria curto, mas Rui não. Seus voos seriam altos.

Em 1863 tinha havido uma cisão no Grande Oriente do Rio de Janeiro. Durante sete anos fora ele dirigido por um conservador, católico e filantropo, o marques de Abrantes. Mas os jovens ardorosos e impacientes sagraram Joaquim de Saldanha Marinho para seu sucessor. E ele manteria o cargo até a República. O Grão Mestre era o Visconde do Rio Branco, que arrancaria ao Parlamento a Lei do Ventre Livre.

Porém, um ano antes, dia 4/4/1870, vamos ver Rui apresentar na sessão da Loja América, um projeto que pedia que todos os candidatos de ingresso na Maçonaria libertassem os escravos do sexo feminino, nascidas de suas escravas. Pedia que um quinto das receitas das Lojas fosse usado para alforria das crianças, num compromisso nacional.

Os golpes de seu talento, sua coerente posição pela justiça sempre me farão acreditar no ser humano, ainda que tenhamos ouvido dele a frase mais pessimista, conquanto oportuna, que alguém já gravou:

“De tanto ver triunfar as nulidades,
de tanto ver crescer as injustiças,
de tanto ver agigantarem-se os poderes
nas mãos dos maus, o homem chega
a desanimar da virtude, a rir-se da honra,
a ter vergonha de ser honesto.”

CAPÍTULO XIII – RUMO AO SERTÃO - 1871

Eu estava pálido e magro, os ombros altos e ossudos, a cabeça, outrora altiva, pendia só e triste.

Encostado a bordo do navio rememorava minhas outras viagens, aquela com Fagundes Varela, a beber-lhe a tristeza; com Eugênia, cheio de sonhos, para o sul, em direção do Rio de Janeiro; com febres e dores lancinantes; e agora, abatido, sentindo a vida esvair-se em mim, no retorno à terra Natal.

Do ardor com que me conduzira para o sul, tornava sem a seiva dos meus vinte anos, alquebrado e silente. Fazia força para resistir, juntar os poemas dispersos, produzir o “Espumas Flutuantes”, e também publicar o Gonzaga. Era mister reunir os poemas espalhados. Era o que me sustinha, então.

Eu que sonhara viver e conquistar até a Europa, na luta pela abolição, tinha a noção que meu tempo se esgotava.

Leonídia Fraga, minha amiga de infância, recebeu-me com um carinho imenso. Adelaide me toca piano. Guilherme me ampara, Gregório é o portador de meus livros e cartas. Elisa me encanta com as sobrinhas, e Augusto Álvares Guimarães, meu cunhado, esposo de Adelaide, meu amigo querido, trata da edição de meus livros.

Estou em Salvador. É dois de julho. À pedido, a instâncias de todos, eu me empolgara e grafara um poema. Todos aguardam sua leitura. Eu também sonho poder voltar a ser o bardo, o condoreiro, em voos de interpretação. Mas a tosse sobrevém. Faltam-me as forças. Peço ao amigo que me leia os versos, para a multidão que aguarda no passeio, enquanto recolho-me ao leito a ouvi-lo, chorando copiosamente. Que pranto amargo!

Vendo-me a fraqueza, os irmãos me incentivam a buscar

novos ares. O sertão... o sertão. Para a Fazenda de Santa Izabel, do irmão de Leonídia, me conduzem. Sinto-me melhor.

Espaçadas me chegam as cartas e Augusto, falando dos assinantes para o lançamento de meus livros, e me deixo arrastar pela euforia, prometo-lhe correr para o Rio e demando Salvador em setembro.

O otimismo do amigo e da família me impulsiona. Quero sonhar, preciso acreditar que posso. Que tenho tempo.

Agnese Tricci Murri, a professora de canto e piano de minhas irmãs, alta e esbelta, mãos de mármore de Carrara, alva, de olhos e cabelos negros, me inspira poesias apaixonadas.

Ela, embora abandonada pelo marido, não se deixa cortejar por mim. Preocupa-se com a própria reputação. Em vão a louvo, em vão a chamo, em vão requisito um olhar, um beijo, uma prenda, uma graça.

A Sociedade me chama e volto em fevereiro a declamar na Associação Comercial. Escrevo a Carta às Senhoras Baianas, solicitando donativos a Sociedade Abolicionista, fiel a minha luta.

O dia de São João se aproxima, com as festas em uso. Lembro-me de Gonzaga, de suas superstições e falas escritas na masmorra triste e sinto uma profunda solidão, conquanto o amparo da família.

A noite, em Santa Izabel, lembrava-se bem. Pensava em meus amores, Idalina, Mariete, Cândida, Eugênia, Leonída, Agnese, Ester. Aos poucos as imagens como que criavam vida, povoando-me o quarto. Entrei a falar-lhes. Ideei sonetos, escrevi-os. Sombras suaves de mulheres deslizavam. Meio delirante eu as via, umas conhecidas minhas, outras como sombras fugidias de vidas pregressas. Assim as nomeei, assim as cantei: Marieta, Bárbara, Ester, Fabíola, Cândida e Laura, Dulce e... o último fantasma me tocou profundamente. Eu a podia ver.

Sim. Eu podia. Era uma jovem bela, que me encantou, com os cabelos toucados por flores de laranjeira. Dir-se-ia uma noiva! Por que estava a me sorrir com tal langor e encanto? Os versos jorraram numa espontaneidade sentida.

Era uma visão das febres, um delírio de doente, um sonho de poeta? Eu não o sabia, mas importante era que estava ali, a oitava sombra, como a chamei:

“Quem és tu, quem és tu, vulto gracioso,
Que te elevas da noite na orvalhada?
Tens a face nas sombras mergulhada...
Sobre as névoas te livras vaporoso...
Baixas do céu num voo harmonioso!
Quem és tu, bela e branca desposada?
Da laranjeira em flor a flor nevada
Cerca-te a fronte, é ser misterioso!...
Onde nos vimos nós? És doutra esfera?
És o ser que eu busquei do sul ao norte...
Por quem meu peito em sonhos desespera?
Quem és tu? Quem és tu? — És minha sorte!
És talvez o ideal que est’alma espera!
És a glória talvez! Talvez a morte!...”

Lembro-me dela. Visita-me em sonhos. Acordo melhor, se a sinto ou vejo, ainda que dormindo. Tenho saudades infindas deste fantasma que nem sei quem é. Tento chegar a janela. Penso em Agnese. Tentara beijá-la. Ela se esquivara. Ficara tão furioso que escrevera: “Fria Carlota! Cobre-te de pejo! / Mataste à sede um’alma!/ Fizeste o crime...de negar um beijo!/? Chora que este remorso é sem remédio!!!”

Minha fraqueza é tanta, que quase caio das muletas.

Lembro-me de Álvares de Azevedo. Olho Adelaide ao piano, que parara e trêmula correra em meu socorro e repito os versos que foram dele:” Se eu morresse amanhã, /Viria ao menos/ fechar meus olhos/ minha triste irmã...”

Agnese vai cantar no Teatro São João, mas quase desiste, pois sabe que estou quase no fim. Exijo eu o faça, e peço que me transladem para o quarto da frente, onde posso avistar o céu.

— Adelaide, — falo ofegante— só você, meus manos, e o Augusto, mais o médico podem entrar.

— E quando Agnese chegar?

Eu me fito no espelho. Estou cadavérico. Os olhos fundos, roxos.

— Melhor que ela me lembre como eu fui. Não quero a piedade de quem me negou um último amor.

Adelaide acede. Agnese retorna, implora, chora, mas nada consegue... Só na tarde de sexta feira, dia seis de julho de hum mil oitocentos e setenta e um, Ano Domini, pode ver-me. Mas eu já estava” morto”.

CAPITULO XIV - ÚLTIMOS INSTANTES

A respiração falta-me cada vez mais. Os olhos muito abertos eu tentava sorrir, e com um gesto pedi ao Augusto que levasse dali minhas irmãs. Meu bom Gregório chorava ao meu lado e o Guilherme. Adelaide teima em ficar, beija-me a testa, como se, com este gesto, pudesse afugentar a morte. Augusto segura minha mão, o médico toma-me o pulso, com ar de desalento.

Olho pela janela entreaberta. No céu se desenha um rosto muito estranho, de um homem francês, com suíças brancas exageradas. Depois, aos poucos, vai tomando as feições do Tiradentes. Meu pai, minha mãe e Leopoldina estão ao pé da cama à minha espera. Tento respirar e não posso. A cabeça turbilhona de pensamentos e a boca se abre, sorvendo o nada. Dos olhos lágrimas escorrem. Um raio de sol entre pela janela, indo pousar em minha ao, que se abandona entre os dedos de Augusto. Olhava já sem ver com os olhos carnavais. O médico os cerrou e o quarto mergulhou em soluços. O batuque dos negros abafou o ruído de fora. Eu os via em bandos.

Pensei que delirava. Mas me sentia carregado em triunfo, como nos meus melhores dias do Teatro. Cláudio Manoel me sorria e dizia:

— São todos teus amigos, nossos irmãos de cor. Venceste mais uma barreira, pelas mãos do amor.

Não vi, apenas soube a apoteose do dia 28 de setembro de 1871, a Lei do Ventre Livre, sancionada pela Princesa Izabel e o Visconde do Rio Branco. Ainda me recuperava na Colônia Espiritual de David, uma Mansão Maçônica do Espaço, para onde se transladam os recém desencarnados em provas difíceis. Ardia, no entanto, de desejos de retomar as lutas pela Abolição e tomar conhecimento das atividades de Marília.

CAPITULO XV - LEI DO VENTRE LIVRE - 28/09/1871

Izabel comemorava a chegada dos dois príncipes, candidatos à mão das princesas brasileiras. Ela sabia que lhe fora reservado, o Duque de Saxe, mas, desde o primeiro instante, não pode resistir ao modo refinado e decidido do Conde deu.

Leopoldina, por sua vez, não parecia nem um pouco inclinada para o francês, que, conquanto Cortez, não deixava de demonstrar nas maneiras e passeios, sua preferência por Izabel.

A ela, a espontaneidade que o nobre colocava nas suas dissertações sobre o Brasil, seu carinho para com seu pai, e aquela impressão de conhecê-lo de longa data, tudo fazia com que encarasse com o maior júbilo a chegada dos primos, em setembro daquele ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1864.

Em um mês tudo se aprestara para o casamento.

Fora tudo perfeito, na beleza da pompa material ao entendimento havido com o noivo. Ele também partilhava suas ideias de emancipação da raça negra. Brincando até advertia:

— Seria minha princesa capaz de ficar, ela sim, livre dos negros que a veem servindo desde a infância?

A pergunta encontrara nela uma profunda análise interior. Passara a noite a conjecturar sobre os servos que mais amava e se conseguiria apartar-se deles sem egoísmo.

Fora, portanto, na data de seus esponsais, que ela respondera ao seu marido, com a alforria a dez escravos que lhe haviam servido, escolhidos entre os mais amados.

— Você me surpreende cada vez mais, querida. — dissera-lhe Gastón.

— Pagaria qualquer preço, creia-me, pela alegria que me proporciona tê-lo como esposo. E, depois, foi um modo de mostrar-lhe que minha determinação pela liberdade dos negros é

real e de fazê-los partícipes de minha felicidade. Se eles quiserem ficar conosco serão recebidos com o salário de homens livres, por seu serviço.

Naqueles anos todos, sua luta para dar um herdeiro ao marido fora intensa e inútil. Sua mana casara-se a 15 de dezembro daquele mesmo ano. Viera a Guerra do Paraguai, as festas na Corte, com Gastón vitorioso saudado pelo povo.

Agora, na Europa, reconhecia que aquela viagem não lembrava aquela outra, quando viera por primeira vez conhecer o mundo de seu esposo. Da Áustria a haviam chamado. Sua irmã, após haver tido o quarto filho, mandava chamá-la. Passava mal. A perda dos dois manos, as brincadeiras na Quinta, as aulas com os professores, as representações em francês, todo o longo convívio com a mãe, o pai, antes do seu enlace, desfilavam por seu pensamento, incapaz de aceitar não poder vê-la, falar-lhe, animá-la um pouco. Leopoldina morre sem que consiga revê-la, com apenas 24 anos.

— Papai e mamãe não vão suportar mais esta carga, mais esta dor. Todos pensam que basta ser da Família Real, para ser feliz. Ah, Gastón, que fazer? Gostaria de estar lá, de ampará-los...

— Escreva-lhes, querida, e, tão logo possamos, estaremos de retorno ao Brasil.

É com ao coração na ponta dos dedos que ela escreve sua carta de amor, falando que fica na terra para ampará-los, cada vez mais, e suplicando que se cuidem e não adoeçam.

Ao voltar encontra o pai abatidíssimo. Apesar de seu carinho, a dedicação do Conde D`Eu, ele sente que a Guerra do Paraguai, aliada agora ao sofrimento de ver partir Leopoldina, mina o organismo de seu querido amigo e pai. Mister que ele viaje, descanse, saia das preocupações que tanto o martirizam.

E, com 25 anos, ela assume a primeira Regência. Viajara para Minas, antes de Gastón partir para a Guerra do Paraguai, e mais de

uma vez ouvira o companheiro lastimar que a fonte de toda a riqueza era de natureza criminosa, do trabalho negro.

Ele, que estudara na Espanha, que lutara com os mouros, brincava com seu problema de surdez, comentando com a esposa:

— Por mais surdo eu fosse, minha querida, não deixaria de ouvir o lamento e o clamor desta multidão de infelizes negros. Esta nódoa macula o Império do Brasil.

As palavras do Conde iam de encontro às suas determinações. Apesar de não ter conseguido, até então, ter filhos, sua alma maternal sentia o sofrimento das mães e filhos da raça negra.

As discussões da Câmara, a campanha abolicionista absorvem-na imediatamente. Diante dos homens mais importantes do Império, ela jurara a Constituição e assinara a Regência. Gastón provara seu patriotismo ao povo, apesar da perseguição que lhe era imposta, por estrangeiro. Ela provaria seu amor à Causa.

Vibra profundamente e se alia por amizade aos principais nomes abolicionistas. Convida-os, recebe-os na sua casa, em bailes com orquestra, música e acepipes.

Durante o mês de setembro, as discussões pela liberdade dos escravos nascidos se põe, e a lei é aprovada. A satisfação, de repente, é imensa. Escreve ao pai em júbilo:

“A lei sobre o elemento servil votou-se a 27 e foi sancionada a 28!”

Distribui com o pai a certeza de ele participa de sua felicidade. Sua carta recebe o eco das vozes argênteas, que cantam hosanas pela vitória alcançada, no Plano Espiritual. Crianças vêm em bando, jogando flores sobre o leito da princesa e rogando ao Plano Maior que lhe abençoe o desejo de ser mãe.

Mulheres negras acompanham-na a sorrir e jovens lhe

abençoam a passagem.

O conde, escolhido pelo Plano Maior para participar daquela vitória, não se cansa de jubilar-se e, na correspondência à família, narra com pormenores a sessão que sancionara a lei. Os aplausos, a aclamação do povo. O ministro dos Estados Unidos da América colhia flores que o povo atirava a Rio Branco e os senadores que haviam sustentado o projeto, frente ao abatimento dos contrários fluminenses.

“— Aqui se conseguiu com festas o que nos custou tanto sangue! Vou enviar estas flores como prova do que eu assisti aqui!”

Foram apenas 10 meses de regência, e, da imensa dor que sofrera, Izabel conseguira ligar a felicidade de milhares de criaturas.

A par e passo nossos ideais chegavam à materialização.

Com imenso júbilo Ismael dava notícias ao próprio Cristo:

— Senhor, minha gratidão é imensa. No Brasil fez-se a lei sem derramamento de sangue. Tenho esperança na irmandade entre os povos. Quando nos Estados Unidos e em outras partes estas conquistas vêm tingidas pela violência das lutas fratricidas, os corações bondosos que me deste a zelar, Senhor, partindo do Norte e Sul, e até mesmo do outro lado do oceano, estão conseguindo triunfalmente levar adiante estas conquistas do Direito Humano. Abençoado seja este torrão dadivoso, onde as raças plasmarão a fraternidade ideal sonhada.

E a Lei do Ventre Livre trouxe a todos a certeza de que se caminhava firme rumo a Abolição da Escravatura, uma das metas nossas.

CAPITULO XVI - UMA CENA NO TRONCO - 1882

O conselheiro Francisco Maria de Souza Furtado de Mendonça, sem dúvida, fora um amigo dedicado para Luís Gama.

Após a fuga, auxiliado por seu amigo Antonio Prado, a liberdade fora reconquistada com a sua ajuda, quando obtivera o lugar de ordenança do Chefe de Polícia.

Trabalhar como soldado auxiliara muito e a biblioteca do amigo era um tesouro imensurável de luz que o banhava inteiro, fazendo com que sua inteligência e seu caráter mais e mais se aperfeiçoassem.

Se não fora pela ausência de notícias da mãe querida, que sempre fora móvel de sua preocupação, ele, que não a sabia já no Plano Espiritual, poderia ser feliz. Não fora por isto e pelo sofrimento dos irmãos de raça.

A eles, em nome dela, pela esperança e carinho que recebera dos seus amigos brancos, Antonio Prado e Francisco Maria, pelos novos cometimentos que idealizava, Luis Gama dava seu tempo, sua lúcida inteligência, seus esforços, suas noites insones.

O verbo, cada vez mais brilhante, ele usava para artigos e discursos vários, quando fazia calar a voz do autoritarismo, frente à inteireza de seus argumentos, frente a eloquência brilhante que se transformava em fogo abrasador, na luta pela abolição do cativo.

Mas fora impedido de matricular-se na Faculdade de Direito em São Paulo. Pudessem falar aquelas paredes e estariam douradas das luzes imorredouras dos que por lá passavam, então. De que mentes, de que caracteres, de que eloquência, arroubo, coragem, cultura, sentimento! A elegância clássica de Rui, minha juventude exuberante em versos, e Luís Gama, que nos faltou, por um impedimento tolo. Tirou, no entanto, carta de advogado provisionado e usando-a, passou a ser advogado dos negros, dos forros, escravos, mulatos, de quantos injustiçados de sua raça houvesse. Enquanto a maioria dos mulatos procurava

safar-se da cor, dizendo-se morenos, enquanto eles branquejavam de susto e medo, Luis era todo amor, carinho e dedicação. Saudade e sofrimento que iam se transformando em adaga de luta, palavra que era arma preciosa, na peleja libertária.

O movimento abolicionista fervilhava de nomes e homens ilustres, Nabuco, Ubaldino do Amaral, Patrocínio, Silva Jardim, Rio Branco, João Clapp, e tantos outros continuavam na pugna meritória. Iniciativas dos maçons, de Norte ao Sul do Brasil, transformavam a contenda em fogo purificador do sofrimento humano. A luta estava quase chegando ao fim, mas ainda havia gentes empedernidas, exaltando o trabalho escravo, como única solução para os problemas econômicos.

Aquele dia, Luis acordara meio ensimesmado. Sonhara com a mãe e parecia-lhe que já não teria a oportunidade de vê-la viva, como sempre ideara. Tantos anos. Chegara mesmo a procurar notícias dela, tentando localizar o pai, para descobrir que o mesmo desencarnara, numa briga de rua em Salvador.

Saiu do jornal onde laborara e desceu para a rua. Sem mesmo sentir, seus passos o levaram em direção ao pelourinho, onde era costume ver escravos com as golinhas no pescoço, símbolo de sua condição de fujão e capitães de mato em busca de novidades, homens a procura de um prêmio compensador, pela captura de algum fugitivo, quitandeiras, barbeiros e moleques mascates.

Sentia-se um tanto apático. Nisto percebeu amontoamento. O coração disparou. Ele pressentiu. O açoite público ia ter mais uma vez lugar ali. Aproximou-se atraído, incapaz de fugir à cena de castigo desumano. Percebeu algumas pessoas que chegavam, como se fossem assistir a um espetáculo de diversão.

O feitor começou com o chicote, que estalou no dorso nu de um negro jovem. Incapaz de poder aceitar aquilo, Luis Gama aproveitou o ensejo para falar da crueldade da cena que tinham diante dos olhos. A princípio o acoitador fingiu não ouvi-lo.

Quando, porém, pequena multidão se juntou e os olhares dos circunstantes começaram a ficar ameaçadores, ele foi diminuindo a força os golpes. Agora, o orador se dirigia a ele, admoestando firme:

— O braço que vergasta as costas de um negro é o mesmo que está sendo sustentado pelo seu trabalho. E não se peja este senhor que, por certo, se diz brasileiro, de levantar a mão sobre seu irmão, em nome da lei humana, esquecido de que há um Deus que preside tudo e que assiste a esta barbárie. Todas as nações do mundo já se libertaram da escravização do homem. Todas as nações do mundo estão com os olhos voltados para esta terra, que se envergonha do que assiste aqui cada dia.

— Contudo, — falou uma voz ao seu lado, — Bem outra seria a atitude do algoz se olhasse com atenção as pessoas ao seu redor. Estão todos sérios. Todos o reprovam. Todos sentem ímpetos de avançar sobre ele e tirar-lhe das mãos o chicote e mais, de com o mesmo vergastar-lhe as costas, de prendê-lo no tronco e de castigá-lo como merece, por sua desumanidade, arbítrio e violência.

Luis Gama olhou admirado. Reconheceu de pronto o Irmão da Maçonaria Antonio Bento. Com seu chapéu de abas largas, sua capa preta ampla nas costas, o homem insuflava, abertamente, os mulatos e forros presentes à rebelião. Adiantou-se, puxando a capa e todos sentiram que sob ela trazia uma arma, pronta para disparar.

O jovem negro no tronco estava extenuado, quase desfalecente. Luis Gama aproximou-se:

— Quem deu a ordem para o açoitamento?

O feitor já não conseguia prosseguir. Temia que o atacassem. Suava frio.

— Ele é cria do coronel Nunes!

— Ele é um homem de Deus! Não é um animal!

Antonio Bento com seu bigode comprido e virado, olhou-o com arrogância:

— Que é isto, homem? Não tem amor à pele?

Deu um passo em frente ameaçador. Fez um gesto para outros que o seguiam, que também cercaram o local.

As pessoas incentivadas também deram um passo à frente.

— Vou chamar a milícia! — ameaçou o homem.

Luis Gama olhou-o firme:

— Chame!

Todos conheciam Luis Gama. Sabiam-no ex soldado, membro da milícia, advogado, jornalista (esta raça tão temida) rábula.

O feitor pegou o chicote e saiu, primeiro devagar, olhando para os lados, para o povo que se juntara, depois apressado.

Antonio Bento de Souza e Castro aproximou-se depressa, e com seus comparsas aliviou os ferros.

Alguns negros tomaram o jovem que quase agonizava nos braços e, em pouco tempo, sumiam sem que alguém pudesse dar notícia do paradeiro deles.

— Este homem é doido? — perguntou Ubaldino a Luis Gama.

— É um exaltado. Um homem de coragem. Não lhe aprovo os métodos, mas devo reconhecer, tem coragem.

O povo começava a circular, desfazendo a roda.

— Melhor sairmos daqui. — ordenou Luis Gama. — Podem denunciar o Bento.

Ubaldino sorriu conciliador.

— Quem o faria? Todos o temem e aos seus homens. Mas é sempre uma ação clandestina. — ponderou Luis Gama.

— A estas alturas, meu amigo, o escravo já se escafedeu para alguma residência fora de suspeita, de algum figurão de São Paulo, de onde, provavelmente, irá para Santos, ou será alugado

para algum fazendeiro do interior, necessitado de braço assalariado, para as colheitas.

— Ubaldino, tem certeza do que diz?

— Digo-te mais. Bento estava te observando com um fogo no olhar que poucas vezes tenho-lhe visto.

— O que estás a me dizer?

— Que o homem da capa preta te admira, que ele tem por ti uma estima que foge ao comum dos mortais. Sabes-lhe a índole violenta, a determinação para atingir seus fins, a rapidez com a qual articula suas ações, os homens que tem sob seu comando, sua temeridade. Ele pode não seguir teus métodos de luta, porém, pelos céus, Luis, ele tem-te quase adoração. Era o que mi dizia outro dizia o Raul Pompéia, meu querido.

— Ah! O Raul!¹ — e Luis sorriu com complacência e amizade. — Apoiaria ele o Bento, com aquela inclinação para o aplauso ao militarismo sem freios?

— E o que é o Bento, Luis? Senão um militar às avessas, com milícia própria?

— Tomar-se a justiça pelas mãos nunca, em tempo algum, deu bons resultados.

— A justiça dos homens é viciada, Luis. Além disto, dirias melhor se firmasses que Antonio Bento toma a justiça pelo rabo preso, ou seja, usa do mesmo arbítrio com o qual os homens se arrogam o direito de escravizar outra raça. Maldita Inglaterra, que começou este comércio, e agora arrota às escâncaras de piedosa. Em todas as épocas, os fortes sempre encontram meios de balirem quais cordeirinhos, com as garras afiadas sob as patas. E este Brasil, Luis, grande, rico, portentoso, está sempre sob a mira do olhar das águias, dos leões e dos chacais.

¹ Raul Pompéia - (1863-1895) Autor de obras como O Archote e O Ateneu, foi escritor, jornalista, abolicionista e republicano de escola. Suicidou-se no Natal, abatido pelas críticas de Luis Murat. Iniciador da ficção impressionista.

— Esta resistência dos poderosos daqui para que a abolição se cumpra é o que me amedronta. Os militares e a Igreja que sempre tiveram poder no país, são como micos cegos, surdos e mudos.

— Eles se levantarão, estejas certo, mas só o farão quando tudo estiver já delineado. No entanto, se conheço estas raposas, só o farão de modo a se mostrarem líderes ou heróis do movimento.

— Arre! Safa, Ubaldino! Estás com azedume excessivo e já basta para tanto meus humores. E este desfile de águias, leões, chacais e raposas está mais para Esopo que para a brasilidade.

— Pois, meu caro Luis, o Brasil está mais para ovelha espoliada que outra coisa, da qual tiram não apenas a lã, mas a pele.

E os dois amigos desceram a rua, cada qual imaginando onde estaria naquele momento o escravo que fora manietado no pelourinho, surrupiado ao seu senhor, pelas mãos do rico advogado conservador Antonio Bento.

A solução para o problema do negro não chegava. Apesar das leis Euzébio de Queiroz, que extinguiu o tráfico, desde 1850 e a Lei do Ventre Livre, os processos legais eram demorados e nem sempre cumpridos, o que fazia diariamente mais e mais vítimas e seres endividados, gerando uma roda de suplícios para os séculos porvindouros.

Por esta razão, ingente era o trabalho do Plano Espiritual, no qual eu me engajara, indo a grupos para amparo a tantos infelizes e mártires, e trabalhando até hoje junto a irmãos queridos de então, negros e brancos, para a reintegração daqueles que delinquiram e daqueles que não aprenderam a perdoar.

Em tal contingência, mesmo sem aprovar os métodos intimidatórios a firmeza da posição de Antonio Bento, era para nós motivo de júbilo, e sua presença sempre aguardada com

ânimo e satisfação pelos negros. Ele, com sua capa preta, transformara-se no anjo vingador dos oprimidos de então. E, apesar de sua ascendência aristocrática, do lustro de sua inteligência, de seus cabedais, ele jamais tangiverzava em suas decisões. Engajara tantos homens na mesma frente de combate, aos maiores desmandos do escravagismo, que seus olhos eram mil olhos, seus braços milhares de outros, seus ouvidos estavam em toda a parte. Admirava assim a paciência com a qual Luis Gama ganhava milímetros por ano na luta emancipacionista, junto aos outros idealistas, quais formigas teimosas a solapar o alicerce vetusto de um edifício tenebroso e imenso.

Naquele ano, as iniciativas abundaram no campo das conquistas, de todos os ângulos da pátria. Podia-se sentir o ímpeto que varria o Ceará e Amazonas. Em São Paulo, propugnava-se pelo trabalho do imigrante, e os jornais pululavam de artigos de companheiros que eram impulsionados pelas cortes britânicas e pela França e Estados Unidos.

No entanto, Luis Gama não se sentia bem. Vinha observando que o organismo parecia debilitado. As noites indormidas sobre os livros, as angústias e decepções, as ameaças e perseguições que vencera galhardamente, vinham-lhe minando a saúde. Ainda era relativamente moço. Sentia ímpetos de prosseguir até ver extirpado o cancro da face do Brasil, esta nódoa de sangue e sofrimento, suor e espoliação. Sentia-se tão preso à negritude de sua condição, suavizada pela doçura de irmãos encanecidos em servidão e abnegação aos seus senhores, preso aqueles meninos que perambulavam à procura de biscates, com os quais ganhariam o sustento, na capoeira, nas comidas e nos batuques, nas músicas que adentravam os salões, levando o ritmo quente e sensual de sua arte, espantando as senhoras empertigadas e fazendo corar as moçoilas e trazendo o riso sob os bigodes dos homens.

A sua vontade de prosseguir com coragem a obra ideada, o

corpo respondia com apelos de repouso constante. Luis não entendia. A alma ansiava por duelos do bem, o corpo pedia trégua. Tal como eu mesmo me sentira, assim o vi em seu quarto despojado de luxo, sorumbático e triste. Aproximei-me e falei-lhe brandamente ao ouvido:

— Luis, mais do que nós, a redenção pertence a Deus, que no-la dará, ainda tarde. Importante é que conseguiste vitórias maravilhosas. Da condição de escravo, és hoje homem de projeção e respeito. Serves de exemplo a teus irmãos de cor, honras tua mãe que tanto te ama, e que te aguarda para o reencontro tão entresenhado. Mesmo que o corpo vergue de cansaço, o espírito prosseguirá nas mesmas lutas de ontem, meu amigo. Deves saber que ontem também nós tivemos escravos, também nós nos beneficiamos com o serviço e amparo de outros irmãos, vivendo de forma indigna e até mesmo nababesca. Felizmente hoje somos diferentes. Acordamos para novas realidades e, desde algumas décadas, a Humanidade sorve os haustos de novas lições de Imortalidade, rumo a grandes conquistas e realizações. Ainda estamos engajados aqui nas lutas pátrias, enquanto outros companheiros perlustram os caminhos de redenção já nas conquistas do espaço, para as claridades espirituais do conhecimento.

Breve estaremos unidos e poderás melhor aquilatar o que te digo. Descansa e prepara-te para a partida para cá que será logo. Enquanto puderes, escreve, labuta pelo verbo, e no fórum a benefício dos demais. Mas não te deixes levar pelo desânimo. Vem comigo ver alguém que te lembra com carinho.

Instado por mim, Luis adormeceu. Tratei de levá-lo até uma fazenda onde um homem negro açoitado se recuperava dos ferimentos infringidos. A febre que o acometera amainara. Com mezinhas amigos haviam conseguido combater a infecção, e a juventude promovera o resto, amparada por mãos espirituais que velavam o moço. Luis se aproximou e ajoelhou-se ao seu lado,

tomando-lhe as mãos com emoção. O jovem sorriu para a mulher que velava ao seu lado e falou num brando sorriso, mostrando a dentadura alva:

— Precisava ver, Nhá Doca, o moço que me defendeu. Ele falava como se fosse um Deus, defendendo os home. Ele assustou siô Bastião, nhô Bento fez o resto. Si num fosse pro ele, eu istava mais retalhado ainda ou inté morto..

— Qui moço é este, menino? — perguntou a negra feliz por vê-lo quase recuperado e dando trelas à conversa.

— Me disseram qui é o jornalista Luis Gama, pois não sabe? Qui foi escravo como nois. Pode um iscravo falá daquele jeito, tão bonito e com firmeza?

— Chi, menino, ocê tem muito qui aprendê. Luis Gama já é um abulaiaiê, um marco. — e a negra jogou um beijo pro espaço, como que saudando o nome dito por sua boca.

Luis abraçou-a comovido e beijou-lhe as mãos, enquanto lágrimas lhe corriam os olhos. Ao seu lado, a mãe tão esperada ainda o conduzia, sem se deixar ver, contudo, para que a emoção não lhe fosse fatal ao organismo combalido.

Luis tornou ao corpo mais disposto. Contudo, em poucos meses, vinha a falecer.

Era o dia 24 de agosto de 1882, e uma multidão silenciosa e triste acompanhava o féretro, adentrando os muros do cemitério da Consolação. Homens de projeção, circunspectos e graves, sentiam uma lacuna enorme no coração, e uma preocupação crescente, com o movimento abolicionista, que perdia, na maneira de pensar terrena, naquele momento, um dos seus mais ardorosos combatentes. Um general de campo jamais teria homens tão temerosos com sua partida, em meio à batalha legal que se desencadeara. Entre tantos, como Ubaldino, Raul Pompéia e outros, o homem de capa preta chamava a atenção, com seu chapéu de abas largas nas mãos. Parecia menos ameaçador sem

ele. Ledo engano. Em seu cérebro fervilhavam as palavras do amigo. Na sua mente desfilava a trajetória daquela vida, seus exemplos. Deixá-lo partir, daquele modo, sem uma palavra, sem uma promessa, sem um juramento, parecia a este homem pequeno mas turbilhonado pelo arroubo das lutas, um despautério, um desperdício, uma afronta.

Dirigiram-se para o local destinado ao sepultamento.

Raul olhou Antonio Bento e Ubaldino. Ninguém dizia palavra. Negros, forros, e multados acompanhavam à pequena distância, ocultando as lágrimas, companheiros do jornal, antigos amigos das milícias, senhoras cobertas por véus negros.

Já era tarde e a lua começava a deitar seus primeiros raios dourando as lápides e prateando de tristeza o local. Ouviam-se soluços abafados. Alguns meninos, atraídos sem saber porque, observavam. A massa humana presente sentia tragicamente aquela perda, que parecia solapar as lutas da província de São Paulo. Sem que houvesse qualquer acordo tácito, os olhos de Raul foram para Ubaldino e deste para Antonio Bento. Não. Ele não fugiria ao testemunho da amizade, respeito e compromisso para com Luis. Adiantou-se arrebatado:

— Senhores, concito-vos a jurar, frente a esta cova aberta, diante deste gigante, que dedicou a sua vida à grande ideia da abolição da escravatura, que nós levaremos avante seu ideal e luta, sem esmorecimento, de todas as formas possíveis, por todos os modos, sem desfalecimento e temor.

Patético, intimorato, ergueu as mãos em direção ao caixão e disse:

— Eu juro!

Todos os braços ao redor se ergueram na mesma promessa e uma voz uníssona estremeceu o local, repetindo firme e solenemente:

— Eu o juro!

CAPITULO XVII - CEARÁ

Em outubro de 1879, rumei com amigos muito queridos para o Ceará. Meu espírito rejubilava-se ao ver tantos companheiros de outrora, impulsionando nossos ideais rumo a emancipação do negro, ao voto da mulher e naturalizados, bem como os dos católicos, dando ensejo a maior expressão de liberdade religiosa no país, numa reforma eleitoral ampla, enquanto meu amigo Rui, na Bahia, se fazia um novo bastião contra o racismo. Aguardávamos os instantes decisivos da emancipação, contando com Manoel de Souza Dantas, Patrocínio, Clapp, Nabuco, Silva Jardim, Rebouças e tantos outros.

Assisti, com o coração grato, junto às egrégoras espirituais a fundação da Sociedade Abolicionista Cearense Libertadora.

Desde o primeiro momento, rejubilei-me com a presença de João Cordeiro e de Francisco José do Nascimento, Antonio Napoleão, negro valente que, com sacrifício, comprara a liberdade da própria mãe, e tantos outros nomes ilustres.

Um ano depois, no dia 6 de dezembro de 1880, num clima de euforia e decisão, no salão de honra da Assembléia Providencial, secretariada por Antonio Martins, a reunião festiva se abre, ao meio dia em ponto, como se quisesse do sol mais forte emprestar o fulgor, a claridade, o brilho.

Figuras mais representativas da sociedade cearense comparecem à fundação. Membros da Loja Perseverança e Porvir, da Sociedade Anônima Democracia e Extermínio, da corporação Cavalheiros do Prazer e da L.M.: Fraternidade e Trabalho, do Gabinete Cearense da Leitura e do 15º batalhão e do corpo da polícia, senhores da alta sociedade local, e alguns escravos se acotovelam no recinto.

A reunião fora organizada pela “Libertadora” que aglutinara os maçons, em torno da bandeira de Liberdade para a raça negra.

Os oradores vão desfilando, incorporados às correntes superiores, divinamente inspirados, cada qual com sua verve, tão própria dos povos nordestinos, tão rica na sua retórica preciosa e inconfundível.

Progressivamente um frenesi, uma emoção vai tomando conta da assistência.

Eu, junto a escravos amigos, e antigos companheiros prestimosos, observávamos os resultados auspiciosos que se aguardavam daquela reunião, impulsionada por Ismael, com instrução direta ao companheiro João Cordeiro.

O Conselheiro André Augusto de Pádua Fleury, presidente da província se adiantara, para dar andamento às lutas da “Liberdade”. A ideia era pela emancipação total dos escravos, mas com criação de associações filantrópicas, que dessem condições profissionais a mulheres, jovens e crianças, para sua colocação social.

Uma multidão incomensurável de escravos que haviam partido entre a chibata e o trabalho forçado, engrandecidos pelas atitudes desprendidas e espiritualizadas adotadas, almas de escol, com longo percurso terreno no campo das vidas sucessivas, com lastro de conhecimentos adquiridos, doirados pela humildade do cativo, acompanhavam a cena com emoção e alegria.

Fala Antonio Martins, que deixaria lavrada a ata da reunião para a posteridade, e o presidente da Libertadora, José Correia do Amaral.

Após suas palavras cheias de entusiasmo, acolhidas com aplausos, adianta-se a nobre dona Maria Correia Amaral, entregando a carta de alforria ao escravo Ricardo.

Cada rosto uma história nova, cativante. Observamos que,

apesar de procurar manter a fisionomia inalterada, os olhos do ex-escravo estão rasos de lágrimas. Tenho desejos de mergulhar na sua mente, de buscar do antanho sua verdade, agora aureolada de redenção, de procurar nos recônditos de sua alma, as cenas de sua presente existência, mas apenas me inibo ao perceber a luz que lhe doura a fronte, dando-me testemunho de sua cultura anterior e da beleza de sua alma.

Gonçalo de Almeida Souto se sucede na tribuna, concitando os companheiros abolicionistas.

A vibração no ambiente aumenta mais e mais, dando vazão a raios que sobem aos céus, como preces e votos ardentes pela fraternidade no Brasil. Espíritos de escol tomam estas irradiações e com elas dulcificam a dor nas senzalas distantes, onde o mal impera.

O secretário da Beneficência Portuguesa expõe então seu verbo grandiloquente, aderindo ao movimento. É um instante de rara beleza, pois a Santa Casa já vinha albergando todas as vítimas do despotismo dos senhores cruéis, passando por cima da ojeriza dos poderosos.

Poesias desfilam pela voz do Sr. João Batista Perdigão de Oliveira, dando voz ao seu estro e o Sr. Antonio Papi Junior mostra sua sensibilidade com as musas. Quem diria que com armas aparentemente tão frágeis e atualmente tão desprezadas como a poesia, nós enfrentaríamos os gigantes do autoritarismo e da desumanidade.

O simpático Dr. Frederico Borges o sucede.

Os bravos, os aplausos, iam num crescendo fascinante, exprobrando a Lei do Ventre Livre, sucedendo na alocação Raimundo Brito e Francisco Dias Martins.

O Pe. João Augusto da Frota, digno de encômios e respeito de toda a população, usa a sensibilidade de seu espírito em frases eloquentes, em meio a bravos emancipacionistas. Aplaudido de

pé, abaixa a cabeça modestamente, e só se houvera como tribuno pela magnanimidade da propositura e urgência das medidas.

O Dr. G. Studart vem a tribuna num estilo dourado e não contendo a emoção ao perceber que tem consigo uma carta que eu, Castro Alves, escrevera anos antes. A emoção me faz ficar interdito, enquanto ele a lê. Recordações perpassam suaves por meu espírito, e nem percebo que lhe sucede o poeta Antonio Bezerra de Menezes, voltando a mim quando das palmas, que lhe acolhem o talento.

Depois Dr. Domingos Rodrigues da Silva, aderindo com seus pares à Libertadora.

Quando pensavam que já haviam desfilado os nomes mais representativos, as vozes ilustres das várias agremiações presentes, ergue-se o Ilmo. Sr. Tenente Felipe de Araujo Sampaio, e, após saudar a todos com palavras de grande efeito espiritual, coroa sua dissertação com a alforria de sua escrava Joana, de 25 anos, a quem ensinara a ler e escrever e o Sr. Luiz Xavier da Silva Castro dá liberdade à escrava Filomena, da mesma idade e com três filhas.

Dr. Picanço oferece sua adesão com uma opereta beneficente, e o Sr. Pedro Hipólito Girard, cidadão francês, oferece a venda de uma noite no seu quiosque, no passeio público.

O Venerável da L.:M.: Fraternidade Cearense, oferece cinquenta mil réis e o Sr. César de La Camp, cônsul da Alemanha, outros vinte mil réis, para serem utilizados na alforria de mais escravos.

O momento vivido de profunda imantação nos destinos pátrios, refletia-se, desde aquele momento, como marco renovador de uma raça, como bastião de luta e de glória, e todos vibramos com os passos decididos dados por aqueles homens e mulheres, a maioria dos quais ligados diretamente aos troncos da

Maçonaria, nomes que passam a perlustrar o Grande Livro da Vida, em feitos dignificantes, gravados na História do País, de forma marcante e decidida, pela sua atuação no movimento abolicionista: João Cordeiro, José Correia do Amaral, Dr. Frederico A. Borges, Antonio Bezerra de Menezes, Dr. Manoel A. de A. S. T. Portugal, Capitão Justino Francisco Xavier, João Chrisóstomo da Silva Jathay, Jose Caetano da Costa, João Carlos da Silva Jathay, João Batista Perdigão de Oliveira, e Eugênio Marçal, Francisco Jose do Nascimento e Antonio Napoleão e tantos outros.

J.J.T. Marrocos encerra a reunião, coberto de aplausos e os sons das bandas militares, seguindo-se a assinatura e adesão de todos os presentes.

E, acompanhando-os um número incalculável de Josés e Joões, de Fredericos e Marias, de Joanas e Carlos, de antigos negros e brancos abraçavam-se em alegria.

Foi, em meio aquele júbilo que, do Plano Maior ouvimos no ambiente a voz do Cristo a nos saudar:

— “Amados, num dia que não está muito longe, o Ceará haverá de abalar o Brasil e o Império, fazendo ver a meu enviado Longinus que, quanto antes se der a Abolição, melhor será, para que mais espíritos não se transviem e caiam nas agruras dos atos da impiedade.

Estou feliz. É mister prosseguir alimentando todos os focos do descontentamento, do Amazonas ao Rio, até as terras gaúchas, para que o Brasil ouça meu pedido de Caridade e Fraternidade entre todos os povos que estão neste coração geográfico do globo. Sei que os frutos que ora colhemos vêm das lutas de Nabuco e Patrocínio, Castro Alves e Rui, Clapp e Luis Gama, e abençoo a todos no incentivo e amor de sempre, para que venhamos a ver a redenção da raça negra.”

Alguns companheiros simples e humildes se ajoelhavam e

deixavam que lágrimas corressem pelos olhos.

O recinto se nimbou de luz que, partindo daquela Assembleia, subia e ia atingir regiões mais altas, dando conta do que ali se passava em raios rútilos, formando no local o centro de uma estrela cujas pontas convergiam para todas as regiões do país.

Quatro anos depois, no dia 22 de março de 1884, o tigre da Abolição se encontrava em Paris, onde recebe a notícia feliz que o Ceará, obedecendo ao impulso generoso de seus homens, havia respondido ao apelo de sua marcha libertadora, e daí há três dias decretaria extinta a escravidão naquele estado, ou província. Então, feliz, exclama:

— Ah, terra do sol, a Europa ouvirá seu grito!

E ele se apressou em organizar uma festa, para a qual convidou a sociedade mais representativa da França, não podendo jamais esquecer o Mestre que ambos venerávamos: Victor Hugo!

Embora o famoso literato de “Os Miseráveis” não tenha podido comparecer, nos anais da História ficaram para sempre gravadas as palavras que os irmanaram, naquele momento festivo, em que o Ceará dava um passo a frente, puxando o Brasil para novos rumos.

Foi seguinte o teor da carta que José do Patrocínio enviou a Victor Hugo:

Venerando Mestre,

Do dia 28 de setembro de 1871, uma lei declarou que ninguém mais nasceria escravo no Brasil

Na data de 25 de março de 1884, dentro de três dias, uma província brasileira, (o Ceará) graças aos esforços de associações abolicionistas decretará e fará cumprir esta outra lei: “ninguém mais morrerá escravo no meu território.”

O crime, vê-se, pois, acometido de todos os lados, mas ainda assim não está de todo punido, mais de um milhão de homens gemem ainda no cativeiro.

O dia 25 de março dá mais um golpe profundo no adversário secular.

Depende de vós, Venerando Mestre, tornar este golpe decisivo. Basta uma palavra! Ela atravessará os mares e irá repercutir no espírito do Imperador D. Pedro II, que veio sentar-se à sombra de vosso gênio.

Vossa palavra ressoará como um incentivo supremo na alma dos que lutam pela liberdade integral de seu semelhante. Com essa palavra, Venerando Mestre, se enxugarão as lágrimas de um milhão de infelizes, que gemem esmagados por um opróbrio imerecido.

Eu sei que o verdadeiro gênio tem sempre uma face vulgar: a bondade. Vosso coração não hesitará; ele virá bater ao lado do venerando Schaetcher. Uma palavra para a nossa nobre causa! Mestre, é a causa dos oprimidos.

O último, mas o mais fervoroso dos seus admiradores,

Diretor da "Gazeta da Tarde"

José do Patrocínio

Rio de Janeiro.

A carta de Patrocínio, tal como seu discurso, durante a ágape, foram redigidos em francês. Apesar de seus protestos, não compareceu ao mesmo o famoso literato francês, representando a elite local o senador Victor Schaeltcher, que presidiu o banquete, apesar de sua avançada idade.

Falou o ilustre representante do parlamento francês, entre outras coisas:

“Meus senhores e caros concidadãos: estou certo de que interpreto fielmente os vossos sentimentos, exclamando: honra aos cearenses! Que eles recebam as homenagens de nossa simpatia e de nossa admiração.

Creio também ser vosso intérprete, dizendo aos abolicionistas brasileiros: Avante! Perseverai nos vossos esforços. A nação que mais se tem dedicado ao serviço da humanidade. A Pátria emancipou os escravos de suas colônias, a França vos contempla, a República Francesa vos honra: os franceses de todas as opiniões políticas estão convosco pelo coração e pelo espírito.

Victor Hugo, o amigo de todos os oprimidos, o defensor de todos os deserdados, está impaciente, ele quer ter a notícia de vossa vitória definitiva. Não cesseis de agitar a opinião, até que tenhais arrastado todo o império a seguir o nobre exemplo da província do Ceará. Exprobrai ao Imperador, que é, dizem, um espírito liberal, a humilhação de ser o único soberano do mundo civilizado que reina sobre ilotas.

Trabalhai sem descanso, abolicionistas brasileiros, enquanto não houverdes resgatado a vossa pátria de ser o único país culto que ainda conserva a mais degradante instituição dos países bárbaros— a escravidão— esse crime social que, para a estupefação da Europa indignada, a Inglaterra de Clarkson, de Wilberforce e de John Bright, cobre neste momento com a sua bandeira no Sudão.

Termino aqui meus senhores e caros concidadãos, levantando um brinde à abolição completa dos escravos no Brasil e no mundo inteiro.”

A carta de Victor Hugo só chegaria no dia seguinte às mãos de Patrocínio, mas nós, seus companheiros de luta, aliados ao antigo ex escravo Luis Gama, nos rejubilamos. Caravanas iam de

um lado para o outro no Brasil, entre os estados ou províncias, a fim de levantar os ânimos, apressar a liberdade, auxiliar os negros e oprimidos, agitar a opinião pública.

A carta de Victor Hugo dizia:

Uma província no Brasil acaba de declarar abolida a escravidão no seu território.

Para mim esta notícia tem um alcance imenso.

A escravidão é o homem transformado em besta dentro do próprio homem. Tudo quanto sobrevive de inteligência humana dessa vida animal, é propriedade do capricho do senhor. Daí cenas abomináveis.

O Brasil deu na escravidão um golpe decisivo.

O Brasil tem um imperador que é mais do que isso, é um homem. Que ele continue. Nós o felicitamos, nós lhe rendemos a nossa homenagem.

Antes do fim do século a escravidão terá desaparecido da face da terra. A liberdade é a lei humana. Sintetizemos em uma palavra a situação do progresso; a barbaridade recua, a civilização avança.

Victor Hugo.

As grilhetas se derretiam frente a arremetida dos fogosos cavaleiros da Abolição. Em razão disso, apesar do grande movimento que ocorria em São Paulo, apesar dos companheiros do Rio, o Ceará pairará sempre como pioneiro intemorato, através de sua “Libertadora”, nas lutas de emancipação da raça negra. Nem é menos verdade que o mesmo Dr. Cordeiro, um século

depois, em espírito, receberia minha Marília ao descer do avião, quando ela, por primeira vez passava por território nordestino, a divulgar as verdades espíritas. Por que se a Abolição já foi conseguida, nós ainda não cumprimos todo o programa de emancipação brasileira, e nem o progresso evolutivo de nossos espíritos.

CAPITULO XVIII - A JANGADA DA LIBERDADE

Se o Rio conhecia o “Tigre da Abolição”, o Ceará teve no seu “Dragão do Mar” o anônimo e intemorato verbo em ação emancipacionista.

Francisco Jose do Nascimento, em meio à violência das lutas, sem pensar no perigo que corria sua própria vida, sem fazer conta do silêncio com o qual procurariam sufocar suas ações no porvir, sem procurar cargos e evidência, sem trombetear méritos não se deixou jamais esgotar em ações de valor.

Humilde e tostado pelo sol ardente, enrijecido pela luta no mar, calejado pelo afã da labuta diária, este jangadeiro simples, nascido em Canoa Quebrada, enfrenta a morte e traz sua contribuição histórica inenarrável. Que ele represente a multidão anônima de negros e pardos e brancos intemoratos que lutaram pela abolição.

Sua vida quase se interrompera, quando, com poucos dias de vida, uma espinha de peixe lhe atravessara a garganta. Os pais aflitos correram rio acima atrás do vigário:

— Valei-nos Nossa Senhora do Rosário!

As palavras ingênuas e cheias de fé, atraíram entidades benéficas. Nossa Senhora do Rosário era adorada pelos negros do Brasil (uma imagem sua fora doada por Marília ao movimento inconfidente, uma imagem paulistinha, roubada ao regaço da terra onde a escondêramos) e sua invocação traduzia uma chamada a uma coletividade de almas piedosas, que procuravam atender a tais súplicas.

O menino simples precisava ficar e o Plano Espiritual intercedeu.

Sucedeu-se o “milagre”. Com este nome a intervenção dos

espíritos, no socorro ao sofrimento humano, ganha corpo em diversos credos, porque os servidores do Cristo não procuram a gratidão, nem exigem o reconhecimento dos seus feitos aos sofredores, antes agem muitas vezes anonimamente ou sob as vestes invocadas pelos necessitados em angústias.

Mas intervém dentro de um poder maior. Intervém através das diretrizes mais altas e amplas, quando surrupiam das vascas da agonia aqueles que recebem a moratória do ressarcimento do vaso físico.

Tal se deu com Francisco que, a bordo do Tubarão, após conhecer a liberdade e beleza das praias o Ceará, tangidas pelos ventos e o cantar das palmas dos coqueiros, vê com horror o bárbaro tratamento aos negros. Sob seu olhar incendiado de terror, a Liberdade desceu seu manto branco de Poder.

Se em 1874 está no Porto, em 1877 conhece a seca do interior, nas árvores retorcidas a suplicar o socorro da água.

Foi aí que veio a conhecer nosso amigo João Cordeiro. Não fosse ele um lutador como milhares de Joãos, não fosse ele marcado pelo Cordeiro, para lutar e alcançar a fama.

E ambos se unem. Durante o ataque da fome, que tangia os desgraçados do sertão e a varíola, a peste que os encurralava nas cidades (morreram 66 mil desgraçados) ambos se encontram a benefício dos infelizes. Quantas histórias verídicas, quantas tragédias, quanta luta derramada. João Cordeiro, como Comissário Geral dos Socorros Públicos, Francisco José Nascimento, segundo práctico da capitania do porto de Fortaleza, seu eficaz colaborador.

D. Pedro II, instado pelo momento, resolve socorrer os retirantes. Este mesmo Longinus, propõe a construção de canais de irrigação para o Nordeste, que até hoje não se constroem para, deste modo, alimentar a “indústria da seca”, nas mãos poderosas dos indiferentes e dos escravos de Mamom.

Os corvos agourentos, os mercadores de carne humana correm precipites a comprar, por preços irrisórios, os escravos, vendidos em lotes, no medo que domina os fazendeiros.

Quanta miséria moral, na compra de mulheres de corpo bem feito, para satisfazer os apetites sexuais dos fazendeiros do sul e seus feitores, e até moços para o regalo sórdido dos desvios do sexo.

Da lavoura, os escravos são tangidos como mão de obra, para as estradas de ferro Sobral e Baturité.

Quando passa a peste, há necessidade de se adquirir mais escravos, alimentados à escassa farinha.

A dramaticidade das cenas vividas, nas ruas, com a peste, e nas levas dos esqueletos ambulantes, nos portos, comove os dois amigos João e Francisco.

É João quem funda a Sociedade Cearense Libertadora.

Um trinta de janeiro de hum mil oitocentos e oitenta e um a decisão é aclamada:

Artigo 1º— Um por todos e todos por um.

§ Único — A sociedade libertará escravos por todos os meios ao seu alcance.

Por testemunho daquele juramento, um punhal lançado com ímpeto sobre a mesa grande, coberta com um pano preto, com duas lanternas nos extremos e vinte cadeiras em torno, ocupadas por vinte bravos, a portas fechadas na Sala de Aço.

Entre os vinte, o jangadeiro Francisco José do Nascimento.

Começa a luta cruenta, na soltura de um por um dos escravos.

Há um fato que marcou profundamente a vida de Francisco. No vapor Pará agoniza uma mulher livre, embarcada como escrava no Maranhão, com quatro filhas, que irá ser vendida no

Rio de Janeiro. Ela está morrendo de fome, em desespero por ver suas filhas amaldiçoadas com a escravidão, sendo ela livre. De quantas histórias, de quantas tragédias similares a esta se comporá estes quatrocentos anos de trevas?

Os jangadeiros intervêm, o chefe de polícia toma-lhes o partido.

O Pará levanta âncora, deixando a mulher semi nua e esquelética no porto ao lado das filhas.

Dia trinta é a vez de nova arremetida, desta vez contra o navio “Espírito Santo” Há trinta criaturas para exportar e os jangadeiros são chamados ao embarque.

Mas outro gigante se adianta. O negro Antonio Napoleão. Conhecido e respeitado, ele comprara a própria alforria e a duras penas conseguira juntar dinheiro para comprar a liberdade da própria mãe. Desde então, seus recursos e de diversos companheiros convergiam para o mesmo fim. O escravo liberto passava a trabalhar para auxiliar a alforria de mais alguém.

O vulto negro se aproxima, no seu gingar característico, os braços musculosos afeitos a tarefas duras, a carapinha já embranquecendo, dir-se-ia um gigante saído da pena de um Hugo:

— Praieiros, ninguém arreda da areia. Ninguém faça o transporte.

Observa com o olhar firme e fiel os companheiros. A um salvara a vida durante uma tempestade, a outro salvara de uma briga de rua, a um terceiro auxiliara, num instante de precisão.

Tem alguém aqui que deseja o dinheiro maldito deste trabalho que se adiante, porque tem liberdade para fazer o que quiser de sua vida, mas nós não somos tão pobres, que vamos nos tornar renegados diante de Deus, fazendo esta desgraça.

— Eu não comboio! — fez um aderindo ao seu apelo.

— Também eu! — responde outro.

Os homens do Espírito Santo ficam indignados. É a primeira greve dos trabalhadores assalariados no Porto e não por melhores salários e sim pela libertação de 30 criaturas negras.

A polícia é chamada a intervir. Sob as baionetas ameaçadoras, adianta-se o vulto conhecido de Francisco José do Nascimento, que verbaliza a atitude de todos daí para frente.

— Nos portos do Ceará não se embarcam mais escravos!

O dono da carga oferece um milhão de réis por leva de 5 negros transportados.

Mas o encontro que haviam tido instantes antes na Palhoça do Peixe, a palavra empenhada, a honra vale mais.

Dos trapiches os escravos escutam um grito:

— Abaixo a Escravatura!

E o Espírito Santo zarpou sem sua carga;

Venciam os praieiros. Aturdidas as autoridades levam a ferro e fogo a determinação de reabrir o tráfico. O povo os pressiona. Os casos de arbítrio são acusados nos diários do porto.

Um dia os praieiros ficam sabendo que a bordo de um navio viaja uma mulher de nome Francisca, com sete filhos, que pertencia ao senador maranhense Marcelino Nunes Gonçalves. Ora esta mulher já era por lei livre e os praieiros a surrupiam a bordo. O caso repercute até as cortes. O senador pede a intervenção do Imperador, e o jornal O país, mais tarde tão liberal, ataca os abolicionistas.

Passam-se os anos em lutas tais, até que em 1881, Francisco, João e Napoleão tomam conhecimento pelos jornais:

— Duas negras!

— Do major da polícia!

— É um desafio, ou uma cilada!

— Nós estaremos prontos.

A beleza das duas mulheres as havia antecedido. Homens de poder reclamam duas presas para seus apetites libidinosos. Na calada da noite os praieiros e a Libertadora conspiram. De manhã bem cedo, começam a chegar os batalhões da infantaria e cavalaria. Como lutar contra tantos sem armas? São dois mil soldados armados contra milhares de cidadãos desarmados. Como imaginar que a milícia se preste a um ato tão indigno, que, pela posse de duas mulheres, toda uma cidade, um estado, um país, um império se ponha em armas, de tal modo? E mais? Por duas negras?

Temerosos, os comerciantes cerram as portas, o governador se prepara para demonstrar sua autoridade.

Pomposamente, em acinte, o navio apita, e a tropa clama vivas ao Imperador, ao governador, ao comandante das armas.

Tendo à frente Francisco José do Nascimento, os libertadores resolvem aceitar o desafio. Primeiramente se reúnem num subúrbio e depois vêm à praia.

Tentam recorrer judicialmente. São impedidos por um juiz mancomunado com os poderosos. Mas ninguém se rende, a palavra empenhada pelas duas mulheres.

No vapor, agasalhados, os donos das servas esperam impacientes. Que bote, a não ser o dos militares, as transportaria?

Como atravessar entre o povo, sem ser alvo da ira dos praieiros, do povo, do escândalo que isto causaria?

Os senhores haviam resolvido transportar as escravas dentro de uma carruagem de luxo, totalmente ocultas, até que estivessem em segurança na mão da guarda. Aquelas mucamas preciosas, mais do que pela beleza, representavam o próprio poder do escravagismo.

Quando a carruagem está próxima ao trapiche, dois homens

avançam a frente do carro e retornam pelo caminho que tinham vindo em disparada.

O povo demora um pouco, bem como os soldados, a perceber o que estava ocorrendo. João Carlos Jatahy e Cândido Maia, dois abolicionistas decididos da Libertadora, haviam arrebatado, raptado as escravas, deixando-as em lugar seguro.

A multidão aplaude e vaia o chefe da polícia, dirigindo-se para a associação revolucionária, desmoralizando o governador Leão Veloso e seus dois mil homens armados.

Não há remédio senão o “Espírito Santo” zarpar sem suas presas e todos reconhecem que quando Francisco José do Nascimento fizera uma afirmação ela era respaldada na coragem de todos:

— No Porto do Ceará não se embarcam mais escravos!

Definitivamente, todos agora entendiam que assim era.

Chamado a tomar partido, o coronel Lima e Silva, sobrinho do Duque de Caxias, responde que cumprira seus deveres militares, mas de forma alguma empregaria seus homens na pega de escravos, ou perturbaria uma greve justa.

Com a ajuda da esposa, D. Joaquina Francisca do Nascimento, o incansável dragão do mar constrói um galpão na praia para albergar escravos, e é ele quem recebe na Ponta de Mucuripe José do Patrocínio, para depois seguir como seu convidado para o Rio. Recebendo das mãos do povo da corte uma subscrição com alto valor em dinheiro retruca:

— Sou um homem pobre. Muito obrigado. Não vim à Corte por causa do dinheiro. Que se compre com ele a carta de alforria para dois ou três escravos ou quanto dê.

Muito tempo depois, na república, ele foi nomeado Major da Guarda Nacional, e seu amigo governador do Ceará.

Faleceu em 1914, esquecido e pobre, em meio à cidade

sitiada por jagunços. Mas se os homens lhe negavam a homenagem merecida, ele era recebido com alegria e festas pelos negros pelos quais lutara tão bravamente.

CAPITULO XIX - AMAZONAS

Na casa do governador da Província do Amazonas, a conversa corre solta, e as tarefas se avolumam.

— Sinhazinha, — diz a esposa do Dr. Theodureto Souto— como vão as tarefas do Clube Juvenil?

— Mãezinha, as moças vão se desempenhar ao máximo, bem como os rapazes, para a coleta das espórtulas. O Dr. Oliveira Aranha acha que este espetáculo do Circo Uruguaiano haverá de ser o último golpe nos redutos da escravização.

— E vais levar o teu bouquet de flores, querida?

— Sim, mãezinha. O Dr. João Lopes Ferreira disse que de ninguém mais será este bouquet servido.

— Estou certa de que ele terá trabalho em arrematá-lo, Iaiá, pois os moços hão de tudo fazer por um sorriso teu.

O governador entrou e contemplou a sala, cheia de adereços, que seriam vendidos aos presentes ao espetáculo. Relembrou os outros comícios, as passeatas, os meetings, desde que se instalara em março de 1870 a Sociedade Emancipadora Amazonense. Desde o primeiro momento a Loja Maçônica não ocultara seus propósitos, inscrevendo em seu primeiro artigo que o fim da Sociedade Emancipadora era de livrar o maior número possível de escravos, auxiliando o governo a acabar com aquela nódoa nacional. Todas as verbas eram utilizadas na compra de cartas de alforria, que eram entregues em solenidades festivas, para darem exemplo, a fim de vingar o móvel de tanta luta. O “Fundo da Abolição” contara com a figura emérita do Dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá, cujas leis na província, visavam a dificultar a entrada de novos escravos. A província os tinha em número calculado em hum mil e quinhentas almas e a contagem

regressiva começara e o grito e liberdade ecoava até Belém.

Desde 4 de maio de 1884 a Loja Maçônica Amazonas e a Sociedade Libertadora 25 de março haviam adquirido o jornal O Abolicionista Amazonense, e inauguravam sua nova frente de luta, em meio a uma assistência representativa, solenemente, no próprio Palácio do Governo.

Ainda estava fresca em sua memória a memorável passeata “Aux Flambeaux” com a nova diretoria da agremiação tomando posse².

D. Elisa, vendo o esposo que chegava, veio cumprimentá-lo com carinho:

— Está cansado, senhor meu marido?

— Sim. Creio estarmos chegando ao fim de nossas lutas.

A senhora desatou-lhe o nó da gravata e convidou-o a sentar um pouco. Dr. Theodoreto fitou-a com carinho e à filha que arranjava por melhor modo seu bouquet de flores, atando-o com fitas.

— E o bispo?

— D. João Lopes e os outros decidiram-se por apontá-lo publicamente. Nenhum prelado, por mais importante, deixará de atacar nossos propósitos, tendo uma vida vergonhosa como a deste senhor. Não recuaremos diante dos poderosos, dos falsos representantes do Cristo, que com seus discursos mercadeiam a vida humana, da forma mais cruel, após proferir sermões evangélicos. D. Benício será publicamente desmascarado.

D. Elisa suspirou fundo. Conhecia a moça vítima da sedução feita pelo secular. Sabia o que isto representaria de sofrimento para a família da mesma. Porém reconhecia que os ataques do bispo a Libertadora Amazonense, sociedade composta apenas de

² Dr. Domingos Ferreira Valle, Isaac Amaral Gavinho Vianna, Antonio Dias dos Passos, Deocleciano J. Bacelar, Maximiniano José Roberto, João Carlos Antony, Francisco das Chagas Gadelha.

senhoras e a Sociedade Abolicionista 1º de Janeiro, dirigida pelo farmacêutico Manoel de Azevedo da Silva Ramos, que haviam conseguido o maior número de alforrias, precisava de uma resposta à altura.

— Não tivesse este senhor a acusá-lo a pecha de sedutor e outros recursos usaríamos em nossa defesa e para desmascarar-lhe os propósitos, mas, da forma como a luta vai, não se pode ter complacência, sem escolher meios mais suaves.

— Eu te compreendo. Sei que teu cargo...

— Não me fales disto. Não me preocupa senão minha consciência, meu dever frente a estes negros. O cargo os homens me deram, se o quiserem de volta, é deles, porém antes, hei de proclamar abolida a escravidão no Amazonas.

O escândalo alcançou seu propósito. A Nunciatura precisava tomar posição frente a acusação de sedução dada a D. Benício³, em público.

A desmoralização do escravagista tornara mais rápida, acelerara o processo. As grilhetas e gargalheiras derretiam sob o vulcão do cediço terreno da moral.

À noite, no Circo, o palhaço faz suas brincadeiras. Seu chapéu serve de bandeja às espórtulas que disputam espaço. A esposa do Dr. Aprígio Menezes tira das orelhas um par de brincos de ouro que é leiloado. A filha do governador comparece com seu bouquet de flores naturais, propugnando pela liberdade. Senhoras recolhem donativos à porta.

Nos dias que se seguiram, as notícias choviam do interior, dando conta da alforria dos negros, sem demanda de sangue. Empolgado, Dr. Theodureto compareceu a uma solenidade em Palácio, e não pode deixar de exclamar para o povo ali reunido:

— Não há mais escravos na capital da maior província do

³ Referia-se ao bispo D. Frederico Benício de Souza Costa.

Brasil.

Aplausos coroam aquela declaração. Uma comissão de deputados propõe outorga do título de benemérito ao governador. Todos se rejubilam.

Mas a reação do obscurantismo não se fez esperar. Aquela atitude feria profundamente os ânimos nas províncias maiores, dava um golpe nos escravocratas que do interior do Rio ainda mantinham suas trincheiras.

— O Presidente do Conselho de Ministros, Lafayette Rodrigues Pereira, acaba de demitir-me!

D. Elisa fita o companheiro com os olhos rasos de lágrimas.

— Papai, isto é uma injustiça!

— Não, filhinha. Fazem-me justiça, castigando-me pela coragem com a qual me conduzi até aqui. Farei juz ao castigo, levando a cabo o que me propus a fazer.

— O que vai fazer, querido?

— Antes de entregar meu posto, darei uma resposta a estes escravocratas!

Os operários são chamados a trabalhar. No dia 10 de julho de 1884 é inaugurado na Praça 28 de setembro o Pavilhão da Liberdade. Escravos comparecem. Os últimos a ganhar a alforria, para que se decretasse, mesmo diante do castigo, o término da escravização do homem.

Frente aos amigos e a família, aos negros e homens do povo, Dr. Theodureto exclama:

— Já não existem mais escravos nesta província!

Uma ata lavra o evento, e, no dia seguinte, ele entrega finalmente o posto ao Cel. Joaquim Sarmiento, dirigindo-se ao Rio de Janeiro, onde sua simples presença açula a malta negreira e o cumula o povo com provas de gratidão, admiração e amizade. O mesmo Dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá lhe faz a entrega de

um mimo do povo amazonense: um tinteiro de prata e uma caneta de ouro cravejada de diamantes. O tinteiro fora lavrado artisticamente com três figuras representadas, a Justiça, a Fama o Comércio. A Justiça tinha uma estrela de brilhantes na cabeça e uma tábua na qual se lia: “Amazonas Livre de julho de 1884” Adriano Pimentel e o Barão de Maracajú representavam a multidão que o ovacionava.

As festas na Corte contaram com sua presença marcante. Vendo-o, o conde D`Eu comentou com a princesa:

— A mesquinhez cobra pela derrota um preço que julga devido, o cargo. Esteja certa, querida Izabel, a redenção do negro terá por preço a dinastia e o trono.

CAPITULO XX - JUSTINA MARIA - 18/08/1885

As ruas do Rio de Janeiro regurgitavam de povo.

Negros, forros ou alugados vendem seus quitutes, suas quitandas, os barbeiros fazem seu trabalho em plena rua.

Aquele povo de negros e pardos, irmanados pela dor que lhes traz a escravidão e a cor da pele, se compreende, se comunica, num linguajar que mistura os vários dialetos africanos, com seu português atravessado.

Um moleque arisco, que costuma levar os recados e ganhar alguns cobres com eles, atravessa em meio à massa humana. Vem correndo em direção a uma velha que vende ervas medicinais no chão.

— Mãe Joaquina! Mãe Joaquina!

— Qué menino?

— Morreu Nhá Justina! Morreu Nhá Justina!

A velha negra franziu a testa, olho firme mergulhando no próprio interior. Não fazia uma semana que seu amigo Patrocínio viera comprar umas “mesinhas” para sua mãe. Há alguns meses ela chegara trazida por ele de Campos. Era mulher bem parecida, negra formosa, que encantara desde menina muitos homens. A infeliz tinha atraído a si o olhar do cônego de Campos, que mais tarde a abandonara à própria sorte, fazendo-se quitandeira para sobreviver.

— A senhora ouviu?

— Sim, moleque. Quando sai o enterro?

— As tardes, d’hoje mesmo.

— O fio buscô ela tarde. Aliás, isto é próprio de filho mesmo. Seu Patrocínio já sabia que seu mal não tinha cura. Hoje o dia ta

acabado.

A velha foi arrumando suas “mesinhas” devagar, guardando nas sacolas que levava com sacrifício, no seu passo cansado pela idade.

A breve tempo a rua se esvaziava aos poucos, dos negros e pardos. Iam todos a espalhar a notícia. Ficava aqui e ali um ou outro para dar continuidade à nova:

— Morreu Nhá Justina!

A notícia chegou a Nabuco e João Clapp, quase ao mesmo tempo.

João Clapp comentava no momento:

— Para cada dois habitantes livres há um escravo. É isto que pesa para que estes miseráveis deputados fluminenses deem seu voto contra a abolição.

— Mas a importância do café em São Paulo ajuda nossa causa. A imigração é um apoio a mais contra o uso do braço escravo.

O moleque entrou pela porta como um azougue:

— Que aconteceu, moleque?

— Morreu Nhá Justina!

Os dois se entreolharam com ar de aborrecimento. Aquela não era apenas mais uma quitandeira de Campos. Mesmo que fosse, eles estavam justamente lutando para que negros e brancos fossem considerados igualmente.

Nhá Justina, nascida mina na África, ex escrava de Emerenciana Ribeiro do Espírito Santo, cedida por esta ao então eminente cônego honorário e pregador da Capela Imperial, condecorado com as ordens Rosa e do Cristo, cônego de Campos, examinador sinodal do bispado do Rio de Janeiro e deputado da mesma província, o bacharel João Carlos Monteiro, era a mãe do dono do jornal Gazeta da Tarde; José do Patrocínio, amigo e correligionário idealista fundador da Confederação

Abolicionista.

— É preciso avisar os outros!

Em poucos instantes, deixavam alguns colaboradores com ordens expressas quanto às tarefas, e, tomando o casaco e chapéu, saíam para as ruas.

O Rio de Janeiro conheceu aquele dia a atitude firme dos abolicionistas sinceros.

Quando chegaram a tarde, após muitas andanças e providências à casa de Patrocínio, tiveram dificuldades de entrar. Um coche puxado por cavalos negros estava a porta da entrada.

João Clapp abraçou o amigo, que comovido chorou.

À hora do caixão sair, adiantaram-se quatro homens muito conhecidos. O povo os observava com admiração.

Rodolfo Dantas, que dirige pareceres ao Imperador, Prudente de Moraes, que mais tarde representará o Brasil República, Campos Sales, famoso tribuno então, e futuro presidente da República, e, por fim, Rui Barbosa.

Outras figuras tão ilustres quanto estas acompanham o féretro da mulher de 45 anos, quitandeira em Campos, que servira aos desejos do cônego, pai de Patrocínio.

Apesar dos momentos difíceis vividos e da exacerbada mágoa para com aquele que fora seu pai, o ex-farmacêutico da Santa Casa de Misericórdia está estranhamente calmo e lúcido. Em seus ouvidos soa ainda o refrão repisado do velho Arsênio, que cantava como denúncia sua condição de negro forro, retomado como escravo.

“Branco é muito honrado, / não bebe catambá;/Meu branco na condição, / mas faz zinegro forro/prazele trabaiá, como um cão./”

Ele mesmo denunciara seu pai por ter tomado a si 92 daquelas almas livres, como escravos seus, alegando protegê-los.

Ironia cruel fora a de vê-los servir para pagamento de dívida paterna, após sua morte.

E agora ali está sua mãe. Como lhe doía não ter podido fazer mais nada por ela. Verdade que sua luta pela própria subsistência e a abolição depois lhe tomava todo o tempo.

— Não preocupa com esta velha, meu filho. Cê tem sua ocupação.

A humildade da mãe o machucava muito. Como compreender o que lhe dava aquela fortaleza interior, que lhe permitia até mesmo perdoar seu algoz, quando ele, Patrocínio, vinha com acessos de intemperança emocional, insurgindo-se contra a figura paterna? Ele, naquele momento, rememorava tudo quanto haviam se dito sobre isto.

O bondoso mulato, apesar de toda sua evolução, ainda estava arraigado à ideia de revolta, quanto à figura do pai ardiloso e mesquinho. Nenhuma piedade havia para com ele. Nenhuma lembrança boa. Sua mãe, contudo, espírito de escol, afeito ao sofrimento, só reconhecia a alegria de tê-lo por filho, orgulhando-se dele, e, conseqüentemente, somente por isto, perdoava sem mágoa o homem que a usara e humilhara.

— Ele tava no seu direito, meu filho.

— Ninguém tem o direito de escravizar ninguém, mãe.

— Isto ocê diz e eu acho bom e certo, mas não é coisa que se meta na cabeça de quem sempre foi servido.

A evolução espiritual da mãe era algo ainda inatingível, para o heroico lidador da liberdade, de vez que a piedade e perdão são as últimas conquistas morais do ser humano.

Uma leve e franzina mão tocou o seu ombro. Ele voltou-se. Era a negra Zefinha, amiga de sua mãe. Beijou-lhe a mão, como faria à uma dama da Corte.

Uma bela e loira mulher aproximou-se, chamando-lhe pelo

nome. Abraçou-a como a uma irmã muito querida da sua raça. Era Chiquinha Gonzaga, minha parenta e comentada musicista, escândalo da Sociedade Carioca.

E o tigre, abatido pela dor, foi descendo a rua, com os olhos molhados de pranto.

Ao seu lado, inúmeros espíritos lhe amparavam a caminhada. Isto bafejou em seu pensamento ideias diferentes.

— Meu pai partiu execrado, com dívidas de vulto. Minha mãe, em silêncio, congregou as melhores pessoas do Rio de Janeiro, pra acompanhar-lhe o adeus físico.

Ele sentia como se tivesse duas mães. Começara sua carreira política na ironia de um discurso difamatório ao Imperador, mas Izabel, a princesa, desde o primeiro instante, lhe merecera versos arrebatados que ele conseguira sob a inspiração da lembrança da grandeza do baiano Casto Alves.

O eco de seus passos é repetido por outros que lhe estão ao lado. E ele sente a falta da presença da mulher que elegera por sua mãe espiritual, Izabel e Justina Maria eram duas mulheres que marcavam indelevelmente o espírito sofrido e lutador de José do Patrocínio.

Num sobrado ouvia-se o som do piano. A aproximação do cortejo as pessoas saíam às sacadas dos sobrados. O piano silencia, o comércio fecha suas portas.

Alguns cães vadios se encolhem nas calçadas, enquanto os sinos repicam o toque fúnebre.

Abraçada pela mãe e pela avó, acompanhada de perto por antigos romanos, que a guardam como pessoa de importância, para eles, Justina Maria adormecida desprende-se do corpo, calma, rumo a colônias espaciais que lhe aguardam o regresso. A equipe de Ismael se diligencia em trabalho constante, acompanhando o seu pupilo e seus amigos nas lutas edificantes que abraçaram.

Os ecos do sofrimento de Patrocínio tingem unidades de irmãos no Ceará e Pernambuco, onde ele estivera, pela causa abolicionista.

Aquela mulher simples e escrava é que representava para ele o elo a prendê-lo à causa, o elo que o fazia o representante dos escravos brasileiros.

Vendo a figura franzina de Rui, que acompanhava elegantemente o féretro, ele se perguntava o que fazia com que o antigo moleque de senzala, que ele fora, tivesse tanta ligação e afinidade com homens tão cultos e inteligentes, como aquele baiano minúsculo e determinado e aquele outro poeta seu amigo, que tinha arrebatado multidões com seus versos que ele admirava tanto. Pensava com carinho no condoreiro que partira tão cedo. Mal se dava conta que eu pessoalmente o amparava, sentindo que sua alma corajosa e severa ainda teria muito sofrimento pela frente, dos quais a morte de sua mãe era apenas um pálido introito.

Justina Maria cingia o espaço, enquanto seu corpo baixava à sepultura.

A abolição estava em marcha. Neste mesmo ano Izabel não se cansa de entregar cartas de alforria a escravos do Município Neutro.

CAPITULO XXI - A NEGRINHA E O LAÇO

Maria Augusta desceu bem prazenteira do quarto. O baile da Corte ia dar o que falar. Tanta gente importante, tanta distinção, os músicos, a família imperial.

Desceu para a sala, fresca como uma flor orvalhada ela noite, em quem o descanso punha efeitos de suavidade. As manas disputavam entre si as graças dos toucados. A sala rescendia a perfume de murta e o pai saíra a tratar de negócios.

— Ambrósia, onde anda o meu laço doirado de prender o cabelo?

A mana inquirida voltou-se com um gesto vago:

— Aquele que veio da Espanha?

— Sim. Yayá já procurou por todo o lado. Iazinha disse que o viu pendurado, ao lado da cesta de costura

— Não vi não, Maria. Quem sabe na caixa de chapéus?

Maria retornou ao quarto sempre à pressa. Queria por força usar o toucado, para ver se lhe emprestava um encanto oriental. Além disto, combinava com o leque e os arranjos do vestido novo.

Subiu a escada e parou à porta. Distraída, uma negrinha mirava-se no espelho ricamente adornado de moldura lavrada, ajeitando no cabelo o laço tão procurado.

Estava tão encantada com ele entre os dedos que não ouviu os passos chegando, nem a pessoa que, parada à porta, a observava.

Mirava-se com os olhos buliçosos e engolia a imagem prazenteira, sorrindo pra seu rosto ali refletido. Virava para o lado, recompunha a expressão, ajeitava o laço ora de um modo,

ora de outro.

Que mundo de pensamentos desencontrados, que multidão de sonhos se ocultavam no simples laço de fita, que apanhara ao chão, oculto atrás da penteadeira do quarto, no momento em que cuidava da arrumação?

Um só momento de sonho, de forma singela e tão ocultamente acalantado.

Maria Augusta não o viu, não o sentiu, contudo, deste modo.

O desejado e tão procurado adorno estava iluminando o rosto negro da jovem mucama. Seus dedos se crisparam de raiva. Tomada por um sentimento de aversão, totalmente tolhida em seu raciocínio., a jovem explodiu num grito que ecoou pela casa.

— Jacinta!

A pobre moçoila, acostumada aos repentes de mau humor da dona, jogou rápido o laço sobre o aparador, e com os olhos assustados respondeu:

— Yayá, eu ia guardar. Encontrei atrás do móvel.

— Sua atrevida! Bem posso imaginar onde andam as minhas coisas que somem de repente, e, como por encanto, depois reaparecem.

— Não, senhora!

— Sua peste, sem precisão nenhuma! Então achavas que podias usar o que era meu, sem licença? Negrinha vadia!

As outras moças chegavam, atraídas pelo alarido casado por tão pouco. Inutilmente eu e demais amigos presentes tentávamos equilibrar-lhe a emoção e a raiva.

— Maria, o que te deu? Para que este escândalo?

— Pois não vês, Iazinha? Eu a procurar feito louca meu laço, para usar hoje a noite, e esta ladina mo havia tirado, sem cerimônia. Contava, por certo, usá-lo escondida em alguma destas festas de negros.

— Talvez no Carnaval, no entrudo, ou nas danças do Paço, quando os negros desfilam...

— Você quer ficar bonita, não é, Jacinta? — perguntou com azedume e ameaça na voz.

A negrinha, conhecendo-lhe a zanga, temendo os maus tratos, que sempre eram infringidos nos negros naquela casa, pôs-se a chorar medrosa.

— Cala-te, maldita! Vais aprender a nunca mais pegar o que não lhe pertence! Te ensinarei a ser vaidosa!

— Que vais fazer, Maria? — perguntou-lhe a mana, em transporte de receios.

— Yayá, eu não peguei nada. — suplicou a serva— Encontrei jogado. Ia devolver, ia guardar.

— Pois sim! — e jovem jogou com força a escrava, levando-a escada abaixo.

A outra não ousava retrucar, sem reagir.

As moças seguiam com medo. Apenas Yaiazinha implorava, inspirada por nós outros.

— Maria, deixa disto!

— Yayá, perdoa. Eu não peguei de propósito. Pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo! Por suas chagas, Yayá!

Maria Augusta arrastou a negrinha até a cozinha. As panelas do almoço ferviam no fogão de lenha. Ela empurrou a escrava para um canto. Tomou de uma panela e encheu-a com água que fervia.

— Maria, não! — gritou a irmã mais nova.

A negrinha cobriu a cabeça com as mãos gritando:

— Yayá, pelo amor de Deus!

Maria Augusta derramou a água fervendo sobre a cabeçada mocinha, exclamando:

— Vais ficar linda com este laço de fogo!

Impossível impedi-la. A negrinha gritou de dor e de pavor, enquanto tentávamos minimizar-lhe as dores. As demais escravas aturdidas olhavam sem entender a cena. Só quando ela voltou para a sala, em demanda do quarto, é que correram para socorrer a pobre mucama.

Enojada, por ver que seu toucado estivera na carapinha da negra, Maria Augusta tomou o laço e atirou ao lixo.

Jacinta com o rosto retorcido e machucado, era cuidada pelas servas da casa, em revolta muda, recolhendo-se a senzala. Carregou no peito o ódio, a mágoa e no rosto as marcas de seu sofrimento, desfigurada pelo resto da vida, enquanto Maria Augusta tentava com sorrisos e faceirices encontrar um noivo nos bailes do palácio.

Foi numa noite como aquela tão esperada, que a jovem adentrou o vasto salão, sob as luzes dos lustres de cristal.

Em Petrópolis tudo era festa e regozijo. Fora sancionada a Lei dos Sexagenários. A Princesa seria recebida efusivamente, junto a D. Pedro II, o Conde D'Eu, os ministros. Havia alegria nos semblantes.

Caxias comparecia com seu traje de gala. As moças aguardavam que os cadetes, mais o Visconde do Rio Branco, e os membros do ministério, se apresentassem.

Maria Augusta bebia os refrescos, abanando-se com o leque, já esquecida do laço e da mucama.

Era graciosa e pequenina. Um pouco robusta, sem atrativos maiores que a mocidade. Mas seus modos atraíram um jovem engenheiro, recém chegado à Corte, e que contava com a simpatia do Imperador.

André Rebouças não consegue tirar-lhe os olhos de cima, encantado por ela. Desde o outro baile que se sentira atraído pela moça.

Ela se abanava, o olhar atento a outras personalidades, às vezes cochichando com a irmã ao seu lado, procurando identificar os convidados, a saber qual o melhor partido.

Estava tão distraída que nem percebera o olhar que ávido a acompanhava.

Só deu fé de si, quando o rapaz, à sua frente, com uma mesura, declinava:

— A senhorita me dá o prazer desta dança?

Ela ergue o olhar, deparando com um rosto comprido e moreno, o olhar melancólico, um bigode que cai pelos cantos da boca e uma rala barba sob o queixo. Seu talhe é esbelto, elegante, com paletó e a gravata trançada ao pescoço. Mas logo o reconhece. É o jovem engenheiro mulato, apadrinhado do soberano.

Do rosto do jovem, com a face ruborizada, Maria Augusta derrama o olhar rápido pelo recinto. Num canto, políticos conversam animadamente sobre os últimos sucessos das leis. Escravos com ricas bandejas servem as mesas, enquanto alguns pares já se levantam para dançar. O piano toca alguns acordes, os violinos se aprestam no acompanhamento de uma valsa.

André observa o rubor da jovem viscondessa e sem mágoa entende. Maria Augusta vira-lhe o rosto. A desfeita é evidente. A mana Iazinha olha o moço assustada. Seu olhar como que se desculpa. André está fincado ao solo. Já conhecera outras vezes estas expressões de repúdio e de piedade. Não apenas no Brasil. Voltara de há pouco tempo da Europa e lá fora recebido com afeto até por Carlos Gomes, mas depois na Itália, tivera dificuldade para arranjar um hotel onde pudesse se hospedar.

Um mal estar percorre o salão. Algumas damas cochicham por entre os leques. Um par para de dançar e observa a cena. Do meio dos políticos um marechal se distingue, pelo aspecto apurado. Dirige-se sem pestanejar para o engenheiro:

— Meu caro doutor, poderia acompanhar minha esposa nesta dança?

André sorri do amparo que lhe dá o genro de D. Pedro II. O conde D'Eu cofia os bigodes com um sorriso malicioso. André dirige-se em passos elegantes e firmes para a princesa e todos param de dançar, enquanto a Princesa Izabel e o engenheiro André Rebouças volteiam pelo salão.

A viscondessa morde o lábio e baixa a cabeça, procurando disfarçar. Sua desfeita encontrara na família real mais um móvel para enaltecer o engenheiro. Ao seu lado, como que para espicaçá-la, João Clapp comenta:

— Veja a elegância do Dr. André Rebouças! Um homem como aquele, sua cultura, seu cabedal.

— Sempre nos primeiros lugares, tal como o pai, eleito deputado pela Bahia, no Parlamento Imperial.

— Saia que ele esteve entre os cinco primeiros colocados na Escola Militar?

— Acaba de chegar da Europa, onde esteve em Lisboa, no Porto, Coimbra, Cintra e Covilhão. Visitou Madri e Paris, e chegou até Turim, na Itália, Bolonha, Veneza, Trieste, Spezia, para depois dar com os costados em Munique, Londres, Nova York.

— Anda muito abatido desde a morte de seu irmão, e de seu pai.

— Sim, mas é a alma, a simplicidade, o trabalho infatigável e constante das lides abolicionistas.

Maria Augusta desejaria retirar-se, mas não ousa, pois todos os olhares se voltam ora para ela, ora para o casal que valseja à luz dos candelabros.

Escusado dizer que ninguém atirou para dançar aquela noite, nem mesmo os empedernidos e teimosos deputados fluminenses, que apenas compareciam aos saraus, para dar vazão as pesquisas

que faziam do avanço abolicionista.

A princesa aproveitou o ensejo para perguntar a André sobre sua viagem a Europa, os lugares que mais o encantaram.

— Apreciei muitíssimo minha estada, Majestade. O sucesso de um brasileiro, meu compadre e amigo, a atenção de sua esposa encanto o meu coração.

— Pois a quem te referes?

— A Carlos Gomes, com o seu espetáculo O Guarani, que estava sendo ensaiado no Teatro Reggio. Li o libreto que estava em provas, e em Milão assisti a primeira apresentação de Fosca. Ele foi chamado mais de dez vezes em cena, ainda no segundo ato. Ele estava com seu paletó de trabalho. Modestíssimo, como sempre, falamos muitos do Brasil, de quando pensa tornar, das lutas pelo índio, pelo negro.

— Mas... disseste que ele era seu compadre.

— Tornou-se, então. Com o nascimento de seu filho, sua esposa, natural de Bologna, D. Adelina Peri, me convidou para o batizado. Gostaria que se concedesse uma pensão a este artista, que tanto honra o Brasil, Majestade, pois sei o quanto o Imperador e o Conde D`Eu apreciam a cultura, e a saber-se de outro brasileiro que mais dignifique do que Carlos Gomes, o nome de sua terra.

— Bem o sei e confio que teus requerimentos a respeito a membros do Senado e ao meu marido encontrarão eco, nem é menos verdade que me contaram o quanto sabes ser generoso não só para com eles, mas para toda a obra de emancipação do negro, ao qual tua bolsa não regateia recursos.

Mas a música chegava ao fim e o engenheiro conduziu a nobre dama em direção ao esposo. Deixou-se ficar mais um pouco e de longe fitava a viscondessa com tristeza. Lembrava-se do apuro que sofrera em Nova York. Procurava um lugar onde pudesse se alojar com uns amigos, e fizera algumas tentativas

infrutíferas. Diziam-lhe sem quartos vagos e indicavam-lhe outro hotel. Depois de rodar por algum tempo, acabou sabendo o que os lábios não diziam, mas os olhos revelavam; era sua cor que impedia a obtenção de uma vaga. Muito a contragosto, teve que recorrer a outro amigo, o filho do cônsul brasileiro.

Com esta interferência conseguira um quarto no Washington Hotel, mas era obrigado a tomar as refeições no quarto, para não causar incômodo aos demais hóspedes. Seu quarto era imundo, mas depois o transportaram para outro, cuja saída era direta na rua, o que impediria já de incomodar os outros convivas. Em razão da cor também não pudera assistir ao espetáculo da Grande Ópera House. Agora que estava a frente de vários movimentos abolicionistas, onde fazia de tudo um pouco, desde que não lhe pedissem para fazer discursos, o que sua natural timidez impedia, agora que finalmente tinha algum dinheiro e pensava em constituir família, a desfeita da jovem no baile, prostrava-lhe as esperanças. Fitou a família imperial. Sentia um carinho tão profundo pelo velho Rei, por sua filha, pelo Conde D`Eu. Aquela era a única família que teria dali para frente, além da multidão de negros que desejava libertar, para que conhecessem, como ele, a satisfação de aprender e trabalhar, servir e honrar a pátria, sem jamais deixar-se abater pelo infortúnio.

João Clapp se aproximou dele. Trataram de assuntos relacionados a um comício que se faria por aqueles dias:

— Há muito serviço, temos que limpar o teatro, pregar os cartazes, fazê-los ainda, distribuí-los e vamos fazer um leilão para mais fundos de alforria.

— Trabalharei e podem contar comigo para os gastos, mas não me coloquem para discurso ou leilão, que não tenho jeito para isto e acabarei afundando o movimento.

Lançando um último olhar para a viscondessa, Rebouças pediu licença para se retirar:

— Passo no jornal amanhã, logo cedo.

E, para não chamar ainda mais a atenção sobre sua pessoa, saiu disfarçadamente pela porta, apanhando o chapéu e demandando a rua.

Na calçada, uma negra esmolava com seu filho. Rebouças levou a mão aos bolsos, tomou algumas moedas e jogou-lhas.

A negra olhou admirada aquele mulato arrumado que saia dos bailes do palácio, e guardou pressurosa a dádiva. Aquela noite estava ganha.

CAPITULO XXII - 1887 - CARLOS GOMES

Carlos Gomes andava pelo aposento e abatimento intenso. Estava amargurado com problemas de saúde e financeiros de vulto.

— Os empreiteiros de vila exigem pagamento imediato— dissera o mensageiro.

— Que fiquem com a casa, já que a construíram a seu modo, e não como eu desejara. — respondera ele em tom amargo.

Partira-lhe o filho, com apenas quatro anos de idade.

— Nosso pequeno Mário. — pranteara Adelina sufocada de soluços. Mister avisar o compadre André que perdemos seu anjinho loiro...

Não se passara um ano sem que nova dor lhe abalasse o coração.

— Angelina, não me abandones.

As suas expansões de ternura e dor, a esposa respondia com um olhar abrasado pelas febres, as faces afogueadas, as carnes flácidas pela pouca alimentação que a sustinha.

Em vão tinha lutado todo aquele tempo. A ajuda que lhe chegava de D. Pedro II não poderia devolver-lhe o filho e a saúde da esposa.

Numa noite, repentinamente, Adelina piorara. Em vão chamou médicos amigos. Sem tornar a si, a pobre esposa sucumbira à dor de ver-lhe partir o filhinho.

E agora era Ítala, que estava doente. Passara quase toda a noite entre orações e pranto ao pé da cama da menina. Era um escravo da dor e da tristeza, sentia-se como o último dos homens.

Em seu quarto despojado de luxo, adentrei reverente.

Adelina jazia amparada por amigos na Colônia Espiritual onde eu mesmo me albergara.

— Como ajudá-lo? — falou Luis Gama, secundado por alguns escravos e índios que veneravam o querido amigo, pelo carinho com o qual se houvera para com eles, na épica Guarani.

— Mister afastar a menina dos miasmas que a sufocam. Nosso amigo precisa repousar.

Índios amigos trataram de magnetizar o maestro, cuja cabeça tombou sobre a mesa, enquanto outros providenciavam socorro à joventinha, arejando espiritualmente o ambiente.

Incontinente, enfermeiras trataram de neutralizar as irradiações de preocupação e tristeza que a mãezinha lhe lançava, mesmo a distância.

O pequeno Mário, com os cabelos anelados, aproximou-se do paizinho adormecido, chamando-o brandamente.

Num transporte de sonho Carlos Gomes desprendeuse com ele, indo à distância do aposento, em viagem astral rumo ao Brasil. O pequenino mostrou-lhe uma casa singela. Antonio Carlos Gomes desejava perguntar-lhe o que andava a fazer, saber da esposa, mas o menino apenas o convidou a entrar. O maestro observou a singeleza da residência, onde uma aura de felicidade pairava. Curioso viu sobre o aparador uma foto sua, que saíra nos jornais do Rio de Janeiro. Estava toscamente emoldurada e uma vela ardia em devoção ao seu lado, guardada por flores singelas.

Ele não entendia. O pequeno Mário mostrou-lhe numa mobília tosca uma sanfona. Esta lhe pareceu familiar. Sem saber como, relembra. Fora em 1884, há uns três meses quando retornara ao Brasil, após uma tournée a Europa, famoso por sua ópera “O Guarani”. Ardia de vontade de rever amigos e parentes, de passear pelas ruas de sua cidade natal, Campinas.

Do desejo à vontade, permeando o oceano chegara para rever os companheiros da Loja Maçônica Amizade, onde fora iniciado a

24 de julho de 1859, na capital paulista. Lembrava-se bem de como a isto o conduzira seu irmão carnal Manoel Sant'Anna Gomes.

Todos lhe davam a conhecer o entusiasmo das lutas pela abolição. Estivera com Nabuco e Bonifácio, enviara libretos a alguns jornais, fora reconhecido na rua. Entusiasmara-se. Estava passeando em sua cidade, quando ouviu da carruagem os sons de “O Guarani”.

Ordenara ao cocheiro que parasse, ficando uns momentos a ouvir.

Parecia-lhe ver a cena, tão nítida se mostrava naquele momento em sua mente, com a visão da sanfona. Sim. Era isto mesmo. Encontrara um negro, ao rés da sarjeta, executando sua ópera de tal forma, que dir-se-ia um mestre de música. Parara perplexo, deixando-se ficar a ouvi-lo, até que o último acorde o arrancasse do arrebatamento.

— Meu filho, conhece música? Quem lhe ensinou?

— Sinhô?

— Quem lhe ensinou música?

— Não sei musca, não sinhô.

— Como não sabe? Toca magnificamente. Conhece o nome da música que acabou de executar?

— Sim, sinhô. É O Guarani.

— Quer estudar comigo? Eu lhe ensino. Você tem um talento nato. Vou arranjar-lhe estudo.

— Não quero, não sinhô.

— Você não quer estudar?

— Muito brigado, patrão, mas não quero não.

— Mas, meu amigo, sabe de quem é esta música que você acabou de executar? Esta música é minha. Eu sou Carlos Gomes.

Eu posso garantir seu estudo. Deve partir comigo. Por que não quer estudar, mudar sua vida?

— Num vô, não sinhô. Eu quero ficá aqui mesmo.

Carlos Gomes não podia entender tanta obstinação, pois o negro estava jogando fora uma oportunidade que, por certo, jamais de novo apareceria em sua vida. Querendo, contudo, colaborar com o músico, perguntou:

— Diga-me o que mais você deseja nesta vida?

O homem o olhou meio ressabiado.

— Diga. Prometo que o auxiliarei, se estiver ao meu alcance.

O escravo o olhou sem jeito, mas criando coragem, falou:

— O que mais eu queria era sê livre, como os passarinho, que avoa para onde qué, tê o meu amô, com aquela que me fez tê vontade de tocá umas musca qui bole com o coração da gente, como esta sua musca qui se chama “O Guarani”... como esta musca do sinhô.

— Quer dizer, então...

— Qui eu queria era mesmo ser forro, pois num tem maior riqueza no mundo que a liberdade, não sinhô.

O maestro tocou as mãos do sanfoneiro e o fizera entrar na carruagem, que rumou em direção a casa de seu amo e senhor. Lá Carlos Gomes, com sua fama, com seu dinheiro generoso, convenceu o dono a vender-lhe a liberdade do sanfoneiro.

Havia até esquecido o fato, que, no momento lhe fora tão importante, mas que depois se perdera em meio a tantas lutas, às tribulações havidas.

— Vê, paizinho. — falava o menino. Aqui o senhor é venerado como um santo.

— Fosse eu um santo não terias partido, nem tua mãe, nem estaria às voltas com tantos dissabores, como me vejo e nem com tantos cuidados com tua mana Ítala.

Nisto, uma mulher de cor entrou no ambiente, trazendo pelas mãos um negrinho:

— Carlos, vamos fazer a oração da noite.

O pequeno, nomeado com o mesmo nome do maestro, ajoelhou-se em obediente aceitação, repetindo as falas maternas, para arrematar ao final:

— Brigado, pai do céu, pelo meu pai, pela minha mãe e pelo maestro Carlos Gomes.

Deu um beijo na mãe e foi dormir. O maestro chorou com a singeleza da oração infantil.

No ambiente harmonioso, luzes argênteas cobriam-no de balsâmica esperança e consolação.

Foi assim que retornou ao corpo. Os primeiros raios do sol chegavam e ele, tomando a pauta, iniciou um trabalho que mais tarde dedicaria a Izabel, pela redenção dos escravos, a peça Lo Schiavo, que lhe valeu dos amigos Nabuco e Rebouças o cognome de O Maestro da Abolição.

As vibrações e ingentes esforços dos índios foram coroados de êxito.

Nos dias seguintes, Ítala apresentou melhoras no estado de saúde. Logo saía do leito e amparava o pai, nas disposições a seguir.

E, através do oceano as emanações das orações singelas e puras dos lábios de uma criança, davam alento ao grande brasileiro, para a continuidade de sua jornada, rumo à própria evolução.

CAPITULO XXIII - O NEGRO SERAFIM

Um piar de coruja soou insistentemente na noite.

O ar estava parado, prenunciando chuva para mais tarde. Calor, abafamento.

Se ouvia ainda o lamento africano, entoadado languida e tristemente na senzala, por uma mulher.

O feitor ergueu-se da cama, impaciente. Ouvira dizer que Antonio Bento estava ciente do que acontecia na fazenda. Impossível. Os castigos eram dados por ele, pessoalmente, sem testemunhas.

Deles dificilmente algum negro podia safar-se com vida.

O homem sorriu e cofiou os bigodes. Por via das dúvidas, melhor ir ver como estava o Serafim.

Dirigiu-se para a senzala. Sentia uma inquietação estranha, que jamais antes o incomodara. Estava assombrado com as histórias que se contavam na região, de milícias armadas, que atacavam as fazendas. Ali não seria assim. Não tinham negros assalariados, pois tinha certeza que esta corja só vivia mesmo para espionar.

Atravessou o pátio e entrou, depois de abrir a corrente que fechava a porta estreita, mas maciça. Antes acendeu o archote, na fogueira que quase se extinguia e entrou no recinto.

A luz avermelhada iluminou uma cena dantesca.

Preso por correntes à trave do teto, um negro magro esticava o corpo, tocando com a ponta dos dedos dos pés o chão, tentando sustentar o peso, para não ser enforcado. De seu corpo o sangue pisado mostrava as marcas da violência sofrida. Seus olhos estavam enevoados pelo sofrimento, muito abertos, e das mãos duas chagas imensas abertas a faca, testemunhavam a

barbaridade cometida consigo. Nenhum lamento se ouvia de sua boca, semi aberta.

— Tu ainda tá vivo, Serafim? Morre logo, negro dos infernos!

O feitor tomou de um ferro e levou-o ao archote, pensando em mais uma vez aplicar sevícias. A visão do negro ali, em sofrimento inenarrável, não o comovia, antes parecia dar-lhe prazer e açular ainda mais instintos cruéis, que suplantavam as próprias feras.

Mas não chegou tocar o escravo. Dois homens fortes assaltaram-no por detrás com violência, lançando-o ao solo. Mal pode vê-los e já um deles dava-lhe um violento pontapé, colocando-o quase aos pés do negro, enquanto outros entravam em silêncio. Quis gritar, mas o ferro incandescido estava sobre seu rosto agora e um homem empunhava o archote. Sem dizer palavra, silenciosos, os negros trataram de rapidamente desamarrar Serafim, tomando a chave que o feitor trazia à cinta. Depois, com um olhar, o que parecia ser o líder daquele, assalto, fez um gesto. O outro entendeu, tanto quanto o negro:

— Não!

O ferro desceu sobre a pele do feitor, enquanto um golpe o punha desacordado. O chicote lanhou-lhe o corpo e ele foi deixado semimorto ao solo, enquanto o grupo se evadia, da mesma forma como chegara.

Somente quando o sol nasceu, é que descobriram o acontecido.

Mas a quem reclamar? Ninguém ousaria levantar-se para atacar, pois já muitos fatos semelhantes, em fazendas da região, davam ciência de que estes assaltos estavam se transformando numa constante, e que os principais alvos eram os senhores que maltratavam mais seus escravos. Diante do feitor, enraivecido mas temeroso, o coronel apenas ponderou:

— Eu te visei que não açulasse contra minha fazenda a ira

destes justiceiros. Podiam ter posto fogo na casa, quem sabe.

Enquanto isto, os agentes de Antônio Bento prestavam conta do ocorrido em Campinas.

— O João quase castra o homem, siô Bento.

— Exagero, patrão. Só fiz dar umas lambadas, o marquei pro resto da vida, o filho de um cão.

— Quanto menos incidentes, melhor. — falou Bento. E depois olhando para o pobre do Serafim. — Como ele está?

A visão do escravo era dantesca. Ninguém conseguia fitá-lo sem revolta ou compaixão.

— Tá lelê, sim sinhô.

— Não podemos então valer-lhe a não ser no corpo. Antonio Bento andou de um lado para o outro. Não bastava tudo o que vinha fazendo.

Mais de 40% dos escravos eram livres, ora por compra a seus senhores, alforriados com os proventos das Lojas Amizade, América e Piratininga, ora pelas fugas que ele ensejava com seus agentes. Tinha se organizado desde a morte de Luis Gama, segundo a promessa feita diante de seu túmulo. O movimento crescera, tendo articulações em todo a parte. Com a ajuda do irmão Julio de Mesquita, redator do jornal O Estado de São Paulo, de Bueno de Andrade, de Raul Pompéia, Garcia Redondo e outros, articulava planos e mais planos para dar fuga às vítimas. Planejamento cuidadoso era articulado nas dependências da Confraria de Nossa Senhora dos Remédios, da qual era provedor e, no mesmo edifício, a tipografia do jornal que montara, o Redenção, no Largo Municipal, (atual Praça João Mendes) nomeava, apontava, e levantava a opinião pública contra fazendeiros desalmados que maltratavam seus escravos.

Após as fugas, correligionários nas fazendas e em São Paulo albergavam os negros. Muitos eram transportados pela estrada de Ferro Sorocabana, guardados por agentes e amigos da Maçonaria,

o que possibilitava uma fuga em massa, sendo os negros levados para Santos.

Lá iam oferecer sua mão de obra assalariada nos portos, ainda sob a proteção dos companheiros anti escravocratas, ou participavam do quilombo Jabaquara, que chegou a ter mais de dez mil fugitivos.

Mas, diante do negro Serafim, Antonio Bento ponderou que era preciso fazer ainda mais. Tinha devolvido a liberdade a milhares de companheiros, tinha usado até mesmo a malícia de aliciar negros de uma fazenda para trabalharem em outras regiões da província, como assalariados, durante as colheitas, no jornal brandia o verbo, nas estradas chegava à violência, num afã doido por acabar com a escravidão.

Todas as etapas das fugas, da colocação, da redenção dos negros fora planejada e era articulada muitas vezes com sacrifícios, e uso de violência, em choques entre seus agentes e os guardas das senzalas, mas não bastava.

No seu radicalismo não titubeara mesmo diante da família, pois como dissera aos seus:

— Não temos dois pesos. Da mesma forma que julgo e condeno os escravocratas, condeno aqueles de minha família que o sejam.

Tivera que provar sua convicção, que já se transformara, no dizer de Raul, em fanatismo.

Sua irmã tinha a fazenda entre Rio Claro e Araras. A fazenda se chamava Laranja Azeda, Ela, a baronesa de Itapetininga, precisara ausentar-se por uns tempos, e o chamara:

— Bento, meu querido, hoje em dia é tão difícil encontrarmos alguém em quem confiar. Quero que cuides da fazenda para mim, até a minha volta.

— Tem certeza, que é isto que deseja?

Bento não discutira. Deixara-a ir.

Tão logo se viu como encarregado de tudo, tomou providências enérgicas:

— Mandem chamar todos os escravos da fazenda.

Eles vieram, deixando suas diversas atribuições. Dos laranjais, das hortas, da cozinha, dos currais. Reuniu-os à frente da casa.

Todos estavam temerosos e intrigados. Sabiam que o senhor era homem extravagante e teimoso. Diante dos capatazes, ordenou que algumas algemas fossem tiradas, bem como tornozeleiras.

— Meus amigos, meus irmãos, de hoje em diante, todos estão livres. Aqueles que quiserem permanecer na propriedade ficarão em condição de homens e mulheres assalariados.

Os negros não ousavam acreditar no que ouviam. Aquele homem magro e alto à sua frente, com o cavanhaque preto e bigodes, com aquela capa escura e chapelão desabado no rosto, irmão da baronesa de Itapetininga, os dizia livres!

— Estou pronto para passar carta de alforria a todos, e os que desejarem ir embora, posso providenciar passagens.

Um negro caiu em prantos de joelhos, outros se abraçavam comovidos. Em breve todos estavam vindo beijar-lhe as mãos.

A tempestade que se seguiu nas reações familiares não haviam sido pequenas. Ao retornar e tomar conhecimento de suas ações a irmã ficou indignada:

— Bento, como pôde? Eu confiei em você!

— Pois devias me agradecer. Estejas certa de que ao libertar teus escravos te livreis de muitos aborrecimentos futuros. Deixa de ser retrógrada, minha irmã. Atende aos exemplos de quantos fazendeiros usam trabalhadores com salários, entre negros e imigrantes e deixa de entrar o carro do progresso. Eu te fiz um

favor.

— Um favor, Bento? Pois sim.

— Um dia ainda me agradecerás por isto, minha irmã.

Antonio Bento jamais imaginaria quão verdadeiras, quão valiosas eram suas palavras na previsão do futuro.

Lembrava de tudo isto, da promessa feita no túmulo de Luis, dos numerosos incidentes havidos entre seus amigos, seus sequazes e os escravocratas e seus guardas, e observava o negro Serafim, alheio a tudo, ensandecido, jogado como um rebotalho na cama.

— Pobre homem! Para ti chegamos demasiado tarde!

Neste momento, uma ideia lhe surgiu na mente. Sempre quando tomavam de assalto as senzalas, carregavam objetos usados na tortura que depois desfilavam nas procissões, junto ao andor dos santos, para denúncia pública.

— Ah, meu negro! É preciso que todos o vejam. Me perdoa, è preciso mostrar a nu, para São Paulo, a fim de agitar a nação inteira, o teu martirológio.

E rápido saiu dando ordens, para dar cumprimento a sua ideia.

Em poucos dias, à noite, uma procissão saía em silêncio da Confraria. Velas, archotes, tendo à frente a Cruz do Cristo. Nos andores dos santos os instrumentos de suplício tinham lugar de destaque. Mas, abrindo o cortejo, a procissão que marcaria para sempre aquele paço municipal e aquelas ruas, ia, indiferente a tudo, o negro Serafim, que ficara dias pendurado no teto da senzala, com as mãos abertas por faca, em chaga, o corpo marcado pelo suplício, as correntes aos pés. O nome do infame dono era colocado para que todos vissem. Por onde passava, a procissão arrancava lágrimas, palavras de indignação, revolta, ardor à luta.

— Lamentavelmente, meu negro, — dizia Antonio Bento, sustentando-o na peregrinação, — não podes saber nem ver o que se passa, nem aquilatar que serves de baluarte de luta, cuja visão estoca mais fundo o coração das pessoas que as adagas mais cortantes.

Serafim olhou-o com um sorriso meio idiotizado e lágrimas lhe escorreram dos olhos. Pareceu ao intimorato advogado que ele entendia. Teve um relance de lucidez, mas depois tornou apático, para a multidão e o cortejo prosseguiu, causando um frêmito de susto, espanto e revolta em todos os que o viram, e que jamais se esquecerão da cena.

Apesar de não apoiar os métodos utilizados por Bento, Luis acompanhava emocionado todo o percurso, amparando o amigo e o escravo, em terna demonstração de afeto e dedicação.

CAPITULO XXIV - JOSÉ DO PATROCÍNIO - (1875-1888)

Corria o ano de 1875 quando o amigo José do Patrocínio lançou o quinzenário “Os Ferrões”. Ao observá-lo neste afã, ri-me muito da brincadeira que nos pregava novamente o destino. Que maneira tem a memória de pegar-nos nas suas peças! Do mesmo modo como Narizinho nasceria mais tarde da graça de Guiomar, e o Visconde de Sabugosa do ancestral de D. Rosa de Sabugosa, esposa do Visconde de Barbacena, do mesmo modo, o nosso querido Aleijadinho sentia a intervenção do Solar dos Ferrões, o grande lugar, que soberbo ainda vejo na Vila Rica de outrora, nimbado na luz das minhas mais gratas lembranças, as moças da Casa Grande, o Solar dos Ferrões, do capitão João Carlos da Silva Ferrão, tio de Marília, minha doce querida.

Neste mesmo tempo assisti o Espiritismo tentando lançar raízes no Grupo Confúcio do Rio de Janeiro. Entre os elementos ativos, que batalhavam para que tal se desse, estava este vibrante Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, que funda a Sociedade Espírita Deus, Cristo e Caridade, e o nosso Antonio Luiz Sayão, o mesmo Antonio Luiz Sayão, que fora tio de minha bela Maria Dorotéia Joaquina de Seixas Brandão.

Verdade que Bahia, tal como outrora com a Maçonaria, é que por primeiro levantara a bandeira espírita na Pátria do Cruzeiro, mas também é verdade que tal como outrora, o Rio secundara-lhe, no esforço de expandir as verdades eternas.

Alguns anos mais tarde, Augusto Elias da Silva, lançaria O Reformador e o memorável Dr. Bezerra de Menezes, no amparo a multidão de negros, forros e mulatos e, pelo bem e pela caridade, apoiado nas luzes do Consolador, estaria ao lado de Quintino Bocaiúva, colaborando como articulista no jornal O País, sob pseudônimo de Max.

A fortaleza, a riqueza, a justiça procuravam tratar os filhos do infortúnio, pela fibra de homens indômitos. Enquanto Bento e Américo de Campos eram a lei em São Paulo, Batuira e Anália Franco eram o trabalho anônimo e constante, e Bezerra o auxílio sempre presente no Rio de Janeiro.

O amigo Toledo, antigo inconfidente, me amparara quando eu chegara ao Rio de Janeiro. Ele, calado mas coerente, na sua evolução e cultura, aliara-se a José do Patrocínio, José Bonifácio, o Patriarca. Também estava lutando pelo mesmo ideal de fraternidade, para a alegria e felicidade de todos na Pátria do Cruzeiro.

Eis que todos nós nos encontrávamos unidos pela implantação da Abolição e pelas novas Verdades Eternas, e não adiantava nada o tumulto provocado pelas trevas. Todos nós sabíamos o que estávamos fazendo, e com o Senhor, o coração elevado, usávamos todos os recursos para alcançar o que fora determinado.

O sogro de Patrocínio era Emiliano Rosa de Sena, um velho amigo. Desde 1750, os imigrantes quebravam, com rasgo de coragem e trabalho, os restos da subserviência negra, trabalhando nos cafezais, sob o amparo do senador Vergueiro.

Não adiantava a arremetida invejosa e maligna dos escravocratas. Em 1783, no mesmo tempo em que o Reformador queimava os redutos das trevas, ficando firme e levantando as luzes espíritas, José do Patrocínio junto a Rui, João Clapp, e outros, fundava a Confederação Abolicionista, depois de ouvir a opinião judiciosa de Machado de Assis.

Rodolfo Dantas, Rui Barbosa, e Patrocínio eram os novos vértices do triângulo humano.

O ministro Rodrigues Silva, Ferreira Viana, ministro da Justiça, homens eméritos se preparavam para os últimos golpes de misericórdia no monstro da escravidão, que o povo vinha

solapando, através dos negros rebeldes e idealistas de escol. Porque tínhamos de nos calar, frente à injustiça e ante os fatos errados, que vínhamos assistindo por todo o lado?

O que tinha a ver conosco o sofrimento de toda uma raça, a mesma que massacráramos na antiga Numídia? Conspirávamos. Nascêramos para unir os homens, forjar um povo à força e a felicidade.

Recusávamos ser roubados na nossa esperança, porque fôramos como antigos déspotas, escolhidos agora para a vitória do bem e da verdade.

Tudo para nós era importante. Não nos podíamos dar o direito de reclamar cansaço ou tristeza. Nós tínhamos amor, éramos felizes e tínhamos que compreender a igualdade das pessoas e utilizar todos os recursos, para formar uma lei de frutos vivos da verdade, para ajudar os sofredores, as crianças perdidas. O fogo que ardia em nós não o podia consumir a fraqueza. Valorizávamos todos os instantes. Sabíamos o que nos direcionava. Nós éramos um só corpo, e um só ideal e a força de Deus estava conosco. Jesus nos fazia saber o que nos competia realizar. Nós acreditávamos no amor deste ser superior que nos direcionava, nos afastáramos da família e do sonho individual de ser feliz.

Estávamos a poucos passos da vitória. Como eu gostaria de poder participar na carne, daqueles eventos pelos quais tanto lutava. A cada dia que passava imiscuí-me nos assuntos. Assessorava Rui, concitava Rodolfo, inspirava Francisco Viana, animava João Clapp.

Comentava a evolução do Espiritismo na terra baiana, e conversava à noite com Bezerra, Sayão, Luis Gama e outros.

— Nabuco é um monarquista convicto. Já o nosso Patrocínio é um monarquista sentimental.

— Quintino Bocaiúva e Rui já se propõem por falas na

imprensa na luta pela República. — dizia Bezerra, naquele seu modo paternal.

— Temo por meu querido filho. — exclamava a imperatriz Amélia, segunda esposa de D. Pedro I.

— Em verdade, tens razão. — aduzia Varela, naquele seu modo tristonho. D. Pedro II sabia a amargura que lhe seria imposta ao final da jornada e a princesa Izabel não desconhece o alto preço da redenção da raça negra, que lhe aguardará inflexível, na cobrança não apenas do trono, mas da renúncia a toda a dinastia.

— Concorde plenamente. — comentara Luis — Isto mesmo andou da lhe dizer estes dias o Barão de Cotegipe, e a condessa de Barral, mas o Conde D`Eu e incita. Diz-lhe que ela lhe tem oferecido a Guerra do Paraguai, para desconforto da alma e Petrópolis, e o Brasil por sonho, e ele, desde já, lhe reserva o Palácio em Versailles e os castelos europeus de sua família, para carpir a saudade com a consciência tranquila, onde esquecerão os aborrecimentos do trono, as maquinações dos ministros e as arremetidas dos republicanos.

— Sim. Comentam isto como se fosse brincadeira, porém reconhecem que o momento da definição se aproxima.

Vínhamos justamente da sessão parlamentar de 3 de maio de 1888, onde ouvíramos e participáramos do discurso de Rodolfo Dantas, Rui Barbosa e Patrocínio.

Era noite alta e eu trabalhara ao lado de Ferreira Viana, no projeto final que se apresentaria ao Parlamento, pela mão do ministro Rodrigues Silva.

— E a “Junta do Coice”? — perguntou D. Pedro I, que tão bem conhecia as manhas daqueles homens do Rio.

— Nada poderão fazer pois são minoria. Amanhã a princesa almoça com catorze negros fugidos.

— Ela tem coragem! — comentou com carinho Amélia

Augusta Napoleão, duquesa de Leuchtemberg e segunda imperatriz do Brasil. No seu modo calmo, sereno, e quase burguês, sua firmeza e simplicidade me encantam.

Os olhos da antiga imperatriz brilharam de emoção e o imperador apertou-a nos braços com carinho. Percebia-se que todos os cuidados daquela mulher ficavam na lembrança do loiro menino que acalentara, seu amor maternal e que, tendo que deixar o Brasil, na sua partida para Portugal, marcara-lhe profundamente a alma.

Ao partir para Portugal a imperatriz deixara uma carta a Pedro de Alcântara. Dizia:

“Adeus, menino querido, delícia de minha alma, alegria de meus olhos, filho que meu coração tinha adotado, adeus para sempre, adeus. O quanto és formoso neste teu repouso. Meus olhos chorosos, não podem se faltar de te contemplar, a majestade de uma coroa, a debilidade da infância, a inocência dos anjos cingem a tua engraçadíssima fronte, de um resplendor que fascina a mente.

Eis o espetáculo mais tocante, que a terra pode oferecer. Quanta grandeza, quanta franqueza a humanidade encerra, representada por uma criança! Uma coroa e um brinco, um trono e um berço!

A púrpura ainda não serve senão para o estofo, e aquele que comanda exércitos e rege um Império, carece de todos os desvelos de uma mãe.

Ah! Querido menino, se eu fosse a tua verdadeira mãe! Se minhas entranhas te tivessem concebido, nenhum poder valeria para me separar de ti, nenhuma força te arrancaria de meus braços. Prostrada aos pés daqueles mesmos que abandonaram o meu esposo, eu lhes diria entre lágrimas, não vedes mais em mim a Imperatriz, mas uma mãe desesperada. Permiti que eu vigie nosso tesouro, vós que o quereis seguro e bem tratado, e quem

haveria de guardar e cuidar com o maior devoção? Se não posso ficar a título de mãe, serei a tua criada ou a sua escrava. Mas tu, anjo de inocência e formosura, não me pertences senão pelo amor que dediquei ao teu Augusto pai, um dever sagrado me obriga a acompanhá-lo no seu exílio, através dos mares, às terras estranhas! Adeus, pois, para sempre adeus!

Mães brasileiras vós que sois meigas e afagadoras dos vossos filhinhos, a paz das rolas dos vossos bosques e dos beija-flores das campinas floridas, supri minhas vezes, adotai o órfão coroadado, dai-lhe todas um lugar na vossa família e ao vosso coração.

Ornai o seu leito com as folhas do arbusto constitucional, embalsamai-o com as mais ricas flores da vossa eterna primavera, entrançai o jasmim, a baunilha, a rosa, o cinamomo, para coroar a mimosa testa, quando o pesado diadema de ouro o tiver machucado.

Alimentai-o com a ambrosia das mais saborosas frutas— a ata, o ananás, a cana melíflua, acalentai-o à suave entoada das vossas maviosas modinhas. Afugentai longe de seu berço as aves de rapinas. A sutil víbora, as cruéis jararacas, e também os vis adutores que envenenam o ar que se respira nas Cortes.

Se a maldade e a traição lhe prepararem ciladas, vós mesmas armais em sua defesa os esposos com a espada, o mosquete e a baioneta. Ensinai à sua voz tenra as palavras de misericórdia que consomem o infortúnio, as palavras de patriotismo, que exaltam as almas generosas, e, de vez em quando, sussurrai ao seu ouvido, o nome de sua mãe de adoção.

Mães brasileiras, eu vos confio esse preciosíssimo penhor de felicidade de vosso país e de vosso povo: ei-lo tão belo e puro como o primogênito de Eva no Paraíso. Eu vo-lo entrego, agora sinto minhas lágrimas correrem com menor amargura.

Ei-lo adormecido! Brasileiras, eu vos conjuro que não o

acordeis antes que me retire. A boquinha molhada de meu pranto, ri-se à semelhança do botão de rosa ensopado com o orvalho matutino. Ele se ri e o pai e a mãe o abandonam para sempre.

Adeus, órfão imperador, vítima de sua grandeza, antes que o saibas conhecer! Adeus, anjo da inocência e formosura, adeus! Toma este beijo, e este... e este último adeus, para sempre, adeus!”

Longinus tinha nela e em Leopoldina dois espíritos que o amparavam incansavelmente.

— Pedro não sobreviverá a mais este golpe. — comentou ela em voz baixa.

— Ainda bem que ele conta com Tereza Cristina.

— Crês mesmo que a “junta do coice” no poderá obstar a lei? — perguntou-me Machado de Assis preocupado.

— Esta junta ainda por muito tempo andará atrás das selas que lhe dão. — falei eu de modo intencional, e ele, que sempre apreciara antes minhas burlescas observações, cofiou os bigodes, segurando o riso, como a antever nossas lutas no futuro.

— E Campos Salles?

— O nosso “Demoulins” Está mais para República do que para Monarquia, como bem podemos deduzir de suas andanças passadas e mais para militar do que para povo.

Nós dois conhecíamos a identidade de Campos Salles, que vinha assinando seus artigos com o pseudônimo do revolucionário francês Camille Desmoulins.

A sede de mando de Campos Salles o levaria, finalmente a presidência da república no futuro que logo chegaria, mas até lá, ele deveria contentar-se de fazer parte da luta emancipacionista, que, se livraria o negro, não lograria tal êxito com relação à dívida externa do Brasil e ao equilíbrio nacional.

Levados pelo sono chegavam André Rebouças e Silva Jardim,

mais afeito as lutas pela república, no seu modo arrogante e autoritário, Carlos Gomes, tão sofrido e Saraiva Cotegipe, o redator da Lei dos Sexagenários, ratificada em 1885.

O projeto em que trabalháramos, era de Antonio Prado, o querido amigo de Luis Gama, e eis finalmente redigido por João Alfredo, o novo astro do ministério.

Logo chegava à nossa reunião o negro Nicolau e o praieiro Francisco José do Nascimento e João Cordeiro.

Jesus rejubilava. Nos Estados Unidos da América do Norte, a Abolição desencadeara a Guerra da Secessão, mas no Brasil, malgrado a enorme somatória das dívidas auferidas, pelos feitores e escravocratas, uma multidão de negros bondosos concitava-nos a agir com calma, para conseguirmos a liberdade num clima de festa e fraternidade.

Era de ver-se esta multidão, dirigida por Zumbi, numa luta que ia da ferocidade ao perdão mais sublime, comparecer em massa diante do Cristo para beber na mansidão de seu espírito, a coragem e a fé.

Raiava o dia 13 de maio de 1888.

Sorriamos ao rever as ciladas que a memória cobra dos encarnados de todas as épocas.

Eu me surpreendia por ver a virada em direção ao abolicionismo de Tobias Barreto! Os oportunistas iguais a ele sempre haveriam de se engajar num movimento, quando este se declarasse abertamente vitorioso. Prado, antevendo a algema nova no futuro, mourejava no antiianquismo.

Os percalços da cor não afligiam o talento dos mulatos ainda que três séculos desumanizassem o negro, impondo-lhes uma desorganização social, dissolvendo-lhes a família e os vínculos lúdicos e religiosos. Impedidos até mesmo de falar sua própria língua por punições severas, tentavam aculturá-los os padres e a sociedade. Os quilombos constituem exceção e os homens de

Bento e Antonio Prado baluartes.

Os homens como José do Patrocínio, André Rebouças, Luis Gama, Manoel Querino, instruídos e destacados, eram exemplos de guerra e inteligência. Machado de Assis se destacava com naturalidade, ao lado da loira Carolina, apesar da timidez que lhe era inerente a personalidade enviesada de autodidata, mulato e epilético.

Assim, aos poucos, se preparava o Brasil para a promulgação da lei 3355.

Desde 1814, Minas Gerais respondera aos sucessivos apelos do Cristo, em levas de libertos, até atingir, naquele período, 50% deles no total de escravos. Minas Gerais querida, terra do ouro que nos legou um Chico Rei, o primeiro abolicionista. Quanto à São Paulo, principalmente por Campinas e Ribeirão Preto, alicerçavam a liberdade, dando vez aos imigrantes.

Se na primeira regência, Izabel sancionara a Lei do Ventre Livre, agora, com 41 anos, estava para enfrentar a maior batalha de sua vida, a de maior importância para seu espírito liberal e simples, a abolição da escravatura. Ao vê-la à espera dos senadores, na ante sala do trono não pude impedir o arroubo de beijar-lhe as mãos que brilhavam tocadas por luz argêntea. Rememorei as primeiras escaramuças havidas entre ela e o antigo ministério, tendo a testa o Barão de Cotegipe. Desde que os militares, engajando-se à última hora, vinham se negando a perseguir os negros fugidos, a princesa vinha pressionando seu ministro. Vendo que conversar com ele particularmente nada adiantava, tratou de admoestá-lo frente a seus pares, para trabalhar pela emancipação, instando a que aceitasse as ideias de João Alfredo e Antonio Prado. Fora no início de 1888. E a Câmara ficara em recesso, enquanto o barão se fazia de surdo, pensando que tal atitude bastasse para mantê-lo firme em seu posto.

Mas um incidente chamou os brios do trono, um oficial

formado da Marinha, alcoolizado, foi preso e espancado. Izabel chamou a atenção do Ministro da Justiça e isto bastou para que todo o Ministério se demitisse. Interessante que a própria Justiça jamais se pejava, em tempo algum, de dar satisfações do que lhe compete executar, se os homens tratassem os assuntos do direito humano com mais vergonha, mas hoje, tal como ontem, preferem renunciar, mentir, ocultar a dar conta de seus atos os que agem pelo partido do autoritarismo.

Izabel percebe que tudo se precipita e trata de escrever ao pai, relatando tudo, mas deixando claro que estava com a consciência tranquila.

A 1º de abril (data sempre tão significativa para o Brasil) entrega cartas de alforria para mais de uma centena de negros e em maio, dia 3, discursa na Câmara, concitando a votação da lei, em nome do espírito liberal e cristão do Brasil.

No dia 8 a Câmara recebe o projeto que dizia simplesmente:

Artigo 1º— É declarada extinta a escravidão no Brasil.

Artigo 2º — Revogam-se as disposições em contrário.

Dois dias depois é aprovado com 83 votos contra 9 da “junta do coice”, os parlamentares do Rio de Janeiro. Deste modo, segue a lei para o Senado e o Legislativo se enche de brios.

— É possível, — dizia-me Luis Gama, — que depois de tanta luta, os senadores ainda teimem em brincar com a vida alheia, e façam esperar a princesa, sem consideração para com o momento vivido?

— Observe — falei eu emocionado, fitando uma estrada de luz que se abria no horizonte, e se distendia ao alto. Centenas de jovens negras e brancas, crianças e moços desciam por esta estrada, com flores nos cabelos e nas mãos, jogando-as em profusão sobre a cidade do Rio de Janeiro, que passou a rescender perfumes.

Malgrado a má vontade e ironia, o Partido Conservador,

liderado por Paulino Soares de Souza, que comentara jocosamente que, como cavalheiro, não podia fazer esperar “dama de tal estirpe”, em se referindo a princesa, dirige-se com a papelada para o Paço da Cidade. O povo todo aguarda. A quantidade de pessoas impressiona, mas impressiona mais ainda a imensurável massa de espíritos que nimbados de luz comparecem ali, naquele momento histórico de nossa nacionalidade. Apesar de alguns ainda permanecerem em atitude francamente hostil, transformando em ódio o sofrimento havido, o clima de festa já lhes impedia maiores expansões.

Cotegipe, educadamente sobe o paço, junto aos demais pares. São 15 horas e trinta minutos. Flores chovem sobre a cabeça real, enquanto um coro de vozes entoalhe loas. A Princesa assina finalmente a Lei que nos custara tantos sacrifícios. Ao meu lado Eugênia Câmara exulta. Marília, delicadamente, se oculta aos seus olhos, para não magoá-la, mas eu posso vê-la, com o rosto molhado de pranto de alegria.

Luis Gama chora comovidamente, abraçado a Antonio Prado e a sua mãe, que finalmente encontrara. Justina Maria acompanha José do Patrocínio.

Cotegipe aproxima-se e beija a mãe real. Izabel murmura em desafio singelo.

— Então, senhor barão, ganhei ou não ganhei a partida?

— Ganhou a partida, mas perdeu o trono! — responde o ex-ministro. Ismael ampara a princesa, neste momento crucial, em que luzes chovem do Alto.

Sem poder conter-se de felicidade e gratidão, Patrocínio sobe de joelhos as escadas e beija os pés da princesa.

— Minha alma sobe de joelhos estes paços!

Pobre e querido amigo! Quanta perseguição lhe custaria o gesto de humildade, que vinha coroar um amor tão antigo de seu espírito.

Como lhe amesquinhariam o gesto os republicanos, quando ele intentasse defender o trono das garras do autoritarismo militar.

Nicolau, o bom negro do Nordeste, que lutara bravamente para libertar a própria mãe da servidão, bem podia entender aquele gesto do mulato, para com sua mãe loira brasileira, sua querida Izabel, de antigas peregrinações. Da Europa chegava um telegrama do antigo discípulo do Cristo Pedro II:

“Abraços à Redentora. Seu pai, Pedro.”

Neste momento de profunda felicidade, eis que vejo aproximar-se a figura inesquecível e valorosa do Barão de Mauá, Irineu Evangelista de Souza.

— Meu Deus! — exclamei tocado de emoção, para Luis Gama. — Este homem está morrendo!

Realmente percebia-se que os fios que o ligavam ao corpo estavam se adelgaçando mais e mais.

Pensei na luta daquele homem que construíra o cabo submarino, que ligava o Brasil a Europa, sua grande admiração pela nação inglesa e a falência que lhe fora imposta pela mesma, através da São Paulo Railway. Sabia que estava falido, vendendo todos os seus bens, para pagamento das dívidas, já que seu dinheiro havia sido confiscado, (algo que ainda hoje se faz e que não é constitucional, porém se mascara de lei) e não pudera levar a cabo a construção da estrada de ferro da Companhia. De forma fraudulenta o Banco Rotschild & Sons havia conseguido apoderar-se da Estrada de Ferro Santos Jundiaí, e sua empresa da transmissão e transformação na Brazilian Submarine Telegraph Company. Leis ardilosas de importação, aumentos dos impostos aduaneiros, enquanto máquinas a vapor, inclusive navios, entram no país livres de impostos, numa concorrência desonesta do capital estrangeiro, levaram este homem a falência, este brasileiro portentoso à insolvência.

Aquele amigo que propugnara pela abolição, que colocara como cláusula numa proposta de serviços públicos: o contratante obriga-se a não usar o braço escravo, está alquebrado e abatido, porém comparece, enquanto o corpo adormece, para festejar conosco as alegrias imorredouras daqueles momentos. Sem que eu pudesse esperar, vejo alguém aproximar-se dele a ampará-lo com profunda reverência. Era o alferes Xavier, que chegara, sem que eu o visse, junto de D. Pedro I, D. Leopoldina e D. Amélia, para a alegria e a imensa reviravolta nacional que se iniciava naquele momento.

Interessante notar que luz imensa partia da Federação Espírita Brasileira, como se as preces se houvessem transformado em bouquets radiosos, a se unirem num laço de imortalidade e beleza.

No local onde a princesa ainda permanecia, cercada de amigos, como Rebouças e Patrocínio, Ismael e Tiradentes, Frei Caneca e Nóbrega, mal se podia olhar tamanha era a irradiação luminosa.

Por minha vez abracei o companheiro Barão de Mauá, procurando conservar-me tranquilo, frente as emoções que me assaltavam. Foi quando Eugênia avistou Marília e, compreensivelmente, saiu do meu lado, dando lugar a ex noiva bem amada. Abracei-a com todo o amor de minha alma e exclamei em júbilo:

— Minha querida, um dia haveremos de contar este episódio de tanta magnitude para a vida brasileira.

Ela, sem responder, abraçou-me ternamente, colocando o rosto amado nos meus ombros e deixamo-nos levar pelas ovações e festas que transcorriam em ambos os planos da vida, enquanto do alto vinha a música da Ave Maria, com a qual a mãe do Cristo saudava o raiar de uma nova era de fraternidade, entre as raças branca e negra, na Terra do Evangelho, o Brasil tão rico em sua

natureza, quanto na magnitude de seu povo, que tantos tentam inutilmente amesquinhar.

CAPITULO XXV - ABOLIÇÃO

E então, naquele dia, naquele momento, em todo o território nacional, a liberdade estendeu-se generosa e ampla.

Em mocambos distantes, em locais ermos, em senzalas fétidas, em troncos lanhados de sangue, em forcas descomunais, em capoeiras, o canto dos bravos e o batuque dos negros avançou do espaço, tomando conta de tudo.

Flores e vozes argênteas, luzes imorredouras cobriam todo o território nacional.

Um imenso coração de luz desenhava-se no espaço, lançando raios multicores em todas as direções do orbe.

“Cã, não mais a dor da escravatura!

Cã, não mais a solidão e o desprezo!

Cã, não mais as correntes, as gargalheiras cruentas, não mais o chicote, a chibata!

Cã, não mais a negritude da prisão!

Cã, tu agora és livre!

Cã, tu agora és irmão!

Cã, tu agora és esposo! Cã, tu agora és filho! Cã, tu agora és pássaro, és ar, és HOMEM!”

Os gritos da dor e revolta, o pranto sufocado subia em uivos tenebrosos, e depois encontravam o eco das canções celestes em vibrações de paz.

Canções africanas de ninar, quadros de desprendimentos e humildade apareciam frente a milhares de seres em revolta.

Sem saber por que as lágrimas se misturavam aos risos, e as imprecensões às preces e às canções.

Em meio ao rutilante coração flamejante de luz, uma rosa de ouro brilhava, símbolo da perfeição absoluta.

Do Paço do Rio de Janeiro a multidão exultava. O Barão de Cotegeipe desceu os degraus reverente.

Nabuco e Patrocínio tinham os rostos marejados de lágrimas. Energias imensas envolviam o ambiente.

Multidões de negros fugidos, que já haviam desencarnado sem saber eram transportados para o local. Da corrida desenfreada, em que haviam sucumbido, de repente, no largo amplo, caíam banhados de luz.

Sem saber como nem porquê uma paz e surpresa tomavam lugar à ansiedade, ao medo e à correria.

Sem entender de que forma, as correntes se partiam, as grossas pulseiras, as algemas caíam ao chão. As gargalheiras se rompiam. O corpo macerado pelos suplícios, auferia forças novas e as feridas fundas davam vez a balsâmicas sensações de bem estar.

Quantas almas puderam se libertar, então! Quantas, contudo, ainda hoje, permanecem imersas nas dores que as sucumbiram, e que as martirizam ainda.

Mister se faz atingir o topo da evolução.

Vi, na imensa mole humana, Ana Neri que se distinguia, ao lado da multidão de soldados negros, que haviam tombado na Guerra do Paraguai.

Ferreira Vianna exultava. Lembrava-se da palavra incisiva de José do Patrocínio, na Assembleia, que redundara o apogeu daquele dia, para sempre marcado na Consciência Nacional.

— Eu não peço a palavra! Eu tomo a palavra!

E tinha este direito, por sua condição de filho de Justina

Maria. Tinha este direito pela dor de ter tido por pai um carrasco branco. Tinha este direito por sua luta de Tigre da Abolição.

A luta que começara em 1861, nas memoráveis Cartas do Solitário de Aureliano Cândido Tavares Bastos, que continuara na Província de São Paulo (Jornal Opinião Liberal), com Américo Campos e Luis Gama, Antonio Bento e Antonio Prado, José do Patrocínio, Clapp, Nabuco, Reis, Rebouças, Enes de Souza, José Mariano, Rui Barbosa, José Bonifácio, o moço, Ferreira de Menezes e tantos outros, chegava a sua vitória final.

No espaço a figura radiosa de Maria de Nazaré, junto ao Cristo, derramava das mãos energias clarificantes.

Na Federação Espírita Brasileira, Bezerra de Menezes interrompera seu receituário. Bittencourt Sampaio dirigia-se ao Paço.

Impulsionados pelo momento, muitos trabalhadores de diversas comarcas, eram atraídos ao local, pelo fenômeno do sono.

Parecia terminar ali a batalha. Engano vão. A luta continua. Mas ali, naquele momento, naquele 13 de maio de 1888, chegamos ao coroamento de uma batalha maior. Ali foi a sagração de Izabel. Ali foi o reencontro dela e de Patrocínio. Ali foi o toque para a missão cumprida de Longinus.

E, do outro lado do oceano, abatido e doente, ele auferia forças para, em lágrimas, vibrar de felicidade, ao saber daquele momento, e, em palavras entrecortadas, ao lembrar o carinho da raça negra, exclamar com a voz embargada:

— Grande povo! Grande povo!

Não podeis imaginar, por mais que tenteis, o clima festivo que tomou o plano espiritual, e que inundou aquelas ruas. O repicar dos sinos, as canções que vinham do morro de Santo Antonio, até o Palácio em Petrópolis, atingiam e refletiam as antigas cenas da Ilha das Cobras, do Largo de Lampadosa, e do

palácio do Vice-Rei, da Casa do Trem e do Corcovado.

Não tardaria para que os sinos repicassem em outras províncias. Em São Paulo, Minas, Pernambuco de Frei Caneca, no Rio Grande do Sul, em toa a parte.

Mas no Rio, principalmente no Rio de Janeiro, muitos foram os fazendeiros que sucumbiram à lei, por suicídio, por desespero, perdendo fortunas, sem decisão para prosseguirem em seu caminho, em sua tarefa, sem o braço escravo. Não poucos partiram para desagravos extremados, fingindo ou desconhecendo a lei, em vinganças atrozes e mesquinhas, ou sucumbiram em processos de desarranjo físico e desencarnação prematura. Muitos tentaram ainda se organizar, com a finalidade de exigir do Estado indenização pelas perdas com as compras dos escravos. Estes processos redundaram, um ano depois, em atitudes firmes e enérgicas de Rui Barbosa, como Ministro da Fazenda, do governo provisório da República, em portaria de 14 de dezembro de 1890, ordenando a apreensão e queima de arquivos, referentes à compra e manutenção de escravos.

Oh, homem! Enquanto a festa se fazia impar, após décadas, quase séculos de luta, que começaram com a defesa de Tomás de Mercado, um teólogo sevilhano em 1571, seguido por Bartolomeu de Albornoz, professor em Talavera, nas suas escritas, alocuções eruditas e libertárias, com Anchieta e Vieira, provando a condição humana do negro e do índio, ainda encontrávamos e até hoje ainda encontramos seres em tal decadência moral, que jazem em perdas terríveis, pela própria invigilância e inferioridade.

Alma imortal! Compreende as andanças, em evolução que te constrange na carne a própria felicidade. Mister se faz que se acabe com todo o preconceito, com toda a tortura. Todos somos iguais. Todos temos direitos e deveres e o mal é apenas um bem que ainda não se conhece.

Homem! Volta até aquele memorável 13 de maio de 1888,

porque foi naquele dia, naquele chão abençoado, naquele momento imorredouro, que nosso ideal se fez lei, que o verbo realizou a ação e que a ação se fez liberdade.

Agora estamos na luta para que a Fraternidade, pelo progresso, implante da Igualdade. Saibam que se dará pelo progresso e não pelo poder ou pelo revanchismo.

Raça negra! Pelo muito que sofreste, nos perdoa. Eu, Cecéu, eu, Gonzaga, eu com o sangue negro nas veias de ontem, eu, negro e branco, e mulato, e vermelho e amarelo, no amor de Jesus, que nos constrange, neste século que nos deu um Gandhi e um Einstein, eu peço licença para transportar-me no espaço até aquele dia inesquecível, àquela tarde de redenção de alegrias, àquele momento de vitória e infinita felicidade!

Eu beijo as mãos que redigiram a Lei de Ouro, e aquela que a sancionou, enquanto relembro a canção de Chiquinha Gonzaga, o seu “O abre alas” e vejo rutilar a Rosa de Ouro, com a qual o Papa Leão XIII contemplou a princesa.

Porque, podem desmerecê-la, porém jamais mudar os fatos.

Por aquelas mãos se sancionou a Lei Áurea. Benditas sejam!

CAPITULO XXVI - ANTONIO SILVA JARDIM - 1850-1891

Em Niterói, com treze anos, um rapazinho compulsa febril e avidamente os livros. Tem um gênio arrebatado. Nem parece ter vindo dos recantos rurais, um caipira, sim, mas filho de professor, que aprendera aos cinco anos a ler com um aluno de seu pai.

Aos oito já dava aula e agora demora-se de barca para a escola, esgotando a saúde, e quase sucumbindo à epidemia de varíola.

Frágil, no Mosteiro de São Bento do Rio, em 1874 estuda português, francês, geografia e latim.

Tantas dificuldades da república dos estudantes e depois a morar com seu primo Constante, e ao fim trabalhar numa sapataria, como ajudante de guarda-livros.

À noite leciona. Ao retornar a casa relê uma carta de seu pai; que o criticava devido um artigo que escrevera sobre Tiradentes:

“Filho, não posso concordar com o que você escreveu neste jornal. O Tiradentes lutava contra o rei de Portugal, uma rainha de Portugal. Nós temos aqui uma Família Imperial do Brasil, mais republicana em muitos aspectos, mais liberal que muitos governos do resto do mundo.”

Este lê os comentários e sorri. Para ele o pai tem razão, em parte. Para Silva Jardim, Tiradentes era uma bandeira contra o absolutismo. Sentira-o desde os quinze anos.

Mais do que abraçar a luta abolicionista, o que lhe massacra a alma, o que o impulsiona é, realmente, a luta pela república.

O artigo que suscitara as críticas paternas fora escrito no Labarum Literário, aos quinze anos.

Não apenas seu pai o criticava. Desde cedo a atitude fria e

intransigente de Silva Jardim se demonstrara, não apenas em meio a coletividade, mas nas questões mais corriqueiras, sempre criando polêmicas.

Vangloria-se de ter arriscado o próprio emprego, que lhe garantia a subsistência, para lutar contra um cacófato.

Isto mesmo comentara comigo o amigo Luis Gama, enquanto me informava que Silva Jardim, conquanto sua ardorosa vocação republicana, era braço importante na fuga dos escravos, rumo a Santos.

Até ouvir-lhe o comentário sobre a peleja por um cacófato, ou contra ele, perguntei:

— Ora, — ri-me a bom rir. — como pode ser isto?

— Assim foi. — asseverou Luis. — Trabalhava ele no comércio e seu patrão lhe ordenara que escrevesse, copiando um texto de propaganda, que este redigira.

Silva Jardim foi até um trecho, quando parou, tentando emendar a gramática.

— Deixa como eu escrevi! — ordenou o patrão.

Antonio fora peremptório:

— Não andei estudando, para poder me permitir tais barbaridades! Copio o texto, só que sem o cacófato.

O patrão não queria recuar, por orgulho, e ameaçou-o de demissão se insistisse.

— Fico com a demissão, mas não engulo o cacófato.

— E, deste modo, foi que sempre ele agiu. Uma cabeça dura!

— Perdeu o emprego? — perguntei por meu lado, curioso.

— Não. Felizmente o patrão recuou a tempo.

Enquanto nos dirigíamos da reunião que comemorava a abolição, em direção a nossos afazeres, comentando a evolução para a república que se desenrolava rapidamente, após termos

dado apoio a Rui, e Joaquim Nabuco, reconhecia eu naquelas assertivas e identidade espiritual de Campos Salles e Silva Jardim.

— São do grupo francês, pois não? — perguntei a Luis

— É tão evidente, meu caro.

— Por um instante pensei que Tiradentes, de algum modo, o tocasse. — comentei em me referindo a Silva Jardim.

— E não se enganou totalmente. Ele também esteve conosco na Roma antiga, porém não no movimento inconfidente, junto a Izabel. Ele participou das lutas de Cortez, não com Pizarro no Peru. Foi naquela época das conquistas da América que veio a “divisão das águas”. — explicou-me Luís.

— Porém sinto-o interligado à família de Martim Francisco.

— Como não seria, de vez que este é seu sogro? E como resistiria ele ao encanto de Ana Margarida? — referia-se à esposa do companheiro sobre o qual comentávamos, completando: — Ele a viu no Chafariz do Pique, em São Paulo, e não pode mais viver sem ela, que o apoia em tudo. Silva Jardim é um vulcão e ela um lago de mansuetude.

— Outro dia a vi. Realmente é encantadora. Tão miúda, especial, com aqueles olhos grandes, loira e pequena, calma e meiga.

— E que graça e inteligência! Não é fácil conviver com uma cabeça dura como a de Luís.

— E seu menino?

— Não se chama Danton Condorcet à toa. Ele foi se inspirar em dois nomes de líderes da Revolução Francesa; Antonio Silva Jardim não é um teórico. É um prático. Quer a república, luta por ela com todos os seus recursos, pecuniários e oratórios.

— Já notei que não tem preocupações filosóficas, nem religiosas. Uma pena, pois isto o tem levado a atitudes muitos

extremadas. Não sei por que se faz tão intransigente com relação à Família Imperial.

— E estas notícias de senilidade do Imperador, que se espalham através de boatos, tão maldosamente, não podem fazer senão mal.

— Verdade. Ouvi de Silva Jardim outro dia numa alocução sobre a árvore genealógica real, e ele se houve até com muita maldade, levando os seus ouvintes a concluir inverdades sobre o Imperador e Izabel.

— A ojeriza ao Conde D’Eu por estrangeiro, acaba por solapar ainda mais a monarquia, mas esta quase louca alergia pelo trono Jardim a trouxe da França de Maria Antonieta.

— Desde janeiro, naquele seu comício em Santos, ele se tem proposto abertamente como voz do levante republicano.

— Sim. Você viu. Mesmo contra a ordem do próprio Partido Republicano, tomou a si a frente. Ataca a família imperial até com um a certa vilania, quando exalta as taras familiares. Esquece-se da bondade natural do Imperador e Izabel, na sua simplicidade quase burguesa. Em vão José Bonifácio e outros tentaram impedir os avanços republicanos.

— Luiz, crês que estamos às porta de uma revolução civil, com a “Guarda Negra”⁴, a milícia e os senadores?

— Não o creio. Por mais reconheça o poder do verbo de meu amigo Silva Jardim, e como é contundente e carismático, em suas ironias cáusticas e observações judiciosas...

— Desde quando o conheces? — aparteei ainda sem dar conta de que também o conhecera em outras vidas.

— Aqui no Brasil, como lhe contei, nas lutas para a fuga dos escravos, com Bento. Antonio está ligado, como você sabe, ao

⁴ A Guarda Negra era composta de capoeiristas dedicados a Família Imperial, que a golpes dissolvia os comícios pros republicanos, onde quer que se instalassem. José do Patrocínio foi acusado no Rio de Janeiro de ser o líder deste movimento.

Quilombo do Jabaquara. Tudo o impulsiona. Ele utiliza inclusive a questão religiosa e militar, para causar ainda mais dissensão contra os monarquistas.

Queria inquirir mais, pois sentia que estava por um fio a revelação de meu conhecimento e simpatia para com Silva Jardim, mas chegávamos a Santos, onde nos aguardava tarefa específica. A população comemorava a abolição. Mas, para surpresa minha, encontramos um grupo carnavalesco, a entoar uns versos de Silva Jardim, que diziam:

“Izabel não teve medo, assim é!
Viva o Sr. João Alfredo, olaré!
Acabou-se a escravidão, assim é!
Viva o Santos Garrafão, olaré!
A cousa segue com tino, assim é!
Viva Lacerda Quintino, olaré!
E foi sem susto maior, assim é.
Viva, pois, nosso Major!”

E a marcha seguia por aí afora, sempre citando cada hora um membro de Santos que houvesse se destacado na luta pela abolição, porém, tendo em vista diminuir o impacto causado na opinião pública pelo gesto de Izabel, que levara de roldão o Gabinete de Cotegipe e, desde sua primeira regência, impulsionara a emancipação do negro. Estes versos só tinham um móvel. Lançar sobre outros ombros e sobre outra frente os louros da conquista de Izabel. Em vez de elogiar a redentora, Silva Jardim elogiava o ministro João Alfredo, Santos Ferreira, batalhador abolicionista de Santos, conhecido pela alcunha de Santos Garrafão, e Lacerda Quintino, o chefe do quilombo Jabaquara, além do chefe de polícia, o Major.

Da sacada do Clube Republicano, vimos o antigo lidador

francês, agora na pessoa de Silva Jardim, terminar seu discurso em Santos, gritando:

— Viva a República!

— Olhe! — falou Luis— Inútil tentar com ele atitudes mais moderadas. Não conseguiremos tirá-lo desta determinação. Não foi em vão que se ligou a Rangel Pestana e Sampaio Ferraz, a Lopes Trovão e Francisco Glicério, bem como o Américo Campos. Eles não recuarão, meu querido Cecéu. Eles não recuarão! Que, ao menos, possamos impedir o que Luis pretende. A revolução com uma ditadura, implantando a república. É isto que se trama nos quartéis. Sei que a família imperial não deseja o derramamento de sangue e, por isto, não há nenhum motivo para esta investida na violência.

— Tratemos de levá-lo, junto aos demais, conosco para a reunião que hoje se desenrolará no Plano Maior e apresentemos ao Cristo nossos pedidos, para que haja a evolução sem luta violenta, programada e divulgada na tribuna pelo amigo Silva Jardim.

— Tolo! — pensei eu alto. Todos os que tentam alcançar a vitória de forma violenta, pela própria violência sucumbem.

CAPITULO XXVII - UMA REUNIÃO NO PLANO ESPIRITUAL

Chegávamos com nossa caravana de amor junto a Antonio Silva Jardim, Rangel Pestana, Américo Campos e Sampaio Ferraz, eu mais Luis Gama, quando cruzamos com o amigo José do Patrocínio e Joaquim Nabuco, Rui e Varella. José Bonifácio se fazia acompanhar de outro grupo de senhores e homens de valor, secundado por D. Pedro I, Antonio Prado, João Alfredo, Cordeiro, Nascimento, Nicolau, Francisco. Não pude deixar de observar os olhares trocados entre Silva Jardim e Patrocínio. O primeiro vinha impulsionado desde Santos num movimento de repúdio ao segundo, pela maneira como se havia frente à Família Imperial. Aquela noite, contávamos com o auxílio indispensável de Ismael, para distribuir conosco as tarefas, amainando os ânimos exaltados que imprimiam a direção rumo à revolução, que poderia ser funesta para o Brasil. Vi, ao longe, a caravana de militares que chegava, liderada por Caxias, tendo à frente o teimoso do Floriano e Deodoro. Mas a figura de André Rebouças parecia dar um toque maleável ao grupo, o que observei com um pouco de calma.

— Virá Tiradentes? — perguntei a Luis, que se mantinha mais informado do que eu do que estava sendo programado.

— Sem dúvida. E terás uma surpresa também.

Meu companheiro sorriu bondosamente e senti uma onda de emoção invadir-me. Estaria enganado? Veria Marília?

Adentramos o recinto a preparar-nos para a reunião.

Música divina vinha do alto e perfume caricioso das matas brasileiras. Pássaros adejavam no recinto e luzes coloridas iluminavam tudo, dando um ar festivo, dificilmente reconhecido

na terra.

Bandos de negros estavam vestidos com roupas coloridas e diáfanas e notei que a festa era deles. Sentia-me pequeno, diante da magnitude do momento vivido. Quis sentar nos últimos lugares, mas um distinto espírito que se apresentava como um rapaz negro de olhos verdes dirigiu-se a mim, convidando-me para participar da mesa.

— Eu? — perguntei sem entender o porquê da distinção que me faziam, pois me reconhecia ainda sem méritos outros.

— Sim. — falou o moço com brandura e simplicidade.

Luis sorriu-me e deixei-me conduzir até o local que me foi indicado.

— Como, — perguntava envergonhado de mim mesmo— poderia ter a audácia de participar da mesa junto a Ismael e demais emissários que logo chegariam?

De onde estava, observei que outro grupo afim ao nosso adentrava o recinto. Sua orientadora espiritual, mulher de rara formosura era a conhecida soror Joana Angélica, morta durante as lutas da independência em solo baiano. Eu me sentia profundamente identificado com ela, e vislumbrei os membros de sua comitiva, na qual se incluíam alguns nomes representativos do clero francês e mexicano. Lembrei-me do cardeal Rechilieu, de sua perspicácia, de sua personalidade inteligente e arguta, dos meandros intrincados do poder. Ela também foi convidada a participar da mesa, sentando-se ao lado do pe. Manoel da Nóbrega e mais membros da seleta audiência.

Numa espécie de tribuna, diversos negros se faziam presentes e aos seus pés víamos os instrumentos de tortura, utilizados na terra, em prejuízo deles.

Jovens lançavam fragrâncias ao ar e, com encanto, divisei entre eles o vulto de minha querida Marília, que se dirigiu junto a um coral para executar músicas de grande profundidade

espiritual. Sua melodia, sua letra tocavam-me a alma, e a visão de meu amor fazia-me flutuar no espaço, em lembranças cariciosas. Quando poderia novamente estar com ela a sós?

Enquanto eu me deixava levar pelas perquirições mentais, parlamentares, recordando que o coração generoso de minha querida viera receber-me desde Salvador, quando partira, ralado pela tuberculose, mesmo estando presa a um corpo físico, na França. Tiradentes adentrava o recinto, acompanhado de espíritos de grande elevação moral. Quando me dei conta, representantes do Espírito da Verdade, que haviam lutado pela implantação do Espiritismo em terras francesas, tomavam lugar à mesa. Sua comitiva estava acompanhada de perto por Tiradentes, Sayão, Bezerra de Menezes, Cairbar Schutell, Batuira, Anália Franco e outros. Percebi que mais do que a comemoração da Abolição, naquele momento, reuníamos-nos para as deliberações mais importantes com relação aos movimentos de iluminação do mundo. Deduzi, também, que todos participaríamos das festividades da libertação dos negros do cativeiro, mas depois teríamos nossa reunião mais particular de deliberações acerca do futuro.

Os jovens terminavam sua música e todo o salão imenso estava repleto de espíritos encarnados e desencarnados. Foi quando a figura radiosa de Ismael se fez presente, acompanhada de uma jovem, na qual identifiquei de pronto Joana D' Arc.

Neste momento, Zumbi subiu à tribuna, a um gesto do mensageiro celeste, e dirigiu a Deus uma prece sentida:

— Pai de Amores, graças te damos por realizarmos nosso grande sonho de liberdade em terras brasileiras. Esta é a nova pátria de nossa descendência, na qual chegamos pelas mãos da impiedade, e que conquistamos com a cruz do sacrifício e da renúncia. A prova profunda de tua assistência espiritual nos acompanhou todo o trajeto de dores, dilatando-nos a resignação e a fraternidade, fugindo aos desvarios da insensatez, da

vingança e da violência. Nossos filhos e netos darão ao futuro o testemunho de nosso próprio valor, alforriados desde já pelas leis do país onde transplantaste o Evangelho, para o desfecho de um futuro alvissareiro. Senhor, sabemos que cada um será justificado segundo suas próprias obras, e reconhecemos as pesadas sombras que se albergam entre os fraticidas de ontem e hoje, mas pedimos que diminuas os sofrimentos das criaturas dilaceradas pelas provações que elas mesmas provocaram, sorvendo a aflitiva ansiedade da própria culpa. Redimiste o solo brasileiro hoje. Urge, Deus de Amores, que todos participem daqui para frente, para a emancipação política sem revoluções feitas a custa do sangue fraterno. Por isto, suplicamos tuas dádivas para a Rainha dos brasileiros, a mãe loira que espiritualmente abraçamos, desde agora, fugindo às lembranças hediondas do cativoiro.

Neste momento, um sulco luminoso desenhou-se no espaço e Izabel, foi transladada de seu palácio para o salão, sendo recebida efusivamente com flores. D. Pedro II, ao seu lado, trocou um profundo olhar com a jovem Joana D`Arc. Por certo, na surpresa de um reencontro de almas que haviam participado da jornada messiânica de Jesus, junto ao Tiberíades.

Muitos negros adentraram o recinto e Ismael dirigiu-se a todos:

— Amados! — falou o representante do Cristo, após a prece que Zumbi fizera. — Nosso júbilo neste momento é indizível e elevamos a Jesus nossa gratidão por todas as bênçãos auferidas, desde que conseguimos a Abolição sem derramamento de sangue, sem a guerra civil e sem movimentos revanchistas, que levariam o país de roldão para o despenhadeiro da violência e da vingança calamitosa. Conseguimos, durante a luta que se travou, exemplos magníficos de renúncia, dedicação, altruísmo. Pessoas humildes do povo deram guarida aos negros fugidos, estudantes, senhoras da alta sociedade pugnaram em leilões beneficentes, grandes

tribunos usaram seu verbo, advogados lutaram no campo das leis, sacerdotes e militares deram seu voto pelo escravo fugido, negando-se a aprisioná-lo. Seguimentos importantes da nacionalidade brasileira ajudaram a maturar este fruto de liberdade, baseado nas leis da Fraternidade. Enquanto outras nações o fizeram, sob a égide do Cristo, utilizando a cupidez humana e os interesses econômicos, encontramos até na Família Real, resistência contra estes mesmos interesses. Nossa alegria não poderá ser menor neste momento. Ligados a este local, milhares de homens e mulheres e crianças elevam seu pensamento. No entanto, há ainda muita dor, muita incompreensão e muito preconceito. O homem ainda não tem a sabedoria em sua pureza total, que lhe permita utilizar a experiência vivida de forma proveitosa e dignificante. Amados! Que as caravanas de amor saiam pelo território brasileiro, exortando o perdão e a fraternidade entre brancos e negros, irmanados, espíritos desgarrados do ódio, que nos custarão ainda muitos anos de trabalho e recuperação na erraticidade e na trama reencarnatória. O mundo brevemente mergulhará num cataclismo de grandes proporções. O progresso se fará de forma mais vertiginosa e, por isto, mister se faz que o homem não perca o roteiro espiritual que lhe compete cumprir. Amados, dirijamos os festejos em júbilo constante, derramando daqui sobre todo o território nacional as bênçãos da Fraternidade.

Estava Ismael falando, quando Jesus se fez presente no ambiente cercado de multidões de espíritos de antigos negros, crianças, jovens, mulheres e homens velhos. A irradiação que os circundava era tão portentosa, que mal podíamos fitá-los. O querido Baltazar, identificado com eles, mostrava seu sorriso brando. Não precisávamos de mais nada, para que a emoção nos tocasse. Percebi Benjamin Constant e Quintino Bocaiúva, ao lado de Bezerra e Lopes Trovão de Serzedelo Correa. Rui Barbosa enxugava lágrimas e Machado de Assis cofiava o cavanhaque, ao

lado de Jose de Alencar.

— Alcançaste a vitória, Longinus, — falou o Mestre brandamente, dirigindo-se a D. Pedro II. — Porém, meu querido discípulo, não aguardes louros de vencedor. Aguarda-te, no final da caminhada, a coroa dorida de espinhos, tal como me custou no Gólgota. Vibra, no entanto, com a felicidade auferida neste dia, porque, por mais te venham a denegrir os feitos, num futuro bem próximo, Longinus, darás teu testemunho de desprendimento, humildade e renúncia, frente aos caprichos humanos.

Flores em pétalas multicores choviam sobre pai e filha, e membros da família imperial. Atrás de ambos via-se o Conde D'Eu e Tereza Cristina.

O local onde nos encontrávamos parecia uma imensa usina de luz e espiritualidade, que lançava toda sua energia rumo às plagas brasileiras. Caravanas se deslocavam rumo à terra, para acompanhar os novos libertos na peregrinação que lhes competia principiar rumo à efetivação de sua liberdade, no campo cultural e econômico. Mas, desde aquele momento, reconheci que a preocupação maior do Cristo era com a evolução moral, espiritual, dentro do campo emotivo, na área do sentimento, que aglutinava os membros de nossa imensa caravana.

Enquanto muitos demandavam a terra, os principais líderes da Abolição e os articuladores da república se reuniam com Ismael, para as deliberações finais.

Porém ocorrera algo. A presença de Izabel e a identificação de D. Pedro II haviam tocado profundamente os militares e articulistas do golpe republicano. A autoridade moral de ambos havia arrefecido o ímpeto reformista, levando Deodoro apensar em encontrar meios pacíficos para implantar o novo regime no Brasil.

Desde aquele dia, passamos a trabalhar mais intensamente junto a todos os companheiros e às enormes levas de negros que,

tendo alcançado A liberdade, não sabiam ainda o que fazer com ela, bem como aos milhares de espíritos sofredores e vingativos, que ainda hoje pululam no Plano Espiritual em busca de seus algozes de ontem.

Por mais desejasse, então, um contato maior com Marília, isto só me foi possível alguns meses depois, num encontro que me fora conseguido pelo querido irmão Tiradentes.

De mãos enlaçadas, no Parque das Águas, um recanto de Nosso Lar, trocamos confidências e impressões e programamos nossas petições, no sentido de estarmos, de algum modo, unidos pela implantação do Consolador no Brasil e no mundo, contando nossas experiências através dos séculos.

CAPITULO XXVIII - MORTE DE TEREZA CRISTINA

“Princesse impériale. Grande satisfaction pour mon coeur et grâce a Dieu pour l’abolition de L’esclavage ao Brésil. Felicitations pour vous e por tous lês Brésiliens.” Pedro e Tereza.”

Izabel leu mais uma vez o telegrama dos pais, felicitando-a pela Lei Áurea. Sentia desde cedo uma tristeza profunda invadir-lhe a alma. Não sabia por que uma cena vinha martirizando-lhe as lembrança doridas, toda ela pulsando no carinho da figura maternal de Tereza Cristina.

O Natal deixar-lhe na alma aquela evocação saudosa dos anos passados. Mas fazia um pouco mais de um mês que o exílio se abatera sobre a família imperial e ela, desde cedo, se deixava arrebatada pela lembrança materna, em pungente amargura. Às vezes lhe batiam as cenas sabidas da morte dos manos Afonso e Pedro II, em tenra idade. Sabia de cor os sonetos paternos, falando de sua dor, porém ela, Izabel, que também vira partir os filhos, podia sentir em si mesma a dor que isto causara à mãezinha, sempre firme, decidida, afeita ao amor a todos, no seu modo gentil e sincero. Novamente a imagem fugidia da infância no Rio aflorou com força.

Acompanhara os passos da mãe a observá-la. Ela se dirigiu a alguns serviços de confiança.

— Já sabem o que fazer. É sábado. Aqui têm o que é necessário, mas cuidem de fazê-lo com discrição e a quem necessite.

Depois, numa decisão repentina.

— Estarei hoje lá. Aguardem.

Não demorou muito e a Imperatriz subira a um coche, saindo em direção a Portaria das Damas na Quinta da Boa Vista. No

último momento, Izabel correria para ela, querendo acompanhá-la. Foi um instante só de reflexão. A mãe a fitara profundamente nos olhos. Depois resolvera.

— Creio que fará bem aos teus ministeres futuros.

Em poucas palavras explicou-lhe que, todos os sábados, fazia uma distribuição de dinheiro para os necessitados, mas que ela não comentasse isto com ninguém. Izabel sentira em si a firmeza maternal na exortação ao seu silêncio e à discrição quanto ao benefício. Sorriu à lembrança.

— Ah, mãezinha! — exclamou mentalmente— Enquanto papai me burilava a alma com o amor à cultura, tu me insuflavas luz no coração com teus gestos de desprendimento e amor.

Vira a mãe dirigir-se aos pobres que aguardavam, porque os deserdados sempre têm um sentido, que os faz divulgar rapidamente o clamor de sua gratidão, aos gestos espontâneos de bondade, direcionados a mitigar-lhes o infortúnio.

No passeio, com uma criança esquelética nos braços, uma mulher jovem e negra, com os olhos fundos de chorar, aproximou-se da soberana.

Não disse palavra. Mas o olhar da Imperatriz pousou no seu, suas mãos abriram espaço entre as dobras da coberta pobre, verificando o menino franzinho a respirar com dificuldade.

— Quantos anos tem?

— Quase dois. — falou a mãe com voz sumida.

Tereza Cristina tomou alguns contos de réis e entregou-lhes.

— Que lindo menino. — exclamou. — Deus há de permitir que fique bom. Se isto não bastar para os remédios, procure em meu nome um médico. Não lhe será difícil encontrá-lo, pois todos o conhecem, minha filha. É Dr. Bezerra de Menezes. Deixe o seu endereço com aquela senhora ali.

Tereza indicava uma nobre da corte que a acompanhava

muitas vezes em seus misteres de caridade, a Condessa de Barral. A mulher sorriu com lágrimas nos olhos, beijando-lhe as mãos, o que ela tentou impedir em vão.

Izabel soube depois. Todas as pessoas cujos endereços eram anotados eram visitadas regularmente por amigos fiéis de D. Tereza Cristina e auxiliados indiretamente, até que pudessem libertar-se de seus infortúnios.

Os anos haviam passado. Era incrível como o rosto da jovem negra ainda estava nítido em suas lembranças. Soubera depois que a criança vingara.

Por que a lembrança da imperatriz lhe amarfanhava a alma?

Era 28 de setembro de 1889, ano de Nosso Senhor Jesus Cristo. Às duas da tarde, no Grande Hotel do Porto, uma caravana de amor auxiliava os últimos momentos da antiga Imperatriz do Brasil. Segundo seu próprio desejo, D. Pedro II não lhe assistira os últimos momentos. D. Tereza Cristina, alma nobre e afável, não desejava magoar seu esposo com a recordação de sua partida.

O frio era intenso. Tiradentes, eu, Luis Gama, D. Pedro I e D. Amélia, Leopoldina e Bonifácio, estávamos entre os que acompanhavam o instante. Perplexo observava que multidões de homens e mulheres, crianças e jovens simples e humildes, aguardavam em caravanas no espaço, com braçadas de flores singelas, colhidas nos campos brasileiros. Derramavam sobre o hotel e nas cercanias as pétalas singelas, homenageando a “mãe dos brasileiros” que, todas as semanas, deixava cair sobre a miséria as doações de seu auxílio espontâneo.

Visitantes ilustres, repórteres, autoridades iam num vaivém contínuo dentro do Hotel, tão logo a notícia corra.

Equipes socorristas comandavam os antigos agraciados com a bondade real, higienizando o ambiente.

D. Pedro II, cansado e abatido, no quarto, tomara nas mãos o jornal Portuense, escrevendo à margem dele, um desabafo

sentido. A poesia era a companheira a dulcificar-lhe a partida da amiga e companheira de jornada, por mais e cinquenta anos.

Nisto batem à porta. Ele rapidamente enxuga as lágrimas, tenta recompor-se. Nem mesmo permitira à camareira vir arrumar a cama. Os livros, companheiros e amigos desde a solidão da infância, doados pela diligência de José Bonifácio, estavam espalhados sobre a mesa.

Dirige-se à porta. Abre-a e depara com o Conde Afonso Celso.

Troca com ele um demorado abraço. Quão poucos amigos sobram a um imperador destronado!

Volta em passos lentos e senta-se a mesa, enrolando as pernas num cobertor surrado. O sobretudo é insuficiente para aplacar o frio, agora que a dor lhe enregela a alma. Tenta ser grande. Discorre sobre o livro à frente, naquela atitude tão típica de negar a dor, para fugir a ela.

— Apesar do frio, terá você oportunidade de ver bons lugares aqui. Bons passeios. Boa gente... — discorre um pouco sobre os locais prediletos.

Abraço-o ternamente, lembrando que Porto fora meu berço em vida passada, tão recente e grata à minha memória. Ele dá um sorriso triste:

— A missa será amanhã às oito horas. A câmara mortuária é ao lado.

O Conde sente que o velhinho quer ficar só, por um momento.

Levanta-se, fala algumas frases confortadoras, abraça-o e retoma o chapéu sobre a cadeira, saindo pelo corredor.

Caminha alguns passos e percebe que deixara cair atrás o chapéu. Retorna para apanhá-lo e vê da porta o Imperador soluçando, com o rosto entre as mãos. Lágrimas abundantes lhe escorrem entre os dedos, ensopando a barba branca e espessa. O

Conde tem ímpetos de entrar, mas, atraído pela sua comiseração, o Imperador percebe que a porta ficara entreaberta. Olha-o por entre as lágrimas e acena-lhe um adeus, observando que também o Conde chora convulsivamente. Num gesto respeitoso, Afonso Celso fecha a porta do quarto e se retira.

Enquanto isto, Izabel guarda com carinho o telegrama dos pais, lembrando que na madrugada triste da partida do Brasil, naquele 17 de novembro de 1889, uma negra conseguiu chegar-se a eles. Apesar do tempo transcorrido, Izabel reconheceu nela a antiga jovem com o filho nos braços. Agora com as cãs a branquear-lhe a moldura do rosto, mudamente, ela se dirigira a Tereza Cristina e lhe entregara um bouquet de rosas brancas. A mãe, por certo, não se lembrava mais do benefício feito, coisa natural em almas nobres, mas Izabel identificou a portadora do ramo amoroso. Dentro de um livro haviam ficado algumas pétalas daquelas flores.

E, naquele momento, no Plano Maior, a mesma mulher, a anônima ex-escrava, com braçadas de rosas, estendia um manto perfumado no espaço que se abrira na Câmara Mortuária, para os páramos celestes onde D. Tereza Cristina era recebida no calor dos filhos, pais, amigos e parentes.

Calma e placidamente, sofrida e calada como vivera, a Imperatriz do Brasil se retirava da vida terrena, deixando uma saudade profunda e irreparável, aqueles que respiravam os haustos de seus exemplos de desprendimento e candura.

CAPITULO XXIX - A MORTE DE SILVA JARDIM

É 2 de outubro de 1890. Silva Jardim parece outro. Perdera aquele ardor, com o qual, aos 28 anos, propugnara quase sozinho pela República, em seus comícios e artigos inflamados, varando a noite, brandindo seu ideal com alguns mil réis e a força e sua

inteligência e sua garganta.

A República se instalara tal como ele desejara, porém de forma a manter a máquina imperial. Os civis haviam sido os líderes, porém tinham sido alijados do processo democrático. Os militares disputavam os despojos e ele não se elegeu pelo Distrito Federal ao Congresso, como fora seu desejo e era seu mérito.

Resolvera descansar na Europa e partira junto a Carneiro de Mendonça e Américo de Campos.

A Itália o atrai de forma inexorável. É como que o retorno às suas origens. A 1º de junho de 1891 está em Pompéia. Muitas pessoas estão ali interessadas no Vesúvio.

— É melhor não ir lá. — comenta Américo de Campos, mostrando um artigo no jornal, no qual o Observatório comenta que, a qualquer momento, o vulcão pode começar a expelir lava.

Mas parece a Luís uma barbaridade o medo:

— Estar em Pompéia e não ver o Vesúvio, é perda de tempo, tolice. — exclama ele, novamente tomado pela impulsividade que lhe fora característica. — Vem comigo? — fala, dirigindo-se a Carneiro de Mendonça.

— E quem mais teria coragem de ir com você? — responde o amigo.

Alugam cavalos, sobem, visitam com emoção as ruínas de Pompéia e, com um guia, sobem até a cratera.

Estão perto da fenda, e enormes rolos de fumaça saem da boca do vulcão. O rapazote quer tornar, bem como Carneiro Mendonça.

— Quero ver bem de perto. Tirar uma foto ali. — diz ele intemorato.

Os dois o acompanham a contragosto.

Estão já à boca do vulcão, quando sobrevém uma erupção. O chão sacode, estremece, abram-se fendas.

— Recuem! — grita Carneiro de Mendonça, dando um salto para trás.

Porém Silva Jardim não consegue. Atrás de si abrija-se uma enorme fenda, soltando a parte do chão que o sustém, lançando-o diretamente para dentro da boca escancarada da cratera em roncoss assustadores.

Mendonça vê estarecido o amigo, sem um grito, levar as mãos à cabeça e cair, sendo tragado pela voragem do vulcão.

O desespero dele e do pequeno guia de treze anos não pode ser menor. Ambos choram.

No Plano Espiritual eu, Luis, e antigos amigos de Silva Jardim o recolhemos, antes mesmo que ele tocasse a lava incandescente. Instalara-se nele como que uma espécie de desmaio psíquico, e, seguindo as tradições de paz e amor de nossa História, o antigo algoz que propugnara pela violência e que ainda trazia em si os vestígios de déspota do passado, era recolhido por nós, como mais um soldado na luta pela abolição e pela implantação da república, incorporado às lides espirituais nas conquistas de glória eterna.

Quando Patrocínio soube, lembrou-se, por um momento, do humor belicoso com que Silva Jardim se referia a ele, com relação a Guarda Negra e a sua “devoção” à Princesa Izabel, a mãe loira dos brasileiros. Conservando, no entanto, a inteireza de caráter, que nele jamais se exauriu, deixou que lágrimas lhe visitassem os olhos, meditando no horror dos últimos momentos do companheiro e dedicou-lhe palavras de elogio, nas quais terminava apoteótico: “Bela sepultura o vulcão, extraordinário destino o do grande brasileiro: até para morrer transformou-se em lava.”

CAPITULO XXX - EM PARIS

Viajar a Paris! Quanto sonhara eu com isto em vida física! Sentia ainda aquele antigo ímpeto de outras eras, como aventureiro.

Minhas “viagens” a Paris eram frequentes, pois ali estava a minha bela, eram encontros através do desdobramento. Nestas ocasiões, me arguia porque tantas vezes fôramos apartados, se a sabedoria de Deus e sua misericórdia são infinitas. Eu ainda me reconhecia um vaidoso, e ela tinha o orgulho de uma deusa que descesse do Olimpo. A importância deste amor ultrapassou e ultrapassa as circunstâncias. Hoje, vê-la feliz é o que mais desejo, mas ainda ontem, como me agradou chegar á cidade luz, no final do século, para acompanhá-la nas suas labutas, pela divulgação do Espiritismo.

O bom doutor, que fundarão núcleo, e fora Tiradentes, estivera conosco nas lutas da Abolição.

E agora eu ia ver o mulato genial, jornalista emérito, chegar a Paris.

O encontro dele com a princesa Izabel foi caloroso. A emoção não podia ser menor, entre duas almas afins.

José do Patrocínio lembrava-se dela ainda jovem, quando a saudara naquele dia memorável, em que tomava posse do trono, em sua primeira regência:

— Sua Alteza é jovem demais!

Ela se voltara ao comentário e olhara-o tão naturalmente, que ele se sentiu desarmado.

Havia doçura na sua voz. Ela se referia aos seus versos, em que a comparava a Maria Antonieta. Patrocínio o percebeu.

— Creio-me neste caso, apta a responder ao “apelo da

mocidade”.

A alusão era óbvia. O jornal “O Mequetrefe” publicara as doze longas estrofes com ilustrações ousadas. Dizia, entre outras coisas:

“Às vezes, pela mente do poeta,
A imagem de Maria Antonieta
Passa-me triste, quanto penso em ti...
E tenho horror ao bando mercenário,
Assassino que entra no sacrário
Da tua alma... e prepara-te o Calvário...
Ai! Mísera de ti!”

Este longo e ousado poema abriria para Patrocínio as portas da Gazeta de Notícias, pelas mãos de Ferreira de Araujo, redator, então.

A bondade de Izabel era límpida como seus olhos e espontânea como suas maneiras. O mulato tinha uma a qualidade rara a lhe ornar as outras virtudes, sabia ser grato.

Observando como a entonação de sua voz demonstrava desencanto, ante a pouca idade, para função tão dura, e, como seu poema deveria ferir os brios reais, frente a comparação com a França, sabedor que era que a avó da Princesa (D. Maria I) enlouquecera só de pensar numa situação similar em Portugal, e no Brasil, Patrocínio sentiu que aquela jovem tinha um espírito maternal inexaurível.

Agora, ao reencontrá-la no exílio e rever suas câs, a recordação daquele dia e do dia 13 de maio de 1888, apresentou-se nítida na sua retina espiritual.

— Minha alma sobe de joelhos estes Paços!

A frase, o gesto, a emoção, as lágrimas e o carinho haviam

lhe custado pelos anos afora, incompreensões mil, de negros, pardos, ou brancos, de homens e mulheres simples e de gente culta.

No momento da assinatura da lei Áurea, não estava nem com 35 anos. Agora já lá se iam quarenta e três. Já lá se ia quase uma década.

Doía-lhe vê-la no exílio, a mãe loira dos brasileiros, como a chamava. Por amor a ela trancara sua carreira política. Fora acusado de servil, até da violência com a qual os capoeiristas, seus amigos, e fiéis à princesa, dissolviam os comícios pro República.

Depois, ao ver tudo perdido, reconhecendo a roda do progresso a rolar, inexorável, caminhara para a entrega da moção republicana.

Patrocínio, ao recordar tudo, saudando suas cãs, teve uma atitude cavalheiresca.

— Sua Alteza é jovem demais!

— Hoje, meu amigo, respondo apenas ao “apelo da amizade”.

Ela se recordava. Sinal evidente que os momentos pelos quais haviam passado sedimentara a amizade, o entendimento entre aquelas almas irmãs.

Paris era luz, era ação era progresso.

O mulato genial mergulhou firme em novas conquistas, entusiasmando-se com as máquinas. Voltou ao Brasil cheio de vontade, refeito em seus ímpetos. Ver Izabel e beber as luzes novas da civilização acendera nele não o estopim do escritor, do inflamado tribuno, que propugnara pela Abolição, e por leis justas contra o arbítrio de Floriano, mas o sonho de ideias novas, a sede e a curiosidade de novas conquistas.

Estivera numa reunião na Rua Sévres. Para lá fora levado por um Irmão, pelo menos assim pensava, sem cuidar que nós o

direcionávamos.

Na verdade nós é que impulsionamos os dois a tomar conhecimento da nova doutrina, que iluminava a Terra.

Iria ele assistir a uma sessão espírita.

Patrocínio sentou-se. Pedira para que não declinassem quem era. Queria assistir anonimamente a tudo.

Uma senhora estava sentada à mesa, junto com outras pessoas sérias e de probidade indubitável. Era Marília, minha querida de sempre. A luz era tão fraca que não fora pela claridade que vinha da claraboia do teto, e, pela posição em que estava, ele não poderia ter-lhe observado o rosto.

A reunião iniciou-se com uma prece. Logo a seguir os circunstantes passaram a esperar a comunicação espiritual da noite. Patrocínio estava curioso.

Sentia-se atraído pela senhora que estava à sua frente. De repente ela, com os olhos cerrados, balançou ligeiramente a cabeça. Um senhor de idade aproximou-se solícito, enquanto outro anotava a comunicação.

A mulher se transfigurou. Ergueu a cabeça numa pose impressionante e iniciou um poema de arrojo, como se falasse com ele:

“ A estrela flamígera cintila,
em inebriante plenitude,
é o riso do amigo que aplaude
o poeta de luz da negritude.
Companheiro querido, o meu gládio
se compara a tua solicitude,
pois, por amor ao negro e aos amigos,
retorno como fui ou como pude!”

Patrocínio estremeceu! Não podia crer que a senhora

francesa se expressasse tão bem na língua portuguesa! Não eram as palavras e seu significado que mexiam com ele. Ele o sentia. Havia ali uma emoção, uma presença, que sentia como se tangível fora! Não era possível! Era ele! O poeta condoreiro, que tanto admirara e que partira tão cedo. Rapidamente lembrou uma discussão que haviam tido, com relação a importância dos diversos estados brasileiros, diante da Confederação Abolicionista. Castro Alves propugnara por um movimento mais amplo. Falara de sua Sociedade Abolicionista, como pioneira, anterior às lutas no Rio. Exaltara o Amazonas e o Ceará emancipacionistas, e os estudantes do Largo de S. Francisco, com seu professor José Bonifácio, o moço, e, num rompante típico de sua maneira firme e explosiva, arrematara:

— O Brasil não é o Rio de Janeiro! — repetindo a mesma frase com a qual José Bonifácio de Andrada e Silva impulsionara D. Pedro I, rumo a São Paulo, para o ápice inolvidável do Ipiranga.

As lembranças desfilaram, num átimo de segundo enquanto a mente bebia sôfrega as palavras da jovem, que prosseguia num português fluente, tão fluente, que era difícil acreditar que não dominasse a língua.

Além disto, naquele momento, sob a obscuridade do ambiente, Patrocínio a fitou com assombro. Sentiu por ela uma afinidade paternal. Era como se a conhecesse. Pensou; estou sendo vítima de um embuste, de uma alucinação, de uma ilusão.

Como se tivesse lido seu pensamento, o espírito comunicante, continuou:

“Ilusão é pensar que é embuste,
a amizade, o amor, o companheiro,
Patrocínio teu ingresso na Verdade,
inda a plainar o Atlântico inteiro,
Sou condor, sou o céu, o oceano,

sou teu irmão, amigo, o pedreiro,
que te repete nas vagas do Infinito:
— O Brasil não é o Rio de Janeiro!”

A rapidez com a qual as ideias se sucediam, a identificação, a maneira jocosa de fazer trocadilho com seu nome (Patrocínio e Patrocínio) deram um repelão forte em suas dúvidas, mas ainda pensou tratar-se de telepatia. A senhora, com o auxílio de pessoas do grupo, devia estar induzindo suas conclusões.

“— Da Rua do Ouvidor, do Diário do Rio,
oh, meu amigo, que saudade infinda!
Lá ficou Corcovado, o braço erguido,
na luta libertária que não finda!
A esperança é a musa que me empolga,
Alvorada na América que é linda,
Os escravos libertos, a República,
quero saudar mais uma vez ainda!”

Não havia como duvidar, ele perplexo, e, ao ver-lhe o espanto, prossegui falando por ela:

“São Paulo ainda me mostra suas torres,
atalaias da luta que se espera,
veremos refulgir no nosso Rio
os clarins a saudar a Nova Era!
Da Bahia a palavra dadivosa,
já se ouve troar, forte e sincera,
e o poeta a retornar do túmulo
é cachoeira onde a luz impera!
Sê mais feliz que eu, tal como a águia,

tens o teu ninho no rochedo íngreme,
mas, além do freguedo da morte, amigo,
minha alma não soluça e não geme.
Os raios do poente rasgam hoje
como um látego o mal que chora e treme,
O Brasil será no século novo
o farol deste mundo, Cristo ao leme!”

Patrocínio já não tinha dúvidas. Impossível não avaliar quão real eram aquelas palavras, o estilo, a voz, que foi tomando entonações perfeitas, as expansões afetuosas, as citações preciosas à pátria e aos amigos.

Ele não podia explicar, mas a senhora à sua frente, se transfigurava no gênio baiano da poesia.

A reunião prosseguiu. Ainda se ouviram duas comunicações tocantes de espíritos sofredores, que foram tratados carinhosamente, mas o “tigre da abolição” já não ouvia. Supremo esforço fazia para não interromper, para não pedir a continuação do contato com o poeta. Nunca houvera visto nada igual.

Quando a fraca luz foi retomada no ambiente, Patrocínio procurou discretamente aproximar-se da médium francesa e perguntou:

— A senhora viu quem falava pela senhora em português?

A mulher passou a expressar-se em francês:

— Eu me senti arrebatada por um turbilhão, mas a impressão era tão fascinante e grata para mim que não tive receio. Senti o ímpeto de um jovem que com muito amor me abraçou e parecia-me vagar num estado de êxtase, que não sei lhe explicar. Este espírito me pareceu ser alguém muito especial, para mim e para o senhor, como se me pudesse comandar ao seu bel prazer, como se por ele eu conseguisse ser capaz de feitos mais difíceis e

sacrificiais. Passei a sentir o mesmo amor que ele, as mesmas ideias, muito fortes e alvissareiras, arrebatadoras e ternas, pelo Brasil, pelos amigos, e pelo senhor. Sim. Posso afirmar sem receio de me enganar. Havia uma ternura muito profunda dele e de mim para com o senhor.

A mulher falava sem afetação.

Patrocínio queria alongar-se, mas era tarde e ela precisava demandar sua residência. Deste modo, deixou-a ir, beijando-lhe a mão comovido.

Perguntou depois ao dono da casa onde a reunião se dera:

— Poderei estar com ela novamente e ver outra reunião como esta?

— A senhora, infelizmente, parte amanhã, demandando a Espanha, onde amigos e familiares estão a requisitar-lhe auxílio. Ficaremos sem as reuniões por mais de um mês, sinto muito.

— Sabe onde ela aprendeu o português?

— Ela não fala o português, contudo, sabemos, por informações de outras reuniões, que ela anteriormente viveu no Brasil, daí se pode deduzir que isto facilitou a comunicação da noite, por seu intermédio, mesmo porque, há um poeta brasileiro que a acompanha e protege e que já foi visto por outros médiuns videntes.

Patrocínio saiu. Queria mais informações, porém sua estada na Europa exigia sua atenção para outros misteres. Mergulhou nas novas conquistas tecnológicas, modo de retomar fôlego e impulso novo, frente aos muitos dissabores que vinha sofrendo no Brasil, com o advento da república.

Vamos encontrá-lo, logo após o retorno, com um entusiasmo de menino, frente a um brinquedo novo.

Dirigia, na ocasião, o jornal “Cidade do Rio” e não se contém de contar a todos a aquisição que fizera em Paris.

— Um carro! Vê, meu bom Bilac. Olavo, meu irmão e amigo. Aquelas ruelas e pistões são mais preciosas que as chaves de ouro dos teus sonetos. Hás de vê-lo resfolegar pela ladeira acima, como se fosse uma criança nos brincos e folguedos. Ah! Que não vejo a hora de pô-lo à mão!

Que de trabalhos e canseiras burocráticas, contudo, para por-lhe as mãos em cima.

A alfândega, desde então, lhe negava à euforia, ao mérito da iniciativa, a liberdade. Eram selos e papéis, idas e vindas e uma luta tremenda para se conseguir a licença municipal.

— Trago de Paris um carro a vapor, o veículo do futuro, o coveiro dos trens, dos tilburis e dos bondes, e o que me fazem estes “filhos de Floriano”? (que era como ele taxava todos os que se lhe opunham, demonstrando a mágoa que tinha aos militares, que o proscreveram do cenário político e da cena pública). São selos e carimbos, requerimentos e canseiras.

Finalmente teve o carro liberado. Um Serpollet, um carro a vapor (tinha 8 HP e motor de 4 cilindros, dispostos em V. Na parte traseira a caldeira.)

Patrocínio parecia um menino, voltado para a indústria, sonhando com carros e dirigíveis.

Se a comunicação com Castro Alves, se nosso contato em Paris, na Rua de Sévres, não o empolgara, a ponto de levá-lo a procurar se inteirar do assunto Espiritismo, para conhecer melhor as leis da imortalidade, a viagem a Paris despertara o desejo de encontrar o futuro, com a tecnologia que planejava.

No mundo, já encarnado, o companheiro Santos Dumont se preparava para levar adiante os sonhos de Alexandre Gusmão.

Vencida a etapa das lutas pela Abolição, e vencida a República, Patrocínio sintonizava os novos avanços de forma intuitiva, e se impressionava favoravelmente com entusiasmo.

Mas quem teria coragem de acompanhá-lo no passeio

anunciado para um domingo, pelo jornal, que passava por tantas dificuldades?

Ninguém tinha coragem. Patrocínio sonhava com o carro a vencer distância como um cabrito, a subir o Corcovado e, também idealizava um dirigível que lhe desse dinheiro, para se dedicar à educação do povo.

— José, — dizia ao seu filho. — educando-se o povo, conquista-se tudo.

— Vamos lá. — pedia a esposa. — Vem comigo.

Ela meneou a cabeça temerosa

— Ninguém, então?

Bilac observava-o pelo monóculo incomodo. Resolveu ajudá-lo.

— Vamos lá. Tentarei aprender a difícil arte de dirigir.

E, baixinho, para que só o ouvisse o amigo:

— Espero mesmo que estas ruelas e cilindros estejam mais certos que a métrica dos versos, meu irmão.

Pessoas se acotovelavam pela calçada, quando o carro saiu com um estrondo. Adiantou-se pela Rua Olinda, pesadamente. Os moradores assustados corriam, mulheres davam gritinhos, tapando a boca.

Para todos, o carro faiscando ao Sol, parecia um monstro novo. Ele seguiu urrando rua afora. O motorista não era dos melhores e, principiante, deu de subir na calçada, assustando as pessoas, derrubando os combustores.

Com uma guinada de direção, ei-lo de retorno ao leito carroçável, onde não contava com um bonde que vinha descendo a rua.

Parecia que o velho motorneiro ia em direção ao carro, em duelo medieval, ao lembrar que Patrocínio escrevera em seu jornal:

“— É o fim dos tilburis e bondes!”

O carro prosseguiu em sua direção.

Algumas pessoas assustadas fugiram aos berros, saltando do bonde em movimento, e esfolando-se no calçamento.

O carro desviou, urrando e faiscando ao sol, atravessando a cidade e alarmando as pessoas, rumo ao Bairro da Tijuca.

Patrocínio parecia um moleque. Há muito tempo que não se entusiasmava tanto.

— Bilac, dá mais pressão ao motor!

O poeta ia retrucar, mas se deixou contagiar com aquela euforia e atendeu ao apelo.

O carro deu mais velocidade. Uma curva adiante e a alavanca da direção perdeu o controle.

— Breca!— gritou o poeta, e o carro avançou rumo a uma árvore, bateu nela, perdeu o rumo e despencou no barranco com um estrondo.

Amarrotado e assustado, o parnasiano e o tigre inauguravam de forma desastrada a era da industrialização, à balburdia do trânsito.

Felizmente foram só arranhões, mas o carro estava um amontoado de ferro amassado.

Trabalho e mais despesas para transportá-lo de retorno à casa.

No Plano Espiritual, Nhá Justina comentava:

— Este meu menino, sempre foi assim mesmo. Um “arranca-toco.”

CAPITULO XXXI - NA ÁFRICA

Antonio Pereira Rebouças, o pai de André Rebouças o

acompanha preocupado.

Reconhece que a debilidade orgânica toma conta do filho, o qual mostrava também sinais de debilidade mental.

— Olhe para ele, Luis. Até em sua loucura procura ser racional, um matemático, um cientista.

Luis observa a tristeza do amigo e recomenda que procure auxílio junto a D. Pedro II e Izabel.

— Quem sabe se ele tornasse ao Brasil...

E começamos nossa intervenção visando tirá-lo da ilha de Funchal, onde vivia em solidão e tristeza. Corre o ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1898, exatamente dez anos após a abolição. Começo a pensar nos acontecimentos que se seguiram tão céleres, àquela festividade da libertação dos negros. Os boatos sobre o Conde D'Eu, estrangeiro, e D. Pedro II, atestando sua senilidade. Que sofrimento inenarrável fora para todos nós. A mim particularmente doera-me ver o companheiro Rui ser o baluarte no verbo, na imprensa, liderando, mesmo que o não quisesse, a República, junto a Benjamin Constant e Quintino Bocaiúva. Também me doera vê-lo junto a Patrocínio ser o portador da carta em que se pedia a Deodoro que tomasse nas mãos o poder, instituindo a república.

Rebouças não podia, então, compreender tamanha injustiça contra a família imperial. Sua amizade a eles, principalmente ao Conde D'Eu, a interferência de D. Pedro II a seu favor, diante da politicagem que arbitrava para Borja Castro a inspetoria da Alfândega do Rio de Janeiro, e que acabou por ser-lhe entregue pelo autoritarismo do Gabinete de Rio Branco.

Eu me lembrava de Rebouças com Clapp, sempre a bolsa aberta para os comícios, as festividades, os leilões. Eu me lembrava dele pregando os cartazes, auxiliando na limpeza, empunhando a vassoura, firme e humilde, fingindo não ver as arbitrariedades que faziam contra sua pessoa, contra sua

capacidade e cultura, pelo simples fato de ser mulato.

Eu me lembrava dele fingindo não saber da desfeita havida no baile, pela Augusta, falando aos jornalistas que o inquiriam.

— Já tive oportunidade de dançar antes com a princesa e demais senhoras da Corte, por diversas vezes...

Eu o vira sempre pronto e firme para toda a luta, desde a Guerra do Paraguai, as lutas pelas fortificações, a utilização das águas, os portos e seu aproveitamento, fugindo às injunções políticas e administrativas, sem buscar jamais agradar, dentro de um sistema de justiça e equilíbrio, adorando o pai e o imperador, cercado de atenção e cuidados os irmãos menores, atencioso com seus alunos.

Eu o vira partir junto a família imperial e chorar sozinho em seu quarto pela sorte do imperador.

Agora o via, noite após noite, definhar em febres e visões, tal como outrora.

O engenheiro brilhante precisava de socorro urgente de todos nós.

— Em vão o visito. — comentava D. Pedro II — Ele me vê em vigília e me chama Imperador Jesus, Imperador mártir. Ninguém o entende. Como saber que me vê, que liga minha figura ao Cristo, e que sabe dos desmandos do grupo inconfidente, quando diz que são os culpados pelo sofrimento hebreu, (quando foram egípcios) e que são responsáveis pelo sofrimento do negro e pelo sofrimento da família imperial brasileira?

— Tudo fiz para que ele não tornasse a África. Estes recantos haveriam de transtorná-lo pela carga emocional que representam para seu espírito. — comentei por meu modo.

— Estive com ele em Zanzibar Aden, Moçambique, Beira, Quilumiane, Inhambane e Lourenço Marques. — falou Luis com um acento de tristeza na voz. Bem sabes o que isto representa para todos nós. Um retorno ao tempo do exílio, e agora num exílio

voluntário, tentando acompanhar a princesa do Brasil, em desespero pela espoliação do negro em Transvaal, até chegar neste Funchal, da Ilha da Madeira.

— Melhorou desde que recomeçou a lecionar.

— O ideal é que o levemos de retorno ao Brasil, onde o ambiente lhe será mais propício. — falou D. Pedro. — Neste sentido e que venho influenciando Taunay.

No ano de 1896 chega a carta convidando-o para tornar a lecionar no Rio de Janeiro, na cadeira que antes fora a sua. Mas, contra todos nossos esforços, Rebouças recusa o convite.

— Só me resta ficar ao seu lado até o fim. — comenta seu pai.

Revezamo-nos sempre ao seu lado. Está pobre e doente. Pior ainda. Está sozinho fisicamente.

Passa-se o mês de abril, de tanta significância e chega maio, o mês da Abolição. André Rebouças está fraco, doente, tem febres violentas. Venta muito, a noite chovera, mas agora o céu se abriu em beijos de luz e as nuvens competem no espaço com as aves, cortando o céu. André se dirige para uma rocha perto de sua casa. É um despenhadeiro com sessenta metros de profundidade, que vai terminar exatamente num marulhar das ondas.

André fica instantes pensativo, olhando o mar, como se não o visse. Perdera a noção de tempo e espaço. Não sabe sequer onde se encontra. De repente vê no espaço lembranças de outrora que desfilam. É sua vida que passa como num filme à sua frente. O amigo Conde D`Eu lhe sorri, cofia a barba, pede para que dance com a princesa. O Visconde de Sinimbu vira— lhe as costas, o amigo Carlos Gomes lhe entrega sorrindo o filhinho Mario, para que o beije. Sua comadre também lhe sorri, bem como seu mano Antonio. Vê seu querido pai, ao lado do imperador D. Pedro II.

Levanta-se cambaleante e dirige-se para eles, em busca de respostas para sua vida de tanta luta e de tanta beleza moral.

Esquece-se da altura em que se encontra.

Seu corpo se projeta ao espaço indo chocar-se contra as rochas, lá embaixo. Qualquer um diria que se suicidou. Mas não foi assim. Seu espírito liberto caminhou rumo aos amigos que deixara e que o recolheram na sua solidão e tristeza, rumo às plagas celestiais.

Só foi encontrado dia 9 de maio de 1898, estendido no solo, o grande brasileiro que se projetou no espaço, como uma ave que voasse rumo a própria libertação.

CAPITULO XXXII - A ROSA DE ESPINHOS

José Maria da Silva Paranhos, em espírito, assiste aos últimos momentos do monarca brasileiro. Corre o ano de 1891, 5 de dezembro.

— Ele não sabe, mas a ingratidão de Deodoro está já a cobrar-lhe a deposição, desde o mês passado, entregando o posto ao arbítrio de Floriano, à sua ambição e canhestra administração.

— O velhinho respira com dificuldade. — comenta o barão de Mauá. — Mister auxiliá-lo no desenlace.

Silva Paranhos relembra com carinho o apoio irrestrito do antigo imperador na questão religiosa, quase dez anos antes. Fora logo após a sanção da Lei do Ventre Livre. O padre Almeida Martins, maçom, saudara-o, durante uma homenagem que a Maçonaria lhe prestava, pela referida Lei. Tendo se comprometido publicamente, o padre fora suspenso pelo bispo do Rio de Janeiro.

D. Pedro II, atendendo a reivindicação das irmandades que passaram a ser atingidas por sanções a seus membros, proibidos de participarem da Maçonaria, condenou os prelados que não aceitavam o padroado, ou seja, a interferência do Império nas questões da Igreja, a quatro anos de prisão.

Quanta luta pela imprensa, a pressão da opinião pública, dirigida pela Igreja, até a anistia aos prelados, somente após sua saída do Ministério.

O espírito de Tereza Cristina velava ao lado do antigo Imperador. Amélia, a antiga esposa de Pedro I, segurava a cabeça do monarca ao colo. Foi quando Leopoldina entrou. Com um sorriso triste, tocou-lhe a fronte febril.

— A pneumonia o martiriza muito, senhora. — comentou com

os olhos marejados Tereza Cristina.

Leopoldina beijou-lhe a testa e chamou-o brandamente:

— Pedro, meu querido! Pedro!

Espíritos amigos se aproximaram e foram desataviando os laços que o prendiam ao corpo.

— Levá-lo-emos a Colônia Espiritual que paira sobre os trópicos. Ele se sentirá muito bem em terras brasileiras. — comentou a ex imperatriz.

Rio Branco sorriu. Sabia que o Mestre e Ismael esperavam o antigo imperador para a alegria do retorno. Comentei com o antigo Ministro:

— Contas renascer brevemente?

— Sim. E, malgrado todas as vitórias que já pude alcançar, meu amigo, sei que a prisão dos prelados me alcançará com pena idêntica. Temo por isto. Sabes que trago do passado um temor inaudito pelas grades. Terei que passar novamente por isto e temo me comprometer. No entanto, voltarei nas lutas do Direito, ao lado de companheiros queridos e terei novamente cargos de importância, em um governo que se instalará num momento decisivo para o Brasil. Ora por mim, amigo, pois ainda estarei me preparando por largo período, antes de reingressar na carne, na mesma árvore familiar da qual fiz parte.

Nisto o barão de Mauá aproximou-se de ambos:

— Acaba de expirar o maior imperador deste século. Acompanhem-lo.

E a caravana espiritual singrou o espaço, levando o precioso amigo que retornava por suas mãos às Plagas Brasileiras.

A princesa Izabel somente retornaria a Pátria Maior a 14 de novembro d 1921 e Gastón, o Conde D'Eu, a 28 de agosto de 1922, um ano antes de Rui Barbosa, quando se dirigia para o Brasil, já anistiado, a fim de assistir aos festejos do centenário da

independência.

Ao reencontrarem-se no Plano Maior, todos eram concordes num ideal.

— Se ainda houvesse escravos no Brasil, e se ainda os há da miséria e das potências estrangeiras, nós tornaremos lá para libertá-los.

E liderando-os vemos a figura de Manoel da Nóbrega, Anchieta e o padre Martins, Bezerra (que em 1869 escrevera “a escravidão do Brasil e as medidas que convém tomar para extingui-la sem dano para a Nação”), Anália Franco e Batuíra, Eurípedes Barsanulfo, e André Luiz, Cairbar Schutell e aquele que seria Romeu de Campos Vergal, todos engajados nas lutas espíritas junto ao livreiro e editor do Instituto Histórico da Rua Ouvidor 65, B.L.Garnier, que trouxera para o Brasil, por primeira vez, as traduções dos livros kardecistas.

A luta seria grande. Em Ouro Preto, um padre comprara um opúsculo de Garnier, editado em 1876, traduzido da 16ª edição. O querido companheiro, ex inconfidente, caindo no engodo clerical, estudava O Evangelho Segundo o Espiritismo, a fim de dar-lhe perseguição.

Na década de 1970, reencontra o livro atirado ao lixo, guarda-o com carinho.

Engajado nas lutas espíritas, batalha por implantar o primeiro núcleo espírita em Ouro Preto.

Com sua mediunidade pujante, concita o historiógrafo Tarquínio na procura de um chafariz no Alto da Cruz. Desenterram-no. Alguns anos após, retorna ao Plano Espiritual, o querido companheiro José Antonio Coelho Maciel (*).

E, neste século que assiste ainda o desfile de Aleijadinho a Oscar Niemayer, do autoritarismo ao direito, da carroça de boi à energia nuclear, ainda o respeito ao direito humano, individual e às nacionalidades, continua a ser o móvel de nossos esforços, em

vidas que se sucedem em cadeia ininterrupta, até a vitória final.

(*)Tarquínio José Barbosa de Oliveira, autor de um estudo sobre as Cartas Chilenas, revisor e anotador oficial da edição dos Autos da Devassa da Inconfidência Mineira, com José Antonio Coelho Maciel, maçom do 3º grau, de Ouro Preto, seu amigo, providenciaram a análise do chafariz maçônico, diferente dos outros existentes em Ouro Preto, que fica na antiga Rua das Lages, atualmente R. Conselheiro Quintiliano, no morro do Alto da Cruz.

Sua simbologia são estas: uma coluna piramidal na face superior (o bastão) ladeada de duas semi abóbodas (os cajados); portanto, um bastão e dois cajados. Dizem-nos que deviam ser dois bastões e um cajado. No alto um friso de fora a fora, na fachada. No meio três triângulos superpostos (a Liberdade, Igualdade e Fraternidade, o poder, a inteligência e a bondade, o branco, o vermelho e o azul.) Um semi círculo (o avental) que estando voltado para baixo, significava que ali se reuniam maçons do grau 18 para cima, isto é, aqueles que podiam tratar de política. Uma espécie de tanque (o túmulo de Hiran Abif, repouso do chamado espírito maçônico.) À direita e a esquerda sobressaem-se as duas colunas J.B. (Jaquin e Boaz) Na face esquerda há um buraco simétrico, dentro do qual está gravado, em alto relevo, a letra M, e na face de traz duas lajes de pedra, formando o “ piso ” e “ teto ”, em meio a um buraco, por onde passa o cano que termina na torneira do chafariz.

Pelos símbolos nela existentes pode-se “ ler ” a seguinte mensagem: “ REUNIDOS NESTA LOJA CAPITULAR, CAVALEIROS DO ORIENTE, SOB A ABÓBODA DE AÇO E PERANTE O GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO, JURAMOS ENTRE COLUNAS CONQUISTAR O PODER, COM INTELIGÊNCIA E BONDAD E. NOSSO PACTO FICA SELADO E GUARDADO NA ARCA DA ALIANÇA, MESMO QUE CUSTE NOSSAS VIDAS ”.

Apesar da mensagem, com os três triângulos superpostos , representando o “Conselho dos Cavaleiros do Oriente”, a Loja Capitular, a Loja Política, o avental identificando o grau 18 para cima, o friso, mostrando que estava em vista um evento futuro, um plano-tudo, o bastão e cajados significando o Grande Arquiteto do Universo, a abóboda de aço”, nada foi encontrado na arca da aliança, e o selo já estava quebrado, quando os maçons chegaram para identificar o monumento, documento em pedra da existência dos maçons, que se reuniam na casa do parente de Domingos Abreu Vieira, e Pe. Rolim, o Antonio Vieira da Cruz.

Há outro chafariz no muro que separa o quintal da Rua das Lajes. Um chafariz público construído em 1794, com duas colunas e um retângulo em alto relevo, deixando sinais que ali havia um templo maçônico.

Este segundo chafariz seria uma “placa” indicando a existência do outro, que fora enterrado após a morte de Tiradentes, erguido, portanto, dois anos depois, quando corria a Devassa Fluminense. A casa de Antonio Vieira da Cruz fora construída por volta de 1750. E, como não há coincidência, Tarquínio, um inconfidente reencarnado, voltou para desenterrá-lo neste século, ao mesmo tempo em que pesquisava sobre o filho de Marília, Anacleto, na Fazenda do Manso, onde este nascera, e os documentos da inconfidência, a soldo do governo de Minas, sob a governança de Tancredo Neves. Foi auxiliado espiritualmente por José Antonio Coelho Maciel (ex inconfidente também, depois antigo padre da Igreja Antonio Dias.) que fora “buscar”, em meio ao lixo da referida igreja, um Evangelho Segundo o Espiritismo, impresso em 1876, por Garnier, do Rio de Janeiro, comprado em vida passada, por ele, para “perseguir” o Espiritismo, por cuja divulgação neste século lutou, implantando o primeiro núcleo “Grupo Espírita Evangelho do Cristo”, naquela Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar dos Nobres de Ouro Preto.

Houve ainda outro partícipe do movimento, este radicado no Tejuco e que ajudou Tarquínio nas pesquisas dos documentos relativos a Diamantina, o Sr. José Costa Andrade, que também já partiu para o Plano Espiritual.

Além destes dois chafarizes, comprovação material da presença da Maçonaria em Vila Rica, ainda havia outro, na parede lateral esquerda, de quem está de frente para a Igreja Antonio Dias, nos fundos, que foi retirado, mas do qual ainda restam alguns vestígios que identificam sua relação como marco maçônico, igual aos outros dois descobertos por Tarquínio e Maciel.

Ah, Vila Rica que, aos poucos, como donzela recatada, nos descobre seus mistérios e suas histórias, pelas mãos dos noivos que palmilharam aquelas ruas, em meio aos irmãos Tomé e Judas. (Barbacenas e Silvérios) de hoje.

CAPÍTULO XXXIII - GUIOMAR NOVAES

No Jardim da Infância da Escola Modelo Caetano de Campos, as mãozinhas ágeis de uma garotinha de cinco anos, acompanham as aulas de canto ao piano.

Os professores se encantam com aquela criança de olhos vivos e cismarentos, que já compõe valsinhas, dando asas ao gênio que possui.

Era ela a décima sétima filha de Ana Novaes, que, apesar do acúmulo de tarefas, com seus rebentos, não apenas se ocupava de fraldas, mas transmitia aos filhos o seu amor pela natureza, pelas artes.

Nascida em 1895, em São João da Boa Vista, interior de São Paulo, a pequenina chegara, com toda a família, para morar no Bairro da Aclimação, na capital paulista.

Ah! Vida! Como repetes os contornos dos reencontros, levando as almas a se reverem!

Na casa vizinha, um homem de grossas sobrancelhas, voltado para as preocupações sociais e para o aproveitamento das riquezas minerais, se encanta com o rostinho adorável da pequena, com seu nariz arrebitado.

O nosso Monteiro Lobato, que observa as crianças com indizível atração, e mistura às suas lembranças infantis, as outras recordações íntimas, as reminiscências reencarnatórias, decifrando ou enovelando as simpatias e idiossincrasias que alimentara, começa ali a formar o perfil da prima de Pedrinho (ele mesmo com vestes literárias), a doce Narizinho, que o imortalizaria.

Ele não sabe, não sabe de forma consciente, mas aquela menina lhe toca a alma. Sua fidalguia natural, seus modos, o riso

a deitar covinhas no rosto, o nariz eternamente erguido, num jeito aristocrático, o modo como senta ao piano e toca, o caminhar esbelto e grácil, parecem desvendar mistérios em sua alma, já tão ferreteada pelo desencanto do mundo. O escritor observa a pequena e em seus sonhos uma imagem de mulher passeia com encanto pelos salões do Palácio de Cachoeira do Campo.

Sim. Aquela menina é velha conhecida sua. Se ele pudesse saber em vigília o que sua alma conhece na memória imbatível do espírito. Ele a adivinha sem saber, a reconhece, pela atração que lhe exerce, sem, contudo, defini-la. Aquela menina era a reencarnação de D. Rosa, esposa do Visconde de Barbacena, com a qual ele convivera, como preceptor de seus filhos, da qual levava gratas lembranças, pela forma como se conduzira, procurando livrá-lo, por todos os modos à prisão, interferindo nos planos do marido. Aquela juvenzinha, que se inclina para a música, com um encanto peculiar, com um gênio que de longe mostra a natural precocidade, o conhecimentos dos hieróglifos na pauta, como amigos de ontem, aquela criança gentil e altiva, aprisiona a alma arrebatada de Monteiro Lobato, antigo inconfidente Maciel, para dulcificar sua literatura das asperezas da relação humana, para compor lições inolvidáveis para pequerruchos e marmanjos.

Monteiro Lobato e Guiomar Novaes, José Alvares Maciel e D. Maria Rosa, viscondessa descendente dos Sabugosa, ali, lado a lado, na Paulicéia, onde os passos meus, de Nabuco, de José Bonifácio, o moço, de Rui, de Luis Gama, de Bento, de Raul Pompéia e de tantos outros ainda ressoam. Monteiro Lobato e Guiomar Novaes, a trocar olhares de simpatia, palmilhando novas estradas, para levar o nome do Brasil avante, além das fronteiras, seja na literatura a falar da “negrinha” torturada pelo amor de uma boneca, seja a compor a música, para liberar a alma.

Por isto, os acordes infantis de Guiomar lhe tocavam a alma

tanto quanto os saraus da antiga casa do governador de Minas, o Visconde de Barbacena. Voltava D. Maria Rosa a adentrar o universo da alma de Maciel, arrebatando-o para um novo campo de criação, dentro da literatura e povoando este universo. Se misturavam a graça peculiar daquela criança, que em genialidade procurava levar o nome brasileiro até o outro lado do Oceano, e às nações irmãs, com a literatura de Monteiro Lobato.

Mademoiselle Novaes, a menina prodígio, identificada depois por Harold Bauer, fazia o caminho inverso na sua gloriosa trajetória. Antes viera da Europa para o Brasil, para interferir no projeto inconfidente, vendo ir para a cadeia e exílio o nosso amigo Maciel e seu cunhado Freire de Andrada. Agora, contudo, saíria das vilas brasileiras para a Europa, deixando no espírito de Maciel a esperança e a alegria, na figura feminina de Narizinho, que não só o imortalizaria, como o transformaria no prisioneiro mais incômodo do Estado Novo.

E, quando a vimos partir, aureolada pelo apostolado musical em 1979, nós que iniciávamos então o livro *Confidências de um Inconfidente*, ficamos a meditar em como a vida é fascinante, pois, aquele reencontro de dois seres formou uma longa corrente a unir o passado, dulcificando com sua arte musical a saudade da princesa Izabel, e culminando com todo um longo percurso de glória, em meio aos problemas familiares e íntimos, pelos quais passou, trazendo até nosso tempo seu brilho de estrela quase oculta de ontem, para o voo particular com o qual resgatou Gottschalk e fez de si mesma uma mulher inesquecível.

Guiomar retornava à Pátria Espiritual reconciliada com seu hóspede e amigo do antanho. Inspira-o para suas produções literárias, e era recebida por ele com indizível afeto, enquanto víamos unidos ao ideal pátrio e ao amor universal, a saga de nossas vidas se vestirem nos tipos gráficos, para clarear nossa história, tão intrincada que nos levava do Egito ao Circo Romano, e das pelejas políticas para as lutas no movimento espírita. E esta

São Paulo que nos reviu no último século, em meio às lutas pela abolição e emancipação econômica e cultural, esta São Paulo também viu as primeiras sementes do Espiritismo pelas mãos de Bатуíra, Anália Franco, Schutell e Bezerra, a desabrocharem do chão, para sedentar os brasileiros de hoje, mesclas de gerações e nacionalidades que se perdem na noite tenebrosa dos milênios.

CAPÍTULO XXXIV - EM VERSAILLES - 1910

A notícia chegou antes dela.

O Conde D`Eu e a princesa Izabel enviaram um mensageiro para convidar a genial jovenzinha Guiomar Novaes, que fora admitida na classe do mestre Isidore Philip, em Paris, para passar com eles uns dias. Além do castelo do Conde, eles tinham uma mansão à entrada de Versailles.

Para a princesa, Guiomar, com aquele narizinho arrebitado, os modos gentis e provincianos, representava o Brasil, a saudade, a esperança.

Receber os amigos que granjeara do Outro Lado do Oceano, na terra que a virá nascer, trazia-lhe balsâmicas satisfações íntimas. Ouvir as notícias do que se fazia, então, aqui, da sua casa, dos conhecidos, da política, do progresso, dos negros...

— A evolução tem este dom. Pode esmagar-nos a alma, mas consegue alegrar-nos. — dizia ela ao marido, com aquele encanto que era a doçura de sua bondade natural.

— Minha querida— falava o esposo, percebendo-lhe a emotividade. — como puderam magoar um coração como o teu, e não compreender a mulher que és? Desde o primeiro momento eu já sabia que eras “meu tudo”.

Izabel achegou-se a ele com uma brejeirice outonal.

— És suspeito para falar de mim, pois sabes que ninguém jamais te amará como eu, meu Gastón!

Aquele tratamento carinhoso e familiar, que vinha dos primeiros conchavos entre os dois, sempre o fizera rir, espantando as mágoas que se acumulavam.

O Castelo D`Eu já estava em ordem, e haviam sido tão poucas as lembranças carregadas à última hora do reino brasileiro. Izabel

quase fraquejou. Teve ímpetos de chorar, perguntar por que os brasileiros a haviam tratado daquele modo.

Ao invés disso, sorriu e acariciou o rosto bonito e másculo do homem que ela amava muito, e que só lhe trouxera sempre alegrias, pela maneira nobre como se portara em todas as ocasiões com ela.

Difícil esquecer o modo cruel como participara da Guerra do Paraguai. Quem sabe, por isto, estavam a sofrer agora tanta desilusão. As palavras do Barão de Cotegipe pareciam repetir o vaticínio:

— Redimiste uma raça, Majestade, mas perdeste o trono.

A ex imperatriz comentou apenas:

— Vou dar ordens para que façam aqueles canapés que ela tanto gosta.

O Conde a viu afastar-se com os passos miúdos, a figura esbelta e soberana. A saia farfalhou sobre o tapete. Um criado entrou e limpar o piano de cauda.

— Virá Mademoiselle Novaes?

O conde apenas assentiu com a cabeça. Impossível não lembrar que “lá petite brésilienne de 13 anos” havia encantado Claude Debussy, Gabriel Fauré, Moskowiski, Harold Bauer e tantos outros.

O servo foi buscar uma capa de veludo para toucar o banco do piano, e guarneceu as mesas com as melhores toalhas. A prata foi polida e flores mais viçosas que as de outros dias, vieram perfumar os vasos do grande salão.

Não demorou muitas horas e um laçaio anunciava na mansão a presença da pianista brasileira, que toda a Europa ansiava ouvir, a antiga menina-prodígio que, com apenas quatro aninhos, já conseguira tocar de forma a chamar a atenção dos mestres.

Guiomar chegava acompanhada de uma dama, com seu

sorriso encantador e suas maneiras cativantes.

Izabel tomou-lhe as mãos com muita efusão;

— Que bom que vieste, minha filha.

— Eu que agradeço a bondade de me receber. De há muito a apreciava, majestade.

A condessa sorriu:

— Chama-me Izabel, apenas.

Entre o chá e as iguarias, com muito tato, o conde foi introduzindo assuntos que levassem a juvenzinha a falar do Brasil, do que acontecia aqui. Seus olhos iam da jovem para a esposa, que bebia avidamente cada palavra.

Depois Guiomar quis mostrar-se grata, pela maneira delicada pela qual agiam para com ela.

Com naturalidade, ofereceu-se pra tocar.

A princesa ficou encantada. Schumann, Chopin, músicos geniais desfilaram por aqueles dedos mágicos. Izabel lembrava-se das músicas que executava com sua irmã Leopoldina, na Corte, nos folguedos infantis, das tardes amenas no Paço, quando desafogava suas angústias, ora tocando para o pai, ora para o esposo.

A juvenzinha prosseguia com elegância, enquanto por suas mãos fluía a tristeza de Chopin, maviosa, enchendo de melodia as salas amplas.

Ninguém ousava interrompê-la, conquanto sentissem um tanto de constrangimento, por usufruir, daquele modo sua arte.

Foi quando, num último dedilhado, o olhar da artista cruzou com o da matrona:

— Permita-me mais uma, Majestade.

Izabel não sabia o que dizer. Seu íntimo estava pejado de encanto e saudade.

— Eu não ousaria pedir tanto, minha filha.

Elas como que se entendiam, sem palavras.

As mãos ágeis da pianista iniciaram a Fantasia Triunfal do Hino Nacional Brasileiro de Louis Moreau Gottschalk, num estilo tão eloquente, que era impossível não se contagiar por ele, ainda mais lembrando que no Brasil sua execução estava proibida (e assim ficou por décadas), pelo fato de ter sido dedicada à Família Imperial.

Os sons abundantes e heroicos iam subindo no espaço, fazendo um eclodir de vibrações harmônicas e firmes, atraindo ao local inúmeros espíritos identificados com os ideais pátrios.

Izabel continha os soluços com a cabeça pendida sobre os ombros do marido. Os criados assistiam a cena com emoção.

E, enquanto as lágrimas rolavam espontâneas, Guiomar Novaes com sua arte, tocava as cordas vibráteis da emoção de duas almas enobrecidas.

A Marcha Triunfal fugia pelas janelas, brincava nos jardins, e ia ganhar as ruas de Versailles, para contar ao mundo uma linda epopeia, a do sonho de Liberdade e Igualdade, na demonstração da Fraternidade de uma ex princesa, que aceitara a cruz do exílio.

CAPITULO XXXV - RUI E RODOLFO DANTAS

Rui Barbosa lembrava, fora em 1873 que os Dantas haviam viajado para a Europa, pois seu amigo Rodolfo estava doente. Ele fora com eles, amigos queridos de todas as horas, com os quais passara seis meses no estrangeiro, tendo, ao retornar ao Brasil, a tristeza de vir a perder o pai. Quantas dívidas a pagar, quantas dificuldades a vencer e, além disto, perdera também a namorada, Maria Rosa, que partira deixando-lhe um vazio na alma.

E agora, após tanta luta, nos comícios, teatros, defendendo o Partido Liberal, seu partido, com todas as proposições por eleição direta, liberdade religiosa, regime federativo, encontrara os olhos puros e doces e o sorriso desabrochando em graça de Maria Augusta Viana Bandeira. Jamais pensara que pudesse novamente se apaixonar. Mas... a palavra amiga de Rodolfo ainda lhe soava nos ouvidos:

— Ela é, sem dúvida, a mais bela moça da Bahia, não só pelos seus predicados físicos, meu amigo, mas também pelos dotes maravilhosos de sua personalidade.

Havia tanta paixão, tanto calor na voz do companheiro e irmão, que sempre lhe propiciara com o melhor, nos momentos difíceis pelos quais passara, que Rui não sabia o que fazer.

Sim, aquele mesmo amor que Maria Augusta despertara em seu peito, também incendiava o coração do amigo Rodolfo. E ele, sempre retraído, sentindo-se fisicamente desvantajado, não se sentia no direito de uma disputa aberta e franca. Além disto, era pobre, sem condições para enfrentar uma responsabilidade de casamento e Rodolfo era o “ai Jesus” das moças, com seu aspecto de mancebo saído dos folhetins da época, tão bem apessoado, quanto inteligente e bondoso.

Nisto, vieram correndo lhe chamar.

Desceu as escadas e acompanhou o negro que vinha da parte de D. Maria Augusta. O que poderia querer a jovem, para chamá-lo daquele modo, contra todo o costume da época? A letra redonda da moça dizia simplesmente:

— Conto com sua disposição cristã, para o amparo a uma pobre desamparada.

Uma caleça aguardava no passeio e nela Rui entrou preocupado. O negro deu indicação ao boleiro e se foram para os lados do cais.

Num quarto infecto e escuro o escravo o conduziu. Rui olhou e viu um jovem moça negra caída sobre um catre. Da perna se via, apesar da escuridão reinante, pontos supurados. Rui aproximou. A jovem recuou assustada, ainda que presa pela dor e pela febre. O negro a tranquilizou com palavras de um dialeto sudanês, que o jovem advogado não conhecia.

Percebeu logo. Haviam-na marcado a ferro e estava com uma feia ferida na perna, que poderia gangrenar.

— É fugida?

— Sim, sinhô, mas deste jeito não vai poder seguir viagem.

Rui sabia que havia quilombos, onde os negros se homiziavam, mas, no estado em que a escrava estava, não poderia mesmo escapar. Cofiou o bigode, lembrou-se de Rodolfo. Por que Maria Augusta não pedira seu auxílio?

— Vou enviar um médico de confiança. Dr. Alberto. Tome a mesma caleça para vir aqui, pois o boleiro é de nossa Irmandade. Rui observou a ferida. Sim. Era uma barbaridade que os senhores marcassem seus escravos nos braços ou na coxa, com o ferro em brasa que usavam na marcação dos animais.

— Quando terminará esta selvageria? — murmurou mais para si mesmo.

O negro dava de beber a jovem mulher, com tal calor que ele não teve dúvidas do amor que o inspirava.

— Qual o seu nome, minha filha?

— Maria das Dores. — falou a pobre com um esgar de dor.

— Não desespere. Ore, e nós procuraremos ajudá-la. Virá um médico e terá comida e remédios. Logo que estiver boa, faremos com que fuja. O lugar é seguro? — perguntou ainda ao negro que o levava.

— Nhô, sim.

Rui rabiscou um recado num papel e entregou ao negro, que o guardou por dentro da camisa de pano cru.

Retornaram por onde tinham vindo e antes de descer o advogado deixou o negro na porta do doutor, retornando à casa.

A noite compareceria ao sarau em casa de Maria Augusta, junto com Rodolfo. Não sabia se devia contar-lhe o ocorrido.

Retraído, durante o sarau sentar-se longe do piano, em conversação com os demais membros da casa. Maria olhava-o e sorria-lhe. Pediam sua opinião sobre as leis, até mesmo as moças queriam saber o que diria aos escravos:

— É uma selvageria o que se faz com estes pobres. São criaturas humanas e os marcam com ferro em brasa, exigem-lhes trabalhos acima de suas forças, massacram-lhes a alma com sacrifícios e maldades sem fim. Todas as nações já se libertaram deste crime nefando, e, no entanto, no Brasil, quanta demora na consecução deste objetivo.

D. Maria Augusta estendeu-lhe uma bandeja de licor, que uma escrava deixara sobre o aparador. Seus dedos se tocaram e ela baixara os olhos, corando vivamente.

Rodolfo chegou-se a ele. Tocou-lhe o ombro.

— Parabéns. Conquistaste a moça mais bonita de toda a Bahia.

Ele não podia crer em tamanha felicidade. Olhou-a e ao amigo. Para ele era certo como não havia como escolhê-lo, tendo a oportunidade de privar com um homem de tamanha bondade natural, inteligência e talento quanto Rodolfo.

Porém a jovem lhe sorria, abanando-se com graça e os gestos eram sinais a lhe dizer brandamente:

— Gosto de ti!

Pela primeira vez não soube o que dizer. Sua eloquência estava em frangalhos. Apesar do grande amor que sentia, a amizade profunda e antiga ao companheiro fazia-o sofrer ainda com aquela escolha. Foi o amigo que o empurrou praticamente, numa renúncia sublime, sem mágoa embora, na tristeza que se estampava em seu rosto:

— Dona Maria Augusta precisa de um par para a próxima dança. — e o empurrara em direção à jovem.

Rui não era um bom dançarino, mas aquela era a oportunidade que precisava para falar do que ocorrera à tarde.

Conversaram.

— A senhorita deu-me uma incumbência por demais honrosa. — principiou com o coração aos saltos.

— Maria das Dores é uma pobre mulher sem recursos. Sabia que o senhor lhe valeria com a grandeza de sua alma devotada aos que sofrem.

— Qualquer pedido seu seria uma ordem para mim, ainda mais este que a faz um anjo de misericórdia.

— Se é assim, o anjo está tendo uma paga de forma mais meritória ainda. — fez ela com um sorriso encantador, referindo-se ao fato de estarem juntos dançando.

Rui ainda tentou argumentar:

— Parece-me, senhorita, que tem um admirador que é um Adonis e prefere Vulcano.

D. Maria Augusta fez-se séria.

Os modos de Rui indicavam Rodolfo, mas a jovem aduziu:

— Rodolfo é e será sempre um amigo muito querido. Não devia desmerecer-se, senhor Rui.

Não havia mais como fugir à alegria que lhe ia na alma. A dança terminara, mas o jovem advogado faria tudo para conseguir meios para um consórcio.

E aquela jovem mulher passou a ter em sua vida um papel de subida importância, dando-lhe apoio firme e decidido para todas as lutas que enfrentaria.

A amizade de Rodolfo brindaria o casal sempre.

Vieram as lutas pela Abolição, depois suas acertadas defesas que levariam à república, ele engajado à última hora, mais monarquista que republicano, tornando-se Ministro da Fazenda de Deodoro.

Reconhecia a necessidade imperiosa de passar à industrialização do país. O ideal de Maciel e Bonifácio (o antigo Tibiriçá), a lembrança mnêmica de José de Sá Bittencourt e Manoel, seu irmão, tudo o impulsionava nas lutas que viriam.

Depois o encilhamento, gerado pela inflação e pela especulação, monstros que até hoje dão respaldo a tantas mudanças.

Abandonara o governo desgostoso em 1891, no Rio. Rompera com Floriano, a cabeça dura que tanto perseguira Rebouças.

Em meio a revolta da Armada, é obrigado a exilar-se na Inglaterra, mais dois anos depois está de volta ao Senado.

Voltava ele ao encontro com nossos velhos amigos de Minas, o querido Prudente de Moraes, o meu “ex professor” gratuito, Rodrigues Alves e Afonso Pena.

— Augusta, Augusta, tanta luta, para um progresso tão pequeno!

— Não desanime, querido. Conquistamos a Abolição, a República, haveremos de atingir a industrialização.

— Haverá uma conferência em Haia. Prefiro que designem Joaquim Nabuco, como representante brasileiro.

Augusta sorri.

— Sua falta de ambição, seu desprendimento, sua preocupação com a causa nacional e humanitária o colocam sempre numa posição que não pede, mas que sua ascendência moral e intelectual impõe, querido.

Os amigos se articulam, e num gesto de grandeza moral, Nabuco renúncia, recusando o convite. Prefere assessorar Rui. E o faz passando-lhe indicações preciosas, sobre o mundo diplomático de então, pois conhecia os diplomatas que estariam em Haia. Fala-lhe de suas personalidades, suas ideias, ensina-lhe a pronúncia correta de seus nomes.

Veio a consagração com o título de “A águia de Haia”. Era a defesa do fraco contra o opressor, do direito contra a força, a luta contra o poder bélico das nações, pelo direito e pela justiça.

Teria ainda que combater sempre e sempre desta mesma forma. Sairia em luta contra Floriano e Hermes da Fonseca. Perderia as eleições e denunciaria a fraude, mostrando para o futuro de que modo se forjam vencedores, através da mentira e do cambalacho, que se tornaria elemento presente em várias escolhas presidenciais. A pouco e pouco pudemos vê-lo, pequeno de corpo, amparado pela companheira valorosa levantar-se e à opinião nacional contra a Alemanha. Veio a eleição do velho companheiro Rodrigues Alves. Ah, Brasil, como repetirias no futuro esta decepção nas lutas nossas. Rodrigues Alves eleito, parte para a Pátria Espiritual sem tomar posse.

A nova bandeira, então, era a reforma da constituição e a questão social.

A realidade das favelas, que nascia da miséria do povo, filha

dileta da abolição sem amparo social, a falta de direito dos trabalhadores, o direito das mulheres, o voto secreto.

Vai colhendo decepções, mas não defecções. Escolhido para chefiar a delegação do Brasil na Liga das Nações, o querido companheiro recusa. Vai combater José Joaquim Seabra, no sertão baiano. Vêm os comícios dissolvidos a tiros. Com a intervenção federal de Epitácio Pessoa, apesar dos protestos de Rui, Seabra toma posse. Em ofício ao Senado renuncia ao convite para chefiar a delegação brasileira na Liga das Nações e ao cargo.

É o próprio Seabra que, reconhecendo-lhe o valor, o faz ser eleito pela Bahia, ainda que não o quisesse.

— Não posso acreditar nesta velha República, com seus métodos ultrapassados, adernando para os perigos de uma revolução inevitável. O Brasil precisa se adaptar à novas realidades, Augusta.

Com os cabelos ralos e brancos, balança a cabeça desalentado. A esposa acaricia-lhe o rosto.

— Calma, querido.

Observo-lhe o depauperismo físico. Aquele gigante do Direito jamais se deixara conspurcar com o jogo de interesses dos partidos. Em poucos dias uma pneumonia insidiosa lhe mina o organismo, o que o obriga a se transladar para Petrópolis para descansar.

— Ele logo estará conosco. — comenta comigo Luis Gama.

Em 27 de fevereiro de 1923 os políticos da oposição baiana o visitam. Inadvertidamente uma carta o aconselha “a não criar embaraços a escolha de S.Excia, o Presidente da República.”

É demais para o Rei do Direito, para o representante da Justiça, para o batalhador dos fracos, defensor da honradez.

— Entre trinta milhões de brasileiros, o único que não pode ter candidato ao governo da Bahia é o presidente! Não lhe cabe

intervir nestes assuntos!

A esposa acalma-o, pede aos amigos que o deixem repousar. Já têm sua resposta. E como poderiam sequer pensar que seria outra?

A noite piorou consideravelmente. Faleceria no dia 1 de março.

Mas ficara sua palavra aos moços, sua advertência tão oportuna nos dias atuais, em que se pretende novamente tangir o Brasil à submissão aos poderosos, sem qualquer sensibilidade para a miséria garroteia seu povo:

“NÃO BUSQUEMOS O CAMINHO DE VOLTA À SITUAÇÃO COLONIAL. GUARDEMO-NOS DAS PROTEÇÕES INTERNACIONAIS, ACAUTELEMO-NOS DAS INVASÕES ECONÔMICAS. VIGIEMO-NOS DAS POTÊNCIAS ABSORVENTES E DAS RAÇAS EXPANSIONISTAS. NÃO NOS TEMAMOS TANTO DOS GRANDES IMPÉRIOS, JÁ SACIADOS. QUANTO DOS ANSIOSOS POR SE FAZEREM TAIS À CUSTA DOS POVOS INDEFESOS E MAL GOVERNADOS. TENHAMOS SENTIDO DOS VENTOS, QUE SOPRAM DE CERTOS QUADRANTES DO CÉU. O BRASIL É A MAIS COBIÇÁVEL DAS PRESAS, E, OFERECIDA COMO ESTÁ, INCAUTA, INGÊNUA, INERME A TODAS AS AMBIÇÕES, TEM, DE SOBEJO, COM QUE FARTAR DUAS OU TRÊS DAS MAIS FORMIDÁVEIS.

MAS O QUE LHE IMPORTA É QUE DÊ COMEÇO A GOVERNAR-SE POR SI MESMO. PORQUANTO NENHUM DOS ÁRBITROS DA PAZ E DA GUERRA LEVA EM CONTA UMA NACIONALIDADE ADORMECIDA E ANEMIZADA, NA TUTELA PERPÉTUA DE GOVERNOS QUE NÃO ESCOLHE, UM POVO DEPENDENTE NO SEU PRÓPRIO TERRITÓRIO E NELE MESMO SUJEITO AO DOMÍNIO DE SENHORES NÃO PODE ALMEJAR SERIAMENTE, NEM SERIAMENTE MANTER SUA INDEPENDÊNCIA COM O ESTRANGEIRO.”

Recolhido por nós, no carinho de D. Pedro I, (o antigo “Rômulo” das Lojas que geraram a Independência do Brasil) retornava a águia de Haia, ao nosso convívio após longo e árduo percurso, pela liberdade econômica, jurídica, e administrativa do Brasil, nas lutas sociais que principiaram da Abolição, no segundo império, e continuam até hoje contra o Imperialismo estrangeiro.

CAPITULO XXXVI - RESPOSTA É RENASCER

Racismo! A denúncia perpassa como um rastilho de pólvora!
Cem anos de Abolição!

Manifestantes negros, de várias agremiações, equipados com a parafernália contemporânea, com megafones, palavras de ordem, panfletos, procuravam uma revanche para aqueles anos de trevas e dor de uma raça.

Avança em São Paulo uma massa humana confusa pela Rua Xavier de Toledo. É 13 de maio de 1988! Confusões no Viaduto do Chá e na Praça do Patriarca, onde não se sabe se decidem seguir pela Rua Direita ou para a Líbero Badaró.

Deste modo, em nome da Liberdade, chegam à Praça da Sé, na tentativa de desagravo de uma raça, numa visão rebelde, extemporânea, totalmente inócua e improfícua, nas bases em que se elevam, desconsiderando totalmente a verdade maior do ser humano, sua imortalidade, sem raça, sem escolha sexual, sem barreiras sociais, sem preconceito pernicioso.

A mole humana de pretos e mulatos, que mal se sabe que cor de pele vestiam há cem anos, naquele outro treze de maio, coroação de tanta luta, vitória de milhares de pretos e brancos e mulatos, de rei e princesa, de cultos e iletrados, de grandes e pequenos, de sábios e de tolos, de luminares e obscurantistas, a mole humana leva nos braços um boneco representando a princesa Isabel. Ah, não sabê-la anteriormente outra Isabel anônima, mãe do mulato genial Aleijadinho. Ah, não sabê-la tão amada por todos, defendida pelo Tigre da Abolição e pela águia de Haia. Ah, não sabê-la a mãe loira dos brasileiros, e vir assim levando sua imagem até o monumento do Duque de Caxias, na Praça Princesa Isabel!

O choque com os PMs, com o tenente Jacó ali, perto da S. João, onde residem oficiais do Exército, na tentativa de queima pública de uma imagem, que foi o símbolo da redenção e renúncia a um trono.

Esquecidos da forma maravilhosa de nossa luta de ontem, estas ruas, que viram as procissões de Bento, esta cidade que guarda os restos de Luís Gama, que têm a presença nossa nas arcades de S. Francisco, estas ruas veem a luta, a rivalidade de grupos raciais, e grupos políticos, que até imprecam contra a miscigenação, como se gritassem aos céus contra a própria condição de renascimento que os esmaga e oprime. Não fossem todas as raças vindas da raça negra!

Poderíamos até esquecer nossa observação preferindo calar a tolíce destes instantes, em que se açulam ódios e vinganças, e quando estranhamente vemos alguns antigos senhores de escravos, travestidos em negros, erguerem-se em defesa de uma raça, eles mesmos massacrados e massacradores da própria negritude.

Ah, Humanidade que demora tanto para conseguir vencer suas mazelas! Ah, grupos apaixonados que denunciam a Abolição como uma farsa, justo a Abolição que nos custou tanto sacrifício, tantas demandas, tantas vidas! Valeria a posição social mais que a liberdade? Poderíamos considerar que o braço assalariado impulsionador do progresso seria menor que a força do imigrante?

O radicalismo nunca encontrou no Brasil meios de expansão. Não seria a atualidade, com seus meios de comunicação manipuladores, bastante forte para seu crescimento, ainda que se alimentasse no fundo das mágoas, ressentimentos de uma raça que se misturou tanto as demais, que jamais poderá se considerar pura.

A manifestação tardia contra o dia que marcou

espiritualmente mais uma vitória nossa, é assimilada pelas Equipes Maiores, como um repúdio ao preconceito, à discriminação, à resistência cultural de tribos, observando que esta inversão rumo ao passado, pode ser aproveitada como uma rebeldia da infância e adolescência, de grupos extremados. Que diferença do momento vivido, pelas comunidades da África tão sofrida. E o líder negro Zumbi dos Palmares, cujo aniversário de morte é 20 de novembro, no Plano Maior, observando a multidão em várias capitais brasileiras, lembrando aquele outro 13 de maio em que o Brasil se ajoelhava aos pés de sua mãe loira, pensa:

— Então a Liberdade não é nada? E como entender que a Fraternidade aqui não se instale, para daí fazer reboar a Igualdade que deve ser antes sentida e vivida do que imposta, porque a força maior é a do amor?

Então aquela Abolição foi sem luta? De quantas páginas de dor e desprendimento ela poderia ser narrada, de quanta redenção e ressarcimento ela se reproduz no hoje, em quadro reencarnatório?

No Cemitério da Consolação, sessenta maçons fazem um a romaria cívica ao túmulo de Luis Gama. Para a Loja Maçônica América o que importa é relembrar a luta do mulato, amigo de Antonio Prado, fundador da mesma vinte anos antes da Abolição, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, formando o Quilombo Jabaquara em Santos. E é neste e no túmulo da Marquesa de Santos, que as flores se derramam dadivosas.

Alunos e professores relembram no Pacaembu e nas escolas meus versos.

E, enquanto a família da princesa, seus descendentes rezam uma missa em desagravo, pelas manifestações que se dão, duas comemorações se dão simultaneamente.

Em Petrópolis a família de Eupídia Felismina de Jesus comemora os seus 100 anos, numa casa modesta, ao assoprar das

velinhas do bolo.

Na madrugada de 13 de maio, a trineta da Princesa Izabel reingressa à luta física, no Rio. Nasce Maria de Fátima de Orleans e Bragança, filha do Príncipe D. Pedro de Alcântara de Orleans e Bragança e de Maria de Fátima de Orleans e Bragança, descendente direta de José Bonifácio de Andrada e Silva e da princesa Izabel (Izabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga.)

E o pequeno e rosado bebê cruza sua alegria de retorno às efusivas palavras de parabéns a Eupídia. Uma a nascer, outra a fazer 100 anos!

E, com o amor estampado nos semblantes, nós, artífices da emancipação negra em todos os quadrantes do Brasil, nós, milhares de lutadores das coortes de Ismael, sorrimos ao ver que a vida repete as lições para quem não as assimila, e a reencarnação ainda é a resposta que a Justiça e a Misericórdia divina nos dá. E, à toda mágoa, à toda dor, à toda revolta, à toda conquista, à toda luta, a resposta do Alto ainda é, ainda e sempre, em corpos pretos ou brancos, amarelos ou vermelhos, belos ou feios, perfeitos ou traumatizados, a resposta é Nascer!

“Nascer, renascer, progredir sempre, tal é a lei”

II PARTE

CAPITULO I - EM MINAS. NICOLAU JORGE GWERCK

“...Tínhamos ali nossa tomada de posição. Sentamos e, fazendo um balanço de nossas disposições e forças, nos dispusemos a escrever a primeira carta que pusesse os amigos de Além-Mar em contato com o resto do mundo, para estudar a possibilidade de um levante nas Minas Gerais. Aquilo acabava de vez com minhas pretensões de partir. Precisava agora aguardar resoluções e obedecer à risca. Era eu naquelas terras um dos mestres maiores da Maçonaria do Oriente, dado meu cargo e honra em tempo de iniciação. Mestre Lisboa ombreava comigo em grau. Resolvemos que, com mais alguns membros, poderíamos abrir a primeira Loja Maçônica em Minas.

— Não a primeira, — falou Mestre Lisboa. — que já existe uma no Tejuco. Sempre podemos contar com maior número de iniciados, a começar com o pe. Rolim.” (Confidências de um Inconfidente— pág. 143— 12ª edição).

— Sinhá Quitéria, sinhá Quitéria, vão prender o “seu” padre.

A mulata deu um pulo de susto, jogando longe a peruca que a ama estava lhe colocando na cabeça.

O negro Mandu mal podia respirar, tão desabalado viera pelas ruas, ao ouvir da janela do quartel a notícia que era passada, e a discussão das ordens do Visconde de Barbacena, ao comandante do distrito diamantino, Manuel da Silva Brandão, dirigidas ao Tenente Fernando Vasconcelos Parada e Souza.

— Por que não vai a casa de Nicolau Jorge?

— Antes prefiro haver-me a cata do padre Rolim, e fica o comandante por conta do inglês.

Manuel percebera o negro a ouvir por trás da janela em, diligentemente levava o tenente a ficar de costas para a mesma,

enquanto fazia sinais para o negro se aviar, avisando o padre.

— Deve ter motivos para desobedecer às ordens do capitão general que são claras, tenente.

— Tenho contas a ajustar com o padre e sei que os estrangeiros sempre darão um meio para fugirem às perquirições reais. Além disto, por falar de amizade que o meu comandante nutre pelo referido padre e sua família, sei que não lhe seria bom para os sentimentos fazer tal empreitada.

— Julga-me em suspeição? — perguntou o comandante, tio de Marília, querendo ganhar tempo.

— Não, meu comandante, mas como hei tido pendências, com o dito inglês, temo que apresente denúncias de minha pessoa, quando preso, e, por isto, rogo insistentemente que me delegue para a detenção do dito padre.

O comandante andou de um lado para o outro, tomando cuidado de ver o negro que já lá ia em desabalada carreira, tomar as providências devidas, para a fuga do companheiro de empreitada, e depois pôs-se a discutir com o tenente, quais os melhores homens com que contar para tal.

Corria o dia 28 de maio de 1789 e já era quase horas das ave-marias, quando o furriel foi aprontar os soldados para a referida pendência.

— Ah, meu Deus! — exclamou a mulata com o coração aos saltos, e para o negro: — Sabe onde se encontra seu amo?

— Pensava que estava por aqui, mas agora vou dar conta disso.

— Espera! — Quitéria pensou por uns momentos e depois chamou uma escrava jovem de sua confiança.

— Antonia, corre, sem dar suspeição, e busca teu amo, avisa-lhe que o Parada e o Brandão estão à sua procura. Vai à casa do pai e do mano, tu, Mandu. Procura os amigos, mas só fala com

quem seja de confiança. Anda!

Quitéria ajeitou ela mesma a peruca à cabeça e mandou que aviassem a cadeirinha de arruar, para um passeio.

Às pressas, dirigiu-se a igreja matriz, a procura do pároco, passando pelas ruas com o olhar comprido pelas calçadas, sem ver o vulto que era sua preocupação.

— Onde ele andará? Iria ver-me a noite, mas já está escurecendo e não chega.

Antes de sair avisara o filho:

— Se teu pai chegar, escuta bem o que digo: avisa-lhe que o estão procurando os soldados. Que fuja, que o vão prender.

O menino a olhava com medo.

— Não fica a me olhar deste modo! Não tenha medo! Não hão de pegá-lo. Não fala disto a ninguém, ouviu? Avisa apenas teu tio, se aqui vier.

Quitéria se referia ao seu meio irmão Simão Pires Sardinha, que era de sua confiança.

Enquanto a amásia do padre procurava por ele nas casas de amigos e conhecidos, rumou o negro Mandu para a casa de contratos e Antonia para a casa do intendente Beltrão Gouveia, que tratou de sumir com papéis que o poderiam comprometer, mandando-a avisar a Nicolau Jorge.

Quando o comandante bateu à porta da casa do inglês, este o recebeu polidamente, assustado é verdade, mas sem opor resistência.

Viera ele como representante das Lojas, desde 1786, quando nossas cartas denúncia contra as arbitrariedades de Cunha de Menezes, buscavam Maciel, para as deliberações do levante.

A Maçonaria aportara por primeiro na Bahia, com a Academia Brasília dos Renascidos, em 1759, com Vendek se iniciara no Rio de Janeiro em 1776, e, desde 1786, as ramificações em Ouro

Preto, com ligações no Tejuco. Rolim fora um dos vértices do triângulo humano, naquela reunião de 24/06/88, no Rio de Janeiro, com Tiradentes e Maciel.

Quitéria descia da cadeirinha de arruar quando viu o cerco que se fazia à casa do padre. Ficou a observar e deu fé que não o haviam encontrado.

De lá a milícia seguiu para a casa do pai de seu amante, e, não o tendo achado, rumaram para a casa do inglês.

Já lá o comandante dava busca e apreensão dos papéis, fazendo saber ao intendente Antonio Barroso Pereira que precisava de sua diligência quanto ao sequestro, sendo que este logo enviou para o escrivão e o Antonio Coelho Perez de França.

Tudo feito de acordo com as ordens do capitão general, vazadas no dia 21 de maio, daquele mesmo ano, dando ainda conta da prisão para averiguações do mulato Crispiniano da Luz Soares e do sargento-mor dos pardos, Raimundo Correia.

Quitéria resolveu, após falar com seu confessor, pondo alguns párocos amigos à cata do padre, bem como alguns praças, retornar à casa. No oratório se desmanchou em lágrimas e pedidos, com promessas mil aos santos da devoção de sal família, em um desarrazoado linguajar de imprecações, lamentos e perlongas.

A noite avançada corria pelas ruas estreitas do Tejuco, e alguns seresteiros cantavam nas esquinas, enquanto o aspençada cansado namorava a Lua.

O comandante dera ordens expressas a alguns cabos na busca e apreensão do padre, porém estes eram amigos que jamais fariam tal coisa, ainda que mascarassem zelo.

Fernando Parada desconfiava das ordens de seu comandante.

— Vamos descansar, que mais nada se pode fazer hoje.

— Como conseguiu o Plácido fugir dos guardas? — perguntou

de maus modos o tenente.

— O senhor é que deverá dar contas disto ao capitão general. Escolheste tua tarefa e não me venhas agora com perlongas com relação a isto, que eu me fui e dispus da obrigação que me coube.

O tenente ia redarguir, quando o comandante retomando sua autoridade, meio que tinha de livrar o padre para que se houvesse em fuga, terminou categórico:

— Melhor ir dormir, que haverás de partir amanhã mesmo, para dar conta ao general do que nos incumbiu, já que não podemos contar com mais ninguém de confiança para levar os prisioneiros até S. Excia.

O homenzinho sentiu fugir-lhe o sangue do rosto, tão indignado ficou, pois estava sedento de buscar o secular, com o qual tinha inúmeros acertos pessoais a tratar, desde que sempre este conseguia subtrair-lhe com assaltos e demandas, o contrabando dos diamantes, e também porque não suportava sua família e seu concubinato.

Mas, a fuga espetacular do irmão do padre, Plácido da Silva e Oliveira Rolim, saltando por cima do muro e indo ocultar-se fugindo da chácara, o punha alvo do ridículo e dava motivos para reprimendas ao senhor governador.

Desde aquele infausto dia de sua prisão, Nicolau Jorge tinha suportado alguns meses de prisão em Vila Rica. O maldoso Parada e Souza, sem poder fazer nada para continuar as diligências, para captura de Rolim, instigara a suspeita do general contra o comandante Manuel da Silva Brandão, que acabou destituído do Destacamento Diamantino.

Nicolau conseguira uma liberdade condicional do general, com desculpas de vender seus escravos que trabalhavam alugados, para sustentá-lo, tendo passado ouro para comprar Manitti e a Barbacena sua soltura.

O Conde de Resende recebeu o inglês em setembro e logo

ficou claro ao vice-rei que o estrangeiro tinha o beneplácito de várias pessoas influentes que não lhe seria nem lícito, nem interessante tê-lo prisioneiro, bem como ao cunhado do padre Rolim, Simão Pires Sardinha, e, tendo recebido pedido neste sentido de seu antecessor, e de muitas figuras proeminentes da capitania, resolveu-se a soltá-lo.

Nicolau Jorge revirou nas mãos a carta que lhe chegara do amigo Beltrão, que lhe dizia que tomasse cuidado de si e que só se considerasse seguro, quando a bordo da nau que o levaria para o outro lado do oceano.

Nem bem o fazia, eis que uma escolta o cerca.

— Que me querem? — perguntou o irlandês, tentando livrar-se do aviso inoportuno que trazia consigo.

— Temos ordens de levá-lo até o chanceler da alçada, para algumas averiguações.

O irlandês não teve outro remédio senão seguir junto aos que assim o arguiam.

E pensar que por bem pouco se poria livre, podendo retornar e dar conta dos insucessos de sua empreitada, junto aos mineiros. Já estava a sentir a brisa e sua cidade natal, Waterford. Talvez se passasse a Cadiz, onde poderia saber notícias daquela jovem que o encantara, na Espanha tão ardente às suas lembranças. Mas que pena de saber que não teriam podido usar o desembargador Gonzaga, único homem com cabedais que possibilitariam o levante, no interesse da rainha inglesa, mas bem conforme as disposições dos pedreiros-livres. O irlandês amassou a carta dentro do bolso e tratou de abrir espaço no tecido para embuti-la dentro do forro, pensando:

— Não fora pelo mau tempo e já teria desembarcado!

Uma chuva torrencial caía sobre a cidade e não pudera sair junto ao navio Borda Amassada, razão pela qual esperara por outro.

Ele sabia que sua visita a Vila Rica, em fins de 1788, junto com o padre Rolim e o Vieira Couto haveria de custar-lhe caro, mas alinhavava mentalmente as respostas que daria às acusações que poderiam lhe imputar.

Dia 18 de fevereiro de 1790 e dia 19, levam-no a residência do desembargador Vasconcelos Coutinho. Marcelino Cleto e Luiz Alvares da Rocha dão efeito legal a inquirição que lhe fazem.

Mas o irlandês, frio e seguro de suas falas, não teme.

Comprara ao chanceler o silêncio, demonstrando por terceiros quanto poderia ele ganhar, bem como a interferência dos nobres de além mar a seu favor, pesando no futuro de seu cargo.

— Tenho trinta e quatro anos, sou solteiro, natural de Waterford.

Todas as perguntas visam apanhá-lo em algum deslize.

— Estou no Brasil desde 1786, quando cheguei como professor do fiscal de diamantes, Luiz Beltrão Gouveia. Não posso saber as causas de minha prisão, senão por ter ouvido dizer, após minha reclusão, que isto se deve por conversa que tive com o caixa Vicente Abreu Vieira.

As perguntas se sucedem e ele declara que saíra de sua pátria há 22 anos, passando pela Vila de Setúbal, até Cadiz e depois a Lisboa, com intenção de seguir de retorno a Inglaterra, quando se declarou a guerra entre a Espanha e aquela. Em 1785 retornara a Lisboa, e seis meses depois rumara para o Brasil, com o fiscal dos diamantes.

Sebastião Coutinho não lhe dá tréguas.

— Diga a verdade, de vez que não é crível que viesse ao Brasil, somente fiado na palavra do dito ministro, confiado no que este lhe quisesse dar, numa terra onde não havia ingleses, nem pessoa alguma sua conhecida que o protegesse.

— Tenho conhecimentos de escrituração e de negócios, onde esperava me ocupar e trabalhar em alguma casa de comércio.

— Não podemos achar nisto verdade, de vez que lhe seria mais fácil ocupar-se em tais ofícios em Lisboa, onde se acham a maioria número de casas de comércio inglesas, do que fiar-se num lugar onde não tinha conhecidos.

— Melhor saber-se que tinha eu um conhecido aqui, cuja bondade de caráter o recomendava, não tendo em Lisboa pessoa alguma que conhecesse melhor do que o dito fiscal.

Passou a historiar suas ocupações desde a chegada, como professor de inglês do dito fiscal, até chegar a escriturário da Real Extração de Diamantes, com um ordenado de 220 mil réis, até ser destituído do posto por ordem de Cunha de Menezes, por estrangeiro.

Sendo-lhe perguntado, respondeu que servira no cargo por dois anos, e que vivera o restante do tempo no Tejuco, Vila Rica e Sabará, do ganho de doze escravos que lhe serviam, e que viera preso há vinte ou vinte e um meses.

Novamente Sebastião Vasconcelos insiste, e o irlandês sorri por sob os bigodes, informando que a conversa com o Vieira, tivera lugar na casa do Macedo, quando lá se albergara, junto ao Beltrão, próximo do Natal, e que aquele lhe perguntara sobre os motivos do levante da América Inglesa, e que ele respondera que isto se devia aos maus governantes e ao imposto do chá. (*)

(*) Dia 27/12/1788 houvera a reunião da Maçonaria na casa do comandante dos dragões Francisco de Paula Freira de Andrada. Neste dia, Tiradentes foi empossado venerável, Tomas Antonio Gonzaga era o Grão Mestre e Alvarenga o orador. Iniciava-se ali uma nova fase de lutas, num plano-tudo, em que a própria vida estava em jogo. O termo “iniciação” no livro *Confidências de um Inconfidente*, (pág. 162) não foi usado com sentido de iniciação ritualística maçônica e sim no sentido de posse do cargo, por isto foi grafado em itálico.

Mas insistem em que a conversa girara sobre os domínios portugueses.

Lembra-se, então, da acareação com Vicente Vieira, o

guarda-livros do primeiro banqueiro de Minas Gerais, o João Rodrigues de Macedo. Tal se dera em Vila Rica.

— Verdade que não me lembro, mas bem pode ser que tenha perguntado a ele, em caso de levante no Brasil, que partido tomaria, e ele me responderia que seria leal a coroa, no que eu também o aconselhei, mas não estou lembrado de haver falado nisto, mesmo porque se tal conversa houve, foi sem malícia ou intenção, apenas devido a pergunta que me fizera aquele caixa a respeito.

Tornam, no entanto, a pressioná-lo mostrando a carta do Beltrão, em que lhe pedia cuidado, até que estivesse a bordo. Haviam-na encontrado, os marotos, então?

— Por que fala o fiscal que deva ter cuidado, o que tem a recear?

— Nada tenho a recear, apenas cuido que poderiam prejudicar-me pela amizade que tenho ao fiscal, que é, bem o sabeis, desafeto do senhor governador.

— Isto não é crível, de vez que a simples inimizade entre o governador e seu protetor, não é motivo para temer.

— É bem motivo, pois sei da maldade com a qual se haveriam comigo, pelo simples fato de atingir por mim aquele que me tem por amigo.

— Não pode imputar maldade a S. Excia, de vez que o teve em liberdade condicional.

— Teve-me em liberdade vigiada, e é bem isto maldade, de vez que nada tenho a recear ou inculpar-me, e fui preso sem motivo, o que reputo, pois, em maldade para comigo.

O chanceler não mais o podia arguir, e para não comprometer-se dando-lhe passe para seguir viagem, resolveu pedir que novamente o revistassem quando do seu desembarque para eximir-se de possíveis encrencas futuras quanto ao irlandês.

No navio Pedra ele seguiu rumo ao rênio, e lá novamente foi verificado nos seus pertences e motivações, seguindo rumo a Espanha e depois a terra natal. Chegou a pensar em demandar a Índia, sempre naquele sentido que os ingleses têm e os irlandeses, de aventura e ganho, pois não há um só movimento mundial em que não se veja a Inglaterra a por tino no que ocorre.

Livre das injunções judiciárias de seu tempo, lembrando do amigo e companheiro Beltrão, de uma casa ampla perto da Igreja do Rosário, onde tinha uma paixão, acompanhado de perto por Simão Pires Sardinha, o irlandês, jovem ainda e bem posto, levava consigo segredos intrincados das ligações do Tejuco em informações que passou a Câmara dos Lordes, dando conta do fracasso de suas articulações no Brasil, visando a independência, mas retornaria um dia em terras brasileiras, cheio de curiosidade, no tentame de devolver a esta pátria as verdades que levava junto consigo na bagagem espiritual. Era ele entre nós um espião inglês.

CAPITULO II - ROLIM E ALEXANDRE

“Haviam conseguido prender, finalmente, o Oliveira Rolim. Que fugira em trajes de secular da ordem que pertencia, mas levava consigo a farda da cavalaria e cabeleira. Enviaram ao seu encalço o mau tenente que rendera o Alvarenga de forma tão violenta e infame, depois de dar a sua palavra de que não intentaria contra ninguém. Mas o padre não se rendeu sem luta, embora quase ninguém tivesse que lhe valesse. Um índio de nome Sorê, que o acompanhava foi morto, um seu escravo ferido. Eram dois seus negros de confiança. Alexandre, forte e avantajado, um tanto claro, mestiço, como o cabelo atado, como era uso e o Caetano, magro de uns 16 anos. Quanto ao Pe. Rolim, tinha a testa alta e as sobrancelhas arqueadas, os dentes grandes e encavalados, era alto, magro, bom cavaleiro, com pernas finas e pés pequenos. Seu cabelo era castanho claro e principiava a branquejar, bem como a barba e tinha uma fina cicatriz na face direita, o nariz um tanto arrebitado, claro e lábios grossos. Devido à maldade que tinham contra ele, que era valente, sofreu mais de quinze interrogatórios e acareações.” (CONFIDÊNCIAS DE UM INCONFIDENTE- 12ª edição, pg.295)

Os tiros ecoaram em meio ao mato, sendo logo respondidos por outros.

— Corre, que eles estão ali arranchados. — gritou um pedestre.

— Devia era ter ido por detrás. — respondeu o outro.

Coberto pelo mato, de um rancho feito às pressas respondiam à fuzilaria dos soldados que para lá haviam demandado a pé.

Uma acha de lenha voou pela janela indo direto para uma pilha de folhas secas colocadas de forma estratégica à frente do rancho, junto à palha de milho.

Não demorou e um rolo de fumaça subia e as labaredas irrompiam da cerca improvisada como recurso de defesa.

— Arreda, Manoel, que é dos ventos pra cá a diaba.

Realmente a fumaça subia ocultando um tanto o rancho, dando oportunidade a um interregno no entrevero.

Dentro do rancho o Pe. Rolim discutia com seus dois amigos e companheiros, um negro e um pardo, bem como com o capataz da fazenda de sua tia:

— Vamos, homem!

— Corre Vosmicê, qui nós aqui aguenta a fuzilaria, Nhonhô.
— falou Caetano

— Qui guenta o que! Não tem tempo pra discussão. Arriamo logo e vamo em busca de José que me empreste cavalos.

— Eles recuaram um pouco, mas percebo alguns que vão dar a volta e logo não se pode mais fugir. — falou Alexandre.

Nisto mais uns tiros irromperam, Antonio Afonso caiu num baque surdo no chão.

Rolim correu em socorro do feitor, mas lhe pareceu que o ferimento era sério.

Arrastou-o até a parte detrás e o colocou amarrado na sela, deu uma lambada no lombo do cavalo, que saiu pelo mato em disparada, pelos caminhos que tão bem conhecia.

— Me desculpa o mau jeito Afonso, que te valha a tia Maria Angélica ou algum outro amigo.

— Corre logo, seu padre! — falou Alexandre, enquanto respondia com um bacamarte aos tiros.

— Vamos os três! — ordenou o secular.

— Segue, Vosmicê, que é que eles procuram, que nós se avia, pelo melhor modo, segurando por mais tempo eles aqui.

Alexandra voltou-se e em seus olhos brilhava a determinação. Abraçou Rolim com lágrimas e um meio sorriso e disse:

— Pela Liberdade, pela República!

Rolim entendeu. Aquele companheiro ainda jungido à carga da escravidão, estava com ele prisioneiro ao mesmo ideal e luta.

Abraçou-o com preocupação:

— Acho que tem razão. É a mim que querem. Tão logo eu me vá, rendam-se. Sempre podem dizer que cumpriam ordens. Não quero ser a causa da morte de mais ninguém.

Rolim saiu pelos fundos enquanto a fuzilaria prosseguia.

Correu agora sem o cavalo que lhe valeria e embrenhou-se no mato, procurando não dar vez a deixar rastros. Lembrava-se quase que instintivamente de algumas lições que o preto Joaquim Nagô e o índio Sorê do Alvarenga lhe deram.

— Miseráveis! — pensava. — Alguém que o vira por aquelas bandas dera com a língua nos dentes.

Lembrou-se de João Francisco da Chagas, o conversa, com sua penca de filhos.

Se não houvessem por lá homens da milícia, podia ao menos tomar tento, e procurar ajuda na casa grande de sua tia Maria Angélica.

Ouvia ao longe os tiros espaçados. Que não ferissem seus amigos. Ao menos que não os ferissem, pois já sabia da prisão da maior parte dos principais conjurados.

Se tivesse se passado a São Paulo, os parentes do Pe. Toledo lhe valeriam. Se tivesse podido seguir para a Bahia, como o irmão Carlos, durante a perseguição do Cunha de Menezes, iria ter com os irmãos de Sá Bittencourt.

De repente percebeu que os tiros se espaçavam. Ao depois, pararam de vez.

Rolim ficou interdito de preocupação.

— Meu Deus! Fazei com que não os matem!

Não podia voltar, contudo, precisava esconder-se, pois todos os cantos do Mato de Dentro deviam estar cercados, dando tempo a que relaxassem a busca.

Foi na lembrança do rancho de João Francisco das Chagas que ficava ali perto, que ele se direcionou.

O pobre homem recebeu-o assustado, ocultando-o com muito medo.

Pe. Rolim pediu-lhe uma arma e que desse notícias a sua tia de onde se achava, bem como procurasse notícias de Caetano, Afonso, Alexandre e Joaquim Nagô, tudo com muito sigilo e disfarce.

Anoitecia e a esposa do novo amigo lhe deu o que comer.

O padre. estava vestido com roupa familiar e a mulher o olhou e ressabiada, pois seu cabelo estava desgrenhado, deixando-o crescer para ocultar suas ordens. Depois lhe arrumaram uma cama onde pudesse descansar.

A noite passou em sono sobressaltado, acordando a cada estalido. Viu quando o “conversa” tornava da incumbência que lhe havia dado:

— Soube do Antonio Afonso? — perguntou preocupado— E dos outros?

— Num deu pra tê notícia, não, mas amanhã procuro. — respondeu o velho também com uma ruga de preocupação na testa.

Olhando o teto enegrecido pela fumaça do fogão de lenha do rancho, o padre pensou em Quitéria e nos filhos, nos irmãos Alberto, Plácido e Carlos, no velho pai e quase fraquejou.

Sim. Tinha amores e tinha amigos.

A farda que vestia lhe fora cedida pelo companheiro Manuel da Silva Brandão, (tio de Marília), e com ela saíra mais sossegadamente, junto com o destacamento do comandante, disfarçado com peruca, em meio à tropa.

Homiziara-se na casa do companheiro de lutas, Luiz Beltrão, depois de ter se ocultado na casa de dois amigos e da amante, por fim, na residência do próprio pai, pois era lógico que, tendo-a revistado, sem que o encontrassem, jamais pensariam que ele ali tornasse.

— Bons amigos. Todos o vinham ajudando e sempre fora assim desde que o “Fanfarrão Minésio”, por precatória a Cruz e Silva lhe ordenara e ao Mano Carlos a retirada do Tejuco.

Por isto é que ia de uma a outra parte, e pelas estradas do Rio de Janeiro.

— A quem recorrer agora que nem sabia ao certo até onde ia a unidade que o seguira até ali? E se o haviam encontrado, era certo que alguém o referira.

Rolim pensou em pedir a João que tomasse notícia da quantidade de homens que o estariam buscando, de qual guarnição, sob que comando, mas o amigo já se recolhera. Agora era esperar amanhecer. Precisava descansar para ter força para poder fugir. Temia que não mais fosse um amigo que o tivesse no encalço. E se fosse o Dias Coelho? Sabia que aquele perverso jamais lhe daria trégua. Realmente sua intuição não falhara, pois este mau tenente fora designado para o prender, na falta do Parada e Souza, que se saira mal na primeira diligência.

Enquanto isto os pedestres haviam chegado cada vez mais perto do rancho. Passaram pela cortina de fogo, sempre atirando e desta forma derrubaram a porta rústica.

Joaquim Nagô encolheu-se a um canto, com as mãos para o alto.

Naquela semi escuridão só se viam seus olhos assustados, o suor porejando da testa, os lábios brancos de susto.

Alexandre, contudo, arma na mão, atirou no soldado que arremetera à porta.

O que lhe vinha atrás mirou, atirou e o pardo foi gravemente ferido.

— Onde está o padre? — perguntou outro, irrompendo pelo rancho.

— Que padre? — perguntou Joaquim e, mudando de assunto. — Acode o home qui tá sangrano muito e pode morrê, por amor de Nosso Sinhô Jesus Cristo.

— Onde está o padre? — tornou a perguntar o oficial de maus modos.

— Foi pra Bahia. — respondeu Alexandre, querendo despistar e sem mais poder suster-se, caiu pesadamente no chão, desmaiado.

Um soldado tomou-lhe o pulso. Outro fez intenção de levá-lo, ao que o oficial ordenou:

— Vão em busca de uma rede para o transportar, senão morre.

Saíram em demanda e logo vieram com a rede, que foram buscar num casebre perto dali.

O pardo se esvaia em sangue, e Caetano pedia licença para cuidar da ferida com um pano ordinário.

De lá rumaram para a casa do capitão Domingos Rodrigues de Abreu, que o entregou aos cuidados do poderoso João de Almeida e Souza, tenente que se encarregou de chamar o Pe. Joaquim Miranda, capitão de Itambé, para ouvi-lo em confissão, modo que tinha de saber como se haveria para ajudar a Rolim.

Veio o médico a atestar a gravidade dos ferimentos e Joaquim Miranda expediu um escravo de confiança a avisar os

parentes do padre que o auxiliassem.

Em razão disto, logo cedo, Rolim foi acordado por outro negro de confiança, o Francisco Crioulo, a buscá-lo para que se ocultasse na casa de sua tia.

Enquanto isto, Alexandre entrava em franco estado comatoso, inspirando sérios cuidados. Em espírito perseguia tenazmente a Domingos de Abreu, por reconhecer nesta a vontade firme e decidida de aprisionar o padre.

Em meio as suas tentativas de auxílio, espíritos inimigos do passado do padre, tentavam impedir-lhe o avanço. O corpo combalido levava-o às vezes de volta a casa do tenente, onde ele, em febres, veria as cenas de violência sofrida anos antes, quando o feitor Manoel Soares Cardoso tanto o lanhara, que levava o alferes Xavier às vias de ato, atracando-se com ele, em sopapos e pontapés. Alexandre, bravo, inteligente, valente, ficara tão feliz ao aprender a ler e escrever com seu novo dono, o Pe. Rolim, ficara tão irmão, tão amigo, que para ele, o ideal do padre e o seu se confundiam num só. Liberdade, Nova República, lanhadas fortes no dorso nu, o ardor das feridas, a dor da bala, rasgando a carne.

Foi com surpresa e um sentimento triste de impotência que seu espírito acompanhou dois dias depois o aprisionamento do padre.

Rolim, achando que o tinham ido buscar na Bahia, tratou de sair com o Francisco Crioulo, escravo velho, companheiro dos bons tempos, cedido a seu serviço por seu pai. Mas não andaram muito a cavalo, pois foram logo cercados por alguns soldados, comandados por aquele Domingos Rodrigues e Abreu, e, apesar de tentar com um desforço físico livrar-se, nada conseguiu.

Durante os três anos de prisão de Rolim, muito vieram a sofrer seus escravos envolvidos na fuga, sendo que somente um mês e meio depois é que Alexandre pode se recuperar dos

ferimentos sofridos, sendo levado para Vila Rica, primeiro na casa do contratante Macedo e depois para a prisão de Vila Rica.

Foi finalmente comprado em leilão, e foi-lhe dada a liberdade, pela maneira honrosa como sempre se houve com todos. Francisco Crioulo também sofreu a enxovia, mas retornou ao seio dos que defendera.

Antonio Afonso veio a falecer e Caetano conseguiu fugir pelos matos.

Até o velho João Francisco Chagas, o conversa, sofreu inquirição, mas a atitude destes nobres e verdadeiros amigos escravos serviu de exemplo da futura idade.

A determinação de Alexandre novamente tornaria a configurar-se nas ações corajosas de Antonio Bento, o nobre advogado amigo de Luis Gama, defensor incondicional dos negros, apesar da ascendência nobre e da pele branca. Tornara Alexandre da Silva, companheiro inolvidável, a dar sua contribuição à causa que abraçara, na figura do irmão Antonio Bento.

CAPITULO III - EM MINAS - VIEIRA - TOMÁS E MARÍLIA (19.05.1789)

“Tentei argumentar:

— Não te enganes. Estaremos todos a breve tempo sob as correntes. O que temos a perder, diante de tal futuro? Comandante, pensa bem. Estamos nas tuas mãos. Não nos entregues como Pilatos às mãos dos inimigos! Dá a ordem! Levantar-nos-emos do Tijuco até o Rio das Mortes. O pessoal de São Paulo e Rio de Janeiro podem nos seguir. É agora ou, então, a enxovia!

Ele prorrompeu em pranto convulso.

— Não! Não! — falou em desalento total.

Tornei a Vila Rica. (pag. 30 livro DE MARIO A TIRADENTES)

(22 para 23 de maio de 1789)

...APÓS A MANHÃ CALMA TORNEI À CASA, E ESTIVE EM CONVERSAS COM ALGUNS AMIGOS QUE ME FORAM VER. JÁ HÁ TRES DIAS O VALERIANO HAVIA NOS AVISADO DE UMA PRISÃO EMINENTE, MAS PARECIA QUE... PARA QUE ME ENGANAR? AS TROPAS DO RIO DE JANEIRO ESTAVAM A CAMINHO. DE UM MOMENTO PARA O OUTRO... (CONFIDÊNCIAS DE UM INCONFIDENTE - pág.273)

Antes de seguir para Vila Rica, achei de bom alvitre que o comandante fosse comigo avisar o padre Luis Vieira.

Que dias aqueles últimos de Vila Rica, em maio de um mil setecentos e oitenta e nove.

Por tormentoso, assisti o desabrido Pe. Rolim a intervir, junto a Antonio Vieira da Cruz, e depois de ir em busca do comandante Francisco Paula Freire de Andrada, para tentar levantá-lo, para uma arremetida desde o Tejuco, com o apoio do Alvarenga pelo Rio das Mortes.

— Inútil tentame. O homem é um “banana”, como bem o classificou o alferes.

— Há que ter cuidado com o que se diz. — falara Oliveira Lopes, sempre acreditando ingenuamente que se poderia denunciar a trama e enrolar o Silvério, para uma sentença, passando de vítimas a testemunhas.

Não sabia eu então que, tendo eu corrido dia dezenove até o comandante, no tentame de o levantar, fora logo depois disto, o mesmo procurado pelo amigo Luis Vieira.

— Sabe, filho, que quando se mete a mão na charrua, não se olha para trás, que quando se propôs tal empreitada, estávamos por tudo, é para matar ou morrer, e não se pode recuar com covardia ou submissão às falas dos bajuladores do sistema. O governador é um homem ambicioso, que para cá se dirigiu com o móvel de subir a qualquer preço, aos olhos das Cortes. O povo é covarde ou submisso, porém ao ver que os homens se enchem de coragem, que se lhes promete a própria terra por paga, o comércio livre, a ausência de impostos escorchantes, há de se deixar levar. Depois, temos jurado.

— Padre, eu lhe peço, pelo amor de Deus, esquece tais projetos. Bem sabes que eu estava por tudo, desde que houvesse a derrama, mas não haverá e o alferes, mais o Silvério já estão detidos. Há que se salvar o maior número de cabeças do levante.

— Desde que entre elas esteja a tua, não é, comandante?

Luis Vieira foi até a janela e observou um vulto que se esgueirava pelo mato adjacente.

— Basílio de Brito não me sai dos calcanhares.

O comandante levantou de um salto e correu para a janela temeroso.

— Vê como estás? Quando e como te sentes seguro, comandante? Qualquer poderá ser aprisionado, pelo simples motivo de se verem em conversas como nós três, neste momento.

Levantei-me devagar e fitei meu primeiro amigo das Minas, com o qual eu me fora cheio de entusiasmo e alegria, quando da vinda do Rio de Janeiro.

— Não há como argumentar com ele. Só o fiz vir, para que te pudesse por a par e que as denúncias já se iniciaram e estaremos brevemente prisioneiros. Passei aviso a Alvarenga, pelo comandante da Igreja Nova, o José Ferreira Lourenço, primo do Tiradentes, em cartas que dizem de muita dor a caminho de São João Del Rei.

Luis Vieira caminhou para o comandante. Era pequeno de corpo, franzino mesmo, uma cultura invulgar, uma lógica inconfundível. Por primeira vez o vi ter uma atitude corporal mais séria. Tomou o comandante pelo casaco e o chacoalhou com força.

— Pois não vês que está tudo em tuas mãos? Que se não nos apoias agora, um dia prestarás disto conta a Deus, perdendo teus cabedais e o posto, que tão covardemente defendes? Olha para nós. Aqui estamos. Não somos da milícia, não temos homens sob a nossa ordem e guarda. Não temos armas senão as do Direito e do Discurso, e, no entanto, não recuamos. Por que te iludes? Crês que prenderão apenas o Silvério e o Tiradentes? Comandante, não vês que o Basílio está nos meus calcanhares, dia e noite, e que o Parada e Souza segue Dr. Cláudio, mais Dr. Tomás? Acaso és cego?

O comandante se safou da pressão das mãos do cônego e respondeu:

— Vim aqui apenas por amizade, para acompanhar Dr.

Gonzaga, que não corresse nenhum risco pelas estradas.

— Safa desta! Não é Dr. Gonzaga homem de precisar de um covarde para guardar-lhe as costas, que bem o sei destemido. Pudesse V. Mercê ter um pouco de sua coragem não precisariam todos vir a instigá-lo, como já o fizeram o Oliveira Lopes, o Rolim e até as mulheres, na pessoa de Dona Hipólita.

— Pois se é desta forma, creio que aqui estou a perder meu tempo. — falou o comandante, tomando o chapéu e fazendo menção de sair.

— Espera, homem! — aparteei eu. — Estamos todos nervosos, apáticos e desarvorados, com o que vem se dando. Não há motivos para desatrelarmo-nos da amizade e laços que nos unem. Não podemos esquecer que a breve tempo nos veremos na enxovia, e até lá o senhor, querido Irmão, terá visto que se enganou a respeito do governador e do levante.

Despedi-me do amigo cônego com muito carinho e acompanhei o comandante. Estava certo que deveria em caminho tentar mudar sua cabeça, mas por um instante me surpreendi a pensar se ele não arredava pé de seu posicionamento por já haver delatado o movimento a S. Excia. Quem me assoprava a ideia era o judeu, meu protetor, mas afugentei tal impressão, por desairosa para com o amigo. Corria o dia dezenove de maio.

Três dias depois, véspera do sábado, eu e Marília nos encontramos altas horas da noite. Recebera eu um seu recado em casa e me dirigi para a parte de baixo da ponte de Antonio Dias (hoje ponte de Dirceu) com muito temor, pois às vezes ali se davam encontros entre pessoas menos escrupulosas, mas como sempre me pedia isto, lá me fui.

Encontrei-a sob a claridade da noite, que se renunciava amena. Marília estava linda, com um vestido rodado, porém não mais trazia a alegria esfuziante da manhã. A preta de sua confiança acendera algumas velas sob a ponte, e ficara a espreita,

que nos pudessem ver.

— Meu querido! — disse-me ela abraçando-me com desespero. — Titio veio de Cachoeira. Sabes que ele teme até tuas visitas em casa, pois só se fala em prisões que se projetam. Tomás, porque não me ouviste? Poderíamos estar longe daqui e, no entanto... No entanto não me ouves e eu soube que Dijanira esteve em casa de S. Excia. Temo que ela soubesse algo que te pudesse incriminar...

Minha noiva corou à referência de minha ex amasia.

O sofrimento que lhe senti ao referir com tal pudor aquele nome fez-me estremecer de vergonha e temor.

— Está teu tio em casa?

— Rumaram para o Manso, creio. Francisca e tia Matilde foram dormir cedo. Padre Francisco passou em casa e por isto fiquei preocupada. Ele sempre sabe das coisas, bem como padre Machado, e Coutinho. Por que não me contas o que temes? Por que não foges?

Abracei-a com amor.

— Marília, Marília, não me deixes nunca. Preciso tanto de ti, tanto.

— O que pode fazer alguém fraco como eu? No entanto, morreria por ti e tu não confias em mim. Não precisas de mim. Nunca precisaste. Disseram-me que me usas, para pretexto, para te deixares ficar aqui, mas não me amas.

Na verdade, minha noiva tinha tido uma altercação com seu tio João Carlos, acerca do noivado comprido, que se estendia mais e mais. Ele não podia já aceitar aquela situação constrangedora, conquanto como simpatizante da causa, e com o acordo com o pai de minha bela, o capitão João Baltazar Mayrink, que eu não poderia atar meus laços nupciais antes do levante.

— Marília, por Deus! Teus receios te põem fora da razão.

Preciso de ti agora mais do que nunca. Sei que teu amor será meu único alento, na desdita que me aguarda.

— É a prisão, não é? Por isto titio anda tão azedo e vai de um lado para o outro. Ele tenta te livrar, mas, ao mesmo tempo, te acusa de afoito. Por que não me referes o levante? Não guardei teus versos, não enterrei teus documentos? Acaso Dijanira sabe mais do que eu? Contaram a Maria Rosa que ela te foi delatar.

— Quem contou?

— Os espritu, meu menino. — falou a preta no seu linguajar próprio. — Os spritu e estou inda vendo as cobra mardita qui estão quereno cercá Vosmicê, mais a sinhazinha. Amode disto é qui eu vim apelá prus santo, mas o negrume da mardade cheira inté coisa ruim.

Uma lufada de vento quase apagou as velas, que supersticiosamente a negra acendera.

— Mió ocês chegá pra casa grande, pra mode conversá, qui aqui num é lugá pra gente decente, e eu fico a espiá qui os outro num chega.

A noite ia alta. Não se via quase ninguém na rua.

— Prometa-me que irás dormir e que sonharás comigo, esquecendo estas bobagens, que vieste me contar. Amanhã logo cedo prometo que irei ver-te. O Sol terá chegado e dissipado tuas tristezas e temores.

Marília abraçou-me com desespero. Depois me olhou nos olhos com um sorriso triste e afagou-me os cabelos, acariciando-me o rosto.

— Cuida-te. Cuida-te, por favor. Se não queres me levar contigo, foge mesmo assim. Eu entenderei. Te amo tanto.

Era-me difícil ir embora, mas sabia que ela estava com a razão.

— Vai dormir. Não me perdoaria jamais de continuar a

magoar-te tanto.

Maria Rosa puxou-a para dentro. E eu me retirei para minha residência, onde me aguardava o Luís Veríssimo Fonseca, com as mesmas informações com relação a Dijanira. Sentia-se amargurado. Pensei no Beltrão, no Hipólito e nos Vieira Couto, amigos do Rolim.

— Penso que ninguém poderia ser poupado. — murmurei para mim mesmo. E agradecendo ao meu escrivão, procurei meus aposentos para conciliar o sono.

Meu espírito, contudo, não teve descanso.

Eu e Marília trabalhávamos sem cessar, cientes que nada poderíamos fazer na contingência em que vivíamos.

No século seguinte reencontraria em circunstâncias diversas aquela cultura ímpar, aquele orador lógico e invulgar a batalhar pelo Direito. Nasceria o cônego Luis Vieira da Silva na Bahia, e partiria em Angra dos Reis, registrando em todo o percurso um amor desmedido e aquela coragem que tão bem lhe reconhecíamos.

Naqueles longínquos anos de Vila Rica, deixou filhas no município de Soledade e a mais querida lhe seria companheira amorosa ao tempo do Império.

FIM